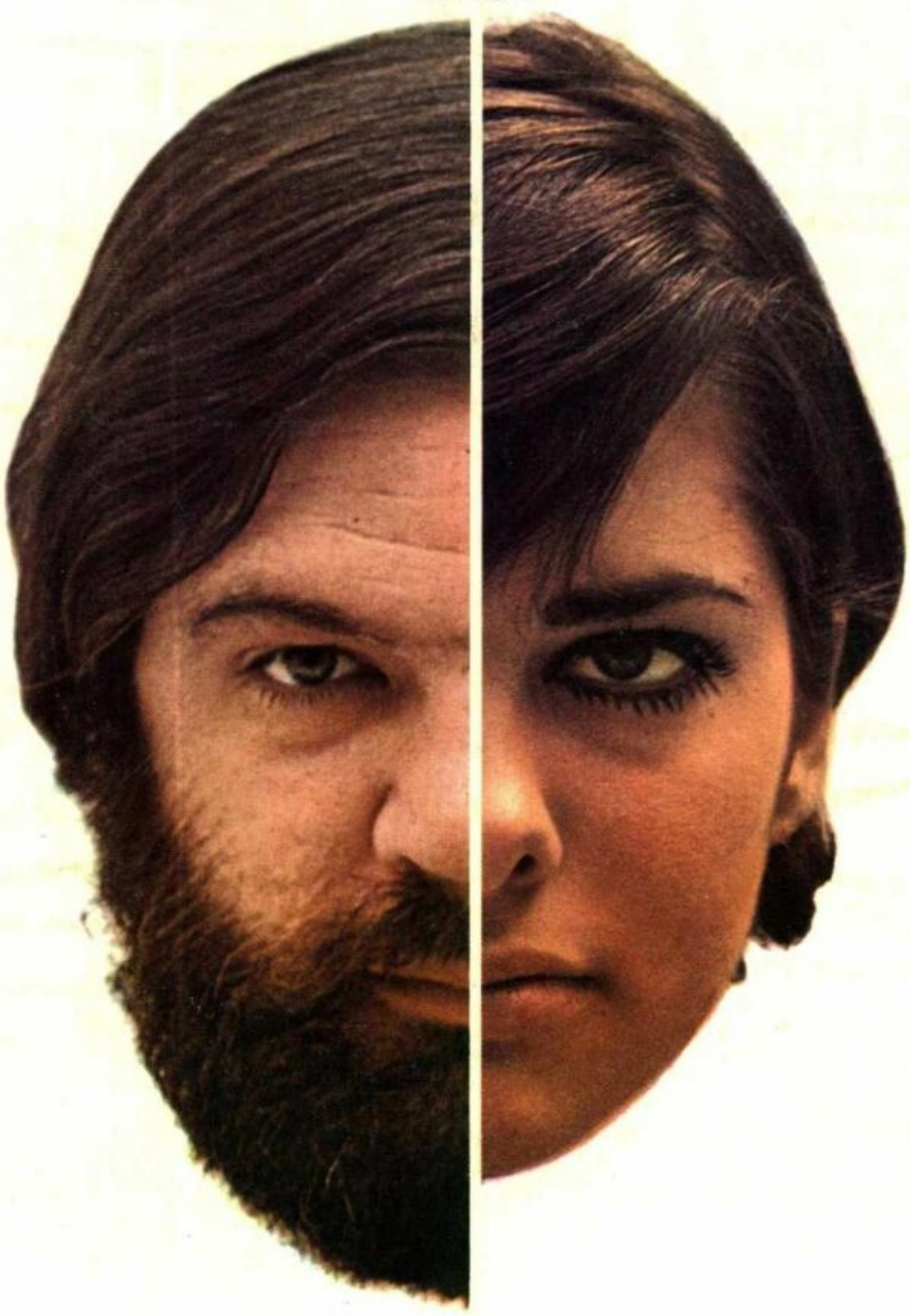
REALIDADE

SETEMBRO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL NCr$ 1,00

EDIÇÃO ESPECIAL:

A JUVENTUDE BRASILEIRA, HOJE



E agora esta: limão, nôvo sabor. Verdinha, refrescante, azedinha doçura. Prove só!

NOVA GELATINA ROYAL

Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal

AQUI ESTÃO OS JOVENS

Neste número tentamos mostrar como é, o que pensa e o que quer a juventude brasileira. Para isso, nossos repórteres foram ao encontro dos jovens em todos os campos de atividade: a fábrica, o escritório, o campo, a universidade, a administração de emprêsas. Fomos ver como vivem os jovens do interior. Procuramos os que estão fazendo coisas importantes em política, ciência, arte, negócios. E também aquêles que, não podendo entrar nas universidades, buscam e encontram outras carreiras e oportunidades de trabalho. Viajamos até um quartel na fronteira para ver o que acontece com o recruta, o jovem que vive uma experiência inesquecível. Uma psicóloga e jornalista escreve sôbre o conflito de gerações e uma fotógrafa apresenta um ensaio sôbre o primeiro amor. A jovem-guarda, a juventude ié-ié-ié, merece outro ensaio fotográfico e comentários de uma psicóloga e de um psicólogo.

Para completar essa tentativa de retratar nossa juventude, fizemos duas pesquisas: uma, através de emprêsa especializada; outra, por meio de questionário publicado no número de julho. Aquela — com seu rigor estatístico — e esta, na indagação direta aos leitores, apresentam resultados quase coincidentes, o que valoriza ainda mais os resultados e o retrato que apresentamos da juventude brasileira.

Três episódios apenas, no tumulto das mais de vinte mil respostas que nos chegaram. Um môço de Catende, em Pernambuco, imprimiu mais questionários, para que 21 amigos seus (que não tinham conseguido comprar a revista) também pudessem participar de nosso trabalho. Outro, de Salvador, tomou iniciativa idêntica: mimeografou formulários para seu grupo, eram 16 rapazes. Por fim, o Colégio Estadual Edmundo Bittencourt, de Teresópolis, Rio, enviou 161 cópias do questionário, que os alunos responderam, por iniciativa da própria direção da escola.

Ao mesmo tempo, chegavam cartas à redação, com sugestões, idéias, opiniões, críticas. REALIDADE agradece êsse entusiasmo, acredita na coragem e na sinceridade da juventude e participa do mesmo desafio: a construção de um país forte, desenvolvido, próspero e feliz.

Não me lembro
se foi em
Kenya ou Tanganyca...
Nós estavámos
na trilha
de um leopardo...

cigarros
LS
KING SIZE
Cia. Lopes Sá

homem que sabe viver prefere

LS - Marca
de qualidade
em 2 tamanhos:
King Size e Normal

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL - ANO II - NÚMERO 18 - SETEMBRO 1967

Capa — As fotos da capa representam uma tentativa: a de sintetizar uma juventude de rebeldes e acomodados, brancos e pretos, mulatos e nisseis. A capa limitou-se a somar os cabelos compridos de um rapaz aos cabelos curtos de uma môça: essa foi a solução encontrada por Cláudia Andujar.

Pesquisa 18 — **A juventude brasileira, hoje** — Uma pesquisa nacional que mostra o que pensam nossos jovens.

Gente 31 — **Eis o mundo dêles** — As camisas coloridas, as manias, a moda, as danças, os gestos, tudo é nôvo.

Problema 44 — **O conflito de gerações** — Com a primeira tribo surgiu a briga que veio até hoje e existirá sempre.

Documento

55 — **Eu fui um simples operário** — Hamílton Ribeiro foi trabalhar numa fábrica e morar numa velha pensão.

69 — **Eu aprendi a dirigir uma grande emprêsa** — Henrique Caban viu como são os futuros administradores.

81 — **Eu vivi numa república de estudantes** — Alberto Libârio conviveu com universitários em Minas Gerais.

93 — **Eu entrei na turma** — Luiz Fernando Mercadante andou 30 dias com os jovens de cidades do interior.

105 — **Eu encontrei um mundo bem comportado** — Lana Novikow foi recepcionista em um banco de São Paulo.

115 — **Eu senti a dura vida do campo** — Narciso Kalili foi trabalhar com camponeses numa fazenda da Bahia.

Aventura 124 — **O recruta** — Cem mil brasileiros, todo ano, recebem uma farda e vivem uma lição inesquecível.

Perfil 138 — **Êstes são os fazedores** — Os que estão trabalhando, pesquisando, fazendo coisas muito importantes.

Ensaio 148 — **Primeiro amor** — O assunto é o namôro: as fotografias de Cláudia Andujar não precisam de texto.

Trabalho 159 — **O que você quer ser?** — Nem todos podem ir para a Universidade, precisam trabalhar. Mas em quê?

Tiragem desta edição: 465.900 exemplares

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Carlos Azevedo, Eurico Andrade, Hamílton Almeida, Hamílton Ribeiro, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Roberto Freire
Roteiro, editor: Paulo Henrique Amorim
Indicações: Léo Gilson Ribeiro
Pesquisa: Norma Freire
Produção: Luiz Laerte Fontes
Revisão: Odacir de Mattos
Diagramadores: Jaime Figuerola, José Lourenço Júnior, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori
Lew Parrela (chefe)
Sucursal, Rio: Alessandro Porro (diretor), Mílton Coelho, Nélson Di Rago
Sucursal, Brasília: Luís Edgard Tostes

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Carlos Alberto Maia, José Luiz Decourt Ricci, Sílvio Fernandes
Representantes, Rio: Nílson Alves, Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Elcenho Engel
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Recife: Antônio Lyra Filho
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Vice-Diretor Comercial: Salviano Nogueira
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4-4778 / Sucursal, Belo Horizonte: R. Campos Elísios, 550, s/12, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and., cj. 1516 — C. Postal 3121, telefones: 4-5937 e 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,00. Assinatura semestral NCr$ 6,00. Assinatura anual NCr$ 12,00. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados, não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

TERGAL pesa 100 gramas por metro quadrado. E eu com isso?

Se você pedir "Me dá 300 gramas de Tergal aí", é provável que lhe entreguem um terno.

O que é que pesa 300 gramas? Um cinzeiro. Uma garrafa de refrigerante. Um livro de 500 páginas.

Tergal é tão leve quanto qualquer um dêles, com uma vantagem: você pode vestir-se com êle.

Artigos Tergal, porque são tão leves, são também extremamente refrescantes no verão. E nunca amarrotam, nunca. Podem ser amarfanhados, massacrados, você pode passar uma tarde inteira de calor andando dentro dêles — que êles continuam impecáveis, de caimento perfeito.

Todos têm, para sua garantia, uma etiquêta numerada. Ela representa o contrôle exercido pelos nossos Laboratórios de Qualidade. Porisso, quando você fôr comprar qualquer artigo Tergal, verifique bem a etiquêta. Exija-a. Não o aceite sem ela.

Para um produto tão leve, essa é uma etiquêta de pêso.

E para os dias frios, há artigos Tergal especialmente criados para agasalhar melhor.

A etiquêta é esta:

Standard Propaganda

cartas

Quando decidimos fazer um número especial para a juventude, tínhamos certeza de que receberíamos muitas cartas. Agora, já com a revista fechada, elas continuam a chegar diàriamente, às centenas. Nada mais justo então que esta seção também pertencesse aos jovens. Aqui êles falam da revista, de ensino, religião, política, dêles mesmos e de seus problemas.

"Queremos compreensão e auxílio"

Sr. Diretor: Não somos e nem pretendemos ser hostis à "velha guarda": sabemos respeitar as cãs, sem dúvida. Mas estamos firmes em nossos ideais, que se resumem nestas palavras: participar ativamente da vida de nosso país. Não queremos ir de encontro às tradições, mas temos a audácia suficiente para lutar contra os obstáculos que se nos antepõem, como temos coragem de ir às ruas, denunciar os erros, os abusos e os "acordos educacionais", tão perigosos quanto a ameaça vermelha. A compreensão e o auxílio é que solucionarão os problemas dos jovens.

LUIZ ISMAELINO VALENTE — 19 ANOS
Belém — PA

Sr. Diretor: Se vocês querem saber realmente o que os jovens querem, êles querem viver, mas viver com **V** maiúsculo, isto é, com autenticidade. Encontrar apoio nos adultos, oportunidades na sociedade. O que vocês podem fazer por nós? Isto que estão fazendo é um primeiro passo, dos quilômetros que devem ser dados: oferecer oportunidade para que os jovens demonstrem que não são adultos em miniatura, crianças crescidas, mas simples pessoas com ideais, fôrça e vigor para a ação.

MARIA APARECIDA SÉ — 19 ANOS
São Paulo — SP

Sr. Diretor: A juventude de Ibitinga é vítima, pois na maioria é acomodada. Os jovens desta cidade têm planos, mas estão sós na luta. A esperança é que, um dia, jovens e adultos se entendam. Aquêles, tomando consciência da sua posição na luta por dias melhores; êstes, compreendendo e dando condições aos jovens.

LUÍS AUGUSTO MILANESI — 19 ANOS
Ibitinga — SP

Sr. Diretor: Eu lhe pediria apenas que através das páginas maravilhosas de sua revista o senhor ajudasse o jovem a chegar mais perto de seu Criador. Não é só de calças justas e modernas, cabelos bem penteados, guitarras eletrizantes e canções excitantes que o jovem necessita: o jovem brasileiro precisa procurar Deus para erguer seu país, pois só Êle poderá fazer isso.

MARIA RITA MUNHÓS — 19 ANOS
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Agora, de nós só se ouvem palavras. Mas muitos ainda verão o que nós faremos para que o Brasil seja muito mais Brasil do que hoje êle é.

JOSÉ CARLOS DE SOUZA — 17 ANOS
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Não é entregando-nos às festas e excessos de qualquer natureza, às greves e passeatas que conseguiremos vencer os problemas que nos afligem. Por quê? A resposta aí está: essa tática de passeatas e greves não nos parece nova. E qual o resultado? Somos duramente castigados e criticados. O tempo que passamos presos poderíamos aproveitar melhor se estivéssemos nos colégios e universidades, estudando.

LUÍS EUGÊNIO FONSECA MIRANDA — 17 ANOS
Salvador — BA

Sr. Diretor: Ao responder o questionário, deu-me uma vontade louca de colocar meu sobrenome, para que vocês ficassem certos de que **existo,** que sou jovem e penso assim (contrariando meio mundo de coroas), mas depois pensei: papai é um dêles, mamãe, outra... e fiquei pela metade; tive mêdo que vocês publicassem meu nome completo e êles tivessem uma síncope. Porém, uma coisa lhes garanto: como eu, há centenas de jovens nordestinos que vivem revoltados com esta situação brasileira. Onde irá parar tudo isso? Quem será que vai dirigir o Brasil daqui a 16 ou 20 anos? Será que ainda serão os mesmos de hoje? Ou será esta juventude que estuda, mas não tem direito de participar da vida sócio-política do meu Brasil?

SÔNIA MARIA — 18 ANOS
Recife — PE

Sr. Diretor: Vamos adotar em nosso dicionário as palavras seriedade, responsabilidade e pudor. Vamos estudar muito, pensar no dia de amanhã, sem ligar para o de ontem, vamos tomar decisões e atitudes de homens, pois amanhã as rédeas da nação estarão em nossas mãos. Para todos os jovens brasileiros, lembro a frase de Kennedy: "Não pergunteis o que o vosso país pode fazer por vós, e sim o que podeis fazer por êle".

JOSÉ CECCON BARROS — 21 ANOS
Pôrto Alegre — RS

Sexo, um problema

Sr. Diretor: Moro numa favela e vejo a cada instante pessoas com as quais convivo se degradarem, não por falta de vergonha, mas por falta de educação sexual e intelectual. Não dêem ouvidos a comentários maldosos de que a revista tem cunho impudico. Se há tão grande número de mães solteiras aqui, é por falta de educação sexual. Continuem esclarecendo e educando o povo, porque é disso que o Brasil precisa.

VALDETE B. SANTOS — 22 ANOS
Guanabara — GB

Sr. Diretor: Dois são os grandes problemas da juventude brasileira: 1.º) a vontade de fazer, de criar, de ser reconhecido de alguma maneira; 2.º) o sexo. As garôtas não sabem se dão ou não "o tal passo". Os rapazes enfrentam um problema muito mais amplo: a relação sexual é encarada como obrigação. Os que não têm facilidade, enfrentam os ambientes mais sórdidos e promíscuos. E há os que não têm relações sexuais, que não são afeminados e escondem êsse fato, porque sabem que serão olhados com desconfiança. Afinal, o que devemos fazer?

WILSON SAYÃO FILHO — 18 ANOS
Rio de Janeiro — GB

"Esta juventude tem consciência"

Sr. Diretor: Há tempos que eu queria uma oportunidade dessas: pôr aos ventos o meu protesto. Acusam as estatísticas que apenas 1% das crianças que se matriculam no curso primário chegam às Universidades. Sabem por quê? Eu sei, pois estou incluído nos 99% que não chegam a elas, apesar de ter científico completo. Não posso contar com auxílio financeiro de ninguém, pois minha família é pobre e os bancos só financiam casas, carros, mas não podem atender os estudantes. Bôlsas de estudo no Brasil é "manga de colête". Mas ainda assim não perco as esperanças: talvez eu chegue a ver um país como eu sonho, que não dependa só de futebol e dos cafèzinhos tomados no mundo.

J. B. — 19 ANOS
Caçador — SC

Sr. Diretor: É preciso que se demonstre ao govêrno, aos pais, aos mestres, ao povo em geral, que nem todos os jovens são delinqüentes, que a maioria trabalha, estuda, colabora com a grandeza do gigante adormecido há 400 anos. Esta juventude tem consciência.

RENATO FREIRE — 25 ANOS
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Sou estudante, prestes a findar o curso universitário: portanto pertenço a uma classe que, segundo os fatos, se assemelha aos párias indianos. Por que, ao invés de aplicar recursos estratégicos e financeiros contra estudantes, as autoridades não aplicam sua pouca visão em facilitar o ensino no Brasil? REALIDADE retrata a realidade verdadeira ou retrata a pseudo-realidade, forjada por pressões de autoridades tacanhas, medievais? Pois vai aí mais esta sugestão, em forma de desafio: retratem os massacres estudantis no Brasil sem temer a "gestapo" brasileira — a DOPS.

MAGNUS MACHADO — 23 ANOS
Itajubá — MG

Gregos e troianos

Sr. Diretor: REALIDADE é uma revista incontestàvelmente de influência americana. O melhor seria combater essa odiosa influência na nossa cultura.

JOSÉ DA SILVA — 16 ANOS
FORTALEZA — CE

Sr. Diretor: Estou no 2.º científico. Antes do

SEGUE

POP'S

MUNDIAL É MODA

NA CRISTA DA ONDA!

Pop's é o mais recente
lançamento da Mundial.
Direto de Carnaby Street para você.
Imagine só,
um cinto largo avançado
com lugar moderninho
para você guardar quase tudo.

A barra agora é POP'S

MUNDIAL
ARTEFATOS DE COURO S.A.

RIO: R. Leopoldina Rêgo, 647 - Tels.: 30-4211 e 30-6673
S. P.: R. Barão de Itapetininga, 255 gr/611 - Tel.: 36-4069

Bernald 20025

cartas

mês de junho do ano passado eu era o pior aluno em português, em particular no que se refere às redações. Porém, depois que comecei a ler REALIDADE comecei a melhorar em tudo. As minhas redações ficavam melhores, mais completas, com assuntos mais desenvolvidos e os meus erros de grafia diminuíam constantemente. Mais para o fim do ano consegui tirar um **ótimo** em redação. Tudo isso devo à REALIDADE.

DILMAR DEVANTIER — 17 ANOS
Pelotas — RS

Sr. Diretor: A título de comentário, devo acrescentar que concordo com um leitor pernambucano que acha que REALIDADE não se definiu, e que procura agradar a gregos e troianos. Também acho isso, REALIDADE puxa para os dois lados. Se isso é necessário para a sobrevivência da revista, não o sei, nem me interessa saber. E, apesar dos pesares, aconselho a vocês continuarem assim mesmo, pois essa não definição é a maior garantia que nós, leitores, temos de poder ler REALIDADE por mais tempo.

CARLOS AUGUSTO JUNQUEIRA DE SIQUEIRA — 16 ANOS
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Com REALIDADE estou aprendendo a conhecer mais o Brasil. Oxalá REALIDADE continue em sua linha: uma revista simples, ao alcance de todos, com reportagens relevantes e que exprimem a verdade.

ROLFO EVALDO FALLFATTER — 20 ANOS
Pôrto Alegre — RS

Sr. Diretor: Permito-me observar que a pesquisa feita por REALIDADE não foi fruto de elaboração paciente de uma equipe especializada, mas, ao contrário, foi redigida mais ou menos às pressas sem a preocupação de fazer um estudo de maior profundidade. Dessa forma, concluo que a juventude que vai ser analisada é apenas uma parte, ou melhor, um certo tipo dela. Sei que a maioria das respostas consistirá em ser contra o govêrno, que democracia só é possível dentro do socialismo, que fidelidade é essencial para ambos os sexos e coisas dêsse gênero. É a pequena burguesia, os da classe média estabilizada, os universitários alienados, as menininhas burguesas, aquêles que, por um motivo ou outro compram uma boa revista para outorgarem-se o título de emancipados intelectualmente. Os da "festiva" também fazem questão de protestar contra alguma coisa. Está na moda ser inconformista.

PAULO ROBERTO DE ALMEIDA — 17 ANOS
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Embora fora de meu país há quase dois anos, sinto-me interessado por êle. Por isso resolvi responder à pesquisa de REALIDADE. Não o teria feito, porém, se não reconhecesse a seriedade e sinceridade da revista.

LIMA BARBOSA — 20 ANOS
Paris — França

perder seus cabelos já é envelhecer!

...por isso, tôdas as manhãs, PANTENE!

Hoje, você pode orgulhar-se de seus bonitos cabelos mas... amanhã? Mire-se no espelho e imagine-se com menos cabelos ou até sem cabelo nenhum. Não vamos insistir nisso... é uma idéia demasiadamente cruel. Se você quer ter uma aparência jovem (e assim permanecer) use, o quanto antes, Pantene.

Esta excelente loção capilar ajuda a manter seus cabelos sempre saudáveis.

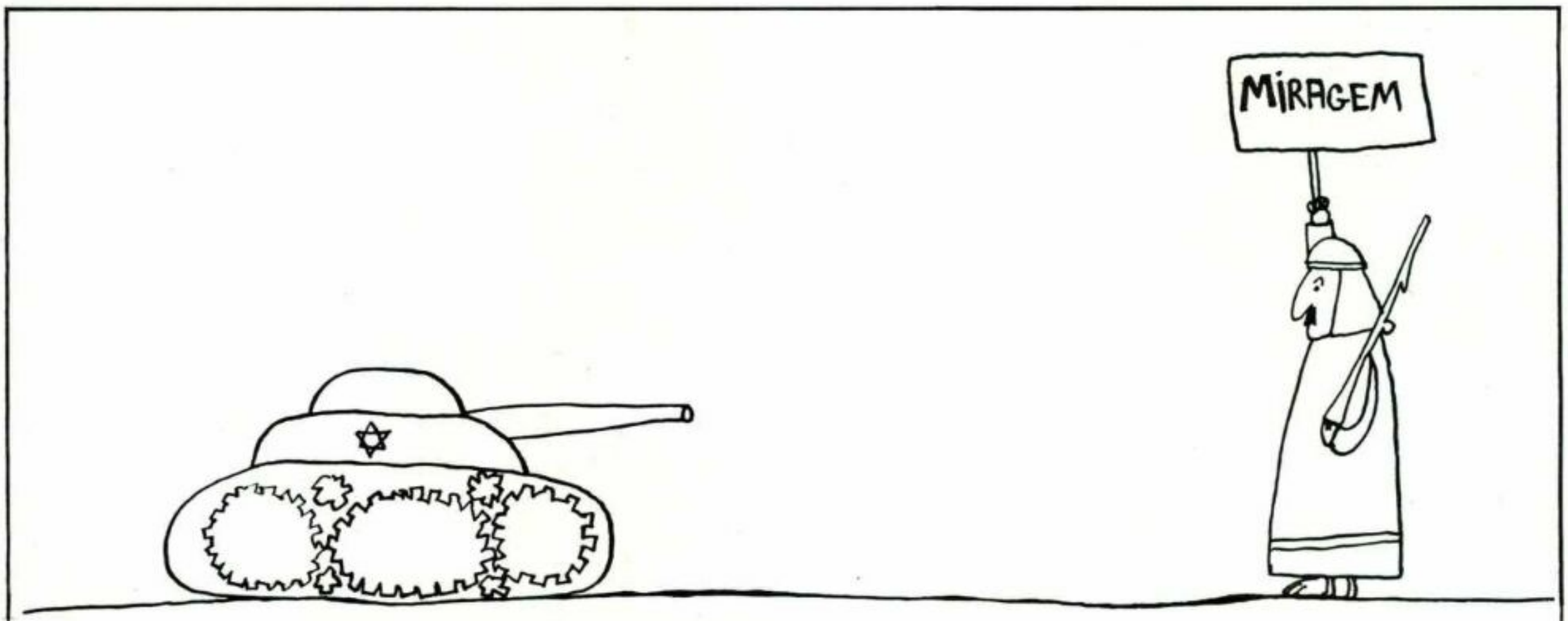
Para que os cabelos cresçam e se desenvolvam melhor, Pantene contém *Pantyl*, substância vitamínica exclusiva de Roche. Para que êles conservem uma suave fragrância, Pantene lhes proporciona seu discreto perfume (um sucesso mundial)... e com Pantene você finalmente poderá dizer: adeus, caspa! Você terá cabelos saudáveis, macios, brilhantes!

Admita que Pantene (cada manhã) dará a seus cabelos (todos) melhor aparência e você terá as melhores chances de se conservar jovem e em boa forma. Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

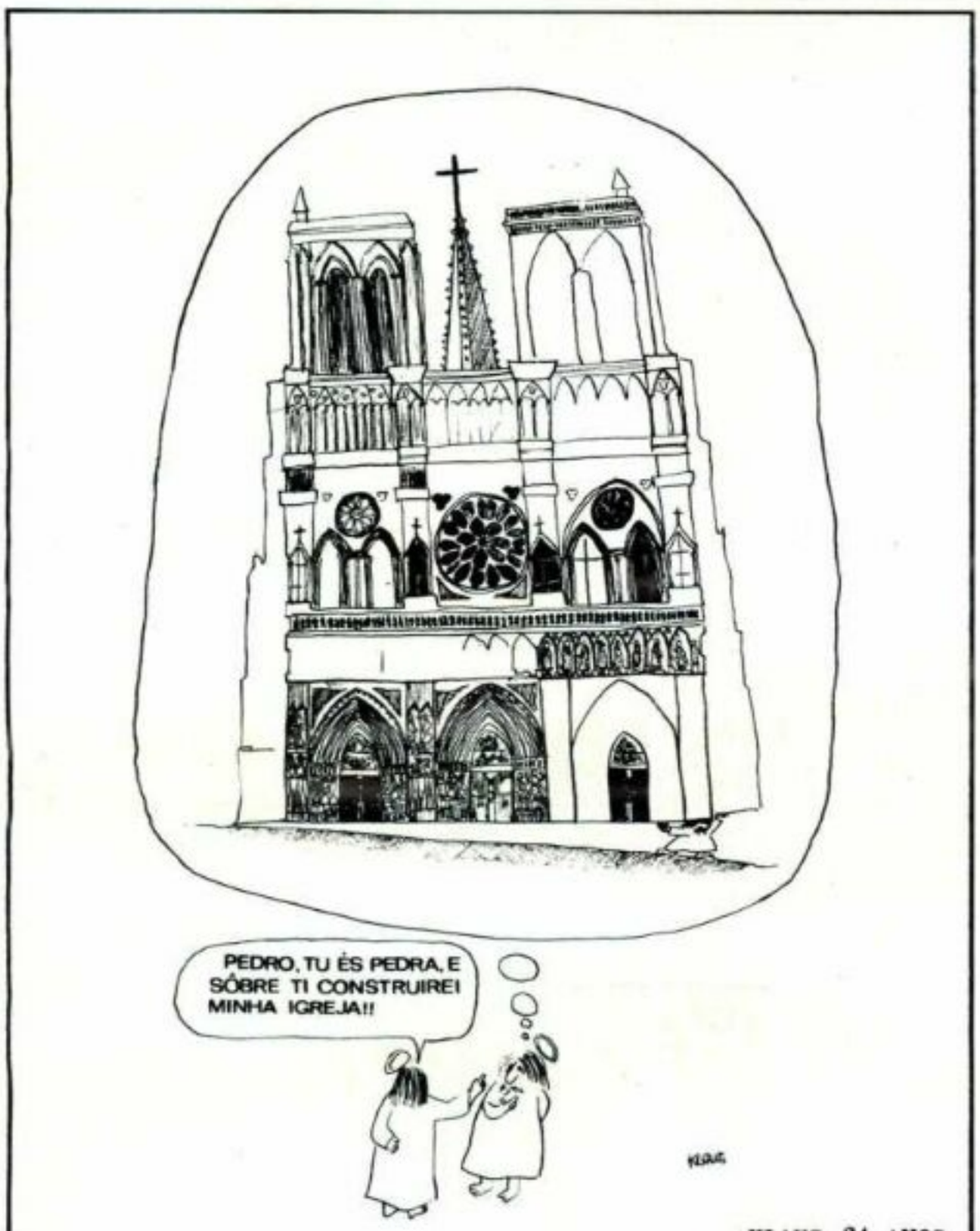
LOÇÃO VITAMINADA

PANTENE

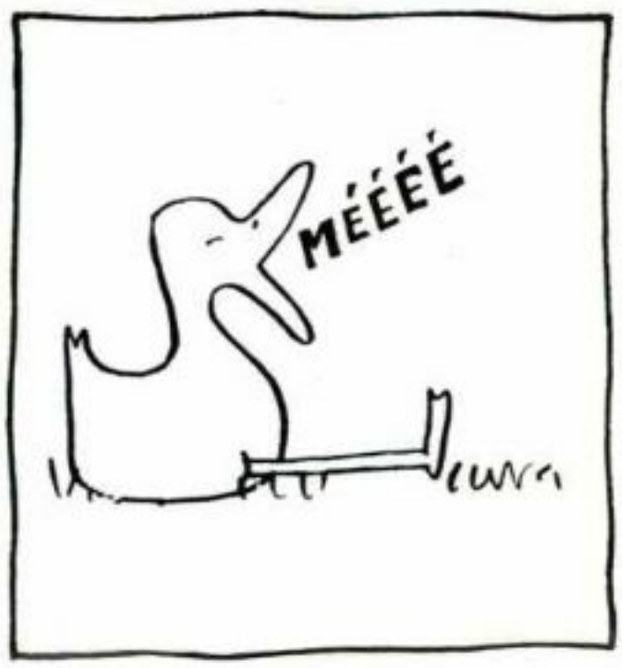
A PROTEÇÃO INTEGRAL DE SEUS CABELOS



VAGN, 22 ANOS.



KLAUS, 24 ANOS.



CIÇA, MULHER DO HUMORISTA ZÉLIO

roteiro

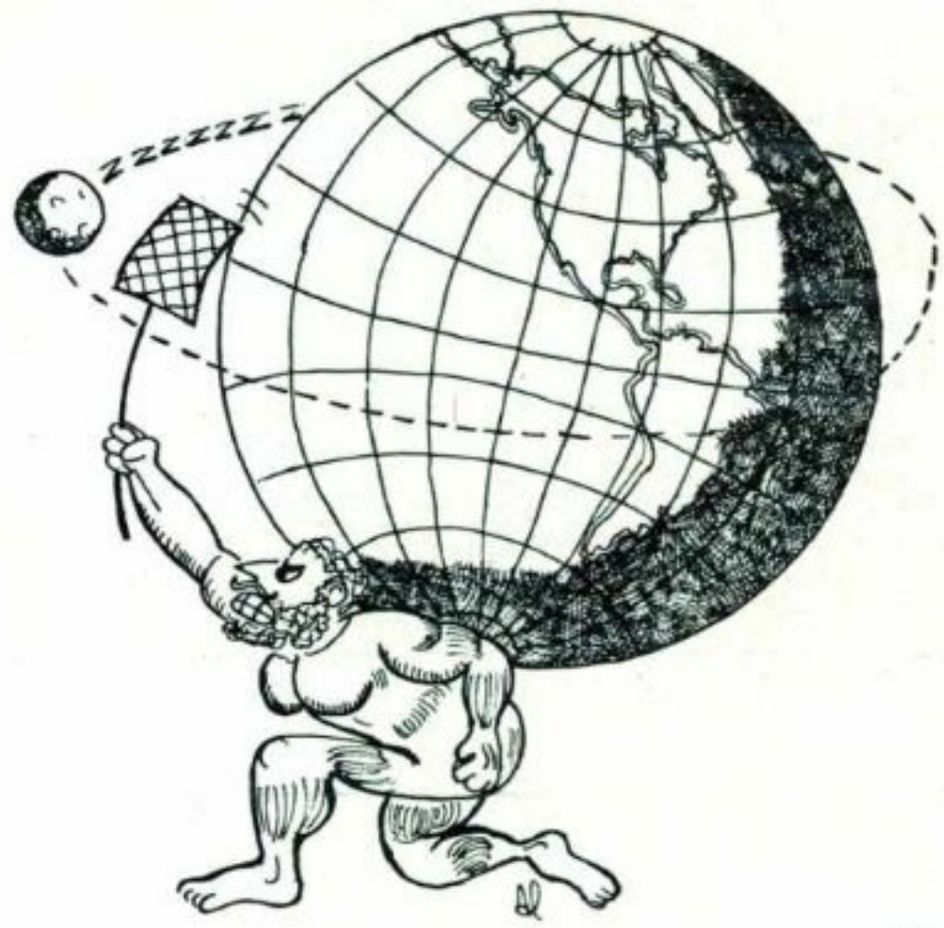
ARTES, ESPETÁCULOS, INDICAÇÕES

Está nascendo um nôvo humor

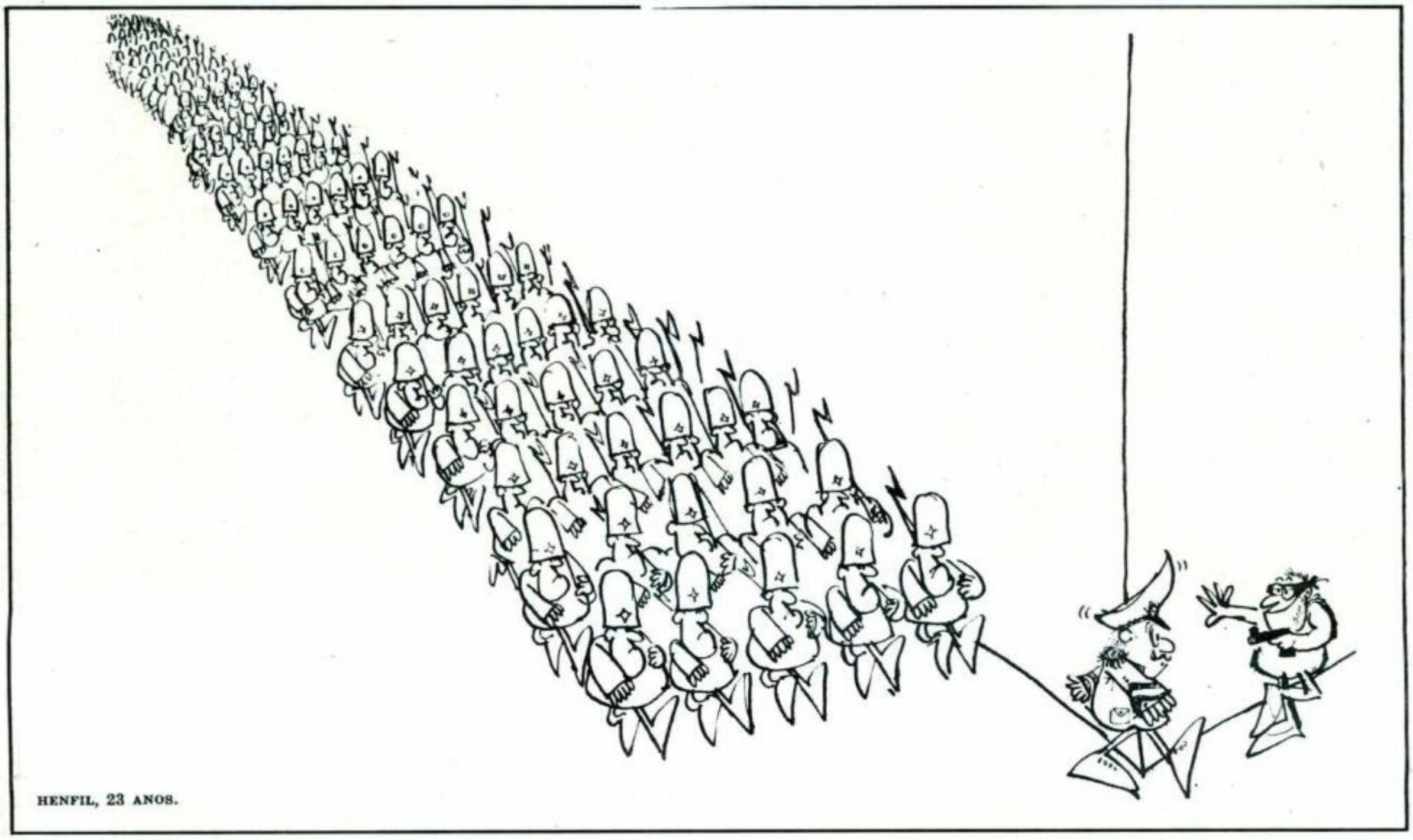
No Brasil, não se leva o humorismo a sério: todos os dias descobrem-se talentos na literatura, no teatro, no cinema, enquanto nossos novos chargistas ficam esquecidos e lutam com grandes dificuldades para divulgar sua arte. Já houve tempo em que as charges políticas tinham público tão certo que as revistas especializadas em humor — "A Careta" foi a última delas — vendiam tanto quanto as outras. Mais recentemente, Millor Fernandes ("O Pif-Paf") e Zélio ("O Urubu") tentaram ressuscitar a revista de humor brasileira, sem êxito. "O Pif-Paf" acabou depois de algumas brigas com a Censura, "O Urubu" morreu por falta de dinheiro.

Sòmente agora novas perspectivas parecem se abrir aos novos humoristas. Ziraldo convenceu a direção do Jornal dos Sports, do Rio, a publicar todos os domingos um caderno especial de humor — o **Cartum.** Em poucos meses, eram descobertos 30 novos desenhistas, reforçando tôda uma geração — Fortuna, Millor, Jaguar, Borjalo, Appe, Carlos Estêvão, Zélio, Claudius, Adail, Ivan, Ziraldo.

No dia em que morreu James Thurber, um dos maiores humoristas americanos, o New York Times deu em manchete: "O mundo está mais triste". Ao divulgar alguns dêsses novos talentos, queremos contribuir para que se possa dizer: "O Brasil está mais alegre."



AL, 17 ANOS.



HENFIL, 23 ANOS.

Bressane, 21 anos, cineasta

Júlio Bressane, carioca, 21 anos, família de ótima situação financeira. Em 1964 conheceu Válter Lima Júnior, Glauber Rocha e outros do grupo Cinema Nôvo. Decidiu então que ia "fazer cinema".

E começou. Pouco depois de seu primeiro contato com Válter Lima, foi convidado para ser assistente de direção em "Menino de Engenho". Em 1966, um curta metragem sôbre a vida de Lima Barreto, com "pontas de filme virgem" que sobraram de "Menino de Engenho" e "Opinião Pública".

Após as duas experiências como assistente de direção, Bressane foi para a Europa, no fim do ano passado. Ficou por lá sete meses, e durante êste tempo escreveu o roteiro de seu primeiro longa metragem: "Cara a Cara". De volta, conseguiu financiamento para iniciá-lo. É a história de um jovem morador do subúrbio, funcionário esmagado pela rotina de seu trabalho, que se fixa na imagem de uma môça da alta burguesia, primeiro através do noticiário dos jornais e revistas, terminando depois por segui-la em tôda parte. A môça é filha de um político empenhado numa jogada sórdida para liquidar um adversário. Pouco a pouco, os conflitos familiares do rapaz intensificam a sua tragédia até que ocorre a crise, num final "surpreendente e cheio de tensão", que Bressane não revela para não diminuir o interêsse pelo filme.

Êle afirma que pretendeu "fazer um filme sôbre a falência da classe média, e a provável condenação existencial da alta burguesia". A fita custou perto de 60 mil cruzeiros novos e será lançada em outubro. Segundo êle próprio, o fato de ser jovem ajudou-o muito nas relações com o elenco.

Bressane entende que a busca de uma comunicação maior com o público é uma preocupação constante, desde o início do cinema nôvo: "Se a linguagem ideal ainda não foi encontrada, esta é uma chave que continuaremos procurando."

Qual a idade dos gênios?

Tôda vez que alguém ouve falar das façanhas de um jovem prodígio, a primeira reação é: "Quero ver o que êle estará fazendo daqui a dez anos." Ou esta: "Nada mais chato do que criança prodígio. É o tipo da coisa que só se atura nos filhos da gente." Mas aqui está uma relação de jovens que comprovaram mais tarde o talento já revelado no tempo em que andavam de calças curtas. Êles confirmam a frase de um primeiro ministro inglês do século passado, Benjamin Disraeli: "As poucas grandes obras que a humanidade conhece foram realizadas por jovens."

A lista começa com Samuel Colt, que aos 16 anos já tinha feito o primeiro modêlo em madeira de um revólver. Aos 20 anos, Alexandre, o Grande, já era rei da Macedônia e aos 27 tinha conquistado todo o mundo civilizado de sua época.

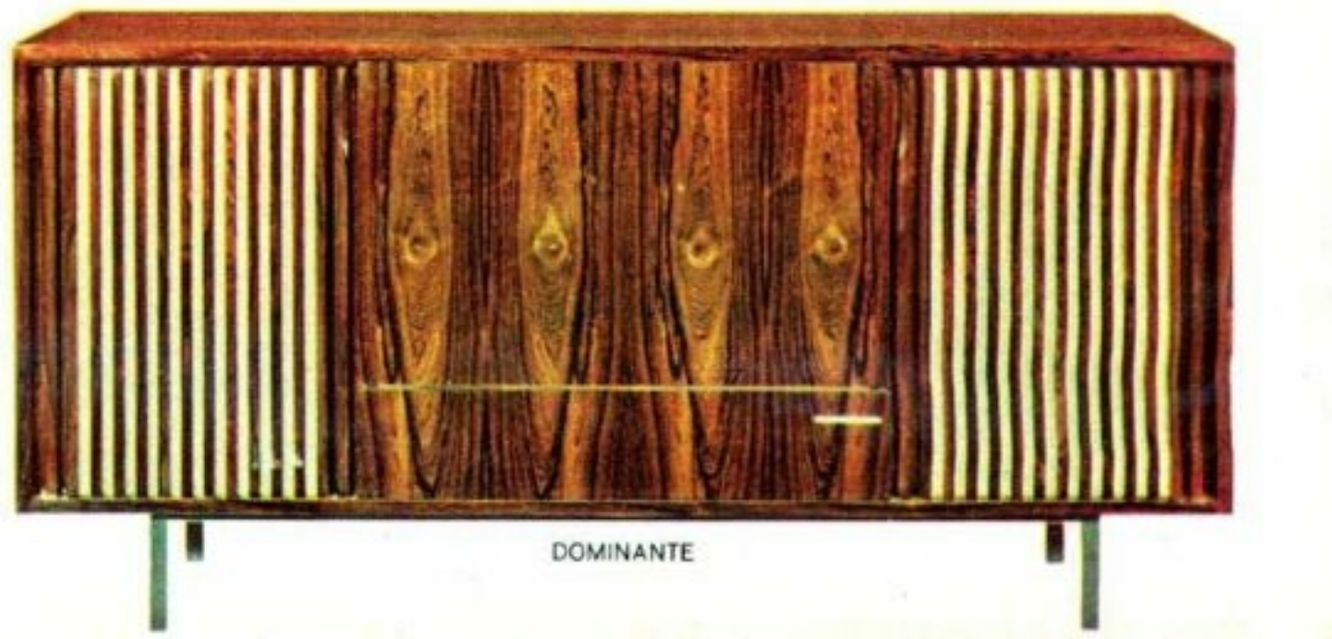
Os exemplos mais desconcertantes de precocidade, porém, vêm dos cientistas: Thomas Edson patenteou seu primeiro invento — um apurador de votos eletrônico — com 21 anos; Einstein, aos 15, já tinha diploma nas teorias de

A pureza do som é Telefunken
Os modelos são três
A escolha é tôda sua

O Dominante é apenas o mais completo e mais requintado estereofono fabricado no Brasil.

O Mattinata prova que um bom estereofono pode ser compacto, sensato, discreto e motivo de orgulho.

O nôvo Melodia é o estereofono que oferece o meio têrmo perfeito entre o requinte e a discrição.



DOMINANTE

Euclides, Newton e Spinoza; e o brasileiro Carlos Chagas formulou, com 26 anos, a teoria da transmissão da malária.

É o caso de perguntar: será que essa relação de prodígios é um incentivo à criação ou uma ducha fria nos planos de jovens **normais?** Pode-se, também, argumentar que é sempre possível encontrar episódios geniais nas infâncias mais simplórias. Para isso basta que um determinado escritor que só começou a escrever depois dos 40 anos revele um talento incomparável. Na mesma hora, biógrafos e pesquisadores minuciosos descobrirão que no grupo escolar êle já era responsável por inconfundíveis façanhas. Como a de Castro Alves, por exemplo, que traduzia Ovídio, poeta latino, em versos. Mas esta proeza de Castro Alves é muito controvertida. Pode ser mais uma das lendas que correm sôbre nossos poetas românticos. Só não é lenda a estranha coincidência entre a precocidade de suas obras literárias e suas mortes: Casimiro de Abreu morreu antes dos 22 anos e Castro Alves antes dos 24. Causa mortis: tuberculose. E também foi êste o resultado da autópsia de um outro romântico (talvez o último dêles) que trocou a medicina pelos versos: Noel Rosa, quando morreu aos 27 anos deixou cêrca de 200 composições.

Agora, o que frustra mesmo são as biografias de Mozart e Beethoven. O primeiro, aos quatro anos, já compunha, e o outro, com 15, tinha escrito várias composições para piano.

Pedro II aos 14 já era imperador. Caxias, aos cinco, tinha o título de cadete. Mas o primeiro subiu ao trono por um imperativo da política, e o segundo desfrutou de uma tradição das antigas famílias de militares. O que conta é que ainda sem barba, Luís Alves de Lima e Silva derramou sangue em campo de honra, nas lutas da Independência, e o Imperador levou a sério a função de reinar.

E todos conhecem de cor uma história atual, a daquele que aos 17 anos já era Rei e artilheiro de uma Copa do Mundo: Pelé.

Miller, 21 anos, compositor

A música popular brasileira resolveu dar marcha a ré. Superada a fase da bossa nova e da influência do jazz, nossos compositores decidiram voltar a fontes já quase sêcas. Dos temas nordestinos, Vandré tirou a "Disparada". Do samba tradicional de Noel, Ary e Ataulfo, apareceu Chico Buarque. E das cantigas de roda surge, agora, Sidney Miller.

O Teatro Opinião, do Rio, queria montar a peça "Brasil Pede Passagem". A Censura proibiu. O grupo achou a solução de emergência: montar um espetáculo de música popular. Os organizadores eram intransigentes — nada de ié-ié-ié ou qualquer coisa que cheirasse a bossa nova. Só música autênticamente popular. E o show começava com uma música de Sidney Miller, o "Pede Passagem", seu primeiro grande sucesso.

Hoje todos cantarolam "O Circo", "Passa Passa Gavião" e "Menina da Agulha", baseadas em cantigas de roda e que ràpidamente se transformaram em sucesso. Sidney está com 21 anos. Nascido em Santa Tereza e vivendo mais tarde em Laranjeiras, no Rio, bairros de gente rica, teve uma formação cultural requintada e raramente entrava em contato com o samba popular. Como todo menino de classe média de sua cidade e com a sua idade, namorou a bossa durante muito tempo. Mais tarde ia encontrar o filão que se adapta à sua sensibilidade:

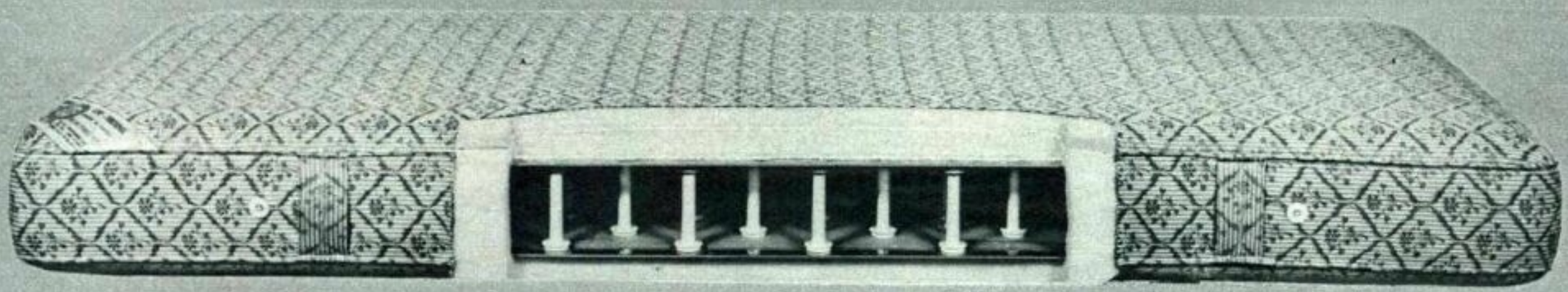
SEGUE

Ouça, veja um estereofono **TELEFUNKEN**

Você sente... é outra categoria.

MATTINATA

MELODIA



5 cm de avanço tecnológico

Espuma é material já bastante conhe-ido e, por isso mesmo, utilizado com iversas finalidades: buchas, esponjas pa-a limpeza e, até mesmo, colchões.

Por isso, antes de escolher a espuma erta para os colchões Anatom, os téc-icos da Engenharia do Sono pesquisa-am e fizeram várias experiências com odos os tipos conhecidos, até encontra-em a ideal: a RC-28 (Repulsão Cal-ulada).

É esta espuma especial exclusiva que, lternada com mantas de algodão an-alérgico, dá a Anatom aquela maciez entìficamente dosada.

Mas para se obter êste resultado, é mprescindível que esta camada de ma-ez não ultrapasse **5 cm de espessura** se sobreponha a uma estrutura total-ente firme, plana, indeformável. Daí razão da estrutura "INDEFORM".

Assim, quando você deita num colchão Anatom, a camada macia cede sòmente até limites predeterminados, enquanto que as curvaturas naturais de seu corpo são preenchidas pela repulsão controlada da RC-28, o que lhe garante a verdadeira posição anatômica de repouso.

E você sente isso na prática, pois, após uma noite de sono em Anatom, você acorda alegre, bem disposto e sem dores nas costas.

Tudo isso porque Anatom é um passo adiante na indústria de colchões. É o resultado de testes e pesquisas que, encontrando a RC-28, deram início a um grande avanço tecnológico.

Anatom é vendido diretamente, e só é encontrado nas Lojas Anatom.

Em vários planos de pagamento a sua escolha.

Lojas Anatom

Centro: Ed. Avenida Central - 1.º sobreloja, 214.
Copacabana: Av. Copacabana, 646 - sobreloja.
Niterói: Rua da Conceição, 37 - sobreloja.
Demonstrações domiciliares:
PBX 52.6464, até 22 horas.

Em Juiz de Fora:
Rua Halfeld, 654 - sobreloja.

Em São Paulo:
Av. São Luís, 153-Galeria Metrópole-3.º sobreloja.
Demonstrações domiciliares:
36.6700, até 22 horas.

Anatom

O SEGRÊDO DA BOA DISPOSIÇÃO AO ACORDAR

— Quando se trabalha com música, o importante é ter contato com ela. Durante o espetáculo no teatro, passei um mês vivendo as raízes do samba. Foi aí que comecei a pensar em dirigir meu trabalho de uma forma mais organizada. Procurei e descobri as cantigas de roda, tão lindas e morrendo tão jovens no progresso desumano das cidades. Como quase tôdas têm uma estrutura medieval, apesar de constituirem autêntico folclore, minha formação semi-erudita ajudou bastante neste trabalho.

O grande objetivo de Sidney é reviver o chorinho, que considera a melhor solução para a nossa música. E sua grande preocupação é atingir o máximo de pessoas, num grande esforço de comunicação com o público, para que suas obras não virem consumo exclusivo de uma minoria.

— Acho que cada um se vira com o que tem na mão. Eu tenho um violão e o sentimento do mundo. Quero que as minhas cantigas de roda e os meus chorinhos ajudem a transformar a realidade.

Vilela, 24 anos, escritor

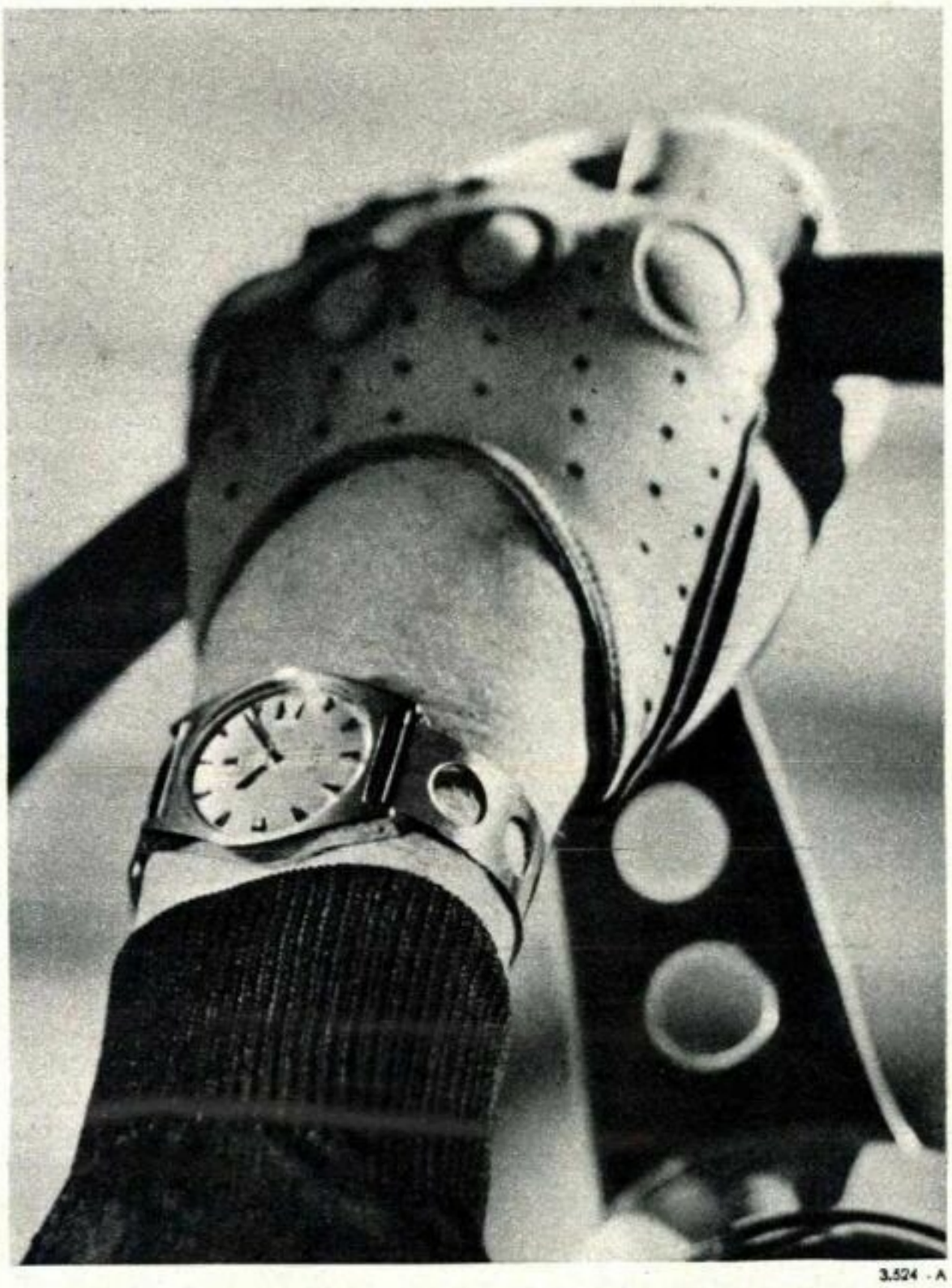
Um velho escritor estava certo de que ganharia o Prêmio Nacional de Ficção de 1967, instituído pela Prefeitura de Brasília. Quando soube que o vencedor era um mineiro de 24 anos, desabafou mal humorado:

— Agora, a política é essa: dão prêmio a bebês saídos do jardim da infância e esquecem os verdadeiros valôres.

Luís Vilela, que ganhou o prêmio com "Tremor de Terra", um livro de contos, é funcionário burocrático da Universidade de Minas Gerais. Fala pouco, menos sôbre literatura. Conhece tôdas as experiências literárias importantes dos últimos tempos e não nega as influências de Hemingway, Carlos Drummond, Clarisse Lispector, Guimarães Rosa, James Joyce, Sallinger e Dalton Trevisan. De hábitos mineiros, ficou muito aborrecido quando disseram que a revista que dirige — **Estória** — era uma publicação obscena. Por três vêzes teve que explicar à Polícia as diferenças entre literatura e erotismo vulgar. Eis um dos contos — "Dois Homens" — que fazem parte da edição que êle próprio financiou de "Tremor de Terra":

"Os dois homens estão sentados à mesa do bar. O mais nôvo deve ter uns trinta anos, é gordo, cabelo cortado baixo, camisa esporte. O outro, já velho, de cabeça branca, é magro e está de terno e gravata. Olhando bem, vê-se que têm traços comuns: devem ser pai e filho. Estão sentados um em frente ao outro. Na mesa, forrada de branco, há uma garrafa de cerveja vazia, copos vazios, e pratinhos sujos com talheres e guardanapos de papel embolados. Acabaram de comer há algum tempo. Depois disso devem ter palitado os dentes, o velho ocultando educadamente o palito com a outra mão, ou então, não tendo dentes, ficado a observar o filho palitando sem o recato com que êle o teria feito; mas isso êle teria apenas observado, sem fazer qualquer reflexão, como por exemplo, que os tempos mudaram e os costumes do seu filho não são mais os seus, e que êle está velho; não, êle não tem o ar melancólico de quem tivesse pensado essas coisas ou outras semelhantes que tivessem como causa o filho à sua frente; êle teria apenas observado, apenas olhado, como agora olha na direção da porta de entrada do bar sem que pareça estar pensando nela; na verdade é difícil imaginar o que êle está pensando, pois parece não estar pensando em nada — parece não estar pensando; e parece também não estar olhando para coisa alguma, apenas os seus olhos estão abertos e seu rosto está voltado na direção da porta, mas não parece haver nada ligando-o à porta ou a outra coisa fora a porta. Há algum tempo já que êle está assim, imóvel, sem fazer qualquer gesto, sem nada nêle que se mexa. Em frente, o filho, que depois de palitar e largar o palito no pratinho deve ter firmado o cotovêlo na mesa segurando o queixo com a mão espalmada, e assim está até agora; é uma posição que se diria de cansaço ou tristeza, mas o rosto não expressa nem uma coisa nem outra; como o do velho, seu rosto não expressa nada e êle também parece não estar olhando para nada. Há talvez uns quinze minutos já que os dois

SEGUE



3.524 - A

Tissot PR 516 – ultra-robusto um autêntico relógio de homem

Todo relógio Tissot é numerado. Com isso, cada fase de sua fabricação é sistemàticamente controlada. O número de identificação, gravado sôbre o mecanismo, está registrado na fábrica. E figura no Certificado de Garantia Internacional, reconhecido pelos Concessionários Autorizados Tissot no Brasil e em mais de 140 países.

Ref. 44516 PR 516, Visodate, impermeável, automático. Em aço inoxidável ou folheado a ouro, com sua revolucionária pulseira.

O nôvo Tissot PR 516 é um relógio excepcional, agora ao seu alcance. Possui a mais extraordinária robustez, com as seguintes inovações técnicas:

• Aro de encaixe especial e junta de proteção flexível que asseguram uma compressão elástica da máquina, amortecendo os choques verticais e laterais.

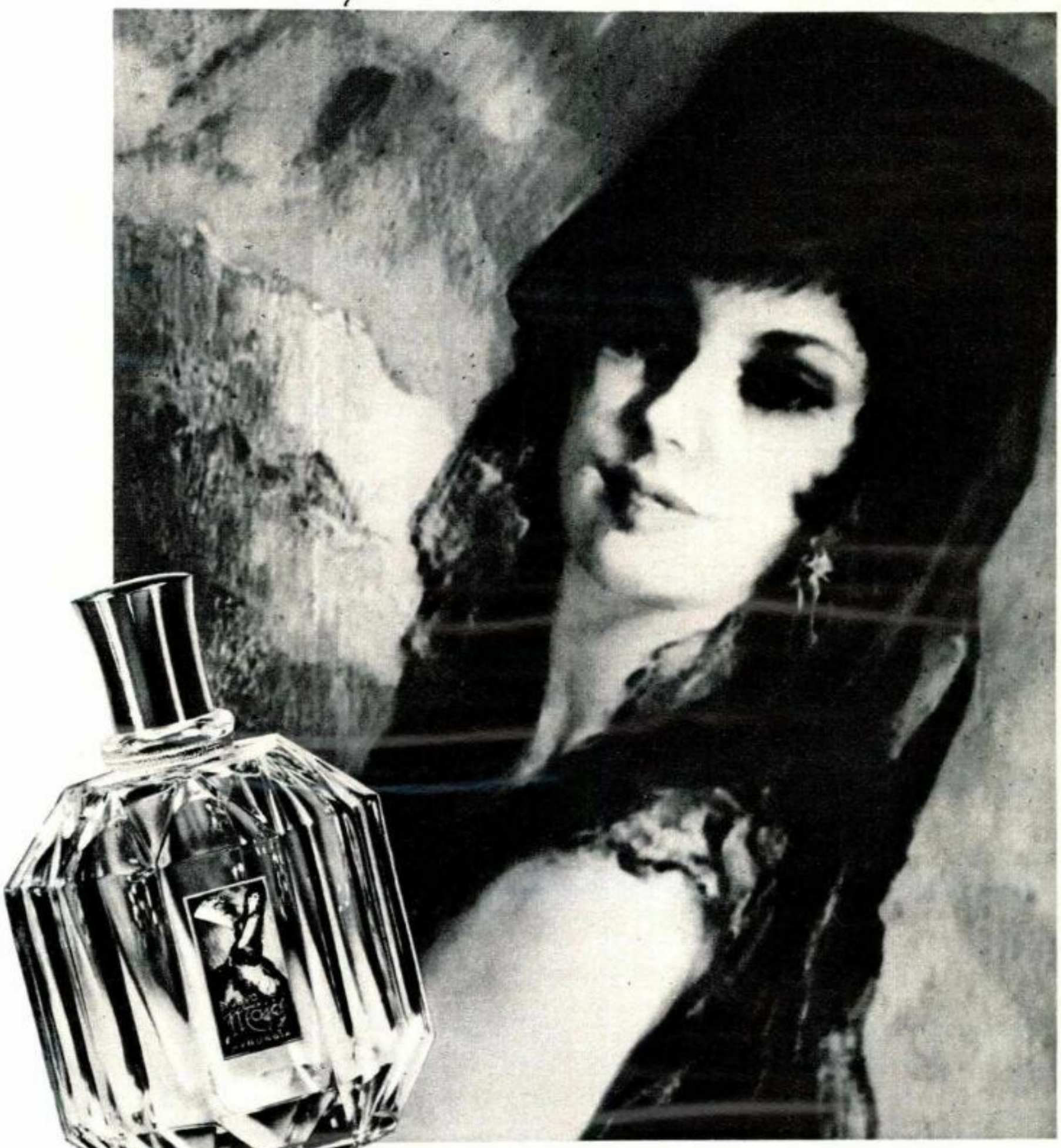
• Refôrço do vidro blindado por um aro de tensão. Coroa impermeável reforçada.

Criado pela Tissot, uma das fábricas relojoeiras suíças de maior conceito, o Tissot PR 516 é um relógio bem acima do comum. Foi feito para corresponder às mais severas exigências da vida moderna. É um autêntico relógio de homem.

TISSOT
MILITAR

Assistência Técnica Tissot: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 13.º ● Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 99 - 7.º ● Pôrto Alegre: R. Andradas, 1.629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Tissot.

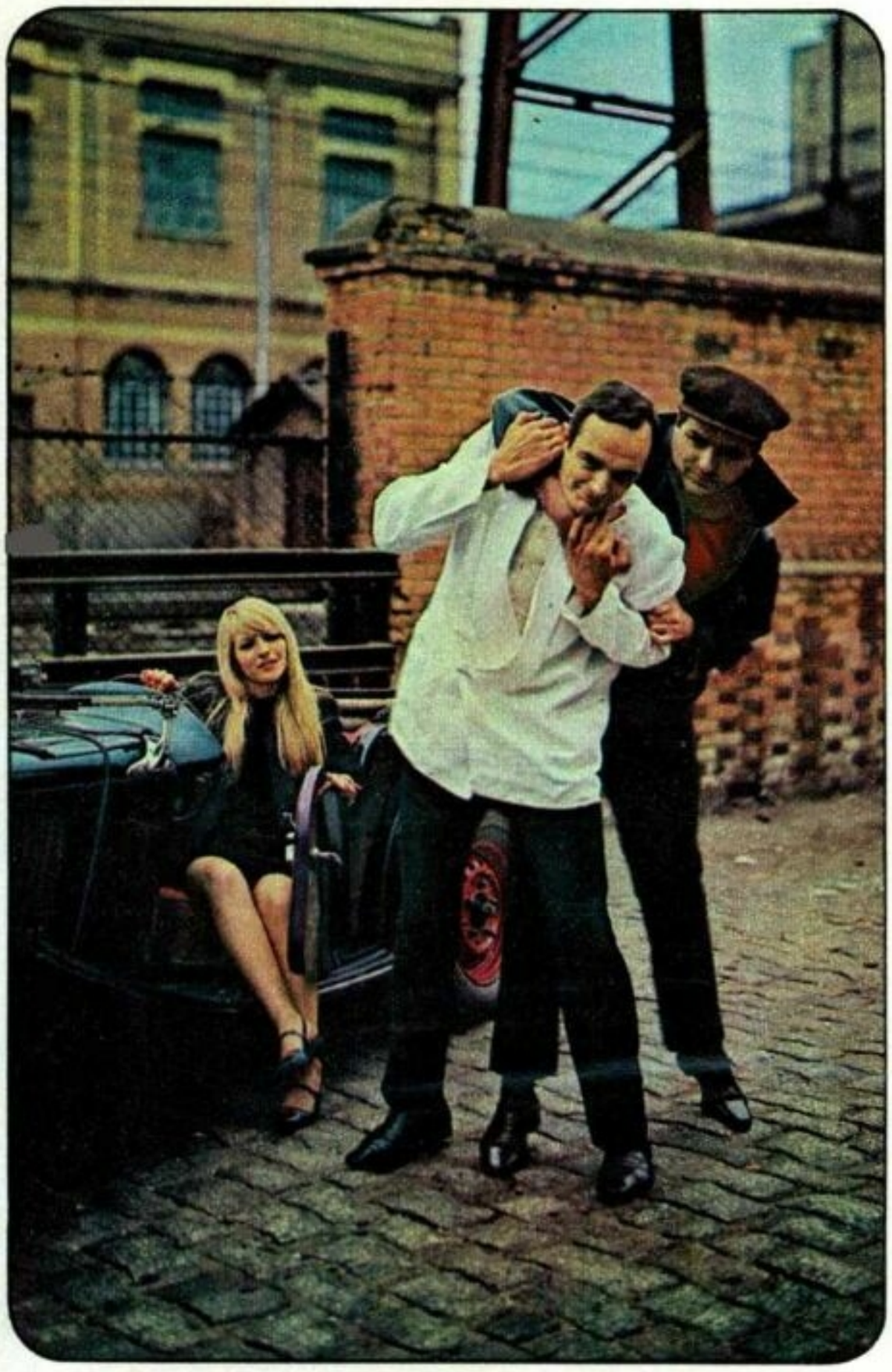
Dote sua presença com um nôvo atrativo



COLÔNIA

Nueva Maja

MYRURGIA



CONFIDENCIAL E URGENTE...

Mesmo na era cósmica, é, mais do que nunca, o homem que, no comando, dirige a ação, ...principalmente nas emprêsas que, por imperativo da produção moderna, concentram-se e, ao mesmo tempo, se diversificam em unidades operatrizes pelas diferentes regiões de um país oceânico... são relatórios... mapas de produção e vendas... é a necessidade do contrôle diário...é a ordem que transforma o projeto em ação... é o plano confidencial ameçado que precisa chegar urgente...
SERVENCIN é a garantia de segurança e rapidez que a correspondência empresarial exige. SERVENCIN - correspondência agrupada em malotes, fecha o circuito "escritório a escritório". O malote sai à noite e chega ao amanhecer. E o preço é mais baixo do que se possa imaginar. Ganha tempo e reduz custos de operação. E atinge já, em apenas 24 horas, 140 cidades em todo o Brasil.

SERVENCIN

SERVENCIN
DESPACHOS GERAIS S.A.
o malote de mão em mão

SÃO PAULO (matriz) - Rua General Jardim, 699/715 - Tels.: 37-0694 e 35-1335 (Disque 62-3171 - Assin. 705)
RIO DE JANEIRO - Rua da Candelária, 91 - Tels.: 23-5314 e 23-9923
SANTOS - Praça dos Andradas, 14 Sobrado - 2-2593

Ianny Jr.

roteiro/ CONTINUAÇÃO

estão assim sentados um frente ao outro sem dizer nada e sem fazer nada. Sob a luz clara do bar, entre outras mesas cheias de gente, conversas, ruídos, dão a impressão de dois objetos sem nenhuma relação entre si e com o mundo ao redor, e que se acham ali por mero acaso, e que serão recolhidos com a garrafa, os copos e os pratinhos pelas mãos ágeis do garçom que não vendo nêles qualquer utilidade os lançará ao lixo".

Indicações

LIVROS

GÊNIOS DA PINTURA, Abril Cultural — Cada fascículo, dedicado a um pintor, custa NCr$ 2,50. O professor Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, considera esta série, que focaliza todos os grandes pintores dos últimos cinco séculos, tão importante quanto a vinda da Missão Francesa ao Brasil, no tempo de d. João VI.

AS ORIGENS DA ARTE, Herbert Read, Edit. Zahar, NCr$ 6,00 — Partindo de um poema milenar chinês ou da melodia de uma flauta grega, o Papa das artes traça o roteiro mais fascinante das suas origens.

TUTAMÉIA, Guimarães Rosa, José Olympio, NCr$ 5,50 — Êste é o mais recente livro de mestre Guimarães Rosa. Embrenhando-se pelos grandes sertões: veredas da alma humana, êle inova nossa literatura. O título engana o conteúdo que nada tem de "tutaméia", coisa sem importância em Minas.

PRINCÍPIOS DA CRÍTICA LITERÁRIA, I. A. Richards, Editôra Globo, NCr$ 3,00 — Neste excelente mapa para leigos, o leitor adquire os meios de avaliar um poema, um conto, uma novela, pois a "crítica verdadeira é o esfôrço para discriminar experiências e avaliá-las".

O PROCESSO, Kafka, Edições Ouro — Nos labirintos de Praga, um homem sem crime é condenado num processo invisível e inquietante, numa das obras-primas da literatura mundial.

POESIA BARRÔCA, Edições Melhoramentos, NCr$ 5,00 — Péricles da Silva Ramos, organizador desta Antologia, pesquisou bem as origens de nossa cultura — barrôca até hoje em muitos de seus aspectos: sátiras baianas alternam-se com a requintada meditação mineira.

GIOVANNI, James Baldwin, Civilização Brasileira, NCr$ 6,00 — O lúcido defensor dos direitos civis dos negros nos EUA em "Da Próxima Vez, Fogo" escreve uma história de amor homossexual, sem política, sem negros, em Paris, com delicadeza e precisão.

O ESPIÃO DO VATICANO, Walter J. Ciszek, Edit. Flamboyant, NCr$ 10,00 — "Com Deus na Rússia" é o título original desta aventura de um jesuíta americano acusado de "subversivo" e encarcerado durante 15 dos 23 anos que viveu na URSS. Mostra o tipo de fanatismo predominante em nossa época — o político — a par da sobrevivência da religiosidade no povo russo.

O BRASIL EM TEMPO DE CINEMA, Jean-Claude Bernardet, Civilização Brasileira, NCr$ 7,00 — É certa a tese do roteirista e crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, de que o Brasil fala fluentemente a linguagem do cinema. Mas êle há de concordar que muitas vêzes essa fluência deixa, não só a terra mas também a gramática em transe.

O TEATRO DE PROTESTO, Robert Brustein, Zahar, NCr$ 10,00 — Desde Ibsen até Ganet, o teatro moderno denuncia os tabus e a hipocrisia de uma sociedade desumana — é a tese, senão nova, pelo menos brilhantemente estruturada pelo professor de dramaturgia da Universidade de Yale.

SIGNIFICADO DO SÉCULO XX, Kenneth Boulding, Edit. Fundo de Cultura, NCr$ 3,00 — As três vertentes do pensamento contemporâneo — Teilhard de Chardin e a síntese de ciência e religião, Marx e a solução político-econômica, e João XXIII e a participação social de uma Igreja ecumênica — conseguirão vencer a bomba, a explosão populacional e o totalitarismo, ou êste século significa o fim da humanidade?

DISCOS

CHICO BUARQUE DE HOLANDA, vol. 2, NCr$ 9,50 — O "seresteiro, poeta e cantor" canta "com açúcar e afeto" uma bela "morena de olhos d'água", "um amor quase exemplar".

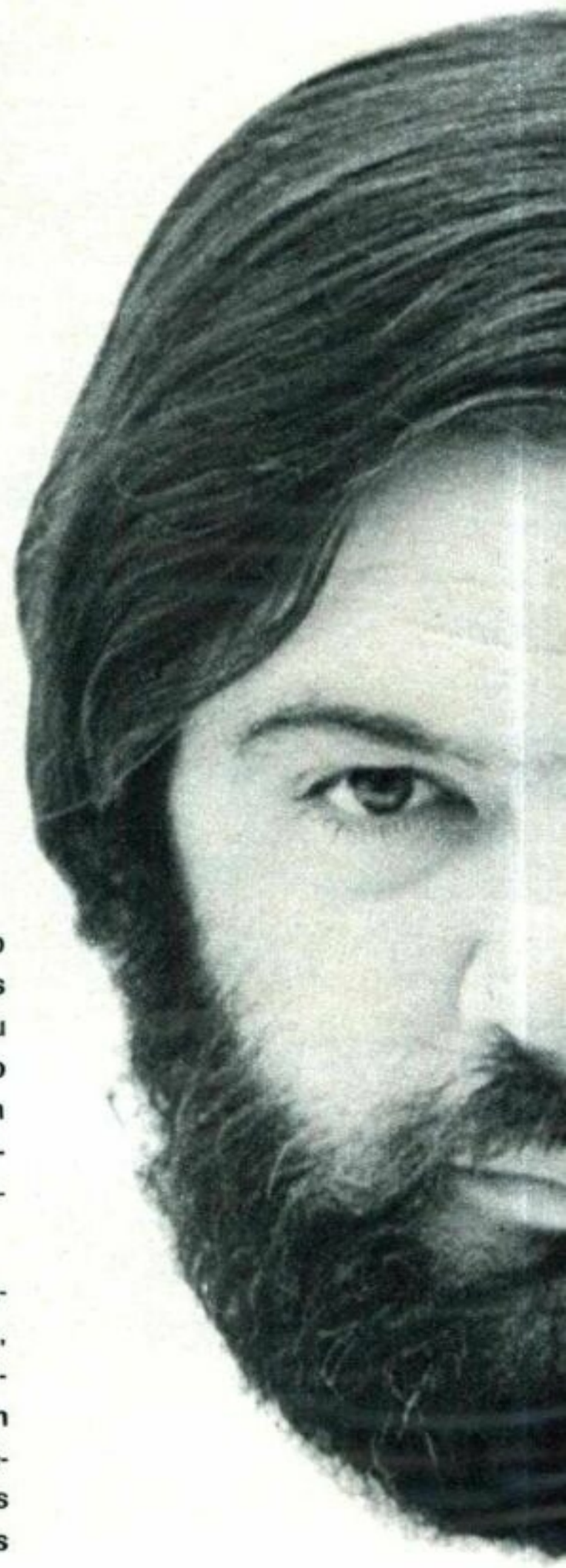
CINCO ANOS DE CANÇÃO, Geraldo Vandré, NCr$ 8,50 — Depois do "Réquiem para Matraga" e "Fica Mal com Deus", o poeta nordestino dá uma receita para "quem quiser encontrar o amor", com o violão de Baden-Powell.

SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND, Beatles, NCr$ 10,00 — O cocoricó de um galo, a cítara da índia, uma balada que é um convite à maconha — tudo entra como ingrediente no último disco dos apóstolos de uma nova filosofia feita de irreverência, graça e renovação musical.

HANG YOUR TEARS OUT TO DRY, Clara Ward, NCr$ 8,50 — O "poderio negro" musical de Clara Ward incendeia sua assistência, desde as pequenas igrejas protestantes até os auditórios que acolhem seu otimismo e sua alegria.

MÚSICA DA RENASCENÇA, Elementos da Universidade da Bahia, NCr$ 9,50 — A Bahia moderna substitui o acarajé e o vatapá por Bienais e conjuntos musicais universitários como comprovam as execuções destas belas melodias do Renascimento europeu. FIM

A JUVENTUDE BRASILEIRA, HOJE



Os jovens acreditam ao mesmo tempo em Deus e no socialismo, não pensam em revolução, acham que há muita coisa errada no Brasil, mas a maioria prefere não protestar contra os abusos e erros. Julgam que seu papel é estudar, trabalhar e preparar-se para o futuro. Estão mais a favor do que contra o govêrno, embora muitos nem se preocupem com isso. Pregam a fidelidade para marido e mulher, os rapazes exigem a virgindade feminina, e muitas môças a masculina. Muitos defendem o contrôle da natalidade e se inclinam pela separação quando o casamento fracassa.

Êstes são os resultados coincidentes de duas pesquisas feitas por REALIDADE: uma, através da Marplan, em São Paulo e Rio de Janeiro; e outra, através dos questionários publicados na revista do mês de julho. Na pesquisa da Marplan, foram ouvidos mil rapazes e môças de 15 a 24 anos (cem de cada idade), assim distribuídos: 100 da classe rica; 400 da classe média; 500 da classe pobre. Mais da metade dêles (61%) ainda estuda, apenas 34% trabalha. E dos que trabalham, 3% ganham mais de 500 mil cruzeiros por mês. As informações sôbre a atualidade, encontram principalmente nos jornais (41%) e na televisão (28%). Oito em cada cem são casados. Dois por cento têm diploma universitário.

Da outra pesquisa, entre os mais de 20 mil leitores que responderam ao questionário de REALIDADE, foram tirados mil ao acaso, divididos proporcionalmente em sexo e idades e entre leitores de São Paulo, Rio e outros Estados. Os resultados não são muito diferentes. Entre cada 100 leitores jovens, 60 têm entre 18 e 22 anos; 80 são estudantes; 64 trabalham; e só 4 são casados. Um por cento dêles ganha mais de um milhão por mês; 5% ganham mais de 500 mil; e 12% ganham mais de 300 mil. Têm curso universitário 4%, têm curso secundário 37%. Informam-se mais pelos jornais (33%) e pela televisão (14%). Mas aqui há 29% que também lêem revistas. E entre êstes apareceu um tipo especial: "Não leio nada, fico com raiva de tanta mentira que se publica". Esperamos que seja o único.

Eis os resultados das duas pesquisas, sempre em porcentagem. Os números abaixo da letra R representam os dados enviados pelos leitores de REALIDADE; sob a letra M estão os colhidos no levantamento direto feito pela Marplan.

No que diz respeito ao seu futuro, você se acha:

	R	M
otimista	55	42
entusiasta	29	34
pessimista	8	9
indiferente	7	11
não responderam	1	—
não sabem		4

O otimismo e o entusiasmo — um pouco maiores entre os ricos — dominam mais de três em cada quatro entrevistados. Um môço gaúcho, 20 anos, de Santa Cruz do Sul, leitor de REALIDADE, justifica:

— Respondi **entusiasta** como poderia ter assinalado **otimista.** É a única posição compatível com um jovem. Só um derrotado poderia sentir-se pessimista. Indiferente, bem, êsse é o que ainda não sabe por que e para que vive.

Aceitando-se sua opinião, 9% dos jovens já estão derrotados e 11% não sabem ainda por que estão no mundo.

Com referência aos estudos que você fêz, considera-se:

	R	M
razoàvelmente preparado	67	63
bem preparado para o futuro	19	25
mal preparado	14	12
não responderam	—	—

A grande maioria fica no meio têrmo — acha que está razoàvelmente preparada para o futuro. Apenas um quarto se considera bem preparado.

Os descontentes, pouco mais de um décimo, são os que mais escrevem. Têm uma reclamação principal, bem representada por Marilena do Nascimento Viana, do Rio, de 22 anos, solteira que trabalha para ajudar a mãe a sustentar três irmãos menores:

— Faltou-me algo indispensável para que eu estudasse: dinheiro. Parece mentira, mas o Brasil ainda é um país onde se deixa de estudar por falta de dinheiro (. . .) Não se fale nos estudos superiores. As portas estão fechadas, completamente fechadas ao estudante que não tenha dinheiro.

Os jovens estão, em boa parte, descontentes também em relação aos professôres e alguns chegam a estar descontentes com os próprios estudantes. Um dêles:

— Não há motivação alguma; há uma indiferença dos professôres que é uma coisa bárbara. E é incrível o número de rapazes e môças que entram para as Universidades apenas para arranjar casamento ou passar o tempo.

O emprêgo ideal é aquêle que oferece:

	R	M
as possibilidades de se realizar profissionalmente e como ser humano	63	47
a melhor oportunidade de servir aos outros, à comunidade e ao país	26	24
o maior salário	6	14
as maiores oportunidades a longo prazo	3	8
o máximo de prestígio e poder	2	6
não sabe		1

Os jovens não parecem muito dispostos a criar grandes problemas de reivindicação salarial para seus patrões ou futuros patrões — apenas 14% falam diretamente em dinheiro, apontando como ideal o emprêgo que pague maior salário. E eis uma boa notícia: o maior grupo, quase a metade dos jovens, considera ideal o emprêgo que lhes possibilite realizar-se profissionalmente e como ser humano. Entretanto, alguns simplesmente não aceitam a condição de assalariado. Para êles, o emprêgo ideal é "aquêle que não oferece nem relógio nem patrão".

Em quase um quarto dos entrevistados o idealismo aparece bem forte: o emprêgo ideal é o que lhes dê melhor oportunidade de servir aos outros, à comunidade e ao país. Apenas seis em cada cem se declaram ambiciosos de projeção pes-

SEGUE

"Meus pais são agradáveis: eu os eduquei"

PESQUISA
CONTINUAÇÃO

soal: — inclinam-se pelo emprêgo que ofereça o máximo de prestígio e poder.

Como sempre, há os revoltados. Ana Maria, carioca de 16 anos, diz:

— Criam-se mil barreiras... Primeiro as barreiras dêsse detestável convencionalismo brasileiro, que torna "vergonhoso" um rapaz ou uma môça de "boa família" trabalhar... Depois, outro ângulo da questão: o profissional. Não há meios, não há possibilidades, profissionalmente falando, dessa imensa, qualificada e ansiosa mão-de-obra ser aproveitada. São os mais velhos que não querem concorrência em seus postos, são os afilhados e os protegidos que nos passam para trás... são as panelinhas, os pistolões.

Uma coisa é clara: os jovens não gostam mesmo de esperar — apenas 8% julgam ideal o emprêgo que tenha maiores oportunidades a longo prazo.

Você considera seus pais:

	R	M
atualizados	61	83
ultrapassados	31	12
outros	8	—
não sabem		5

Atualizados, para mais de quatro em cada cinco moços entrevistados. Ultrapassados, para pouco mais de um em cada dez. Sete maiores de 21 anos em cada cem não souberam o que responder.

Os nossos jovens leitores acham os pais bem menos atualizados. Um têrço dêles considera-os ultrapassados e tem várias queixas. Suzana Ferreira, de Belo Horizonte, de 22 anos, solteira, diploma técnico de contabilidade, alega:

— Pais ultrapassados, com ligeiras pretensões de atualizar-se. Pena que a opinião dos vizinhos seja mais forte, isto é, vivem mais pelos outros.

Amargo mesmo é Mário Pampas, pseudônimo de um rapaz de Brasília, 19 anos, curso primário. Responde simplesmente:

— Cínicos.

Suas relações com seus pais podem ser caracterizadas como:

	R	M
essenciais para sua vida	45	51
válidas em certas horas	20	9
simplesmente agradáveis	20	32
cheias de conflitos e problemas	10	6
inteiramente indiferentes	3	1
não responderam	2	—
não sabem		1

Essenciais, para mais da metade; simplesmente agradáveis, para quase um têrço; válidas em certas horas para menos de um décimo; cheias de conflitos e problemas para seis em cada cem entrevistados. E é de uma outra môça, de Minas, que vem esta conclusão, quase otimista:

— Há pouco tempo, cheias de conflitos e problemas. Atualmente, simplesmente agradáveis. A gente pode educá-los.

Entre os leitores, desce para pouco menos da metade o número dos que consideram essenciais suas relações com os pais. Os que têm relações simplesmente agradáveis e os que as consideram válidas apenas em certas horas empatam, um quinto para cada grupo. E os que têm relações cheias de conflitos e problemas somam um décimo. Escrevem e criticam bastante.

Um funcionário das Emissoras Coligadas de São Paulo, de 19 anos afirma:

— O mal da juventude é a falta de amor dos pais.

Zeno Simon, de Curitiba, estudante:

— O que fizeram por nós? Duas guerras mundiais?

João Sossai, de Vitória do Espírito Santo, 22 anos:

— Não existem filhos problemáticos: existem pais desajustados.

Você considera a virgindade de sua futura espôsa (ou marido):

	M
essencial	44
desejável	21
indiferente	16
desnecessária	13
prejudicial	4
não sabem	2

Para mais da metade dos rapazes, é essencial que a noiva chegue virgem ao casamento. Para um quarto, é desejável. O chamado tabu da virgindade deixa de existir para 16 de cada cem rapazes: 10 estão indiferentes; cinco consideram a virgindade da noiva desnecessária e há um que até a aponta como prejudicial.

As môças não chegam a exigir tanto dos noivos como êles delas. Mas revelam uma tendência de crescente igualdade: a virgindade do homem é essencial para mais de um quarto e desejável para quase um quinto. Em cada cem, 46 môças se preocupam com a virgindade masculina. Das outras, 22 são indiferentes, 22 julgam-na desnecessária e apenas 7 apontam-na como prejudicial.

As duas perguntas foram feitas apenas nas entrevistas pessoais, mas vários leitores de REALIDADE se manifestaram sôbre o assunto. Wilson Sayão Filho, um rapaz do Rio de Janeiro, expõe suas dúvidas:

— As garôtas não sabem se dão ou não o tal passo. Os rapazes enfrentam um problema muito mais amplo — a relação sexual é encarada como uma obrigação. Os que não têm facilidades, enfrentam os ambientes mais sórdidos e promíscuos. E há os que não têm relações sexuais, que não são afeminados e escondem o fato por saberem que serão olhados com desconfiança. Afinal, é ou não uma necessidade? Ou é só um privilégio do qual devemos tirar proveito?

O homossexualismo é:

	M
doença	42
vício	32
escolha individual	18
não sabem	8

Para 42%, sem diferença entre a opinião de rapazes e môças, é uma doença. Os ricos, mais da metade, e a classe média, exatamente a metade, pensam assim, mais que os pobres. Para 32%, é um vício. Agora são os pobres, 35 em cada cem (contra 28 ricos e 28 da classe média) que mais defendem essa opinião. O homossexualismo foi definido como "escolha individual" por um grupo bem menor — 18 jovens em cem.

No casamento, a fidelidade é essencial:

	R	M
para ambos	91	93
para a mulher	7	4
para nenhum dos dois	2	1
não sabem		1
para o homem		1

Os jovens prometem ser maridos e mulheres fiéis. Em cada cem entrevistados, 93 consideram a fidelidade essencial para ambos os sexos. Não chega a haver muita diferença entre as respostas dos rapazes e das môças. A vitória feminina aparece bem nesta carta de um rapaz:

— Para ambos: êsse negócio de homem superior é coisa do passado.

Apenas quatro em cada cem exigem a fidelidade sòmente da mulher. Aqui, os rapazes entram na proporção de dois para um. Um único rapaz, pobre, achou que apenas o homem deve ser fiel. E sòmente dois por cento não consideram a fidelidade essencial nem para o marido nem para a mulher.

Os leitores de REALIDADE acompanham os ouvidos pessoalmente. As mesmas percentagens. Mas há um radical:

— No casamento, essencial é a infidelidade, e para ambos.

Não apareceu nenhum leitor que apontasse a fidelidade como essencial apenas para o homem.

Um casal tem o direito de planejar o número de filhos que vai ter?

	R	M
sim	87	74
não	9	25
não sabem	4	1

Sim, para três quartos dos jovens. É um direito mais defendido pelos ricos, menos pelos pobres, embora o argumento mais apresentado seja de fundo econômico.

As mulheres (77 em cada cem), são um pouco mais a favor do planejamento da família do que os homens (70 em cada cem). Entre os leitores de REALIDADE, os favoráveis à limitação dos filhos chegam a quase 90%.

Os adversários do planejamento familiar, (25% na pesquisa direta, apenas nove em cada cem leitores) indicam motivos religiosos. Como êste rapaz de Susano, SP:

— É pecado o homem colocar limite na obra de Deus. Genesis 9:1.

Qual é a coisa mais importante no casamento?

	R	M
compreensão recíproca	48	39
amor	34	50
filhos	7	6
satisfação sexual	5	2
segurança	5	3
não responderam	1	—

Os jovens entre 15 e 17 anos, menos interessados diretamente no assunto, é que acabam decidindo a favor do amor, escolhido por 50 de cada cem entrevistados, contra a compreensão recíproca, preferida por 39. Estranhamente, os homens são mais românticos do que as mulheres: mais de metade dêles escolhem o amor. Os maiores de 20 anos acreditam mais na compreensão recíproca. As mulheres se dividem, quase metade fica com o amor, quase metade com a compreensão.

Os filhos (6%), a segurança (3%), e a satisfação sexual (2%), quase não são votados como elemento mais importante no casamento.

Entre os leitores de REALIDADE, o amor perde para a compreensão recíproca. Uma resposta:

— Compreensão mútua: é a forma mais refinada do amor.

Cinco em cem preferem a segurança. Noção de segurança de um dêles:

— Dinheiro: pois é melhor chorar num Cadillac do que rir num bonde.

Entre os leitores, sobe um pouco também o número dos interessados em satisfação sexual (5%).

Ao seu ver, qual é o número ideal de filhos?

	R	M
1	1	2
2	30	53
3	39	30
4	20	12
5	3	2
6	1	—
depende/varia	2	—
não responderam/não sabem	4	1

Dois filhos é o número ideal para mais da metade dos entrevistados diretamente; três para mais de um têrço dos leitores de REALIDADE. Entre os primeiros, quem determina a escolha são os homens e os pobres, que na pergunta anterior mostraram ser os maiores inimigos do planejamento familiar. Os ricos preferem três filhos. Muitos acham que o número depende da condição econômica do casal:

— Cinco para os ricos; três para os mais ou menos; um para os pobres.

Poucos querem apenas um filho (dois em cada cem). São também apenas 2% os que querem cinco filhos. Entre os leitores do interior, um em cada cem tem saudade das famílias de antigamente: acha ideal ter oito filhos.

Quando um casamento não dá certo, a melhor solução é:

	R	M
divórcio	54	33
continuar juntos assim mesmo, pelo bem dos filhos	36	47
desquite	8	19
não sabem		1
não responderam	2	—

— O fato de o casamento dar certo ou não, é muito complexo. Realmente, o bem dos filhos é algo sutil e sério, mas

SEGUE

americano ou brasileiro?

agora, todos os automóveis gálaxie saem da ford com esta frase no vidro traseiro: feito no brasil por brasileiros. isso tem dois objetivos. primeiro, fazer um certo cartaz do nosso produto nacional que foi elogiado pelo mais famoso estilista de automóveis da europa, hoje em dia, o sr. nuccio bertone. êle disse que o acabamento do gálaxie brasileiro é melhor do que o "made in usa". segundo, para evitar que um gálaxie nacional seja confundido com um importado. além do elogio do bertone, o gálaxie brasileiro tem outras vantagens - de preço e da garantia de 20.000 km ou 12 meses. agora, veja se a ford tinha ou não tinha razão ao dizer que o gálaxie colocou o brasil em dia com o que há de melhor na indústria automobilística internacional.

Ford Gálaxie Ford

Veja "James West" tôdas as semanas no Canal 9 de S. Paulo, Canal 2 do Rio, Canal 12 de P. Alegre, Canal 7 de B. Horizonte, Canal 12 de Curitiba e Canal 2 de Recife.

"Desquite é prova de subdesenvolvimento"

PESQUISA CONTINUAÇÃO

também encenar uma farsa amorosa é algo muito triste e hipócrita.

Evidentemente, muitos jovens não participam das dúvidas dêsse rapaz de Valença, e pensam que o casal cujo casamento fracassou deve continuar junto assim mesmo, pelo bem dos filhos. É a melhor solução para 47 em cada cem entrevistados, defendida por mais da metade das mulheres, dos pobres, e dos menores de 18 anos e exatamente pela metade dos paulistas.

Mas a maioria dos jovens (52%) se inclina pela separação quando o casamento não dá certo: um têrço escolhe o divórcio, quase um quinto o desquite.

Entre os leitores de REALIDADE, ganha o divórcio, preferido por mais da metade. Rio e São Paulo contribuem com 57% para êste total, os outros Estados com 50. Pouco mais de um têrço defende a continuação da vida conjugal pelo bem dos filhos.

Apenas oito em cada cem preferem o desquite, muito combatido nas cartas:

— O desquite é uma prova de nosso subdesenvolvimento moral e intelectual.

BRASIL, UM PAÍS DE JOVENS

Quase dois terços da população brasileira têm menos de 25 anos. Dêsses, cêrca de 15 milhões estão entre os 15 e 25 anos. São os estudantes, os novos trabalhadores, os moços rebeldes de hoje. E os fazedores, líderes e pais preocupados de amanhã.

Como vivem êstes jovens? Que fazem? Como são? Eis algumas indicações:

● Apesar de todos os esforços para resolver o problema, 47% dos brasileiros entre 15 e 25 anos ainda são analfabetos.

● Há cêrca de 160.000 jovens nas universidades do país, representando menos de 2% da população entre 19 e 25 anos. Em comparação, 7% dos jovens inglêses, 10% dos franceses e 40% dos norte-americanos cursam universidades.

● Nos Estados Unidos, 1 em cada 10 suicidas é da nova geração. No Brasil, 1 em cada 3 suicídios são de pessoas com menos de 25 anos.

● Calcula-se que cêrca de 40% dos jovens entre 15 e 25 anos costumam ir à missa regularmente.

● Aproximadamente, 80% dos moços entre 15 e 19 anos e 93% daqueles entre 20 e 24 anos trabalham. Entre as môças, 23% das com 15-19 anos e 19% daquelas entre 20-24 anos também trabalham. Nas zonas rurais, crianças de ambos os sexos começam a trabalhar aos 9-10 anos; nas cidades, os rapazes encontram seu primeiro emprêgo entre 15-16 anos e as môças entre 16-18 anos.

● Segundo o Ibope, mas de dois terços dos jovens entre 15 e 25 anos não gostariam de seguir a profissão do pai.

● Parece que é bem menos difícil entrar na escola do que permanecer lá: de cada 100 crianças brasileiras que ingressam no curso primário, apenas 18 o completam. E, em seguida, cêrca da metade dos alunos que prestam exame de admissão é reprovada. O baixo rendimento do nosso sistema educacional constitui um dos principais problemas nacionais.

● Nas cidades, mais da metade das môças casam antes de chegar aos 20 anos; aos 23, metade dos moços também já estão casados. Em certas zonas rurais, o matrimônio ocorre muito antes: entre 12-13 anos para as mulheres e 14-16 anos para os homens.

● Uma pesquisa realizada em São Paulo, Rio e Recife, em 1965, indicou que 73% dos jovens consideram que as pessoas mais velhas dão bons conselhos; apenas 19% julgaram que os velhos são todos "ultrapassados".

● Em 1980, haverá quase 25 milhões de brasileiros entre 15 e 25 anos, representando quase 20% da população. Somando a isto as 50 milhões de crianças com menos de 15 anos, os jovens representarão nada menos que 60% dos habitantes do país. Seremos, então, ainda, um país de jovens.

A mulher casada deve trabalhar, mesmo que não precise?

	R	M
sim	36	25
não	63	74
não responderam	1	—
não sabem		1

Três quartos dos entrevistados pessoalmente acham que não. Mesmo as mulheres são mais contra que a favor.

Quase dois terços dos leitores concorda que a mulher não deve trabalhar se não precisa. Mas há os que discordam:

— O trabalho é uma auto-afirmação e por isso não tem sexo.

E há as bem tradicionais:

— A mulher deve ficar em casa cuidando dos filhos e deve estar sempre radiante quando o marido chegar do trabalho.

Qual a sua opinião diante da mini-saia, roupas coloridas e cabelos compridos para rapazes?

mini-saia

	M
condena	21
aprova	72
indiferente	7

roupas coloridas para rapazes

condena	27
aprova	68
indiferente	5

cabelos compridos para rapazes

condena	38
aprova	55
indiferente	7

A môça de mini-saia consegue pelo menos um de seus objetivos: apenas sete de cada cem rapazes entrevistados se confessam indiferentes ao vestido curto. E são os rapazes mesmo, mais de três quartos, os que aprovam em maior número a mini-saia, contra apenas dois terços das môças.

As saias acima do joelho têm mais partidários no Rio (78%) do que em São Paulo (67%) e desperta mais entusiasmo entre os menores de 18 anos (77%) de que entre os maiores de 21 (69%). Mas, no total quase três em cada quatro jovens aprovam.

Um pouco mais discutidas, as roupas coloridas masculinas ganham a aprovação de pouco mais de dois terços dos entrevistados. Os próprios homens, outra vez, garantem a vantagem: quase três quartos dêles estão a favor. A aprovação dos mais jovens, 79%, é maior que a dos mais velhos, 59%. Pobres e mulheres continuam menos entusiasmados, igualam-se em quase um têrço contra as roupas coloridas. SEGUE

"As calças Berta são feias, deselegantes e antiquadas"

(Se você repetir isso todo dia, talvez sua irmãzinha não mexa tanto na sua roupa.)

BERTA

RUA WISARD, 320 — CAIXA POSTAL, 11120 — SÃO PAULO

Os artigos Berta foram aprovados no Contrôle de Qualidade "Helanca"

CONTRÔLE DE QUALIDADE Helanca TECIDO MISTO

"Tudo é errado neste país, desde Cabral"

PESQUISA
CONTINUAÇÃO

Os cabeludos conseguem uma difícil maioria, 55%. São reprovados por mais de um têrço. Dividem as mulheres, 49% delas a favor, 44% contra. São Paulo está metade a favor, metade contra. O Rio, outra vez, sustenta as novidades — em cada cem cariocas 61 votam firme com os cabeludos. O maior índice de aprovação, exatamente dois terços, vem de nôvo dos menores de 18 anos.

Esta pergunta — como as três anteriores — não constou do questionário da revista, mas um jovem de Americana, São Paulo, escreve sôbre o assunto:

— Durante a Segunda Guerra cortava-se escovinha. Esperemos que a juventude de cabelos compridos seja um pouco melhor que a de cabelos curtos e que consigamos legar a nossos filhos o que nossos pais não nos conseguiram legar.

Que gênero de música prefere?

	M
iê-iê-iê	46
bossa nova	27
clássica	15
sambão	8
outros	3
não sabe / nenhum	1

Quase metade dos ricos fica com a bossa nova, enquanto quase metade da classe média e dos pobres apoiam o iê-iê-iê. E êste acaba ganhando no total de 47% contra 27% para a bossa nova. Tanto um gênero como o outro são mais votados no Rio. A música clássica, 15% e o sambão, 8%, atraem um número pequeno de jovens. E há uma surprêsa na pesquisa carioca: para cada rico a favor da música clássica, há dois pobres.

Você acredita em Deus?

	R	M
sim	81	95
não	9	4
não sabem	9	1
não responderam	1	—

Deus existe para a esmagadora maioria (95%) dos entrevistados. E mais ainda para os pobres (99%). Para os leitores de REALIDADE, o total dos que acreditam é de 81%. Luís Gonzaga C. Pomarico, de Poços de Caldas, MG, tenta defini-lo, de modo estranho:

— ...Um diálogo entre um beatnik e um seminarista.

Francisco José de Souza, mecânico de São José dos Campos, mas nascido em Teresina, diz:

— Acho que Deus é uma fuga. É aquêle a quem os crentes recorrem quando não encontram em si fôrças para lutar.

Entre os que acreditam, há quem tenha restrições:

— Sim, mas não no Deus antropomorfo — escreve o estudante Fernando Augusto, de 25 anos, de Belo Horizonte.

— Acredito no Deus que fêz o homem e não no Deus que o homem fêz, diz ainda o mecânico de São José dos Campos, Francisco José de Souza.

— A Igreja precisa atualizar-se... por ora fico com Deus no meu íntimo.

Essa a opinião de Carlos Roberto Procharka, um jovem estudante de Curitiba.

Melânia Medeiros, paulista de 22 anos, que trabalha meio expediente e está no 2.º ano de Jornalismo, crê em Deus:

— Não sei por que, mas creio.

Com referência ao atual govêrno, você se considera:

	R	M
a favor	27	44
não tem opinião	27	18
indiferente	22	21
contra	22	17
não responderam	2	—

Um dado que deve deixar contentes os homens do Govêrno: 44% dos entrevistados pessoalmente estão a seu favor e apenas 17% contra. Mas há um outro: 39% são indiferentes ou não têm ainda opinião formada.

O julgamento divide as cidades, as classes sociais e os sexos. Os homens são mais a favor do Govêrno (48%) do que as mulheres (41%), os pobres mais satisfeitos (48%) do que os ricos (38%) e os paulistas (50%) do que os cariocas (37%).

Entre os leitores de REALIDADE, o número dos que estão indiferentes ou não têm opinião é quase metade, 49%. A favor são apenas 27%, e contra, 22%. Os jovens de São Paulo e Rio de Janeiro e os de outros Estados pensam pràticamente do mesmo modo. Mas os argumentos variam.

Nélson Guimarães, paulista de 17 anos, diz:

— Contra: como todo bom brasileiro.

O carioca Gérson Luís Costa, de 18 anos, diz:

— A favor: é o barco dos náufragos. Tenho mêdo que também afunde.

— Sem opinião: o govêrno não fêz nada ainda. É um apagado — declara uma jovem que não quis assinar o questionário.

Quanto ao atual estado de coisas no Brasil, você acha que:

	R	M
há muita coisa que precisa ser melhorada	81	78
está tudo errado	13	7
está mais ou menos como devia estar	4	10
está tudo bem	1	4
não responderam	1	—
não sabe		1

São poucos os que acham tudo errado. 7% dos entrevistados. E menos ainda os que julgam que está tudo bem (4%). Cêrca de 10% dos jovens paulistas e cariocas acham que está tudo mais ou menos como devia estar. Sobram, assim, 78% para os quais há muitas coisas que precisam ser melhoradas.

De forma geral, os leitores de REALIDADE concordam com os jovens entrevistados pela Marplan, mas com algumas diferenças significativas: apenas 1% sustenta que vai tudo bem, e os que acham tudo errado sobem para 13%. Êstes, são por vêzes bastante radicais, como Wanda Regina Figueiredo, uma paulista de 19 anos:

— Tudo errado, sempre estêve, desde Cabral.

Por vêzes, são otimistas a longo prazo, como L.M.C., uma carioca de 23 anos:

— Tudo errado, mas melhorando lentamente.

SEGUE

"Fazer revolução? Estão loucos?"

Ao seu ver, o principal problema brasileiro é:

	R	M
educação	38	41
desenvolvimento	17	17
dependência de influências estrangeiras	17	13
corrupção	13	7
inflação	11	12
saúde	3	7
não responderam	1	—
não sabem		3

Para 41% dos entrevistados, o grande problema é educação. Nenhum dos outros problemas apontados — desenvolvimento, inflação, dependência de influências estrangeiras, corrupção e saúde — é capaz de, isoladamente, preocupar um quinto dos jovens. O desenvolvimento, mais citado pelos pobres, chega a apenas 17% do total. Os pobres são maioria também entre os que indicam saúde. A corrupção é lembrada por um décimo dos entrevistados de classe média.

Quase 40% dos leitores de REALIDADE concordam que a educação é o principal problema nacional. Mas há outras coisas:

— Um dos grandes problemas de nossa juventude é a falta de um herói — diz Clarice Walewaki, de Curitiba.

O sistema econômico-social que oferece as maiores possibilidades de desenvolvimento é:

	R	M
socialismo	58	51
capitalismo	31	35
comunismo	5	3
não responderam	6	—
não sabem		11

Metade mais um em cada cem jovens são a favor do socialismo. Pouco mais de um têrço prefere o capitalismo. E apenas 3% indicam o comunismo. Mas o problema não preocupa a muitos dos consultados, como a Francisco Giordano, um paulista de 19 anos:

— Se durante sua vigência prevalecer o fator humano, qualquer um dêles será o ideal.

— Os regimes não são tão importantes. Prova é que vemos países com os mais diversos regimes, em pleno desenvolvimento. Essa é a opinião de Jair da Silva, de Taubaté, SP.

Entre os poucos entrevistados que apontam o comunismo, um resultado curioso: os ricos são duas vêzes mais comunistas que os pobres e a classe média. Os cariocas são mais socialistas que os paulistas. E São Paulo, naturalmente, é mais capitalista que o Rio de Janeiro.

Quase não há diferença entre os entrevistados pessoalmente e os leitores de REALIDADE. Mas na pesquisa feita através da revista surge uma das poucas divergências entre as opiniões dos jovens do Rio e São Paulo, e os dos outros Estados. Nestes, o socialismo ganha 63% do total de respostas, contra os 58% que recebeu de paulistas e cariocas.

Ao seu ver, a democracia é:

	R	M
govêrno do povo, pelo povo e para o povo	52	49
só possível dentro do socialismo	22	16
melhor sistema político encontrado até hoje	18	21
idéia utópica que não pode funcionar	6	4
não responderam	2	—
não sabem		10

De cada cem jovens, dez não sabem. Mas a grande maioria conhece e gosta: 49% dos entrevistados ficam com a definição clássica de govêrno do povo, pelo povo e para o povo e 21% opina que a democracia é o melhor sistema político encontrado até hoje. Para apenas 4% ela aparece como uma utopia que nunca vai funcionar.

Dos leitores de REALIDADE, apenas 2% não sabem o que seja democracia. Os outros acompanham a opinião dos entrevistados pessoalmente, com poucas diferenças.

— Onde existe democracia? — pergunta um carioca de 22 anos e que se assina "Agente 007 1/2".

E o mesmo indaga um gaúcho de 23 anos:

— Govêrno do povo — mas será que existe?

O que é que a juventude brasileira deve fazer para participar do desenvolvimento do país?

	R	M
estudar, trabalhar e se preparar para o futuro	65	73
procurar eleger homens que resolvam nossos problemas	17	17
protestar contra os abusos e erros	10	3
participar de uma revolução	5	1
gozar a vida, pois não adianta tentar mexer com a ordem estabelecida	2	2
esperar que o passar do tempo e a vinda de novas gerações ao poder resolvam todos os problemas	1	4

A chamada "minoria ativista" precisaria ser muito mais ativa para que se possa temer uma revolução promovida pelos jovens: há apenas um revolucionário em potencial em cada cem entrevistados.

Mas o caminho das urnas também não atrai muita gente: menos de um em cada cinco acredita que é suficiente participar do desenvolvimento elegendo homens que possam resolver os problemas nacionais.

Outros caminhos menos apontados: esperar que o tempo e a subida de novas gerações ao poder tragam soluções (4%); gozar a vida pois não adianta tentar mexer com a ordem estabelecida (2%); protestar contra abusos e erros (3%).

Para a grande maioria, entretanto, (quase três quartos dos entrevistados), a melhor forma de participação é estudar, trabalhar, e preparar-se para o futuro.

Há dez leitores de REALIDADE em cada cem, dispostos a protestar contra os abusos e erros, contra três na pesquisa direta. E cinco leitores em cada cem dispostos a participar de uma revolução, contra apenas um na pesquisa direta.

Há o leitor que acredita na democracia, mas não acha os homens:

— Procurar eleger homens: mas onde estão os ditos cujos?

E há o que identifica revolução e catástrofe:

— Participar de uma revolução? Estão loucos?! FIM

Saméllo é um dos poucos coroas que pode dizer que entende a juventude.

Eis a prova:

Saméllo

Mod. Sunny - Ref. 78

Standard Propaganda

você sabe o que o brasileiro

• Reatores trifásicos de 50.000 kVAr. • Forno a arco SSKD 450, de 30/35 t.. • Banco de transformadores de 150 MVA, 220/88 kV. • Forno rotativo para calcinação de bicromato de sódio. • Subestação completa

1957-1967

BROWN BOVERI

BRASIL

10º ANIVERSÁRIO

América 4094-867

é capaz de fazer em 10 anos?

2x5 MVA, 88/13,2 kV. • Unidade de bombeio de petróleo "Cavalo de Pau". • Motor de guincho para navio. • Prensas mecânicas de repuxo Schuler, de 400 t.. • Gaiola trio de laminador 520 mm de diâmetro.

NÓS SABEMOS

Há dez anos, traziamos a experiência de 66 anos na fabricação de equipamentos elétricos pesados. A partir de então, passariamos a depender essencialmente de mão-de-obra brasileira.
Escolhemos os primeiros 100 homens e iniciamos, em 3.000 m², a implantação do que esperávamos transformar na mais completa indústria de equipamento elétrico pesado da América Latina.

Era 1957. Estava plantada a semente.
Hoje, vemos ultrapassada nossa expectativa.
Somos 2.700, trabalhando em 61.000 m², todos com uma técnica já totalmente brasileira, enriquecendo o potencial de mão-de-obra especializada e tornando o Pais auto-suficiente.

Não dependemos mais do Exterior.
E no ano do nosso 10.º aniversário, tornamo-nos também exportadores (reatores de 50.000 kVAr para a Venezuela e transformadores trifásicos de 40.000 kVA para a Colômbia).

Porque sabemos do que é capaz o brasileiro, continuamos investindo e ampliando nosso complexo industrial.

E a razão é simples: nós confiamos mesmo no Brasil!

INDÚSTRIA ELÉTRICA BROWN BOVERI S.A.
Osasco - S.P.

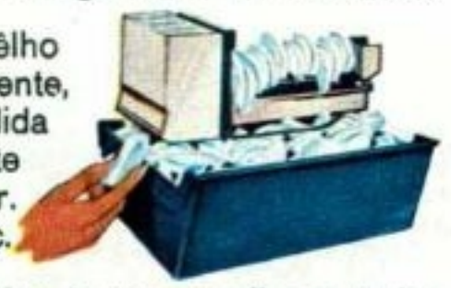
Qualidade

BRASTEMP

Quantas vêzes você pensou para comprar um refrigerador?
Quatro? Quinze? Quinhentas?
Sim, porque a compra de um Refrigerador de categoria não é uma compra comum. Envolve decisões baseadas em **fatos**. O que leva qualquer dona-de-casa (e o marido também) à BRASTEMP é sempre **qualidade**! comprovada no dia-a-dia, no abre-fecha - abre-fecha do seu Refrigerador.

✔ O Duplex BRASTEMP (modêlo apresentado) conjuga em um mesmo aparêlho Refrigerador e Congelador - solução a mais avançada e completa para o seu problema de conservação e refrigeração de alimentos.

✔ O Duplex pode ser equipado com ICE-MAGIC, aparêlho que produz gêlo contínua e automàticamente, dispensando as tradicionais gavetas. O gêlo, à medida que se forma, vai sendo armazenado no recipiente plástico e lá permanece, sêco, sôlto, pronto para usar. Só BRASTEMP tem Ice-Magic.



✔ Existem na linha BRASTEMP, outros modelos à sua escolha e todos êles são produzidos segundo especificações da WHIRLPOOL CORP., indústria líder nos EE.UU., vendendo mais de um milhão de Refrigeradores por ano.

✔ Quinquênio Brastemp. Cinco anos de garantia que não é uma garantia qualquer; É GARANTIA BRASTEMP!

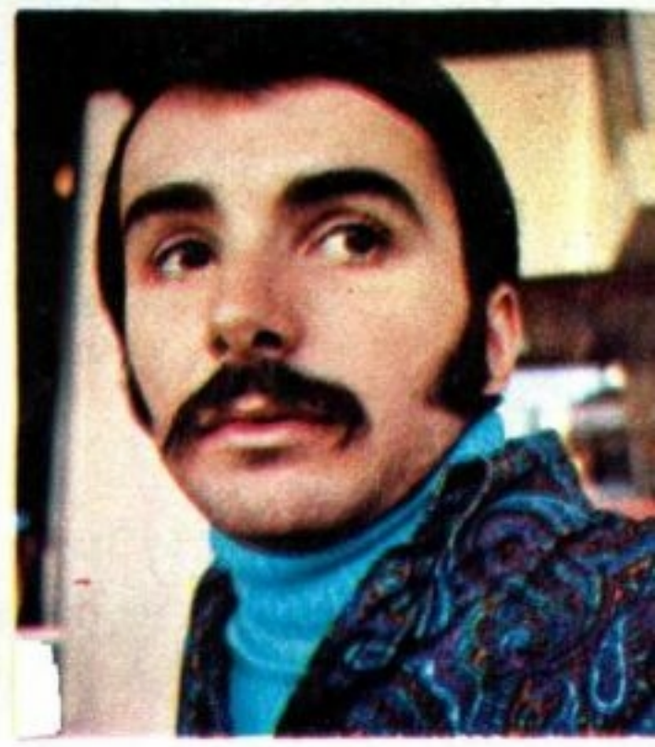
Brastemp
– o que há de melhor

(B) planam propaganda

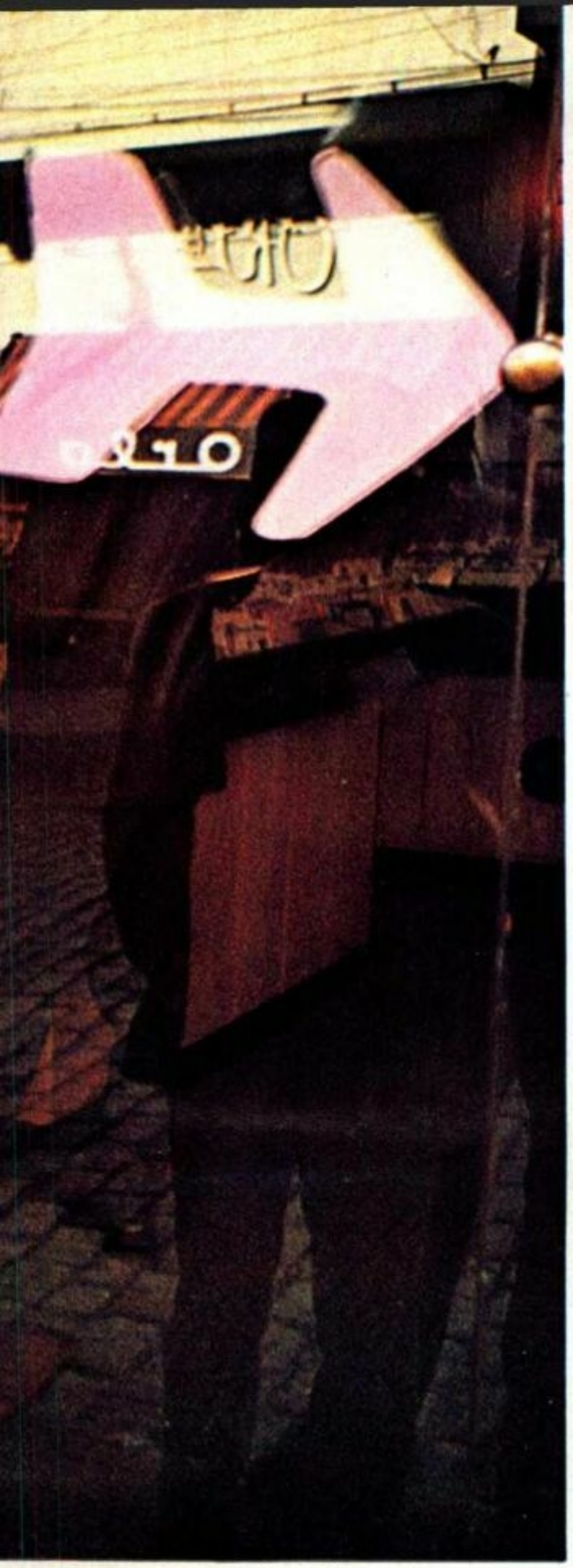
EIS O MUNDO DÊLES

Fotos de Salomão Scliar • Texto de Mylton Severiano da Silva

Camisas de côres berrantes, calças apertadas, sapatos cheios de fivelas, jóias extravagantes, bonés esquisitos, cabelos compridos, saias curtas, um ar displicente diante de tudo: nossas grandes cidades vêem aumentar a cada dia êsse tipo de jovem

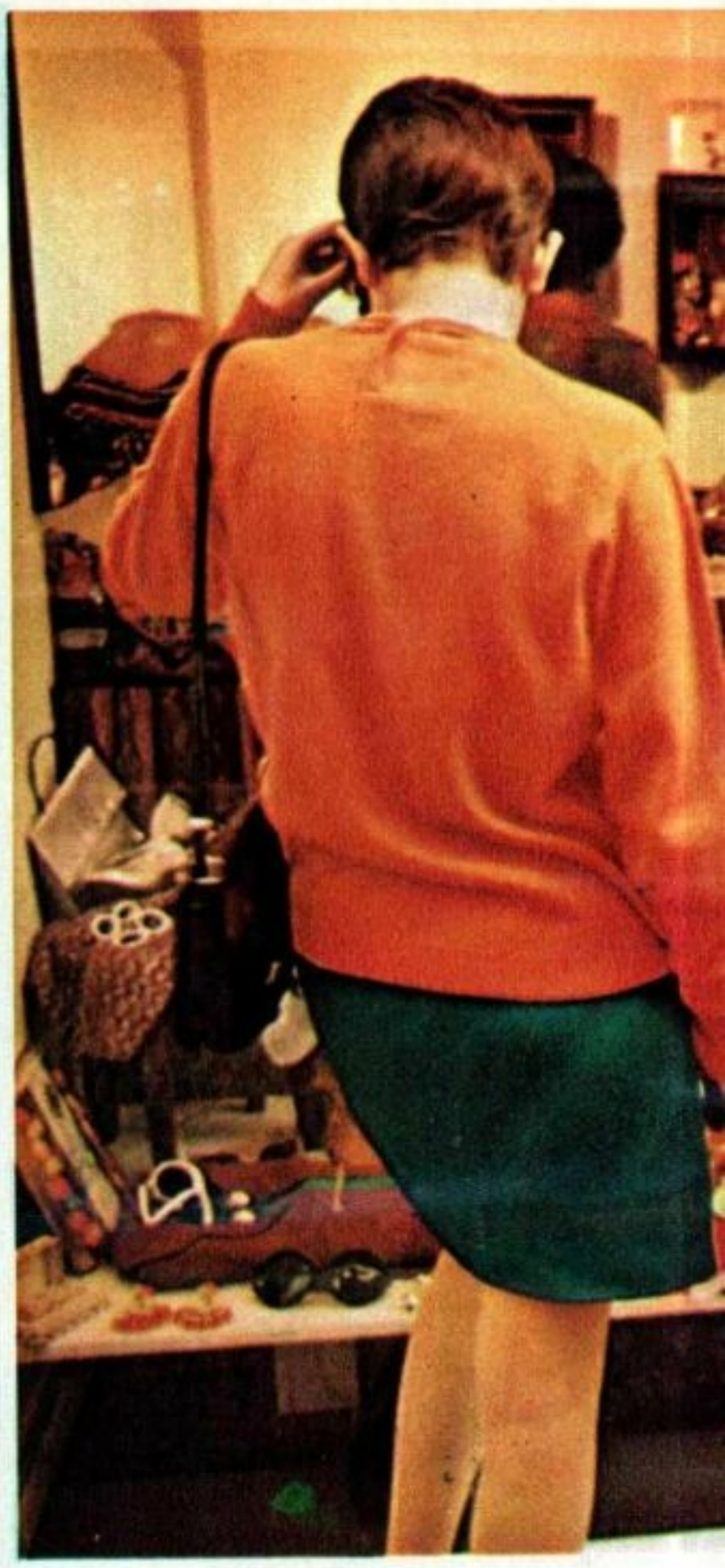


O que podemos oferecer-lhes hoje?



O mundo está ficando cada vez mais jovem, diz a socióloga Marialice Forachi. Não é à toa que todos os apelos que se fazem hoje, sobretudo os da publicidade, procuram atrair os jovens. Agora êles são solicitados como consumidores — embora ainda tenham dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Por isso, todo estilo trata de ser "jovem": linhas leves, côres vivas. Os automóveis, por exemplo, perderam aquela austeridade aristocrática que tinham, e os anunciantes procuram destacar-lhes não tanto a beleza, mas a agilidade, a fôrça, a potência do motor — que são características de juventude. Entretanto não é fácil ser jovem: a sociedade não lhe propõe opções definidas.

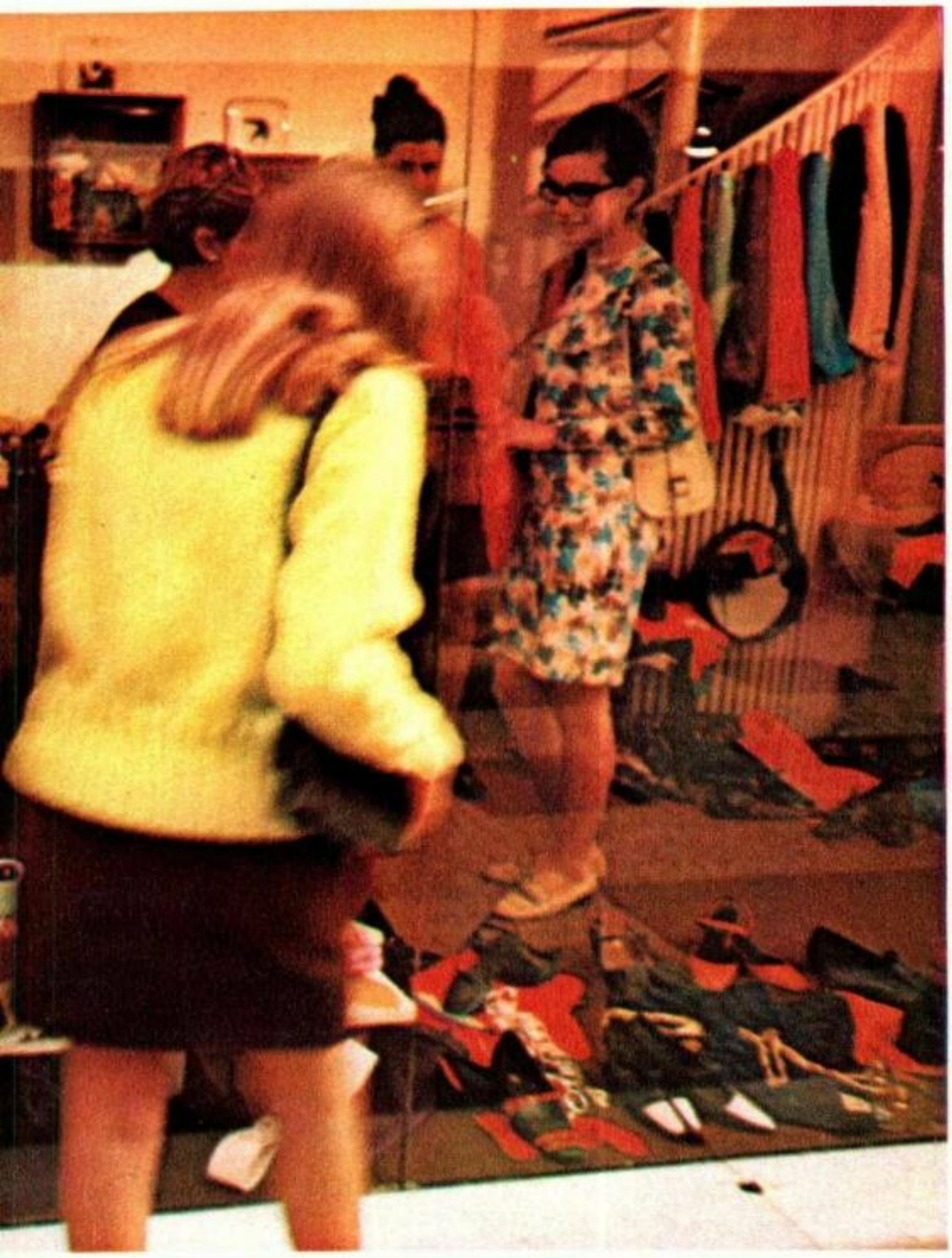
SEGUE



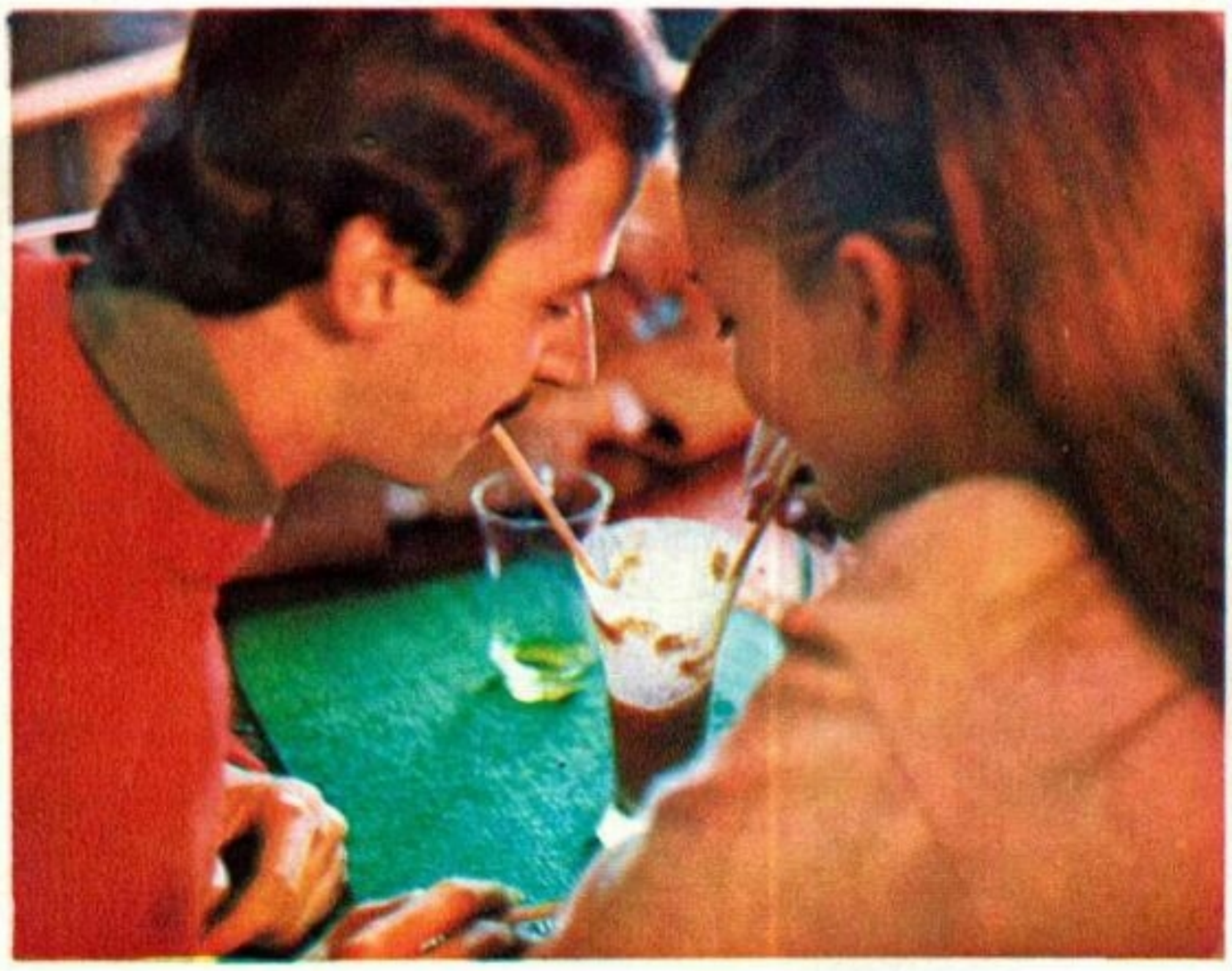
Aos 14 ou 15 anos, os pais acham que seus filhos estão ficando "esquisitos". Os meninos usam calças justas, camisas berrantes, pulseiras de mulher; as meninas já querem usar mini-saia, compram jóias extravagantes. Para o psicólogo paulista Haim Grunspum, esta "esquisitice" identifica o adolescente. Seus braços e pernas crescem ràpidamente, êle se sente desengonçado, chega a sentir vergonha do próprio corpo. Alguns recusam-se mesmo a tomar banho e trocar de roupa, dormem vestidos. Já que considera seu corpo desajeitado, diz o psicólogo Haim Grunspum, o adolescente procura chamar atenção para outros pontos. Daí as camisas berrantes, as calças justas, as mini-saias, o cabelo comprido, a pulseira, os anéis, os colares e brincos extravagantes, os sapatos com saltos e fivelas. Assim vestido e enfeitado, o adolescente está tentando também ser original, sem perceber, no entanto, que milhares de outros adolescentes se vestem e se comportam igualzinho a êle.

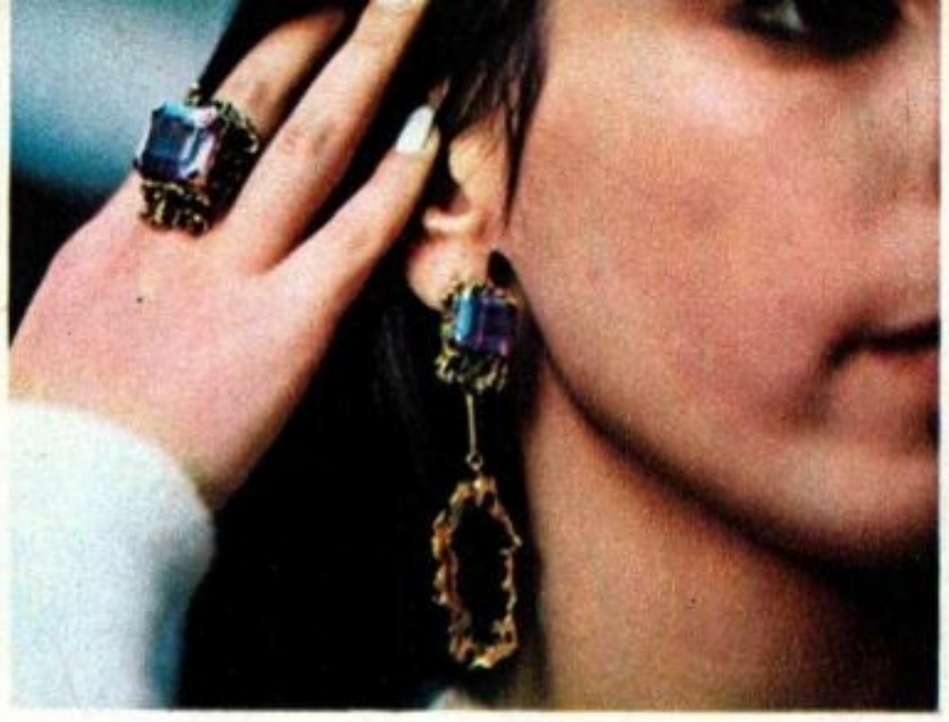
SEGUE

Êles querem apenas ser originais



ESCAPAMENTOS
GRAND
PRIX
310
5
5
36-03-32
ZELA

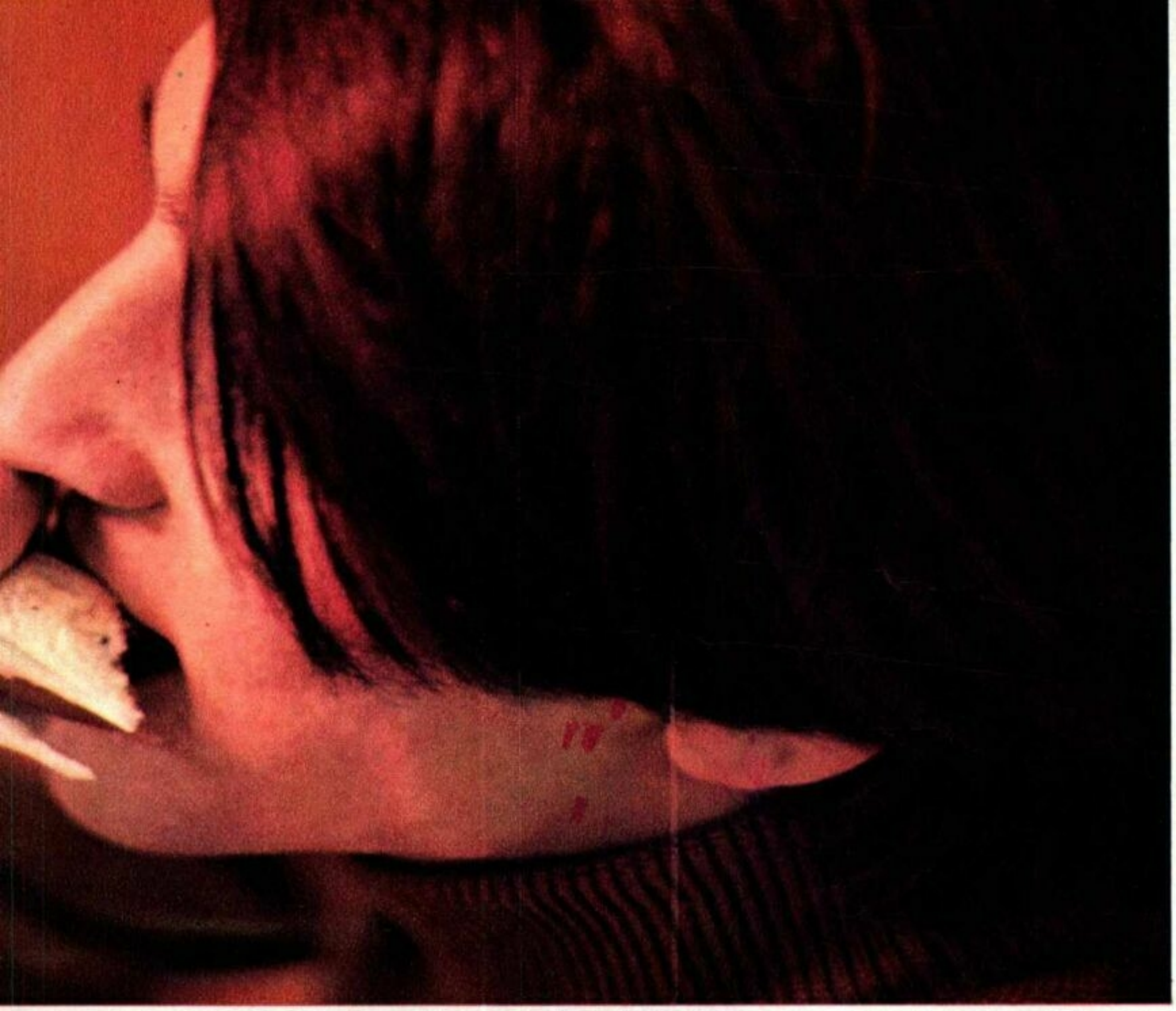




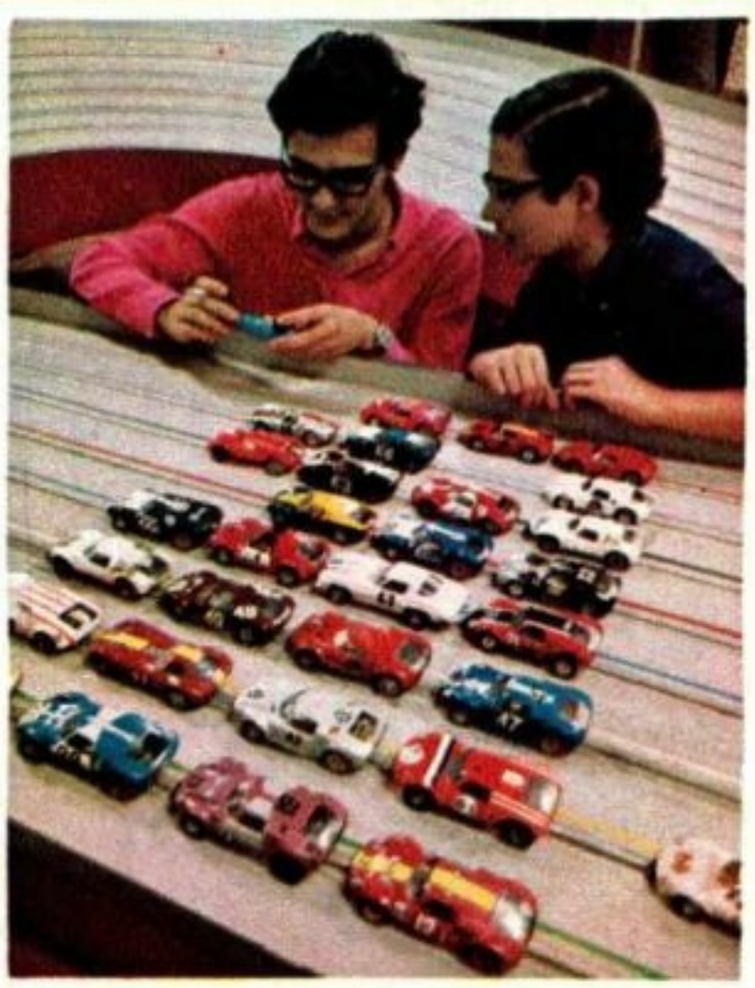
Nem adulto, nem criança: jovem

E aos 17 anos, porém, que o jovem se sente realmente **jovem.** Os mais velhos podem dizer-lhe de manhã: "Você precisa ser mais responsável. Levante-se desta cama e vá estudar." Duas horas depois, lhe dirão: "Meu filho, você podia ir brincar lá fora? Esta é uma conversa de adultos." Aos 17 — nem criança nem adulto — o jovem precisa afirmar-se como "alguma coisa". Segundo o psicólogo Haim Grunspum, nessa época o jovem faz da displicência, da indiferença ao mundo, uma "atitude filosófica", com que procura mostrar que tem personalidade. Só dos 18 anos em diante, é que êle passa a ser aquela "alguma coisa". Antes disso, o rapaz queria **qualquer** camisa berrante. Agora, exige uma camisa que tenha "estilo", ainda que seja berrante. Para o psicólogo, nenhuma dessas atitudes é imitação pura e simples do que faz a juventude do resto do mundo. Nosso jovem sempre fêz e continua fazendo o que vê lá fora porque o Brasil ainda não tem condições culturais para criar e impor suas próprias modas.

SEGUE



Afinal, o que esperamos dêles?



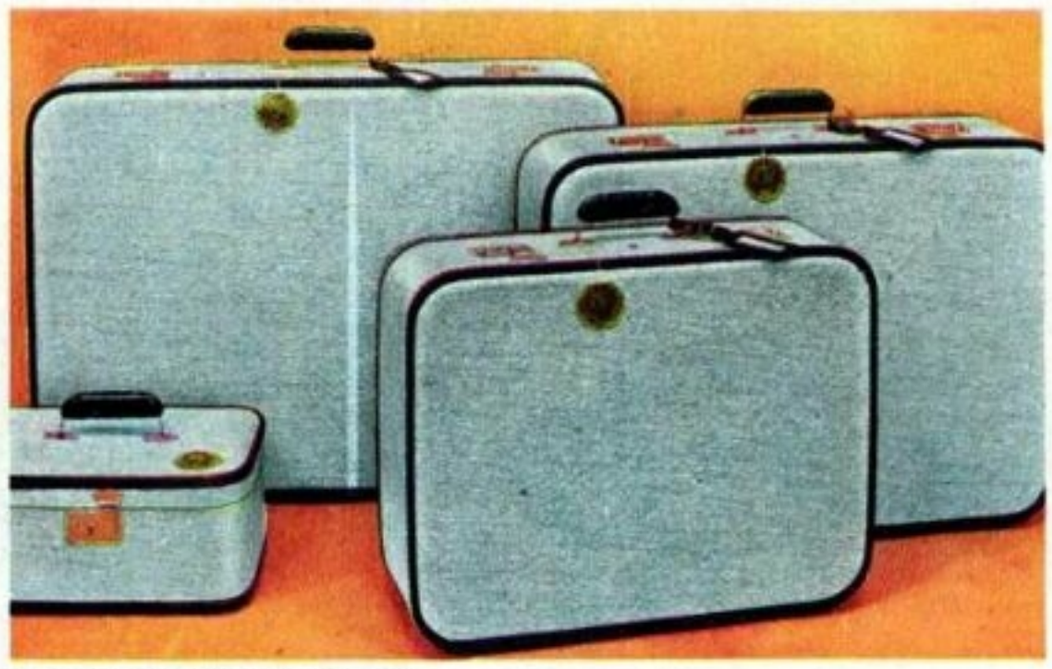
Para a socióloga Marialice Forachi, o problema do jovem não é esconder o corpo, mas justamente mostrá-lo. "Usar roupas e jóias extravagantes é a forma exterior e visível que encontram para serem reconhecidos como jovens." Êles não chegam, porém, a ser irresponsáveis, mas inofensivos. Suas atitudes são agressivas às vêzes, mas não levam a nada. Diz a socióloga: "Nosso jovem das camadas urbanas sofre uma falta de perspectivas. Não pode sequer casar. Então gasta sua mesada em festinhas, cinema, roupas e jóias estranhas. Ainda não tem projetos: o que se exige dêle enquanto jovem? Êle procura encontrar-se e fica perdido. Estas roupas coloridas, estas atitudes chocantes e esquisitas são o reconhecimento dos jovens de que ainda não representam grande coisa como grupo de influências. Que queremos dêles: que sejam adultos? ou que voltem a ser crianças?" FIM

onj. IKA: "Comet" (Patente n.º 04445)

Conj. IKA: "Embaixador" (Patente n.º47012)

Conj. IKA: "Líder" (Patente n.º 47012)

onj. IKA: "Lion" (Patente n.º 04445)



Conj. IKA: "City" (Patente n.º 47012)

Frasqueiras IKA

Tôdas as pessoas que viajam muito dizem que IKA é a melhor mala brasileira. Neste anúncio v. vai ficar sabendo a razão.

malas **IKA** confeccionadas com
***vulkouro**
um produto de qualidade

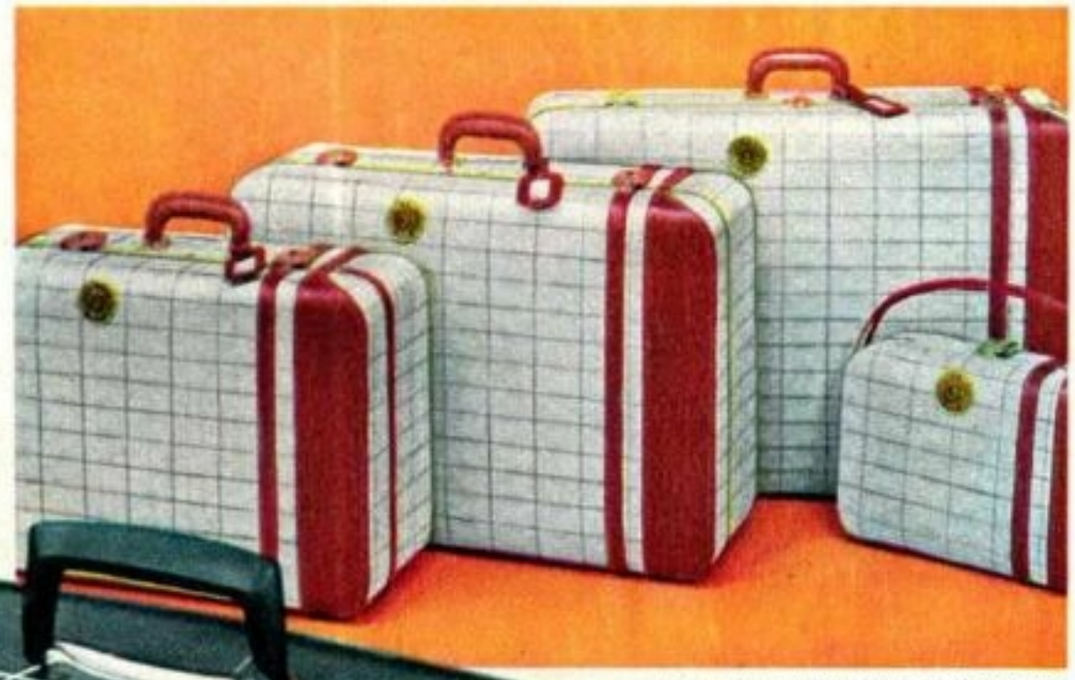
VULCAN

* Plástico Vulkouro - Marca Registrada, 14.100 de 18/10/51 - PR 284.265

LION II

Conj. IKA: "Imperador" (Patente n.º 47012)

Conj. IKA: "Soft-leve" (Patente n.º 47012)



Conj. IKA: "Jóia" (Patente n.º 02543)

Malas IKA para Executivos - Patenteadas

Todos os materiais empregados na fabricação das malas IKA são rigorosamente selecionados e testados. A experiência ensinou à IKA que o revestimento externo de u'a mala só pode ser limpo com um pano úmido, dispensando qualquer céra. A armação, o fórro, a fechadura e a alça também são objetos de um carinho especial dos estilistas da IKA. Todo êsse rigor é que fêz o prestigio da IKA. E, cá entre nós, IKA faz até o impossivel para conservar êsse prestigio!

ika a mala brasileira de classe internacional.

IKA - Irmãos Knopfholz S.A. Ind. e Com. - Caixa Postal, 210 - Teleg. "IKART" - CURITIBA - PARANÁ

Veja bem: tôda a mala IKA tem a marca gravada na fechadura.

ESCRITÓRIOS: RIO DE JANEIRO — Avenida Rio Branco, 156 — 7.º andar — s/ 715 — Edificio Avenida Central SÃO PAULO — Rua Santa Tereza, 20 — 17.º andar — s/ 1714. BELO HORIZONTE — Rua Carijós, 424 s/ 1001. PÔRTO ALEGRE — Av. Otávio Rocha, 116 — 4.º andar — conjunto C. REPRESENTANTES PARA: INTERIOR DE SÃO PAULO — Rua Monsenhor Claro, 18-26 - Jardim Estorial (Baurú). VALE DO PARAÍBA Rua Antônio de Queiroz, 62 (S. Paulo - S.P.). INTERIOR DE MINAS GERAIS — Rua Lindolfo Caetano, 55 (Belo Horizonte). SUL DE MINAS — Rua Marechal Deodoro, 137 (Itajubá). INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL — Rua José do Patrocinio, 103 — 5.º andar — apto. 50 (Pôrto Alegre). ESTADO DO RIO Rua da Conceição, 101 — s/ 612 (Niterói). PERNAMBUCO — ALAGOAS — PARAÍBA — RIO GRANDE DO NORTE — FORTALEZA — Rua Araripina, 80 (Recife - PE.). SERGIPE — Rua Simeão Sobral, 394 (Aracajú). BAHIA — Rua Carlos Gomes, 20/22 — salas 22 e 23 (Salvador). INTERIOR DA BAHIA Avenida Estados Unidos, 3 — 2.º andar — salas 204 e 208 (Salvador). PIAUÍ — MARANHÃO INTERIOR DO CEARÁ — Edificio Moliveira — 1.º andar — s/ 110 (Joazeiro do Norte - CE.). PARÁ Rua 13 de Maio, 220 (Belém). AMAZONAS — Rua Lôbo D Almada, 14 (Manaus). MATO GROSSO Rua 13 de Maio, 212 (Campo Grande). GOIÁS — Rua Rio Verde, 17-A (Goiânia). ESPÍRITO SANTO Rua da Alfândega, 22 — s/ 702 (Vitória). PARANÁ E SANTA CATARINA — Av. Dona Júlia Wanderley, 150. (Setor Brindes) — Rua Mateus Leme, 825 (Curitiba). NEW YORK U.S.A. — Edmund Beyda — 58 Reyam Road — Lynbrook.

COMET

VIVA A MÚSICA - 6 LP - 72 sucessos!
① **SUCESSOS MUSICAIS** - "Os Titulares do Sucesso" - **Arranjos e regência, Maestro Portinho:** Disparada - El Presidente - Vem chegando a madrugada - Strangers in the night - Merci chérie - A partida - A banda - Morrer ou viver - Pare o casamento - Guantanamera - Mamãe passou açúcar ni mim - Upa neguinho. ② **MÚSICA DE JUVENTUDE - "Turma Legal":** Esqueça - The more I see you - Yesterday - Pobre menina - California dreamin's - Submarino amarelo - See you in September - Meu bem - Call me - Monday monday - Here, there and everywhere - Love me, please, love me. ③ **MÚSICA DANÇANTE - "Melody Swing Hits Orchestra" - Arranjos e regência, Hector Lagna Fietta:** Fly me to the moon - Tijuana taxi - A praia - Spanish flea - O Carango - A taste of honey - Tristeza - Et maintenant - Les cornichons - South of the border - Luar de Nápoles - La banda borracha. ④ **MÚSICA BRASILEIRA - "Quinteto de Bossa e Balanço":** Feitiço da vila - Canção de não cantar - Formosa - Olé, olá - Meu refrão - Lá vem o bloco - Se acaso você chegasse - Inútil paisagem - A Rita - Carinhoso - O pato - Máscara negra. ⑤ **MÚSICA DE CINEMA E TV - "Orquestra de Espetáculos" - Arranjos e regência, Hector Lagna Fietta:** Soli - What's new Pussycat - Sete homens de ouro - Zorba - Who's afraid of Virginia Wolf? - O dólar furado - Tema de Lara - The shadow of your smile - Born free - Il silenzio - Chim chim cheree - Theme from the monkees. ⑥ **ROMÂNTICO - "Os Românticos" - Arranjos e regência, Cyro Pereira:** Dear heart - Io ti darò di piú - Maria - Una casa in cima al mondo - And I love her - Moment to moment - Si fa sera - Michelle - Days of wine and roses - Sentimental demais - Cominciamo ad amarci - Walk away.

6 LP de música popular = NCr$ 51,00: **VIVA A MUSICA = NCr$ 33,60** (GANHE NCr$ 17,40)

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR - 6 LP - 76 gravações!
① **MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA - Intérpretes:** Tamba Trio - Sérgio Mendes - Walter Wanderley e outros: Nanã - Primavera - Reza - Chegança - Garôta de Ipanema - Ela é Carioca - A minha namorada... e mais 5 sucessos! ② **MÚSICA DA VELHA GUARDA - Intérpretes:** Lamartine Babo - Ataulfo Alves - Almirante - Silvio Caldas - Aurora Miranda e outros: Se você jurar - Só dando com uma pedra nela - Ai que saudade da Amélia - De papo prô ar - A tua vida é um segrêdo - Pelo telefone - Chão de estrêlas - Atire a primeira pedra... e mais 4 sucessos! ③ **MÚSICA DA JUVENTUDE - Intérpretes:** Os Balanceiros - Mina - Bob Smart - Cocky Mazzetti e outros: Quero que vá tudo prô inferno - Se piangi se ridi - Io che non vivo senza te - Que c'est triste Venize - Il mondo - Ma vie - Abbracciami forte - Escândalo em familia... e mais 4 sucessos - ④ **MÚSICA DANÇANTE - Intérpretes:** Sandoval Dias - Steve Bernard - Cipó e outros: Quando calienta el sol - Around the world - O trovador de Toledo - Love is a many splendored thing - Tequila - Tarde fria - Exodus - Multiplication - Serenade in blue - Noites de Moscou - Murmúrio... e mais 5 sucessos! ⑤ **MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS - Intérprete:** Caesar Giovannini: Al di lá - Beyond the sea - Gigi - Stella by starlight - Mi silent love - Love letters - Tonight - You are beautiful - Stranger on the shore... e mais 3 sucessos! ⑥ **RITMOS E ROMANCE - Intérpretes:** Jankowsky sua Orquestra: The donkey serenade - Get me to the church on time - Sing Song - My yiddische momme - Clair de lune - Toselli serenade - Parlez-moi d'amour - Caroline - Denise... e mais 4 sucessos!

6 LP de mús. pop. = NCr$ 51,00: **RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR = NCr$ 33,60** (GANHE NCr$ 17,40)

ERA UMA VEZ... VOL. 1 - 6 LP - 6 maravilhosas estórias infantis!
① Lady e o Vagabundo. ② Dumbo. ③ Bambi. ④ Estórias do Tio Remus. ⑤ Bobby dos Franciscanos. ⑥ Os Três Porquinhos.

6 LP infantis = NCr$ 51,00: **ERA UMA VEZ... vol. 1 = NCr$ 31,50** (GANHE NCr$ 19,50)

ERA UMA VEZ... VOL. 2 - 6 LP - 11 inesqueciveis contos!
① Peter Pan - Aladim e a Lâmpada Maravilhosa. ② Ali Babá e os 40 Ladrões - Moura Torta. ③ Pinocchio - Gulliver. ④ A Bela Adormecida no Bosque - A Bela e a Fera. ⑤ Chapeuzinho Vermelho - Aventuras de Pedro Malazarte. ⑥ Sindbad, o Marujo.

6 LP infantis = NCr$ 51,00: **ERA UMA VEZ... vol. 2 = NCr$ 31,50** (GANHE NCr$ 19,50)

GÊNIOS DA MÚSICA - 6 LP - 10 peças completas!

Sinfonia Fantástica, op. 14 — BERLIOZ: Orquestra Filarmônica de Berlim. ② Concêrto para piano n.º 2, em fá menor, op. 21 — CHOPIN; Concêrto para piano n.º 2, em lá maior — LISZT: Orquestra Filarmônica de Haia. ③ Concêrto para violoncelo em si bemol maior — BOCCHERINI; Concêrto para violoncelo, em ré maior, op. 101 — HAYDN: Orquestra Sinfônica de Viena. ④ Concêrto n.º 1, para flauta, em sol maior, K. 313; Concêrto n.º 2, para flauta, em ré maior, K. 314 — MOZART: Orquestra Sinfônica de Viena. ⑤ Concêrto para violino em ré maior, op. 61; Romance para violino n.º 2, em fá maior, op. 50 — BEETHOVEN: Orquestra Sinfônica de Haia. ⑥ Suite n.º 1, em dó maior, BWV 1066; Suite n.º 3, em ré maior, BWV 1068 — BACH: Orquestra do Concertgebouw, Amsterdã.

6 LP de mús. clás. = NCr$ 60,00: **GÊNIOS DA MÚSICA = NCr$ 37,80** (GANHE NCr$ 22,20)

CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS - 10 LP - 47 obras primas!

① As quatro estações — VIVALDI. ② Scheherezade — RIMSKI-KORSAKOV; Danças Polovetzianas — BORODIN. ③ Sinfonia Júpiter — MOZART; Aberturas de Egmont, Zur Namensfeier e Coriolano — BEETHOVEN. ④ Concêrto n.º 1, para piano e orquestra — TCHAIKOVSKY; Concêrto n.º 1, para piano e orquestra — LISZT. ⑤ Sinfonia do Nôvo Mundo — DVORAK; O Moldau — SMETANA. ⑥ Concêrto n.º 1, para violino e orquestra de cordas — HAYDN; Divertimentos, K. 137 e K. 138 — MOZART; Concêrto para cravo e orquestra de cordas — GIORDANI. ⑦ Concêrto de Seis Nações — VIVALDI, SWEELINCK, TELEMANN, GRÊTRY, PURCELL, FRANCOEUR. ⑧ Aberturas de Óperas — ROSSINI; Concêrto n.º 4, para violino e orquestra — PAGANINI. ⑨ 14 Valsas — CHOPIN. ⑩ Famosas árias de Óperas — VERDI, PONCHIELLI, ROSSINI, DONIZETTI.

10 LP de mús. clás. = NCr$ 100,00: **CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS = NCr$ 46,20** (GANHE NCr$ 53,80)

Comece hoje sua discoteca comprando 2 ou mais coleções juntas!

Economize:

Mais NCr$ 4,00 na compra de 2
Mais NCr$ 8,00 na compra de 3
Mais NCr$ 12,00 na compra de 4
Mais NCr$ 16,00 na compra de 5
Mais NCr$ 20,00 na compra de 6

(descontos especiais que concedemos, além dos preços anunciados para as nossas coleções)

Preencha e mande-nos, ainda hoje, o cartão pedido.

Exclusividade no Brasil para a

DISCOTECA ABRIL CULTURAL

- sempre maior e melhor!

ABRIL CULTURAL

Os mais velhos dizem dos mais moços: "êles não têm responsabilidade". Os mais moços dizem dos mais velhos: "êles são uns quadrados". Esta briga tem milhares de anos; nasceu assim que o homem resolveu organizar sua primeira tribo. É

O CONFLITO DE GERAÇÕES

Texto de
Carmen da Silva

Desenhos de
Milton Luz

No comêço a solução era eliminar o pai

Já na primeira sociedade de que se tem notícia — a horda primitiva — a rebelião dos moços contra os mais velhos fazia parte do programa. Forte, cheio de si e abusando escandalosamente do pátrio poder, o pai e chefe reservava para seu uso exclusivo tôdas as mulheres da tribo. Tudo ia bem enquanto os filhos eram pequenos e só queriam saber de jogar pelada chutando crânios de animais. Mas chegava o dia em que atingiam o vigor da adolescência; então participavam das excursões de caça, aprendiam a enfrentar e vencer os inimigos — em suma, viravam homens. Aí, lògicamente, queriam desfrutar — no fim da jornada — o grato repouso do guerreiro em braços femininos. Era a hora do conflito com o pai açambarcador. E, sem nenhuma lei que limitasse o monopolismo paterno, os jovens tinham de se impor no peito e na raça. Uniam-se, pois, todos os irmãos e assassinavam o pai, herdando-lhe as viúvas. Êsse, evidentemente, é um exemplo radical.

Nada de nôvo sob o sol

Em nenhuma época da história, porém, foi pacífica a coexistência entre gerações diferentes: elas não se entendem, se estorvam mùtuamente, se entreolham com suspeita, quando não guerreiam abertamente. Não têm em comum nem os hábitos nem a linguagem: o avô tem mêdo de aeroplano e adora escutar suas valsinhas no gramofone; os pais viajam de avião e apreciam um bom fox-trot na vitrola; os filhos sonham em pilotar uma nave espacial equipada com um estéreo que transmita música concreta.

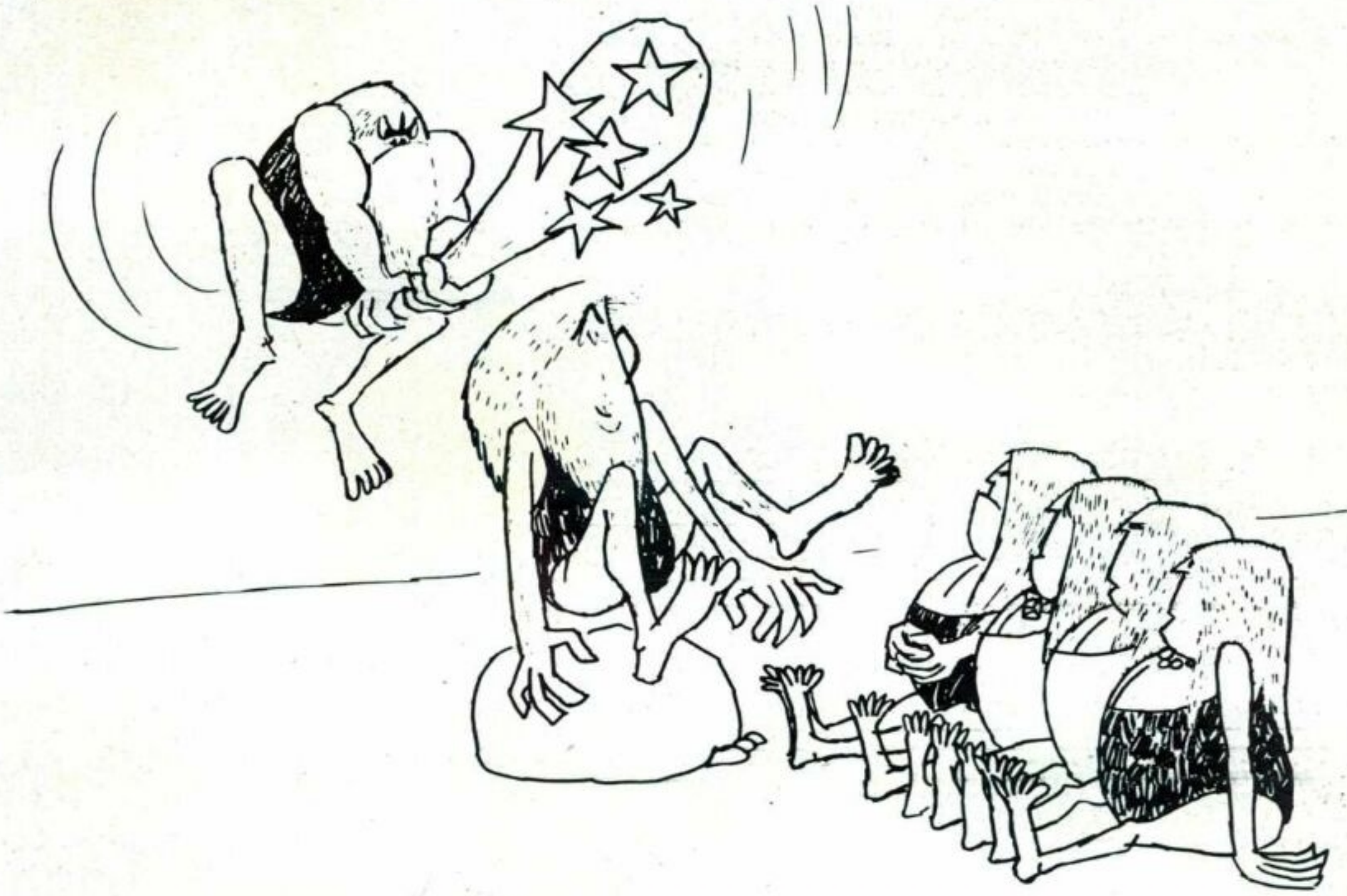
Quanto aos conceitos de moral, razão, justiça, solidariedade, amor — que sempre aparecem nos sermões dos representantes da sociedade adulta — os moços tomam-nos absolutamente a sério. De repente, descobrem, escandalizados, que na prática "as coisas não são bem assim". Que as belas palavras podem ser meras convenções, fórmulas vazias a acobertar concessões, manejos, jôgo de interêsses e até hipocrisia pura e simples.

O conflito ocorre quando os jovens procuram romper com a tradição, criar suas próprias normas de vida, de acôrdo com suas próprias concepções. Enquanto os adultos fazem fôrça para manter os sistemas estabelecidos, os padrões que o tempo consagrou, o mundo-tal-qual-é, ou melhor, tal qual imaginam que foi na já remota época de sua juventude. É a eterna oposição dialética entre o que é dinâmico e o que é estático, revolução e reação — em última análise, vida e morte.

Surpreendentemente, as formas do conflito se repetem através dos séculos e dos milênios. É um punhado de chavões. Vejamos os principais:

O **idealismo** é considerado como uma doença-da-idade, que o tempo há de curar. Para os cidadãos já bem assentados na vida, "idealismo" se confunde com "ingenuidade". Ao mesmo tempo, entretanto, os jovens são acusados de materialismo, descrença e falta de valôres espirituais — isto é, de ideais.

Mocinhos idealistas que tinham "mania de esquerdismo", como dizem os mais velhos, foram dois irmãos que viveram no século III a.C.: Tibério e Caio Graco. Rapazes de família nobre, tribunos da plebe no Senado Romano, os dois lutaram pela renovação das estruturas econômico-sociais de seu tempo. Tibério lançou as bases de uma reforma agrária que prejudicava os interêsses de vários senadores. Caio foi mais longe, ampliando-a e ainda concedendo o direito de cidadania romana a todos os italianos. SEGUE



sabendo que as mulheres adoram variedade de côres e padronagens, Garcia criou muitos tipos de toalhas.

(NÃO É PRECISO EXAGERAR...
MAS V. PODE ESCOLHER UMA, OU DUAS, OU TRÊS,
OU TÔDAS! ESCOLHA!)

JOGOS DE BANHO, CAMA E MESA

Empresa Industrial
GARCIA

BLUMENAU - SC

A PROVA QUE QUALIDADE NÃO CUSTA MAIS

Criança se liberta ao destruir o "rei"

Como sempre acontece quando os "mocinhos idealistas" deixam de fazer barulho inútil nos comícios e passam a realizar algo concreto, some a indulgência paternalista das gerações conservadoras. Tibério é assassinado a pauladas; Caio perseguido como um cão pelas ruas de Roma, mata-se com sua própria espada, para evitar um fim igual.

A **inexperiência:** "êsses mocinhos ainda não conhecem a vida e acham que sabem mais do que nós". A experiência de que os mais velhos se envaidecem, muitas vezes, não é mais do que uma bagagem de preconceitos.

"Tu criticas as pessoas mais idosas como se fôssem mais hábil que elas e mais capaz; e se não o fores, que castigo merece tua presunção?" Assim falava, há 23 séculos, Filipe II, rei da Macedônia, a seu filho Alexandre, que ironizava os esforços inúteis dos cavalariços para domar um cavalo: "Vocês não sabem tratá-lo!" O pai desafiou-o "tente então você mesmo! O fracasso lhe dará uma lição de humildade!" Alexandre percebera que o animal se espantava com a própria sombra projetada no chão; virou-lhe a cabeça para o sol, acalmou-o com afagos e, quando o viu tranqüilo, montou-lhe no lombo e o dominou. Mais tarde, com igual perícia aquêle jovem ia ser chamado Alexandre Magno e dominaria um vastíssimo Império.

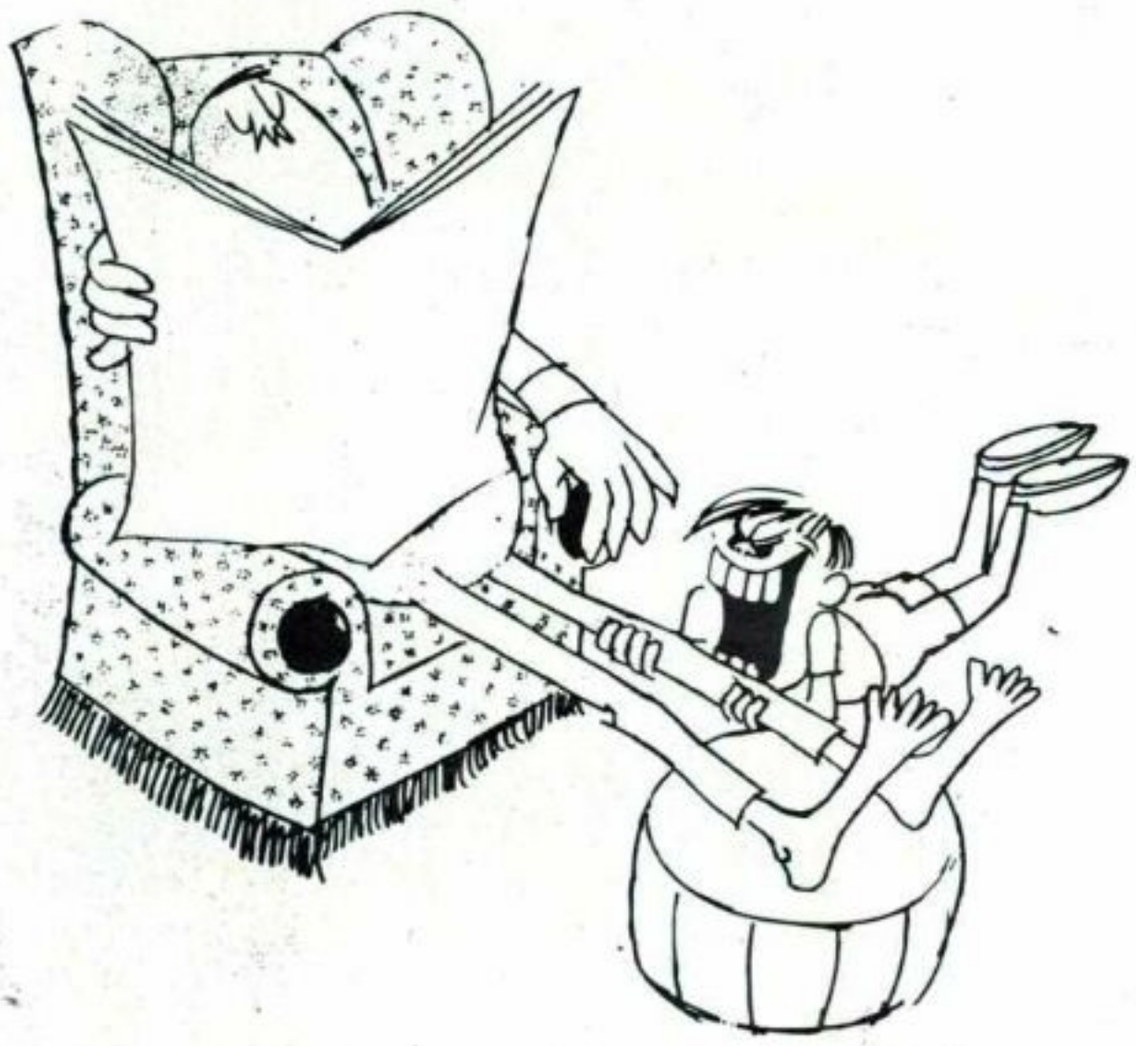
O **desprêzo pela moral, pela tradição e pela religião** — Qualquer tentativa de adaptação a novas necessidades, a novas condições, é automàticamente rotulada de imoralidade e heresia.

Catorze séculos antes de Cristo, um jovem hereje repudiou os deuses de seus pais e inaugurou as religiões monoteístas que hoje imperam no Ocidente. Seu nome era Amenotep IV, e êle proclamou um deus único — Aton, o sol — ao qual dedicou um belíssimo hino. Trinta séculos mais tarde, outro "hereje" — Galileu Galilei — afirmou que o sol é o centro de nosso sistema cósmico — e também viu recair sôbre sua cabeça a condenação dos representantes da ordem estabelecida.

Já em plena Idade Média, uma adolescente de 14 anos desafia os argumentos que seus pais e a sociedade lhe impõem em nome da moral, das convenções e dos tabus familiares. Julieta Capuleto ama Romeu Montecchio, descendente de uma família tradicionalmente inimiga da sua. Como qualquer garôta de hoje, Julieta acha-se no direito de escolher seu noivo, afirmando que cada indivíduo vale pelo que é e não por sua linhagem. O sobrenome do "inimigo" não significa nada para ela: "Montecchio não é pé, não é mão, não é rosto, não é nenhuma parte do homem..." A cena bem poderia ocorrer em nossos dias: "Não é com a família dêle que vou me casar! Êle não tem nome não tem posição — e daí? É dêle que eu gosto!"

Todos os rebeldes do mundo

Qualquer tentativa de inovação, de ruptura dos padrões vigentes, provoca uma crise no seio da sociedade. De um lado, alinham-se os conservadores, condenando a novidade e tratando a todo preço de preservar o sistema preexistente. De outro, os inconformistas, os pensadores originais, os espíritos independentes, batendo-se pela afirmação das doutrinas revolucionárias. Todo movimento progressista que a história da humanidade registra, todo passo adiante — seja qual fôr a idade de seus promotores — é o resultado de um conflito de gerações. No século passado, nasceram quatro homens que puseram em xeque a tradição cultural da época e revolucionaram o pensamento científico de nosso tempo: Darwin, Marx, Freud e Einstein. Nenhum dêles era muito môço ao produzir suas obras fundamentais, mas isso não quer dizer nada: na Inglaterra de hoje, Bertrand Russel, já bem entrado na casa dos 90 anos, continua aderindo e liderando movimentos juvenis de protesto.



A geração "assassina"

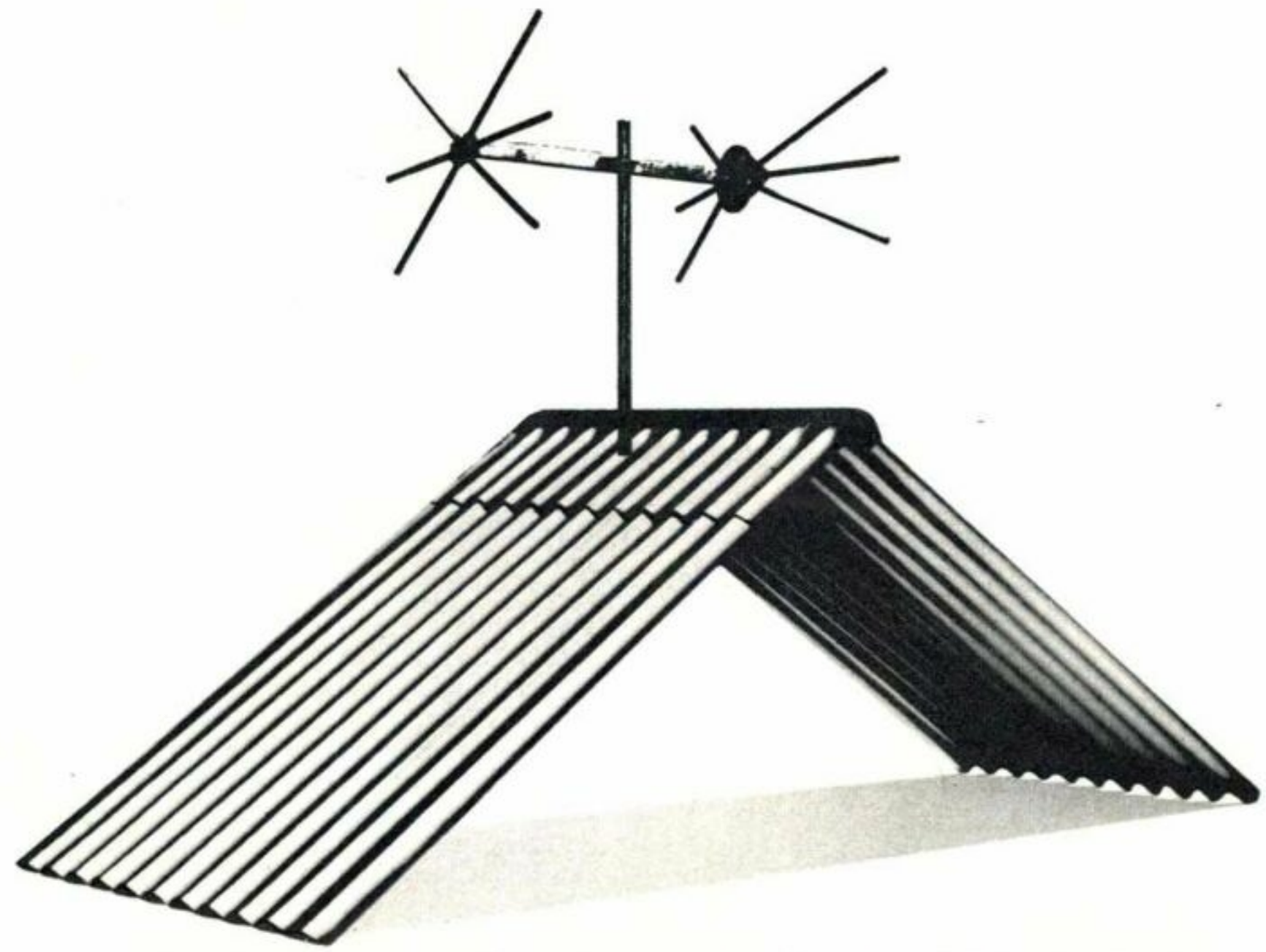
A história e a mitologia nos mostram que o parricídio é **uma etapa** necessária do crescimento. Que ninguém se escandalize: não nos referimos, é claro, ao parricídio concreto (aliás freqüentíssimo entre reis e imperadores, mas já se sabe que essa gente sempre dá maus exemplos), não se trata de matar o pai ou a mãe de carne e osso, mas de destruir simbòlicamente o que êles representam: o calor do ninho, a dependência infantil, a delegação de decisões e responsabilidades, o apêgo à doce e morna segurança do apoio paterno. Não é a presença física dos pais que impede o amadurecimento dos filhos; depois de morto, o rei Claudius, convertido em fantasma, aparece toda noite diante de seu filho Hamlet, perturbando-o, torturando-o, exigindo vingança, até levar o jovem príncipe à loucura que desata uma estéril sangueira sôbre o reino da Dinamarca. Não é também o vínculo afetivo que tem de ser abolido: que se saiba, o amor de verdade nunca atrapalhou a vida de ninguém. É "o fantasma do rei", a imagem psíquica dos pais da infância — poderosos, inatingíveis, proibitivos, cheios de idealização — que precisa ser destruída para que o indivíduo se torne um adulto capaz de criar seus próprios valôres e trilhar seu próprio caminho.

SEGUE

o que é feito de
alumínio é leve e resiste
ao sol, à chuva, a tudo

cada vez mais,
nos telhados, o homem usa

ALUMÍNIO



Lá em cima da nossa casa está uma boa propaganda das qualidades do aluminio. A antena de televisão, sem pintura ou proteção de qualquer espécie, inteirinha de aluminio. E logo abaixo das antenas, hoje a gente vê cada vez mais telhados de aluminio. Principalmente quando o vão livre é grande, ou quando resolvem fazer estruturas e armações mais leves, ou quando pensam nas dores de cabeça que o aluminio evita (desde o transporte de telhas novas até as goteiras dos telhados velhos). E cada vez mais estão pensando nisso tudo: não há telha de aluminio que chegue! Logo abaixo dos telhados a gente vê as esquadrias de aluminio. Janelas bonitas e definitivas... não empenam, não enferrujam, não precisam de pintura. E atrás das janelas de aluminio? Bem, os exemplos não teriam fim. Hoje o aluminio está sendo cada vez mais usado pelos construtores e por todo mundo. Nesse ponto entramos nós, da ALCAN, contribuindo para o maior aproveitamento do aluminio no mundo todo. No Brasil, estamos há cerca de vinte anos (lembra-se da nossa marca Albra?) como fornecedores de aluminio para todos os setores. Hoje, para um telhado ou um parafuso disponha do aluminio ALCAN. Por que não fazer de aluminio? Estamos às suas ordens.

ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A.

ALCAN

Cabelo grande e carrão não é novidade

No parricídio simbólico, o homem corta as amarras infantis, desprende-se e, de certa forma, renasce, filho de sua própria liberdade.

A geração de mãos limpas

Os jovens são impiedosamente lúcidos e ferozmente radicais no ataque ao sistema vigente porque ainda não estão envolvidos nêle, comprometidos com êle. Sua própria mocidade os marginaliza: não participam ainda do processo de produção, vivem às custas dos pais; não têm emprêgo a conservar, família a sustentar, estado social a preservar. Não sentem a pressão e a opressão do mundo, têm apenas uma preocupação pelo sofrimento alheio. Grande parte dos males de sua época não lhes pesa como problema pessoal imediato e sim como ameaça futura. De certo modo, é **de fora** que êles se opõem à sociedade, que desafiam a ordem constituída e acusam as falhas dos mais velhos. Os chamados "espíritos jovens" são aquêles que mantêm a mesma disponibilidade dos anos moços, negando-se a vender os ideais da juventude por um prato de lentilhas; os que, embora instalados numa casa principesca, não esquecem os vastos caminhos do mundo e dizem como Bertolt Brecht: "Agora, como sempre / trago em cima do armário, pronta com meus escritos, / a minha mala de mão".

Significativamente, entre as classes menos favorecidas — cujos membros, em geral, apenas saídos da infância começam a trabalhar, a enfrentar o dia-a-dia — as manifestações de rebeldia têm um caráter mais social do que pròpriamente de gerações. O jovem operário, ou trabalhador rural, tem mais coisas em comum com seus próprios pais do que com os mocinhos da mesma idade mas de condições mais afortunadas.

Nas classes média e alta, porém, a situação do homem feito é completamente diversa da do adolescente. Talvez o sistema econômico seja iníquo, mas é dentro dêle que o adulto obtém seus sustentos e, se fôr o caso, seus privilégios. Talvez as tradições já estejam gritantemente superadas, mas é só dentro delas que o adulto encontra pontos de referência para sua conduta e orientação para educar seus filhos. Talvez as palavras que êle fala e ouve estejam deturpadas, pràticamente esvaziadas de conteúdo: mas êle não conhece outras. Talvez os valôres sociais e culturais estabelecidos sejam decididamente do passado, mas é nêles que o adulto se formou, é nêles que encontra um núcleo, embora mínimo, de segurança. O jovem vive ainda no vácuo: para povoá-lo, aspira construir algo que valha a pena. Por sua vez, a geração mais velha, mais ou menos consciente de pisar um solo instável, uma estrutura lançada sôbre fundamentos precários porque desvinculados da realidade, pressente que a quebra de um só dos sustentáculos, a derrubada de uma única viga, implicaria no risco do desmoronamento total de seu mundo. E ela tem o que perder, para ela não se trataria de encher um incômodo vácuo, mas de nêle recair, abrindo mão de tudo e recomeçando a partir de zero. Daí sua apavorada defesa contra tudo o que signifique novidade.

Para sua sorte, são êles, os mais velhos, os que detêm a riqueza, o poder — inclusive o pátrio-poder — e manejam as complicadas alavancas da sociedade. Êles dispõem de um vasto arsenal para opor ao ímpeto renovador dos jovens. Êles contam com a autoridade, a ciência oficial, a indústria, os meios de difusão. Tanto podem coagir como sabotar.

Um cantor que era uma brasa

Vamos falar de um cantor irresistível e divino. Dêle diz um cronista: "Cantou repetidas vêzes durante vários dias seguidos. A mais de cinco mil adolescentes ensinou diferentes maneiras de aplaudir, como a dos "bombos", a dos "tijolos furados" e a dos "cacos". **Enquanto cantava, meninos notáveis pela cabeleira abundantíssima e o singular modo de vestir, bem como pelo anel que traziam na mão esquerda,** prestavam-lhe serviços". Em seu carrão, levando na cabeça e aos pés as múltiplas coroas que seu talento de cantor lhe valera, disparava pelas ruas, seguido por uma imensa comitiva "em ovações e aos gritos".

Podia ter ocorrido hoje, pode ocorrer logo à noite. Tem um sabor atualíssimo e muitos leitores jovens já estarão tratando de descobrir que bossa é essa dos "bombos, cacos e tijolos furados". Pois bem, a cena acima, descrita por Suetônio, aconteceu no ano 64 da era cristã. O carrão era uma luxuosa biga puxada por cavalos brancos enfeitados de ouro. E lá ia o "divino cantor", arrastando atrás de si extravagantes e frenéticas multidões juvenis. Seu nome: Nero Cláudio César, Imperador de Roma. Não tocava guitarra elétrica, tocava lira, enquanto Roma ardia num grande incêndio e tudo o mais ia pro inferno. Nero era uma brasa, mora.

Uma repassada nos episódios da história não faria mal aos adolescentes modernos que acreditam ter encontrado formas "diferentes" de extravasar sua rebeldia contra o mundo quadrado dos mais velhos.

SEGUE

Mas o que há de nôvo?

Mas então, se tudo, absolutamente tudo o que se vê hoje em dia é mera repetição do passado, como se explica tanta preocupação com a mocidade atual, tanta pesquisa. tanta manchete, tanta "onda"? É que o nôvo é o contexto cultural. E êsse não é, de nenhum modo, um dado secundário. É preciso levar em conta a realidade do mundo de hoje para termos uma visão mais objetiva da rebeldia juvenil tal como ela se apresenta na atualidade.

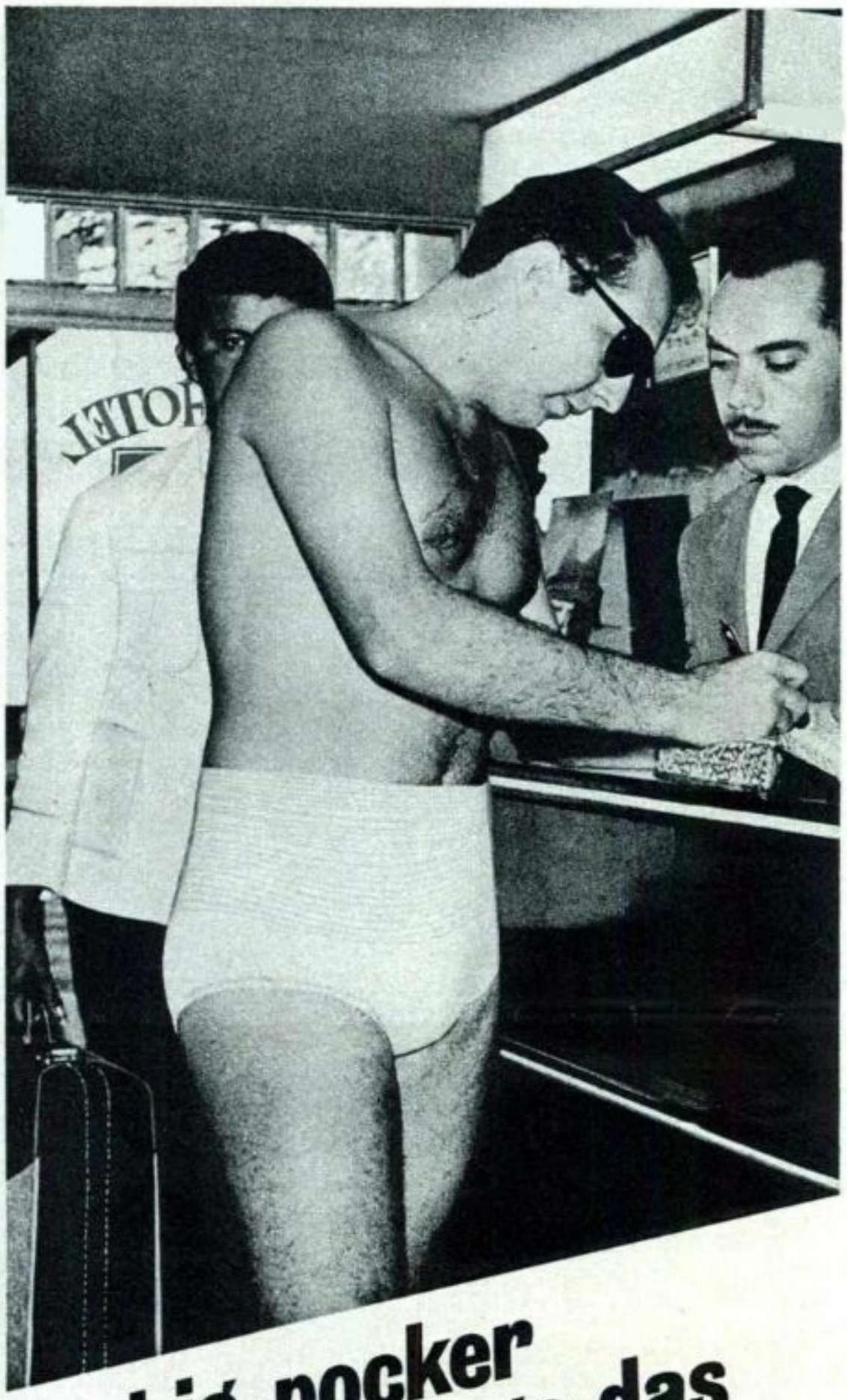
Por discrição ou por pose, podemos ignorar como vive nosso vizinho de apartamento; mas a imprensa nos mostra como vive o remoto habitante da selva africana ou do iglu ártico. Bibliotecas, museus, laboratórios e arquivos põem a nosso alcance a experiência milenar dos homens, desde a luta do primitivo, até a sofisticadíssima tradução do universo em fórmulas matemáticas. E por falar em fórmulas, sabemos de alguns botões que, apertados, fariam voar pelos ares meia humanidade. E isso tem sua importância.

Para as novas gerações, atualmente, já não se trata apenas de afirmar que os mais velhos são rotineiros, quadrados e chatos. Há muito mais do que isso a dizer sôbre os indivíduos cujos dedos, precisamente, podem apertar — ou não — aquêles terríveis botões.

É certo que os jovens Neros de hoje e seus entusiásticos seguidores não vão muito além da insurreição exterior, superficial, restrita. Contudo, convém não nos iludirmos: suas atitudes estão provocando algumas mudanças — e isso sempre desata reações em cadeia.

Mas os Amenoteps, os Gracos, os Tibérios de nossos dias. — isto é, os jovens cuja rebeldia realmente põe em questão as estruturas vigentes — acham-se ante opções definitivas e que envolvem a humanidade inteira: pão ou fome, liberdade ou escravidão, amor ou ódio, sobrevivência ou morte.

FIM



big-pocker entra no jôgo das roupas de viagem

Com um só Big-Pocker você pode viajar dias à fio, porque Big-Pocker lava e seca ràpidamente. Feito em fio Helanca, é macio e confortável em tôdas as condições – e economiza espaço. Pense nisso na hora de arrumar a mala. Afinal, você vai viajar ou fazer carreto de bagagens?

Se você quer algo ainda mais simples, use o Mini-Pocker – a sunga do homem avançado!

Big Pocker

À venda nas casas de artigos masculinos.

Produzido por Fábrica Leila Ltda.
Rua Oratório, 554 – S. Paulo.

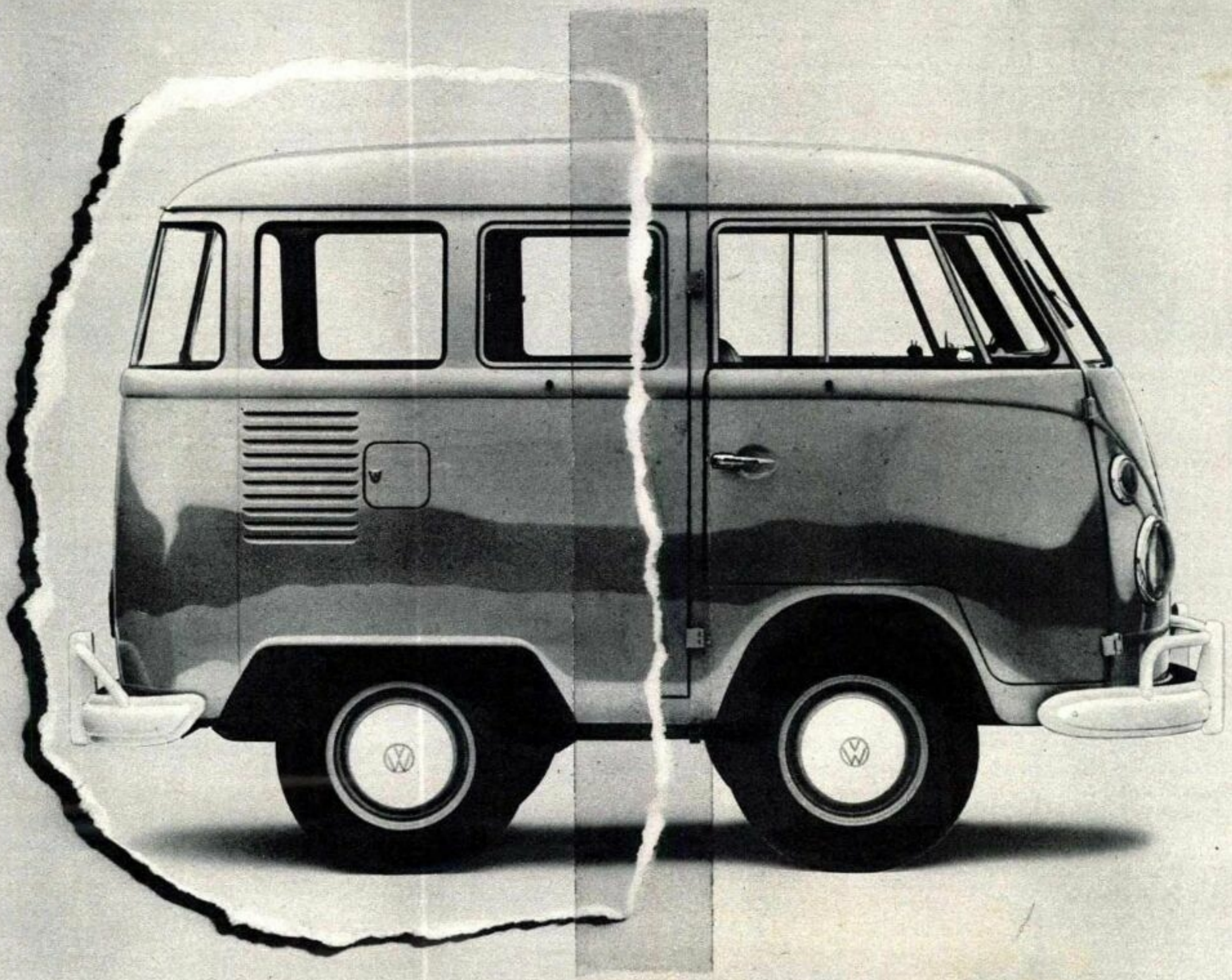
Grupo de Propaganda

Quero lembrar êste momento...

Como é maravilhoso poder lembrar – e ser lembrado! Basta o "click", e um momento como êste fica retido para sempre – para ser vivido e revivido através dos anos. E não é para isto mesmo que os filmes Kodak são feitos?

Os filmes Kodak Ektachrome e Kodachrome produzem "slides" vivos e brilhantes. Para cópias em côres, utilize o filme Kodacolor. Procure o seu Revendedor Kodak.

Kodak



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Pronto. Agora o espaço para carga da Kombi ficou igual ao das outras camionetas.

Dêsse jeito, a Kombi não pode carregar uma tonelada de carga, como é natural.

Agora ela transporta menos.

Como as outras.

Mas, mesmo cortando, não foi possível igualar completamente a Kombi Volkswagen às outras camionetas.

Porque ela continua tendo motor que nunca ferve.

E fazendo mais economia do que as outras: no óleo, na gasolina e no número de vêzes que vai à oficina.

Sua mecânica continua sendo Volkswagen, a mais simples que existe.

E continua transportando a carga na melhor zona de suspensão: entre os eixos.

Ao contrário das outras camionetas.

Além disso, a Kombi tem duas portas laterais que se abrem ao nível da calçada.

O que facilita carregar e descarregar.

É claro que, cortada dêsse jeito, ela não poderia ter duas portas amplas assim.

Outra vantagem da Kombi, independente de estar menor, é ter vão livre de 23 cm.

Por isso, continua sem problemas com atoleiros, facões de estrada etc.

Quando v. junta tudo isso, parece que é difícil igualar as outras camionetas à Kombi Volkswagen.

Mesmo cortando a Kombi.

POR QUE os COMPUTADORES BURROUGHS B são mais INTELIGENTES

Há vários anos, em todo o mundo, equipes Burroughs de experiência incalculável se especializaram em transmitir aos computadores a sua própria inteligência. E conseguiram isto através de programas prèviamente preparados que, sem ônus para os usuários, integram os computadores Burroughs, dando-lhes a mais elevada "capacidade intelectual". É o extraordinário "software" Burroughs, a inteligência na máquina.

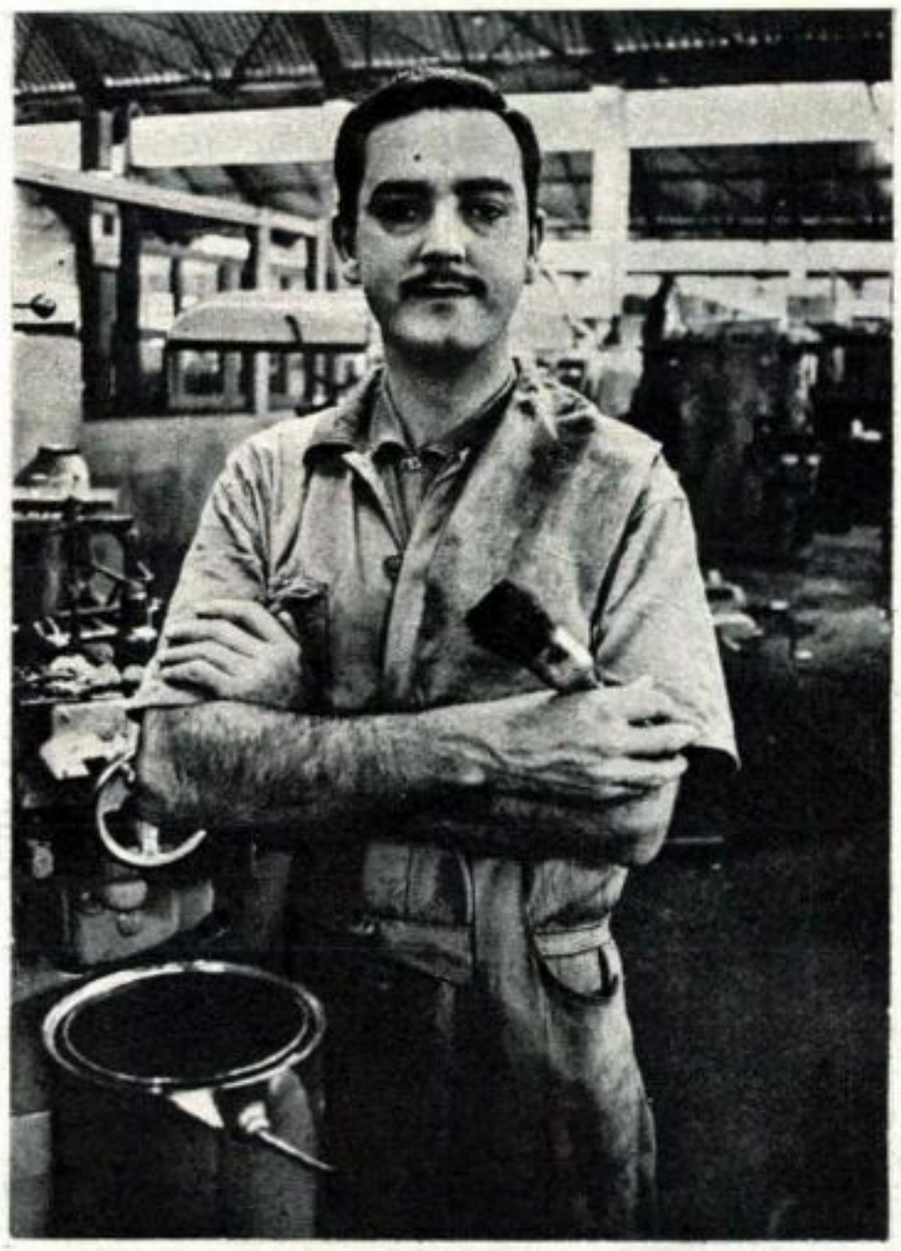
Compiladores Cobol, Algol e Fortran, que transformam essas poderosas linguagens simbólicas em linguagem reconhecivel pela máquina: Programas Genéricos de Classificação em Discos ou Fitas Magnéticas: Programa Montador Avançado e o fabuloso Sistema Operacional, que minimiza a extremos a intervenção humana, que possibilita a autoprogramação e o contrôle ótimo das operações de multiprocessamento, são exemplos da extraordinária Programação de Apoio dos computadores Burroughs.

Se as mais eficientes equipes de Programadores e analistas tentassem isoladamente elaborar um "software" — dar alma a um computador — sòmente o custo dessa programação tornaria a tarefa irrealizável. Os Burroughs já trazem essa alma do berço. Basta contratar a máquina.

Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

o jovem OPERÁRIO



O repórter Hamilton Ribeiro arrancou do guarda-roupa sua calça mais velha, conseguiu um paletó surrado, juntou alguns outros objetos de uso pessoal e se despediu da família. Durante três semanas, êle ia trocar seu apartamento no centro de São Paulo por uma pensão humilde num bairro afastado. Ia trocar de vida. Ia se transformar num operário, viver a experiência do jovem que trabalha em nossas fábricas. Hamilton Ribeiro conseguiu um emprêgo de bombeiro, cargo que está ao nível de faxineiro ou vigia, isto é, não exige especialização. Ganhou um macacão e passou a levantar de madrugada, para bater o ponto às sete horas e ficar dentro de uma fábrica até as cinco e meia da tarde, cuidando de extintores e convivendo com centenas de operários. Mas antes de poder sentir como se comporta nosso jovem, como se diverte, o que pensa do mundo, da vida, Hamilton Ribeiro viveu outra experiência: a de procurar emprêgo. Era necessário encontrar uma emprêsa que não fôsse nem muito grande, nem muito pequena. E o repórter acabou descobrindo, então, para começar, que é muito pequeno o número de emprêsas que estão admitindo novos empregados; e que é muito difícil um jovem sem especialização encontrar serviço.

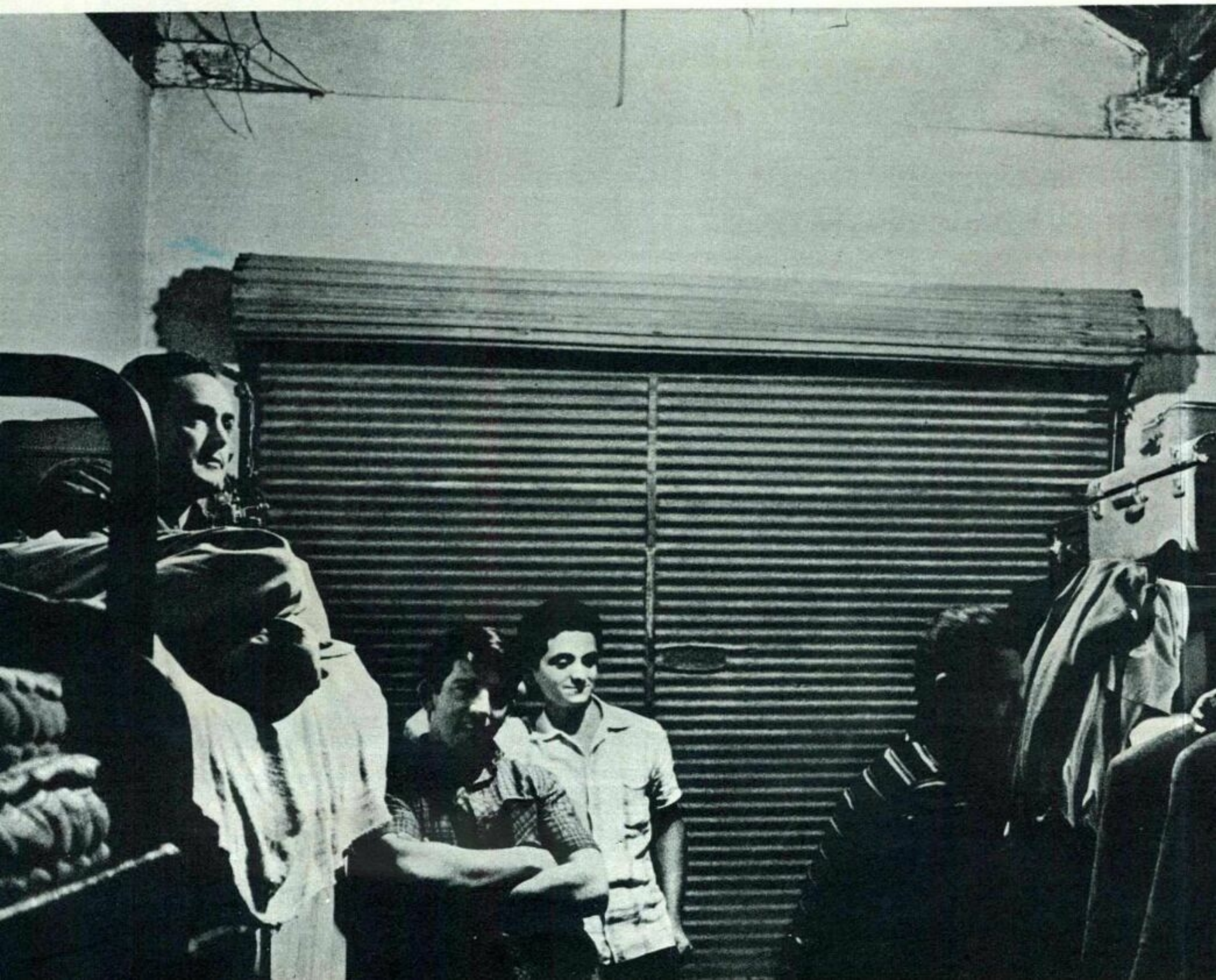
EU FUI UM SIMPLES OPERÁRIO

Seu Dilermando, chefe da seção em que vou trabalhar, reúne o pessoal:

— O Hamílton vai ser o nosso bombeiro. Ficará responsável pela manutenção dos extintores e das faixas de incêndio. Peço que vocês ajudem, se êle precisar de alguma coisa.

Recebo um armário com chave, um macacão, uma bota de borracha, um espanador, tinta e pincel. A primeira tarefa é conhecer a fábrica, localizar os extintores e ver se estão em ordem. Depois, repintar as faixas existentes na parede e no chão, marcando os espaços que devem ficar desocupados, para que esteja sempre livre o acesso aos extintores. Noto que êles estão sujos, empoeirados e salpicados de branco, pois o prédio da fábrica foi caiado há pouco tempo. As faixas vermelhas, apagadas, mal aparecem. Há muita coisa a fazer, portanto. Escolho, para começar, a ala dos equipamentos pesados, a maior e mais **populosa** da fábrica.

Como sou bombeiro, posso circular à vontade e conhecer gente de tôdas as seções. Levo o trabalho a sério, porém, e evito olhar muito para o pessoal, pelo menos no princípio, achando que é mais importante êles se acostumarem comigo do que eu com êles. Minha primeira manhã passa logo e, quase na hora do almôço, sinto que tudo correu bem. Estou limpando um extintor colocado bem no alto de uma coluna quando alguém me toca nas costas. É um velho simpático, de boné, bigodes imensos:



— Faltam só cinco minutos para o almôço. O senhor já pode guardar as ferramentas e ir lavar as mãos que já já toca o sinal.

Na fila do refeitório, entro junto com êle. É o meu primeiro conhecido, mas, como percebo que já tem quase 60 anos, só quero saber dêle se há uma pensão de rapazes por perto, onde eu também possa morar. Todos o chamam de **seu** Pedro Lituano. Sentamo-nos lado a lado no refeitório:

— Sabe que já lhe puseram apelido? "Espanador de Estrêlas"... A turma gosta muito de brincar.

Seu Pedro diz que estou certo por querer morar numa pensão perto da fábrica. Ganharei alguns minutos de sono tôda manhã e não terei despesas de condução. Êle me conta:

— Moro em Santo André e, para chegar aqui às sete horas, levanto-me às quatro. Preciso tomar três conduções. Um ônibus de casa até a estação de trem, o subúrbio de Santo André até a Lapa, e depois tomo outro ônibus, até aqui. Gasto nisso um conto e duzentos por dia.

Pedro Lituano trabalha há 29 anos e agora está esperando a hora de se aposentar daqui a seis anos:

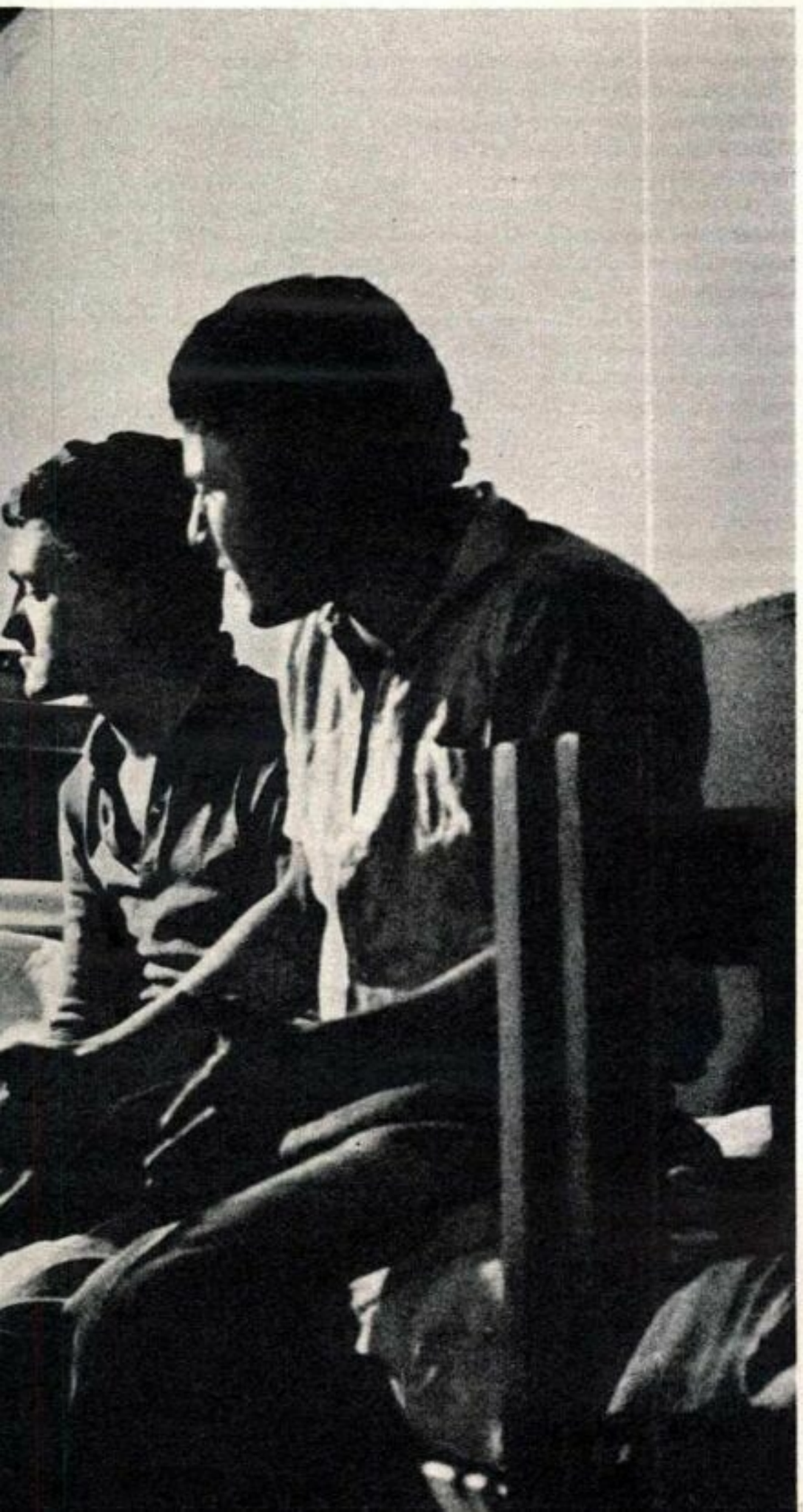
— Sair de casa às quatro, voltar às nove da noite caindo de cansado, para ganhar 200 contos, não é mesmo um grande negócio, o senhor não acha?

Quanto à pensão, **seu** Pedro dá uma pista boa: Nemias, um rapaz da seção de banhos químicos das peças de motor, mora numa delas e pode me dar informações certas. Assim que acabamos de almoçar, êle mesmo me acompanha até o Nemias. A resposta do rapaz me anima:

— Tem uma vaga justamente no meu quarto, se o senhor quiser. É pensão de pobre, mas é limpa. Somos em sete num cômodo. Todos trabalham, ninguém bebe nem faz farra.

Com 25 anos, simpático e otimista, Nemias fica logo íntimo. Veio do interior de São Paulo. Aprendeu seu ofício numa fábrica, e depois montou oficina própria, com um sócio. A firma não agüentou a crise, êle voltou a ser operário, mas espera ser patrão outra vez, quando a situação do país melhorar. Procura render o mais que pode, para ganhar a confiança dos chefes, pois vê nêles seus futuros fregueses.

Diz que dona Teresa, a mulher da pensão, é muito boa, mas cobra adiantado: 20 mil a cama e 30 mil a janta. Desculpa-se por não poder acompanhar-me até à pensão, pois só vai sair às oito e meia da noite: está fazendo horas extras. Mas o João Português, que também mora lá, pode ir comigo. Leva-me até a seção de enrolamento de motores e eu combino com o João Português para sairmos juntos.



Ninguém lê jornal

João Matias, 23 anos, é português, mas não conhece Portugal. Nasceu na Ilha dos Açores e veio para o Brasil há dois anos. Fêz lá até o quinto ano primário e agora estuda à noite, mecânica e inglês. Dos sete operários que vão ser meus companheiros de quarto, é o único que estuda. Tem um sonho:

— Vou para a Inglaterra no fim do ano.

Noto **seu** Pedro, após me apresentar a Nemias, conversando numa roda de mais de dez pessoas, até que toca o sinal marcando o fim da hora do almôço. Só êle falava. No outro dia eu iria saber a razão. Na sua ala, onde trabalham mais de 120 pessoas, êle é o único que lê jornal diàriamente. Quando há algum acontecimento extraordinário, o pessoal o rodeia, para saber sua opinião. Nesse dia, o assunto era a morte do ex-presidente Castelo Branco e **seu** Pedro estava mais falador que nunca: êle entende bastante de aeronáutica, e até já trabalhou numa fábrica de aviões.

Com o passar dos dias, eu iria verificar que realmente a coisa mais difícil era ver um jornal na fábrica. Só após algum grande jôgo é que apareciam jornais esportivos.

— Operário só compra jornal quando está procurando emprêgo — diz Nemias.

Após o almôço ainda há mais uma folga, antes de terminar o dia: é às duas e meia, quando passa um cafèzinho por tôda a fábrica. Os bules são colocados sôbre algumas mesas, de espaço em espaço. O pessoal deixa o trabalho e se reúne em volta delas para se servir e conversar ràpidamente. Como é quarta-feira, dia de Loteria Federal, ouço um dêles comentar:

— Vocês viram? Deu cobra no segundo prêmio. É a primeira vez, êste ano, que eu ganho alguma coisinha.

A pausa do café é de dois a quatro minutos, e logo o trabalho recomeça. Volto à minha tarefa, mas, por falta de hábito de levantar cedo, já estou bem cansado. Além disso, tirar os extintores dos pinos de sustentação, colocá-los no chão, espaná-los, limpar a faixa vermelha e recolocá-los no lugar é uma ginástica sueca a que não estou acostumado. Dou uma espiada geral e vejo que todo mundo trabalha normalmente, com a mesma disposição de antes do almôço. Isso me reanima um pouco e recomeço o serviço, com novas esperanças, mas o tempo não passa de jeito nenhum. São quatro horas, estou cada vez mais pregado. Então me ocorre uma **saída:** ir ao banheiro, sentar-me, e ficar lá uma meia hora, descansando. Não esperava pela decepção: as bacias não têm assento; são as chamadas **privadas turcas,** dessas em que a gente tem de se equilibrar de cócoras, bem ruins para quem quer matar tempo. Lavo o rosto, pelo menos, e na saída do banheiro o Nemias me espera:

— Sabe o que estão dizendo? Que você é investigador da firma, e que essa história de espanador e um paninho não engana mais. Tem uns caras dizendo que vão te acertar.

Ensaio uma resposta violenta mas, no meio, invento que sou do interior, passei vários anos esperando um emprêgo público, e tinha-me decidido, agora, a enfrentar a dureza.

SEGUE

Na fábrica, só o trabalho faz passar o tempo

Nemias se dispõe a ser meu **advogado** perante os companheiros e eu lhe pergunto o nome dos colegas que querem me "acertar", para que eu possa me explicar com êles.

— Isso não faço, colega. Não costumo entregar ninguém.

Nemias volta para a sua seção e eu fico só, no imenso salão. Todos trabalham normalmente mas parece que estão me medindo, da cabeça aos pés. **Seu** Pedro Lituano ajeita uma chapa de aço no tôrno elétrico, dá com os olhos em mim e não sorri, como fêz de outras vêzes. Sinto-me isolado e, por um momento, penso no estranho poder que a massa tem. Se êles quisessem de fato me "acertar", seria coisa bem fácil. E não haveria defesa possível.

Percebo, então, que apesar do cansaço não estou realmente **fazendo** nada. Resolvo partir para algo mais pesado: pintar no chão e nas paredes as faixas de incêndio e, em tôdas as colunas, criar novas faixas e setas de sinalização. Vou procurar tinta, pincel, barbante e régua, mas nem chego a começar: soa o sinal de saída. Acabo de aprender que na fábrica, a única coisa que faz o tempo passar é o trabalho.

As leis da pensão

João Português me espera na saída, conforme o combinado. Quem o vê agora, de japona azul e sapatos lustrando, não imagina que minutos antes era o operário de macacão sujo, que montava um motor de locomotiva. Êle leva tudo a sério e pensa muito antes de falar. Quer saber quanto eu ganho.

— Quatrocentos e cinqüenta por hora, como todos da seção. Vai dar uns 105 por mês.

Êle me recomenda cuidado ao usar o dinheiro, para não acontecer como acontece a muitos: uma cervejada num dia, depois duas semanas de bolsos vazios. Diz que seu salário — 120 cruzeiros novos — tem destino sempre certo: pensão (quarto e janta), 50 cruzeiros novos; almôço na fábrica, 15; escola, oito; cigarros (um maço cada dois dias), 7,50; ônibus para a escola, oito; um lanche, de manhã, seis; farmácia, sabonete, pasta, desodorante, lâminas, graxa de sapato, cinco; um corte de cabelo, um.

Isso dá pouco mais de 100 cruzeiros. Sobram uns 20 para o resto: um passeio na cidade no fim de semana, um cinema, um chopinho lá de vez em quando, uma ou outra peça de roupa que precisa ir para o tintureiro (êle mesmo lava as camisas, cuecas, meias e calças comuns) e, quando a coisa aperta, comprar uma roupa ou um sapato.

João Português diz que podia conseguir, como os outros, mais uns 50 ou 60 mil cruzeiros por mês fazendo hora extra, mas aí teria de sair da escola e isso êle não quer.

Chegando à pensão, êle chama dona Teresa e nós três vamos ver o quarto. É uma garagem de carro, nos fundos, com um guarda-roupa quebrado de cada lado e quatro beliches. A porta é de aço, dessas de correr, não há janela nem fôrro. Não são ainda sete horas, mas numa das camas já dorme um rapaz, enrolado no cobertor.

— É o padeiro. Êle começa a trabalhar à meia-noite — explica dona Teresa. Ela procura ser protetora e simpática:

— Tem uma coisa, **seu** Hamílton, no senhor não pode receber ninguém aqui. Se alguma pessoa vier procurá-lo, o senhor atende lá fora. A gente faz assim para o bem de todos, para que um não incomode o descanso dos outros.

Aceito as condições — inclusive o pagamento adiantado — e saio para "apanhar a mala", que disse ter deixado na casa de um parente. Quando chego de volta, às nove e meia, cinco camas já estão ocupadas. O padeiro continua dormindo, apesar da conversa e do radinho a pilha ligado num jôgo do Corintians. João Português, o dono do rádio, ocupa uma cama do alto. Embaixo está o Nemias. Ao lado do Português, também no alto, está um rapaz lendo gibi — Zé Carlos — o mais alegre e mais ruidoso de todos. Atrás dêles, no próximo beliche, eu durmo em cima, e Reginaldo, um pernambucano de 20 anos, embaixo. Os ocupantes do outro beliche — Paulinho e Lourenço — ainda não chegaram.

No radinho, o locutor anuncia que o Corintians ganha por um a zero. O Português, então, fala para todos ouvirem:

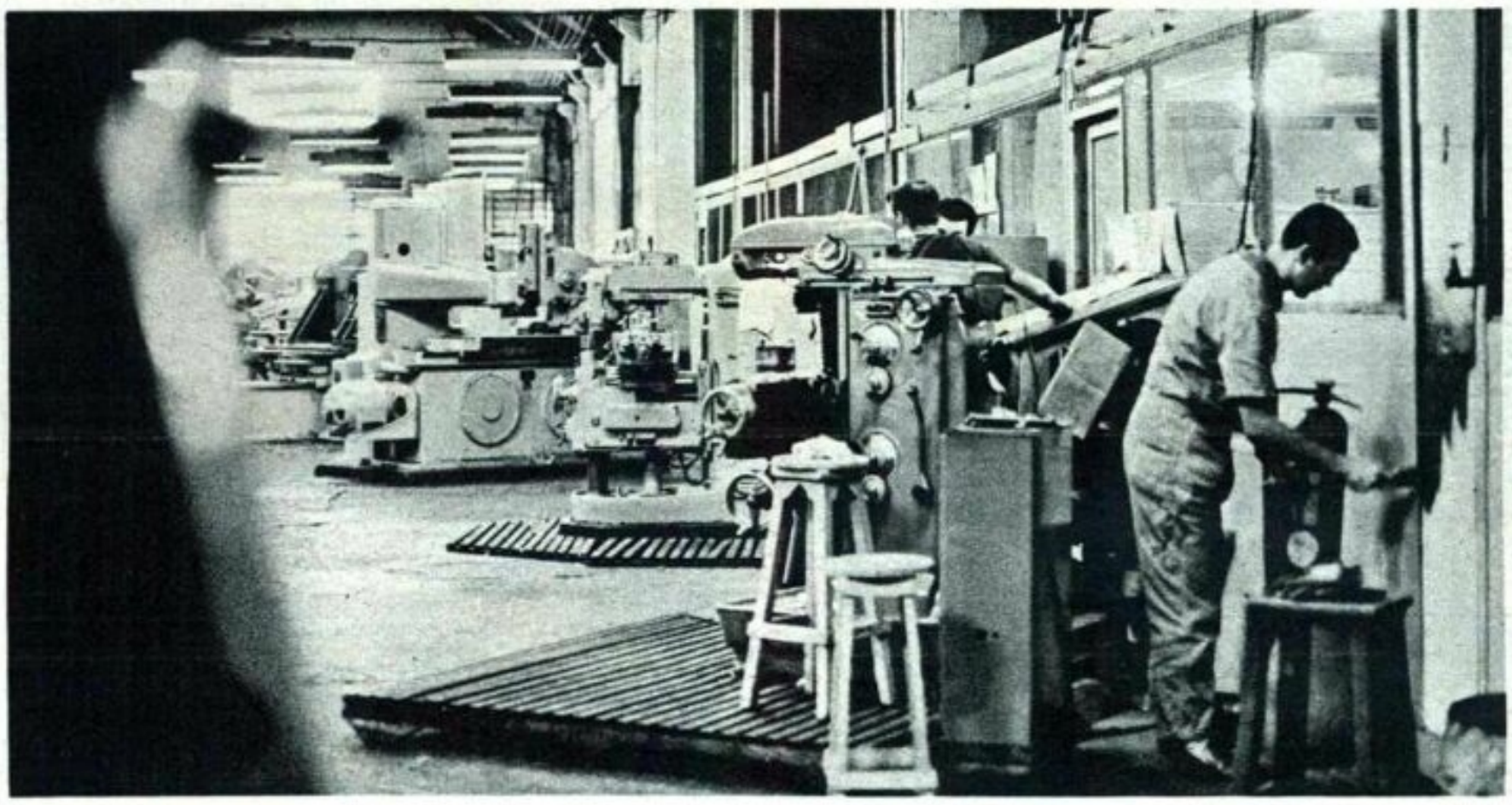
— Vocês sabem que eu não gosto de futebol. O rádio só está ligado por causa de vocês. Mas tem um negócio: vocês vão me ajudar a comprar outras pilhas. Certo?

Todos discutem a proposta e Reginaldo, em cuja fábrica há uma cooperativa, fica encarregado de ver em quanto fica a despesa. Zé Carlos diz que mais de 50 cruzeiros êle não dá; Nemias afirma que, por êle, o rádio nunca seria ligado.

Há muito que estou na cama mas não consigo me acomodar por causa do frio. Cada um só tem direito a um lençol e um cobertor dêsses marronzinhos, que a turma chama de "tomara que amanheça". A porta de correr enguiçou e fica aberta a uns 40 centímetros do chão, deixando um buraco por onde entra constantemente uma corrente de ar frio. Nemias resolve ir ao banheiro, ergue a porta e um vento frio invade o quarto. Visto, sôbre o pijama, uma calça e uma camisa, ponho meias, uso a toalha de banho como colcha, e volto para a cama. Melhora um pouco. Aí Nemias volta do banheiro, abre outra vez a porta, e nova onda gelada entra no quarto. O jôgo continua. Quando acontece o segundo gol do Corintians, Zé Carlos comemora aos gritos. O padeiro acorda, Nemias me apresenta a êle. Fala muito, mas de uma coisa só: as suas conquistas.

— Vocês sabem aquela negrinha da esquina? Está com onda de namôro pra cima de mim, mas eu dobro ela, vocês vão ver. Vê se eu estou em idade de namorar!

SEGUE



Nosso operário jovem tem alguns sonhos. Um dêles é ser patrão algum dia. Quase não lê jornais, entende muito pouco de política e luta com dificuldades quando precisa arrumar emprêgo.

O sonho de Paulinho: ser artista de televisão

O padeiro resolve ir ao tanque lavar o rosto e outra vez a porta range, fazendo entrar mais frio. Daí cinco minutos, lá vem êle de volta: mais barulho e mais vento frio. Enquanto êle ajeita o cabelo no espelho, todos o agradam para ficar com seu cobertor. Reginaldo ganha a parada e o padeiro promete que no outro dia emprestará ao Zé Carlos. Êste agradece, satisfeito. O padeiro finalmente vai embora, novamente a porta dá o ar de sua desgraça, mas logo o Português desliga o rádio, apaga a luz, o silêncio desce sôbre o quarto de uma vez. Estou quase dormindo, em paz, quando ouço um barulhão: é a porta mais uma vez, agora aberta violentamente até em cima, com seu rangido e sua lufada de frio. São os dois retardatários, chegando de um ofício protestante. Um dêles, Lourenço, é crente, e de vez em quando leva à igreja um dos companheiros de quarto, para ver se o converte. Quando acendem a luz, Zé Carlos reclama aos berros e Lourenço responde brincando, com voz de pregador:

— Desculpem, irmãos. Deus há de abençoá-los. Durmam bem.

Eu dormi.

Segundo dia, mais trabalho

O radinho do Português é o nosso despertador também. Êle deixa o aparelho regulado para jogar ao ar, às 6h15, um programa de música caipira, em que o locutor grita a hora certa de minuto em minuto: "atenção, hora certa, certinha, presente do Conhaque Palhinha — são seis horas e dezessete minutos". Só o Zé Carlos não se levanta — êle pega às oito. Como há apenas uma torneira no tanque, estabeleceu-se uma escala para lavar o rosto. Por ser o mais nôvo na casa, sou escalado para pular da cama primeiro. Apronto-me ràpidamente e digo que vou esperar o Português e Nemias no bar em frente. Está escuro ainda. Tomo a minha média com pão e manteiga e logo êles aparecem, com um aviso:

— Nós não gostamos dêste bar. Além do pão ser pequeno, o homem põe mais café do que leite na média.

Mais perto da fábrica há outro bar onde êles param. Nemias toma uma média. O Português compra um pão com sardinha e o leva embrulhado, explicando:

— Às nove horas passa o café na fábrica, e então eu como êste lanche.

Um pouquinho antes das sete nós batemos o cartão, e aí nos separamos — vai cada um para o seu setor. O Departamento do Pessoal ainda não me entregou os vales de almôço e, para comer no primeiro dia, tinha pedido um vale emprestado ao Jarbinhas, rapaz de 20 anos, que trabalha na funilaria. Êle vem agora ao meu encontro:

— Olha, colega, eu estou duro e preciso de um dinheiro para comprar remédio pro garôto. Você não quer comprar dez vales de almôço? Eu faço por cinco contos.

Aceito o negócio, mas lhe pago o preço real: 6.500 cruzeiros. Cada vale custa 650 cruzeiros, descontados no pagamento. Uma vez que ninguém recebe vales em dôbro, pergunto como é que êle vai comer nos próximos dez dias.

— Trazendo marmita, como fazem outros.

Hoje estou disposto a trabalhar mais, para desfazer aquela onda de "investigador da firma". E mando tinta, faixa atrás de faixa, coluna atrás de coluna. Na hora do almôço, dou jeito de sentar-me outra vez ao lado de **seu** Pedro Lituano e êle conversa bastante comigo. A simpatia de hoje compensa o sorriso que me negou ontem. O Alemão da seção de pintura me localiza na mesa e faz um gesto de amizade. Êle me vira em dificuldades hoje cedo para acertar os cantos das faixas com o pincel e me ensinara como se fazia.

A sociedade anônima

Volto depois do almôço a pintar faixas, avisos de "Não use êste espaço" e, às quatro e meia, começa outra vez a perseguição do relógio. **Faço hora** à vontade mas o ponteiro não sai do lugar. Resolvo então andar um pouco, para examinar a situação dos extintores na ferramentaria. Vou depois ao depósito e lá encontro o Antoninho, um mulato vivo e espirituoso. Êle me mostra num canto uma pilha de tábuas largas, novas, que, segundo me diz, vão ser queimadas como lixo. Conta que tem um terreno mas nunca pôde construir sua casinha, por falta de dinheiro. Tem mulher e três filhos, ganha salário mínimo e paga 40 mil de aluguel.

— Quando vi essas **taubas,** imaginei elas armadinhas, com janela e tudo, no meu terreno. E então eu ia ter minha casa.

Antoninho namorou as tábuas muito tempo, mas não achava jeito de pedi-las ao chefe. Sentia que o homem ia negá-las.

— Aí veio uma chance. Teve uma reunião de aumento de produtividade e o diretor disse que nossa firma é sociedade **anômina** quer dizer, não tem **um só dono.** Tem muitos, e os empregados também são um pouco donos: quanto mais produção a firma der, mais nós ganhamos e participamos da riqueza geral.

Antoninho entendeu a seu modo a explicação da sociedade anônima e se armou de coragem para pedir as tábuas ao chefe. Mas o homem negou mesmo. Argumentou que a firma não podia dar uma coisa a um, porque aí tinha de dar a todos e virava a maior confusão. Antoninho não entendeu a desculpa até hoje, e me diz desconsolado:

— Bem que êle podia dar. Se o negócio de sociedade **anômina** é verdade mesmo, por que não posso levar a minha parte em **taubas** para fazer um barraco?

São cinco e meia, preparo-me para ir embora. O João Português vem me avisar que hoje não vai sair às 5h36. Seus dois cursos entraram em férias e êle vai fazer hora extra até às 8h36. Uma boa parte do pessoal faz êsse horário, não só para receber mais no fim do mês, como também para jantar mais barato na fábrica. Vou sòzinho para a pensão e já encontro lá o Zé Carlos. Dezenove anos, alto e simpático, êle está a tôda hora discutindo, chamando os outros de "trouxa" e "otário", mas quando alguém se zanga êle gasta meia hora pedindo desculpa e jurando amizade. Tem vergonha do lugar onde mora e diz que só irá à sua cidade, no interior, quando tiver um terno nôvo e dinheiro no bôlso. Fica bravo quando o Nemias, de brincadeira, diz que somos todos "piãozada".

— Eu não sou pião. Sou es-cri-tu-rá-rio, tá bom?

Zé Carlos trabalhava na prensa, serviço pesado, mas um dia houve jôgo de solteiros e casados e êle, que já foi profissional, fêz um sucesso no gol. Convidaram-no para jogar no time da fábrica e, de prêmio, arranjaram para êle trabalhar no escritório. É por isso que êle entra às oito. Espera fazer carreira na fábrica e até diz que já ouviu alguém falar que êle tem jeito para chefe. Mas ainda falta muito:

— Tôda hora estão dizendo que a minha letra é ruim e que quando eu faço números ninguém sabe se é um ou sete, se é três ou oito.

Conta muitas vantagens com mulheres, diz que já **ganhou** tôdas as meninas da fábrica, mas também confessa que seu grande sonho é chegar um dia numa casinha bem limpa e dizer à namorada que ficou no interior:

— Querida, êste é o nosso lar.

Chega Paulinho, e Zé Carlos interrompe as confidências. Paulinho também é do interior, está em São Paulo há cinco anos. Veio com 16, mas, para poder trabalhar, aumentou a idade de dois anos. Hoje, oficialmente, tem 23, mas uma certa tristeza no olhar dá-lhe aparência até de mais.

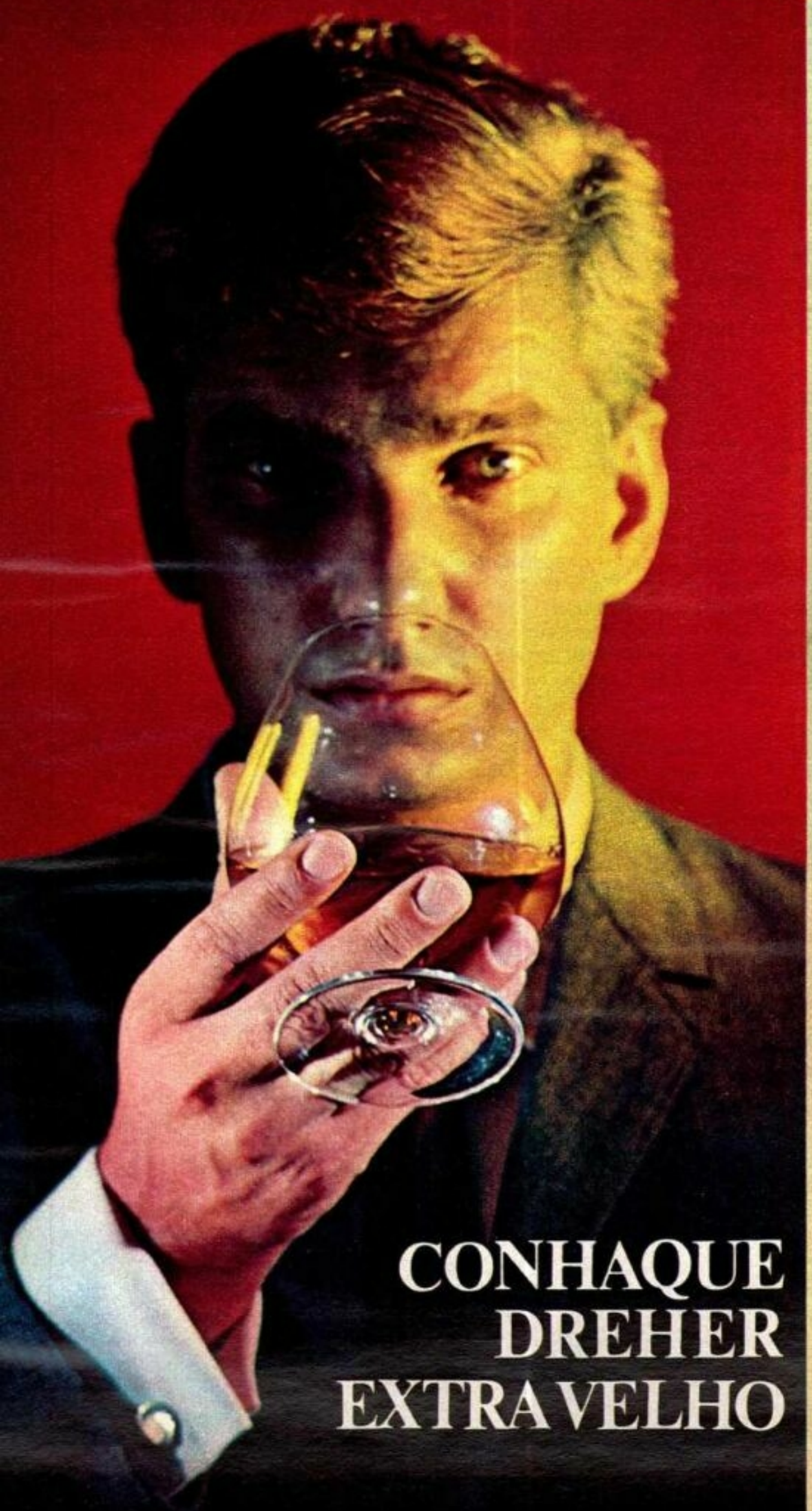
Paulinho compõe músicas — já tem mais de 30, entre boleros e iê-iê-iê e espera um dia trabalhar na televisão. Escolheu um nome artístico Póli Méier — e, com êle, já tentou várias vêzes inscrever-se no programa de calouros do Chacrinha. Não perde um, "para ir conhecendo as **mancadas** do programa e não ficar muito nervoso na hora". Pergunto se êle já ganhou alguma coisa na televisão.

— Ganhei um saco de cebolas na Hora da Buzina. E vendi para a dona Teresa, por cinco mil.

Por influência de Paulinho, ir aos programas de auditório é a grande distração do pessoal. Já estão todos acertados para ir à Hora da Buzina no próximo sábado e eu combino de ir também. Só se gasta a passagem do ônibus; a entrada é de graça. Zé Carlos diz que o programa começa às oito, mas temos de estar lá às seis e meia, na fila, se não a gente acaba sentando muito atrás e nem tem chance de ganhar os prêmios que são jogados para o auditório.

SEGUE

V. está certo quando pede Dreher

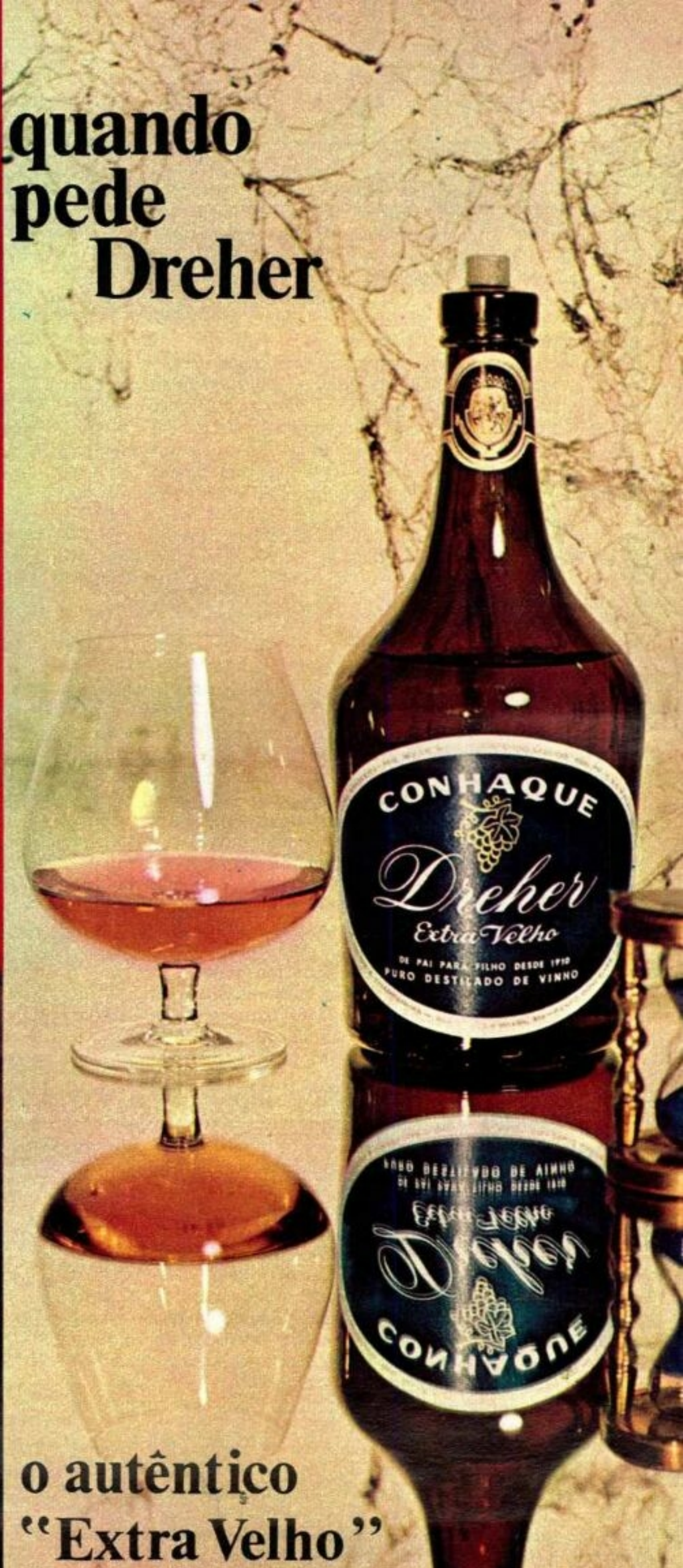


CONHAQUE DREHER EXTRA VELHO

Envelhecido lentamente, com segredos de elaboração que se transmitem de pai para filho, o Conhaque Dreher é o legítimo "Extra Velho" apreciado pelos mais exigentes conhecedores.

QUEM CONHECE PEDE DREHER

DE PAI PARA FILHO DESDE 1910



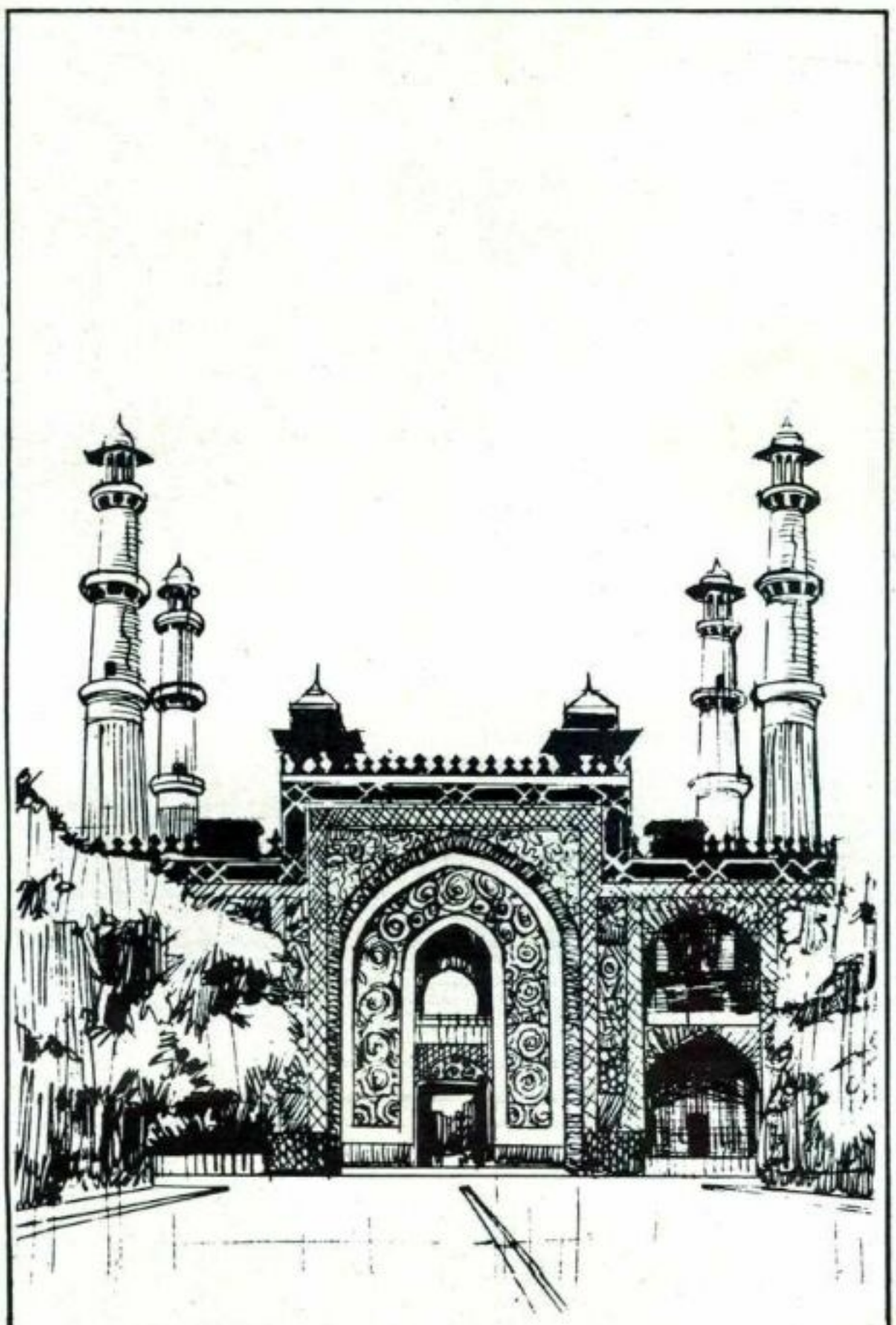
o autêntico "Extra Velho"

HÁ UM LAÇO QUE UNE VOCÊ A ESTA SIGLA

Olhe esta sigla F&R. Ela tem muita relação com o seu dia-a-dia. Pela manhã, no café, está presente em seu pão, gostoso e macio, com os Fermentos Fleischmann. Depois, ao almôço, comparece na forma de sobremesa, Gelatinas, Pudins, Manjar ou Flan Royal. No lanche, à tarde, tantas vêzes o bôlo, que o Fermento em Pó Royal faz suave, leve, delicioso. (Ou no Chá das 5, quando F&R marca sua presença com o Chá Tender Leaf). F&R também em seus preferidos Refrescos Royal. O laço que une F&R a você chama-se qualidade. (Ainda pela exportação de café e Chá Tender Leaf, F&R contribui para a economia do País. E com o patrocínio de Bôlsas de Estudo — contribui para a formação de jovens brasileiros).

F&R
FLEISCHMANN
ROYAL

F.&R.-507/66



Temos filiais no Jeddah, em Dubai, Nimba, Cebu Kuala Lumpur. Quanto mais nos lugares com que você já comercia.

Milhares de firmas em dezenas de países precisam de fibras, couros, resinas, minerais, madeiras, produtos manufaturados em geral. Sirva-se do City Bank para obter informações e realizar os seus negócios de importação e exportação. Faça das filiais do City Bank no mundo inteiro uma extensão da sua emprêsa. Estamos às ordens.

FIRST NATIONAL CITY BANK
NEW YORK

Filiais em: Belo Horizonte • Brasília • Campinas • Curitiba • Pôrto Alegre • Recife • Rio de Janeiro • Salvador • Santos • São Paulo

71.257

OPERÁRIO CONTINUAÇÃO

Festa: ir à cidade

Vamos jantar e mais uma vez saboreamos o prato-feito de dona Teresa; quanto à quantidade, ninguém há de reclamar. Voltamos ao quarto e lá estão o Português, Nemias, Reginaldo e Lourenço. Forma-se um bate-papo animado, e vou colocando algumas questões. Ninguém sabe me dizer quem é Hélio Fernandes, e o que fêz para estar há vários dias no cabeçalho dos jornais. O assunto passa para mulher e casamento, e todos reagem quando eu pergunto se alguém se casaria com uma mulher que não fôsse virgem: nenhum dêles aceita a idéia. Cada um espera ter um certo número de filhos, mas nenhum acha justo usar qualquer recurso para evitar a gravidez. Nemias explica:

— Deus dá os filhos conforme o cobertor. A gente não pode fazer nada para impedir que êles nasçam. Não há casais que gostariam de ter ao menos uma criança e Deus não lhes dá nenhuma?

Todos concordam. Nemias já foi pregador do Exército da Salvação, mas hoje, por gostar de um cigarrinho e de um aperitivo nos domingos, anda afastado da igreja. Guarda a mesma fé, no entanto.

O trabalho de sexta-feira, na fábrica, corre sem incidentes. Vou pintando as minhas faixas com calma, para não agravar o calo que o pincel fêz no meu dedo e também para o serviço **render** até a outra semana. Fico torcendo para o tempo passar logo, pois combinei sair à noite com o Lourenço e o Reginaldo. Êles não vão trabalhar amanhã e assim podemos fazer um programa tranqüilo. Quando chego à pensão, já encontro o Lourenço pronto.

— Hoje é o dia mais infeliz da minha vida. Completo 22 anos, estou sem um tostão no bôlso e não tenho, aqui em São Paulo, nenhum parente.

Brinco com êle, ofereço cinco mil emprestados e digo que vamos tomar uma cervejada para comemorar.

— Eu não bebo, a religião não permite.

Forço a conversa para vários lados e êle começa a sair da angústia. Conta que está passando uns dias amargos na fábrica. Tem quatro anos de casa e percebe que estão querendo mandá-lo embora, sem pagar direitos. Já lhe arranjaram uma suspensão e estão ameaçando outra. Aconselhado por amigos, entrou para o sindicato, mas agora está preocupado, porque ouviu dizer que o operário só tem direito a advogado de graça depois de seis meses de sindicalizado. Digo-lhe que isso é mentira, êle se reconforta, mas está com mêdo:

— Se me mandarem embora vai ser duro. Um rapaz lá da igreja me disse que só uma fábrica está admitindo gente e que aparecem lá mais de mil desempregados por dia.

As mulheres no portão

Chega o Reginaldo e nós vamos jantar. Às oito e meia tomamos o ônibus para a cidade e Lourenço, agora bem falante, se oferece para ser o nosso guia.

— Faz seis meses que eu sou crente, mas ainda estou por dentro das melhores **bôcas** da cidade. Vão por mim.

Reginaldo fêz um vale na firma e diz que tem dinheiro para gastar à vontade. Descemos no largo do Arouche e começamos a percorrer a pé a chamada **área do lixo** de São Paulo. De tempos em tempos, Lourenço avisa:

— Dentro daquele portão garanto que está cheio de mulheres. Querem ver?

A gente passava em frente e via, de fato, as mulheres lá dentro, chamando e fazendo sinais. Reginaldo mostrou vontade de ir com uma delas; Lourenço se dispôs a ser intermediário. Conversava com as mulheres e voltava.

— Aqui é nove mil, você topa?

Reginaldo achava muito e nós continuávamos em busca de outros portões de ferro. Num outro era seis, e Reginaldo ainda não quis. Lourenço achou um de cinco, êle se interessou.

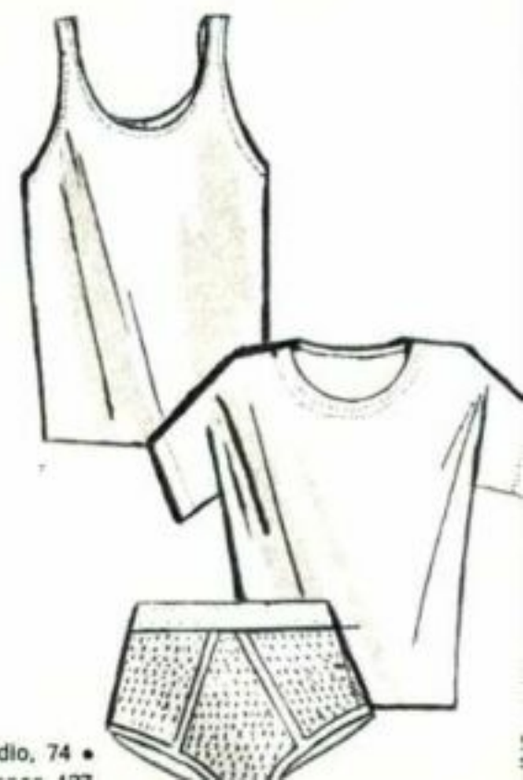
— Olha aquela de azul. Se ela quiser quatro mil, eu vou.

Lourenço foi parlamentar e veio com a resposta afirmativa. Fomos então para um boteco em frente, porque Reginaldo queria tomar "meio copo de coragem", antes de afundar portão adentro. Ficamos ali esperando e Reginaldo apareceu logo depois. Estava contrariado, não tivera "coragem":

— Vocês não contam pra ninguém lá na pensão, tá? SEGUE

Razão, cada qual tem a sua... Êste prefere a camiseta Hering, simples ou com meia-manga, para proteger da transpiração a camisa social. Aquêle, para "não se resfriar"... Outros, para a prática do tênis e de outros esportes. Muitos, como simples camisa esportiva, justa no corpo, desenhando o tórax, discreta, elegante, indeformável. Mas todos têm uma razão em comum, que os leva a preferir também as cuecas V-8: a qualidade Hering.

debaixo da elegância, confôrto...



malhas hering

OS DOIS PEIXINHOS GARANTEM QUALIDADE

® INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING
BLUMENAU - SANTA CATARINA

DISTRIBUIDORES: **São Paulo:** COMALHAS S/A, R. Vitória, 50 - CIA. TÊXTIL SANTA CATARINA, R. Aurora, 283 • **Guanabara:** Comercial Joto S/A, R. do Lavradio, 74 •

APOSTILAS PARA CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES
CONCURSO: FISCAL RENDAS INTERNAS

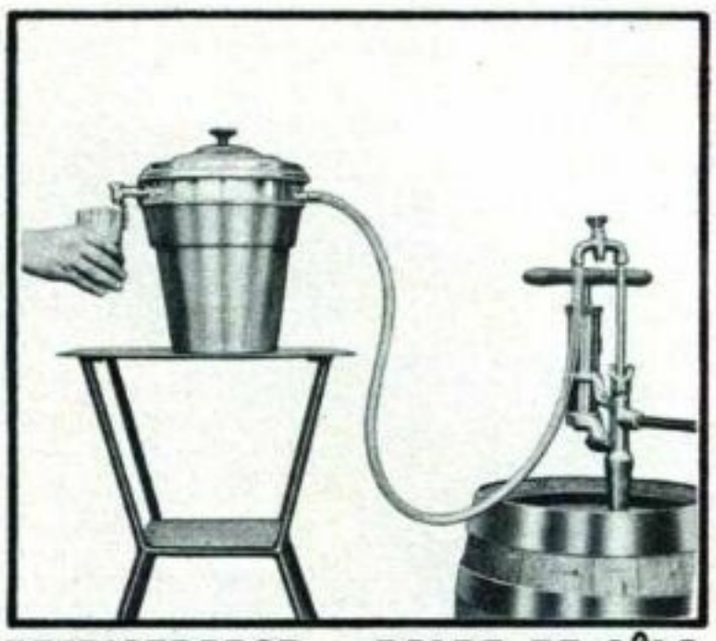
Ex-Fiscal do Imposto de Consumo. Inscrições serão abertas brevemente. Ambos os sexos. Idade: 18 a 40 anos. Sem Diploma. Disciplinas: Português, Matemática, Estatística, Geografia Econômica e do Brasil, Legislação Fiscal do IPI, atualizadíssimo, Contabilidade Geral, Industrial e Pública, Direito Financeiro, Tributário, Comercial, Civil, Penal, Constitucional e Administrativo. Apostilas adaptadas à Constituição de 1967. Reformas administrativas, Decreto-Lei n.º 200, e demais leis novas. Vencimentos acima de um mil cruzeiros novos e participação nas multas. Perfeito serviço de reembôlso postal e aéreo para todo o Brasil. Prêço NCr$ 45,00 e mais porte de reembôlso.
LEX CURSO – Rua Barão de Paranapiacaba, 25 – 10.º andar. Caixa Postal 1497 – São Paulo.

	NCr$
Fiscal de Rendas Internas, Ex Consumo	45,00
Fiscal Rendas Federal ou Estadual	45,00
Fiscal I.A.A. ou Aduaneiro	45,00
Fiscal de Previdência	45,00
Banco do Brasil	25,00
Exator Federal ou Estadual	45,00
Oficial de Justiça	30,00
Escrevente de Cartório	20,00
Investigador de Polícia	30,00
Delegado de Polícia	30,00
Escrivão de Polícia	30,00
Especialista da Aeronáutica	25,00
Sargento das Armas ou Col. Naval	25,00
Cadetes do Exército ou do Ar	25,00
Postalista ou Telegrafista	20,00
Operador Postal DCT	20,00
Caixa Econômica Federal	25,00
Português com Gramática Expositiva e Literatura Brasileira	20,00
Direito Financeiro e Civil	20,00
Direito Comercial e Administrativo	20,00
Noções Gerais de Direito	20,00
Psicol. e Psicopat. Forense: Criminolog.	10,00
Investigação Policial	10,00
Vestibular Filosofia	45,00
Magistratura	70,00
Auxiliar Judiciário T.R.T.	30,00

	NCr$
Vestibular Agronomia	120,00
Vestibular Direito	45,00
Vestibular Ciências Econômicas	45,00
Vestib. Odont. ou Farmácia	120,00
Vestibular Veterinária	120,00
Vestib. Administr. Emprêsa	45,00
Madureza Ginasial	25,00
Clássico ou Científico	45,00
Escrivão Exatoria Federal	30,00
Ofic. Administr. Ministério Militar	30,00
Oficial Administrativo DAPC	30,00
Carteiro do D.C.T.	15,00
Advogado do Estado	30,00
Escriturário do DAPC	20,00
Oficial Administrativo do DCT	30,00
Volume Psicologia e Lógica	10,00
Coleção História Civilização	20,00
Ingresso Magistério Primário	30,00
Contabilidade e Perícia	20,00
Química, Física, e Biologia	30,00
Prática Inquérito Policial	15,00
História do Brasil	15,00
Processo Civil e Penal	20,00
Botânica, Citologia e Biologia	30,00
Física, Mecânica Geral	20,00
Promotoria	70,00
Vestibular Medicina ou Engenharia	120,00

ATENDE-SE POR REEMBOLSO OU PESSOALMENTE
DESPESAS DE REEMBOLSO CORRE POR CONTA DO COMPRADOR

LEX CURSO
Clementino Rocha - Diretor
RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, 25 - 10.º ANDAR - TELEFONE: 70-3775
CAIXA POSTAL 1.497 - SÃO PAULO



REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO

RECORDE

GELA: CHOPES
CHAMPANHA • UISQUE • VINHO
ÁGUA • LEITE • SUCOS

na hora de servir, você terá seu chopes ou qualquer outra bebida servida a 0.º C. Muito mais gostosa, gelada instantâneamente ao atravessar o REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO RECORDE.

METALÚRGICA RECORDE
J. M. FERNANDES S. A.
R. dos Gusmões, 118 - Tel. 34-4900 - S. Paulo

Domingo: o descanso

Aceitou um pouco de guaraná — era a bebida de comemoração do aniversário de Lourenço — e depois seguimos para a esquina da av. Ipiranga com São João. Olhamos cartazes de cinema, comemos quibe com garapa, examinamos os luminosos e comentamos as mulheres bonitas.

— Acho que eu nunca vou ter uma mulher dessas — diz o Reginaldo.

Fomos caminhando devagar para a praça Ramos, olhando vitrinas das grandes lojas, e às onze e meia tomamos o ônibus.

Programa de fim de semana

No sábado, Nemias, o Português e Paulinho vão trabalhar normalmente, até as quatro da tarde. Lourenço segue para a igreja e só volta à noite. Zé Carlos vai jogar futebol, o padeiro dorme e só Reginaldo e eu ficamos por ali, à toa. Êle então me pede para ir com êle à rua José Paulino comprar um blusão ou uma japona. Continua fazendo frio e êle está aborrecido de usar todo dia o mesmo paletó. Batemos a rua José Paulino quase inteira e não achamos nada no preço que êle quer — até nove mil. Finalmente o môço de uma loja pergunta se a gente não quer examinar as peças defeituosas. Diz que, às vêzes, uma peça de roupa sai da fábrica com um defeitinho de nada, que quase nem aparece, mas o bastante para fazer seu preço cair. Mostra diversos blusões ao Reginaldo e êle se interessa por um de plástico, prêto e branco. O defeito é uma mancha branca na lapela, e o môço da loja diz que a falha pode ser escondida com o distintivo de um clube de futebol. Reginaldo compra-o por oito mil e já sai vestido, todo orgulhoso. Mas a tôda hora leva a mão à lapela, para tapar a mancha. Voltamos de trem para casa, de ôlho no relógio para não perder o almôço. À medida que os outros vão chegando, combinamos a hora de ir para o programa do Chacrinha. Só Nemias, que é noivo não vai.

— Vou assistir pela televisão, todo gostoso, de mão dada com Helena.

Dona Teresa concorda em deixar nosso prato no fogão para a gente jantar na volta. Começa a chover mas ninguém desiste. Chegamos à estação de TV pouco depois das seis e meia, mas a fila já é grande e, afinal, só arranjamos lugar com muita dificuldade, assim mesmo um longe do outro. Achei o programa deprimente, e no entanto a conversa tôda na viagem de volta, assim como durante o jantar, é sôbre a Hora da Buzina. Êles acham o Chacrinha muito engraçado. Paulinho conta que vai inscrever-se no programa da próxima semana. E Zé Carlos diz que assim que botar a dentadura de cima vai tentar também.

Domingo é o dia de dormir. Ninguém sai da cama antes das 11 horas. Depois do almôço Nemias vai noivar, Lourenço segue para a sua Mocidade da Igreja do Brasil para Cristo, Paulinho e Zé Carlos vão a outro programa de auditório e Reginaldo me convida para ver um jôgo de futebol do time de sua fábrica. Vamos ao campo e depois, seguimos para a Lapa, em busca de um cinema que passa dois filmes por 600 cruzeiros. Na volta, um suspense: será que tem janta?

Reginaldo diz que ouviu qualquer coisa sôbre uma "panelada", mas não garante nada. Se não houver comida para nós, sugiro que a gente compre um sanduíche no bar, mas êle diz que prefere ir dormir sem comer mesmo. Chegamos à pensão às dez e meia e vamos direto ao fogão: tem janta. Uma deliciosa panelada, feita com o que sobrou de uma macarronada vermelha e quentinha. Reginaldo come uma porção muito grande e eu fico pensando como é que êle conseguiria dormir com aquela fome.

No quarto, todos já estão deitados. Zé Carlos quer companheiros para ir sábado que vem a um baile na Lapa. Paulinho e Reginaldo se candidatam, mas êle previne:

— É mil pratas na porta, tá bom? E sempre precisa mais mil para um conhaque ou um guaraná. Fora a condução.

Logo mais não se ouve coisa alguma. Nem o barulho de quando o padeiro abre a porta: hoje êle está de folga. Daqui a cinco horas o "despertador" do Português começa a tocar música caipira, e o locutor vai dizer: "Hora certa, certinha — são seis horas e dezessete minutos."

Então será segunda-feira.

FIM

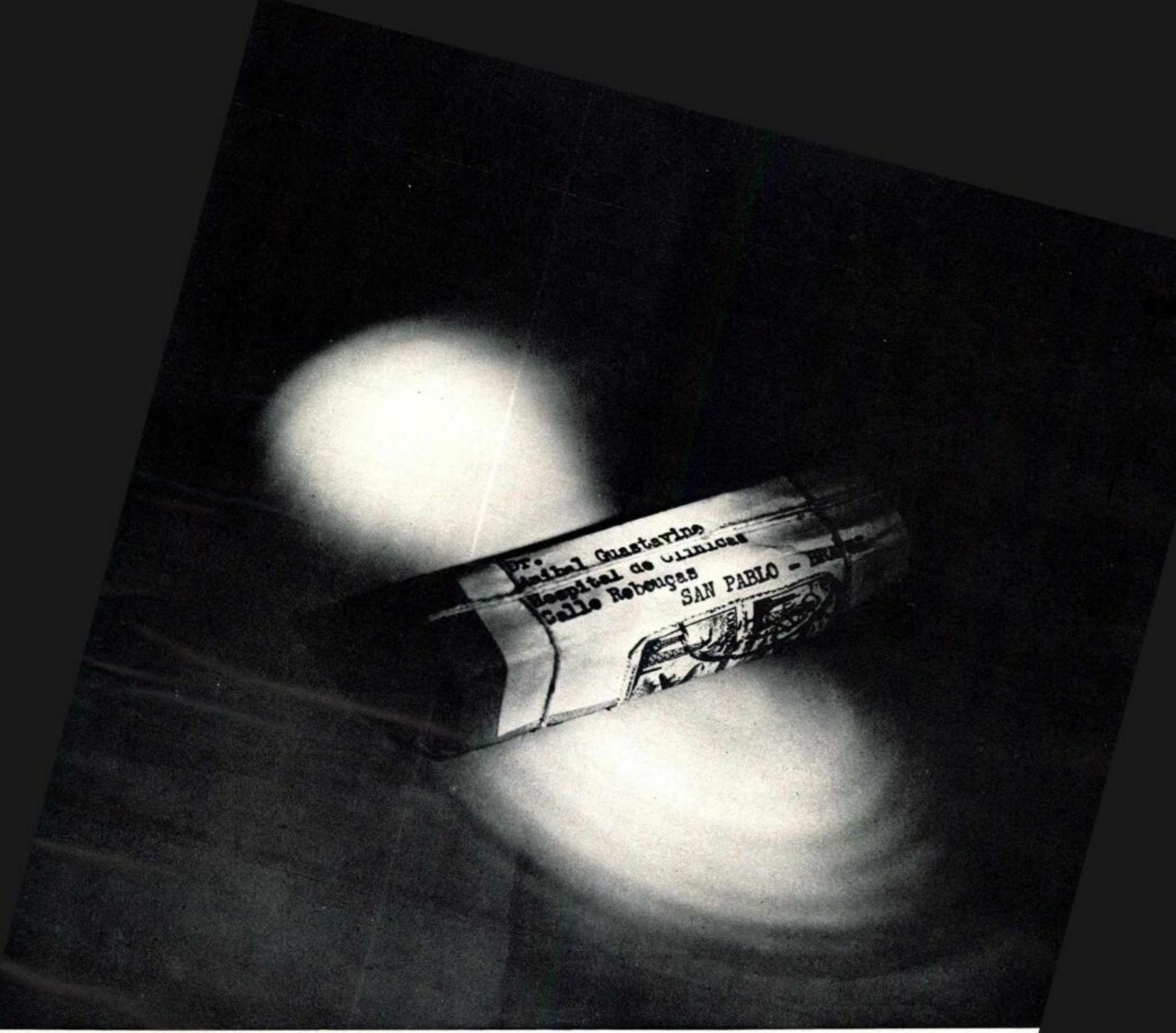
Encontrando esta etiquêta, compre com tôda confiança.

Ela garante a qualidade de uma grande série de artigos.

Eis a camisa:

RHODIANYL®

INDÚSTRIA BRASILEIRA



Em maio de 57 os radio-amadores brasileiros conseguiram pedir ao Chile um medicamento raro para salvar a vida de Casimiro Lopes. A ampôla chegou a tempo. Quebrada!

Diàriamente surgem novas aplicações úteis para o polietileno produzido pela Union Carbide.

E a Union Carbide está muito feliz em fornecer matéria-prima para coisas assim: ampólas inquebráveis para medicamentos, brinquedos, isolantes seguros para fios de alta tensão, embalagens que conservam melhor os alimentos, baldes mais leves, toalhas impermeáveis, balões metereológicos, cabos submarinos e mais de 9 000 outros produtos de polietileno que tornam a vida mais agradável e menos perigosa.

UNION CARBIDE

-"Só uso camisas
Rhodianyl porque elas
nunca precisam ser
passadas a ferro.
Dispensam os gastos
com empregadas
e com eletricidade.
É fazendo economia
que a gente fica rico,
não é mesmo,
Rockefeller?"

RHODIANYL

As camisas Rhodianyl p
dem ser lavadas hoje à noi
e usadas amanhã cêdo, se
passar a ferro. E se mantê
sempre impecáveis, nun
amarrotam. Agüenta
trabalho... e uns abraço

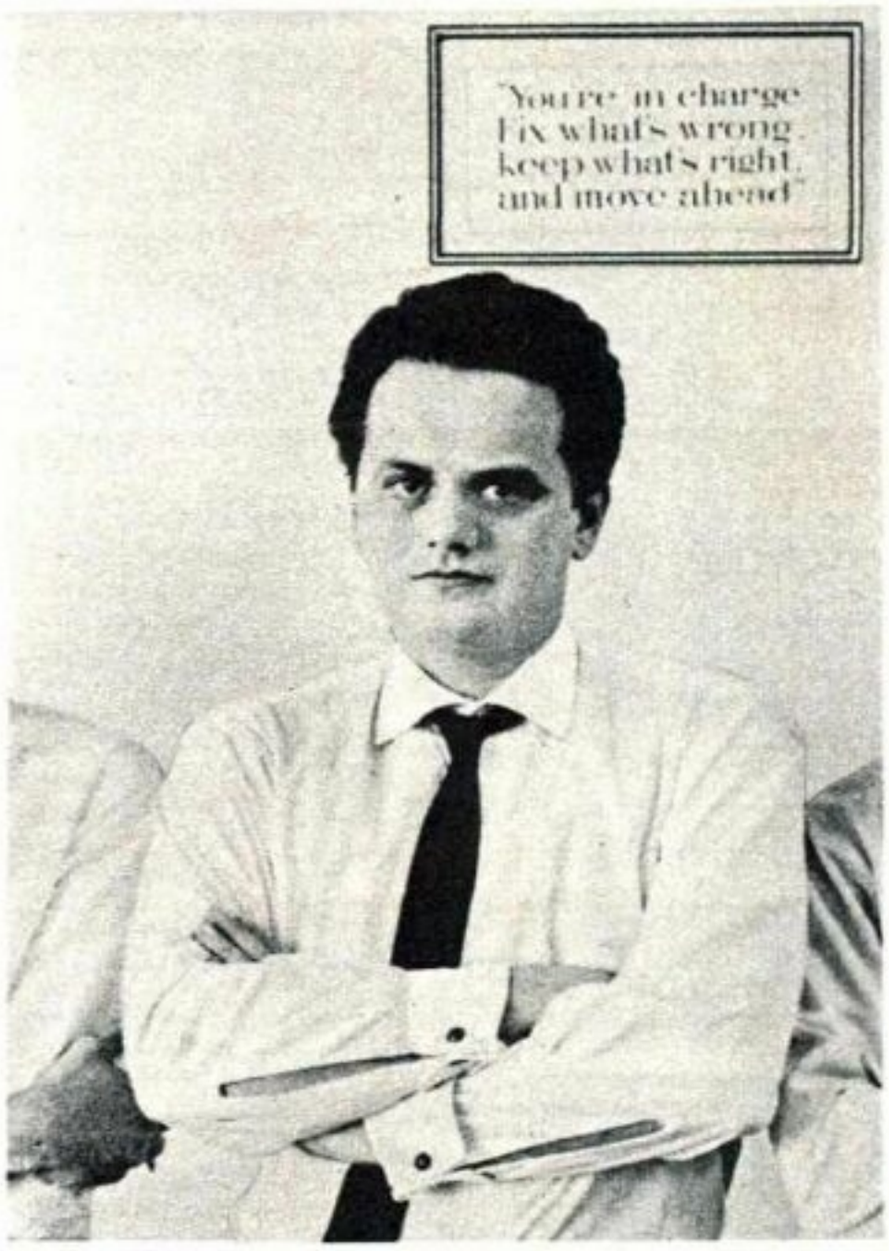
Quando uma jovem começa a sonhar e amar, chegou a época em que ela espera muito de um perfume.

Então, ela descobre Miss France.

VOCÊ PODE ESPERAR MUITO DE UMA
CRIAÇÃO ATKINSONS.
PORQUE LONDRES É A CIDADE MAIS OUSADA DO SÉCULO XX.
E ATKINSONS VEIO DE LÁ.

Lintas

o jovem DIRIGENTE



Hoje, graças à nova mentalidade de muitas emprêsas brasileiras, já se pode ver moços imberbes sentados atrás de grandes mesas, tomando decisões de importância, responsabilizando-se pela movimentação de bilhões e bilhões de cruzeiros em grandes organizações e dinamizando o trabalho de chefia. O repórter Henrique Caban foi um dêsses jovens. Durante uma semana, êle estêve em contato com futuros dirigentes em uma grande emprêsa carioca. Nas salas de decisões desta emprêsa, nas casas dêsses rapazes, divertindo-se com êles no teatro, conversando com suas namoradas, seus chefes e seus pais, Henrique Caban pôde saber bastante sôbre a vida de um jovem que se prepara para ser dirigente. Êle descobriu, por exemplo, que hoje, quem quer exercer um cargo de comando numa emprêsa, já começa logo a aprender tudo sôbre seu pessoal, a entender de custos, planejamento, racionalização de trabalho. Antigamente, quando chegava a dominar todos êsses conhecimentos, o dirigente estava às vésperas de aposentar-se. E agora, já a partir do recrutamento, o jovem se prepara para chefiar. Após conviver com êsses jovens, Caban concluiu que talvez em pouco tempo deixe de existir a figura tradicional do chefe de cabelos brancos, com "longos anos de experiência".

EU APRENDI A DIRIGIR UMA GRANDE EMPRÊSA

YOU'RE IN CHARGE,
FIX WHAT'S WRONG,
KEEP WHAT'S RIGHT,
AND MOVE AHEAD

"Você está no comando. Acerte o que está errado, conserve o que está certo, e vá em frente". O cartaz já amarelado é a primeira coisa que vejo ao entrar na sala de trabalho do dr. Luís Figueiredo, subgerente da Esso Brasileira de Petróleo, na Guanabara. Muito bem vestido, aparência tranqüila, os cabelos embranquecendo, dr. Figueiredo aperta-me a mão com gentileza formal. Entrego-lhe a carta de apresentação. Êle passa os olhos ràpidamente e a joga em um canto da mesa. Depois pega no telefone e pede um ramal à telefonista: êle vai me abrir as portas daquele nôvo mundo

Sua tranqüilidade (a nossa também) depende muito desta vareta.

Caminhão ou carro de passeio, não importa: o pêso de nossa responsabilidade é sempre enorme. Sua tranqüilidade faz parte do nosso serviço. Abastecemos com produtos de primeira e vemos tudo: a bateria, o radiador, a calibragem dos pneus, o pára-brisa. E verificamos, sempre, o nivel do óleo. Você não precisa pedir. Um momento: vamos olhar, ainda, a correia do ventilador.

Seu carro merece sempre mais um minuto

Atlantic serviço nota 10

ATLANTIC

COMPANHIA ATLANTIC DE PETRÓLEO

Não é preciso ser velho para chegar a chefe

DIRIGENTE
CONTINUAÇÃO

Após alguns segundos de uma conversa que não consigo entender, Figueiredo recoloca o fone no gancho — um instante depois, entra na sala um americano imenso, **mister** Pehram, chefe do Departamento de Vendas. Com o mesmo ar formal, Figueiredo lhe diz:

— Pehram, êste é Henrique Caban. Êle passará algum tempo como nosso **trainee.** Quero que êle conviva com nossos homens e participe de nossas atividades.

Mister Pehram faz-me sinal para que o siga e abre a porta. Atravessamos um longo corredor. Acompanho as passadas do americano com dificuldade. Entramos em sua sala, êle me oferece uma cadeira, pega um bloco que traz seu nome no alto de cada fôlha e começa a rabiscar uma ordem. Em poucos segundos êle se levanta, saímos novamente e entramos em outra sala: estou em frente de Hélio Navarros, que durante o treinamento será meu chefe. O departamento é antigo, foi criado junto com a emprêsa. A idéia de formar um corpo de jovens executivos nasceu há seis anos. Antes disso, era raro ver sentado na mesa de chefia uma pessoa com menos de 40 anos. Um rapaz executando tarefas de comando parecia absurdo:

— Êles não impõem respeito — comentava-se.

Emprêsa ou colégio?

Para um cargo de mando contava muito o tempo de serviço. Os jornais anunciavam: "PRECISA-SE DE GERENTE COM EXPERIÊNCIA COMPROVADA". Agora, na chamada para os testes, já se anuncia apenas isto: "PRECISA-SE DE JOVENS INTELIGENTES". Antigamente, o jovem começava da estaca zero e geralmente chegava à metade do caminho de cabelos brancos. Hoje, com a nova mentalidade, êle é preparado para começar onde muitos estão após anos de experiência, aproveitando o máximo de sua juventude, e sem levar para o pôsto de chefia uma série de vícios que se adquire durante longos anos de trabalho. Ao fazer a chamada, as emprêsas explicam bem isso. Uma delas afirma em seu folheto:

"Nós exigimos algo em troca das vantagens que oferecemos. O homem que se contenta em "arranjar" um pôsto para aí estacionar até a aposentadoria não é bem o nosso tipo. Não nos basta conseguir as pessoas e depois mantê-las entre nós. Precisamos aproveitá-las convenientemente e usar de maneira adequada seu talento. E isso nós conseguimos através de treinamento e promoções".

Depois do contato com o dr. Figueiredo e **mister** Pehram, tenho a impressão de que estou em outra emprêsa, muito mais dinâmica. Meus novos companheiros vão sendo apresentados e a sensação é de que estou num colégio, e não entre **senhores** responsáveis pelo faturamento de várias dezenas de bilhões de cruzeiros por ano. O departamento tem como função vender produtos derivados do petróleo para as indústrias, explicam-me êles. Decepcionado (afinal eu queria conviver com executivos, e não com vendedores), pergunto:

— Por que vim para o Departamento de Vendas, se meu objetivo é conviver com os futuros gerentes de emprêsa do Brasil?

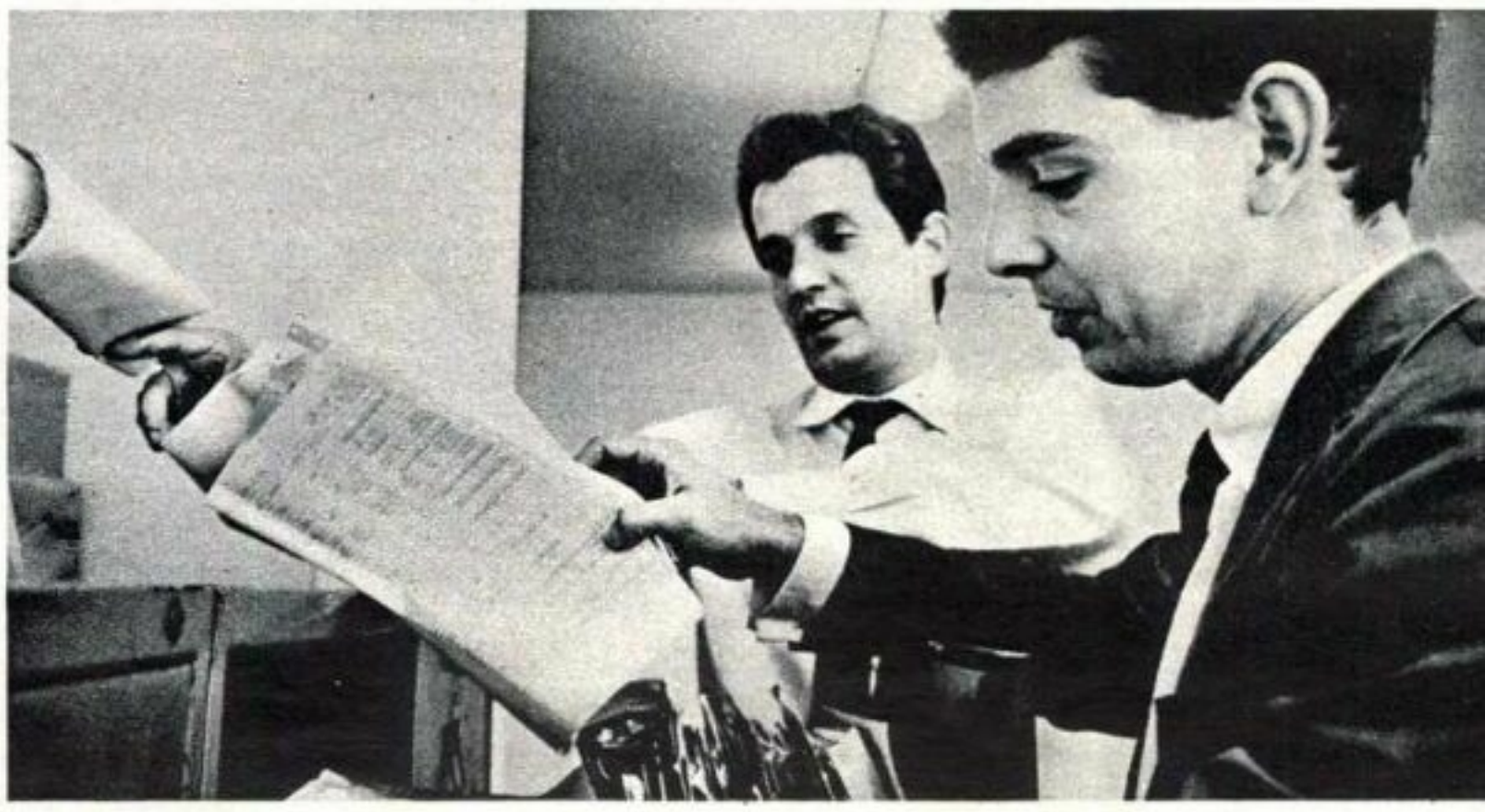
— Vender é uma das funções — esclarece Miceli, o primeiro **trainnee** que me foi apresentado. Hélio Navarros, com voz pausada explica melhor:

— Aqui nós temos que dar tôda assistência aos compradores, resolver todos os problemas que êles tenham com óleo e, se possível, até com a família. Precisamos conquistar novos mercados, através de um trabalho de assistência e relações públicas; extrair e controlar as faturas; fazer os pedidos; cobrar os devedores; mandar reparar o material estragado; recomendar a construção de tanques ou instalação de bombas. Resumindo: para a formação de homens que vão comandar, é indispensável que êles façam de tudo dentro da emprêsa. Assim estamos criando uma nova geração de dirigentes industriais no Brasil.

— E nas horas vagas ainda pegamos a vassoura para dar uma limpeza geral no escritório — diz Amaro, o mais velho do grupo.

Navarros sorri com a brincadeira. Mas logo fica sério, chama Roberto Miceli para conversar comigo. Êle está fazendo um curso de administração dado pela própria companhia.

Carioca de Vila Isabel, Miceli estudou no Colégio São José, onde durante quatro anos foi presidente do Apostolado da Oração. Ainda hoje, vai à missa na igreja Nossa Senhora de Lurdes, no bairro em que nasceu. Dedica os sábados e domingos à namorada e ao futebol na Associação dos Ex-Alunos Maristas. Miceli parece mesmo atleta. É baixo, ombros largos, o rosto feito de músculos. Até pouco tempo treinava tôda espécie de luta. SEGUE



Hoje, a maior preocupação das emprêsas é descobrir talentos ainda jovens.

Cada dia mais pessoas que gostam de Light Whisky descobrem o Scots Bard.

Scots Bard é o único Light Whisky de marca nacional feito com a boa técnica escocêsa. Destilado de cereal. Envelhecimento em tonéis de carvalho. E malt-whisky escocês.

Como todo bom Light Whisky, seu sabor é pouco carregado, macio. Não é à-tôa que cada vez mais gente está descobrindo Scots Bard. As boas notícias correm depressa.

TRADITION QUALITY

Drury's

Denison

A ambição: montar a própria emprêsa

DIRIGENTE
CONTINUAÇÃO

— Fui parar várias vêzes no hospital.

Hoje, só o futebol o diverte. Não vai a teatro:

— Lá só tem palavrão, e para ouvi-los fico na rua mesmo.

Cinema raramente. Boate só para alguma comemoração especial.

Já visitou quase tôdas: viu e não gostou. Para se conversar com Miceli, é preciso ter paciência. Não responde nada sem pensar. Expõe seus pontos de vista vagarosamente, com muitos detalhes pelo meio. Seus colegas dizem:

— Roberto é complicado até para comer. No entanto, uma vez por semana êle jejua, por uma questão de disciplina pessoal.

— As máquinas precisam parar para lubrificação — justifica.

Com o casamento marcado para o próximo ano, êle não se afoba.

— Acho que o casal tem que constituir seu lar com dificuldades. Mesmo que tenham muito dinheiro, não devem casar e já comprar tôdas as coisas. Deve-se fazer tudo com calma.

Quando casar, vai morar em um quarto na casa da mãe. Êle não crê que "sogra atrapalhe o casamento." Sua namorada é católica como êle, o casamento será na igreja Nossa Senhora de Lurdes. Miceli faz questão de afirmar que não é carola e que discorda de muitas opiniões da Igreja. Acha que as jovens estão se afastando da vida religiosa, e a culpa é da má orientação:

— Essa juventude avança demais, e a môça faz o que não deve antes do casamento. Depois, com vergonha de se casar no altar, vai se afastando. Os sermões deveriam explicar essas coisas.

O expediente da segunda-feira vai chegando ao fim e Miceli se despede de todos, apertando a mão de um por um. Quando êle sai, Amaro comenta:

— Um grande cara. Complicado mas excelente.

O brincalhão Amaro

O mais tranqüilo, o mais brincalhão, o mais calmo, Amaro também é carioca. Nasceu no Engenho de Dentro e hoje mora no subúrbio de Cavalcanti. Êle costuma dizer:

— É logo ali, depois de São Paulo.

Todos os dias sai do trabalho e vai religiosamente para casa. Outra religião: passar na casa da irmã e ver a sobrinha. Em Cavalcanti é que está o mundo de Amaro. Os irmãos foram casando e alugando casa para ficar por ali. Mas casamento é uma idéia que não o atrai, por enquanto.

— Namoro muito, mas casamento só depois. Primeiro a estabilidade.

Quando casar, Amaro vai romper com a tradição da família, de morarem juntos. Concorda em que se dá muito com os pais, mas prefere morar longe dêles.

— É para evitar problemas.

O grande objetivo na vida é montar sua própria emprêsa.

— Quero ser o meu próprio patrão. Sempre ganhamos mais do que como empregado.

Mas Amaro não tem pressa. Ganhando hoje, como os seus colegas, o salário de 750 cruzeiros novos, êle acha importante a experiência que está adquirindo. De todo o grupo, Amaro é talvez o mais vivido. Aproveitou ao máximo seu tempo de estudante, passou oito meses na Europa.

Nos fins de semana, Amaro tem sempre uma garôta nova para sair. Freqüenta boates sempre que pode e não perde oportunidade de fazer viagens.

Não gosta de discutir política, e só toca no assunto para lembrar boatos de infidelidade de mulheres de políticos.

— É tudo uma podridão.

— As pessoas não podem subir um pouquinho na vida que logo vem a maior onda de boatos — interrompe Rousso, outro colega, bem mais otimista do que Amaro, nesse ponto. Há alguns dias andou brigando com Amaro. Marcaram um encontro e chegou atrasado. Não adiantou desculpas de trânsito ruim. Amaro tem horror a atrasos, e Rousso não é nada pontual.

— Não consigo chegar na hora.

O chefe de família

Quarta-feira, na hora do almôço, encontro Amaro convidando Rousso para sair no fim de semana.

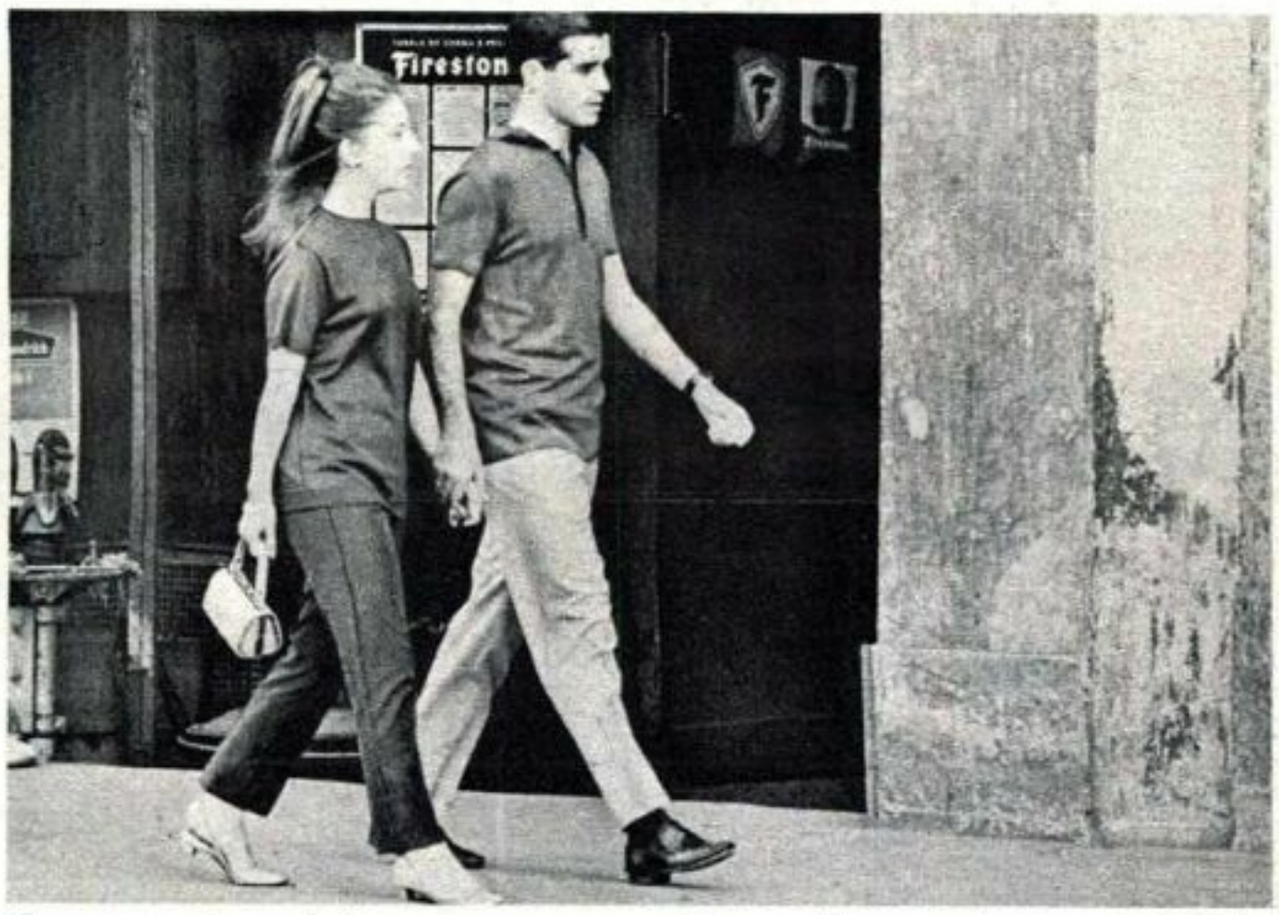
— São duas garôtas — informa Amaro.

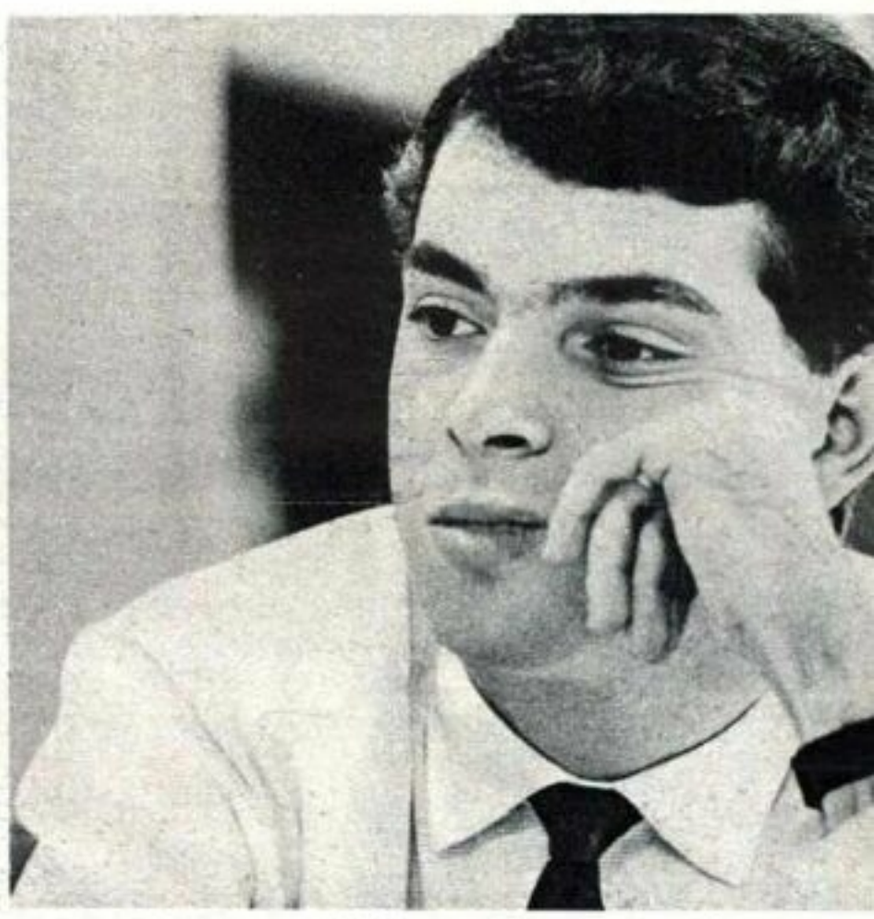
Rousso pede mais detalhes:

— São garôtas sérias ou de programas?

Essa rotulação revela seu modo de pensar a respeito dos tipos de garôtas. Vai casar logo e sua noiva é o que êle chama de môça de família. As outras, são as "dos programas". Namorar só com uma, as outras têm que ter experiência sexual.

SEGUE





O casamento vai ter que esperar até que êles consigam estabilidade no emprêgo e salários cada vez melhores.

AGORA EM BELO HORIZONTE

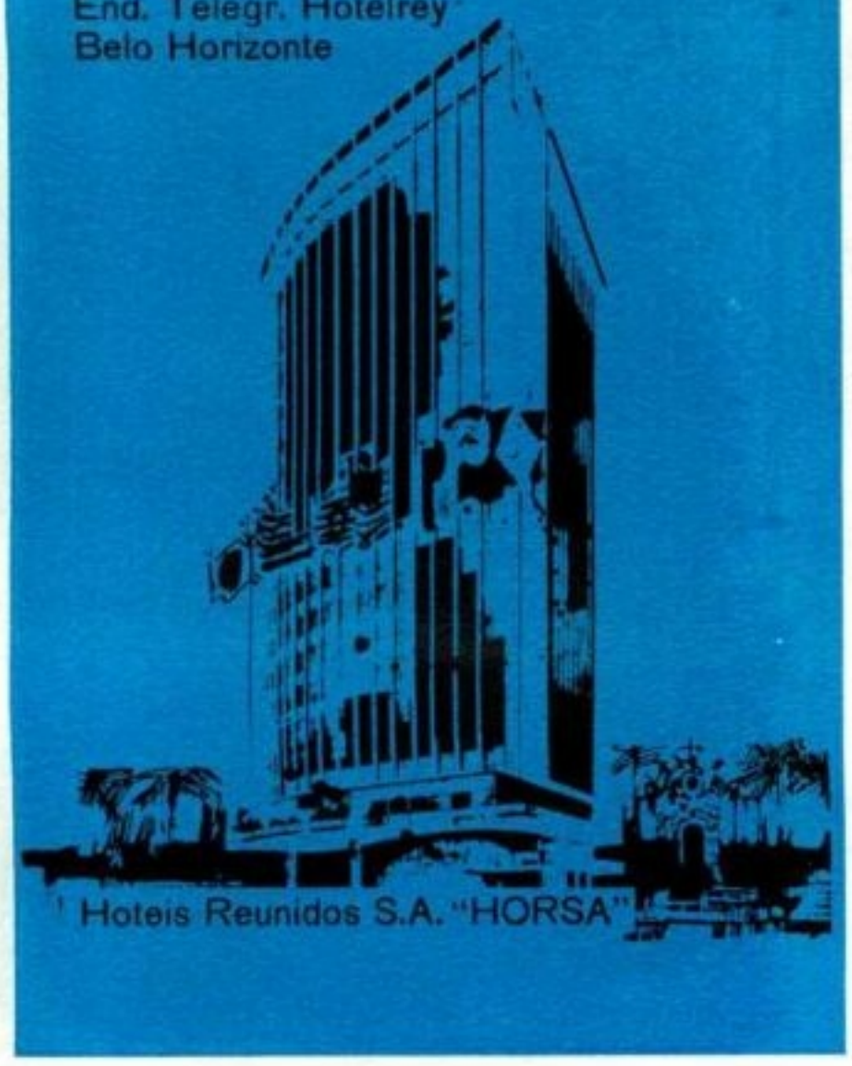
HOTEL DEL REY

270 apartamentos finamente decorados no coração da capital mineira. Presentes todos os requisitos exigidos por um hotel da mais alta classe internacional.

Faça sua reserva na agência de viagens de sua preferência, ou num dos hotéis da rêde "HORSA":
Hotel Nacional Brasília
Hotel Excelsior Copacabana Rio
Hotel Jaraguá São Paulo
Hotel Excelsior São Paulo
Hotel Marabá São Paulo
Hotel Excelsior Grão Pará

HOTEL DEL REY

Praça Afonso Arinos, 60
Telefone: 4-7564
End. Telegr. Hotelrey
Belo Horizonte



Hoteis Reunidos S.A. "HORSA"

Para cada ocasião, uma conversa especial

DIRIGENTE CONTINUAÇÃO

Rousso dá a impressão de que será um grande chefe de família, dentro da tradição pequeno-burguesa. Terá um lar que se poderá chamar de feliz, nos fins de semana continuará com seu principal divertimento, a pesca. Raramente sai da ilha do Governador, onde nasceu. Às vêzes vai a um teatro ou cinema. Contar histórias de pescaria é seu assunto preferido. Tem várias fotos de grandes peixes que pescou. Passou meses economizando dinheiro e conseguiu comprar um barco e todo o equipamento de pesca.

No trabalho, fica íntimo dos clientes logo nos primeiros momentos. Êle sabe como tratar as pessoas.

— Se a hora é para palavrão, tome palavrão. Se é para finuras, vamos ser finos.

O mais nôvo dêles

Nos meus primeiros dias em contato com o grupo não conheci Philip, o mais jovem dêles, 23 anos. Estava em casa adiantando uns trabalhos. Quem olha para êle não acredita que se trata de um executivo. Dá a impressão de um rapazinho estudando para os exames. Philip também é carioca, mas o único do grupo que nasceu num bairro rico, na zona sul. Hoje mora no Leblon. Seu pai é americano, que viaja muito, e por causa disso Philip passou dois anos nas Filipinas.

Conheci-o na sala de Navarros, resolvendo um problema. Com a solução na cabeça, êle se preparava para ir até a fábrica de tecidos Bangu e eu decidi acompanhá-lo. Ao entrar em seu carro (um Volkswagen que a companhia dá para facilitar a locomoção dos executivos das vendas), vejo uma plaqueta com a foto de Philip e sua namorada. No meio, a inscrição: "Pense em nós, não corra".

Philip jamais passou qualquer dificuldade na vida. O carro que tem agora não é novidade para êle. Seu pai sempre teve carro. Philip fala bastante. No caminho vai explicando as características de cada cliente que visitaremos:

— Primeiro vamos à Pedreira. "Seu" Bernardo, o engenheiro-chefe, gosta daquilo como se fôsse um filho.

A cada fábrica por onde passamos, êle me informa quanto compram, o que deve ser feito para aumentar as vendas, quanto estão devendo, quando deverão ser cobrados. Sai sempre com um papel onde está escrito o programa a ser cumprido. Quase sempre não cumpre.

— Planejo, planejo, mas no fim um problema qualquer me atrasa e lá se foi todo o programa.

Isto não desanima Philip.

— Vou continuar planejando até achar um meio de cumprir tudo.

Durante tôda a viagem, êle vai parando nas novas construções, quer saber o que será feito ali. Se é uma fábrica, anota o nome e o enderêço do escritório.

— Tenho que começar a trabalhar o cliente desde já.

Philip divide seus fins de semana entre a leitura das coisas que seleciona durante os dias úteis, um passeio por alguns bares de Ipanema e a namorada. Não tem planos para casamento, ainda.

Em política, não toca. Um comentário sôbre o morte do ex-presidente Castelo Branco provocou nêle a seguinte frase:

— Podem dizer tudo, eu não discuto.

Um colega o provocou para dizer mais alguma coisa, êle acrescentou: SEGUE

As economias de vários meses permitiram que Rousso comprasse seu barco.

O QUE VALE É A ETIQUÊTA Ban·Lon®

Só dizer que é Ban-Lon não vale. O que vale é a etiquêta Ban-Lon, afixada ao artigo que você está examinando na loja. Ou contemplando na vitrina. Só são autorizados a ostentar a etiquêta Ban-Lon os artigos aprovados no rigoroso contrôle de qualidade Ban-Lon — uma série de testes severos e extensos, abrangendo desde o fio até o acabamento final. (É por isso que tão poucos confeccionistas são autorizados a usar a etiquêta Ban-Lon).

Lembre-se: só existe uma etiquêta Ban-Lon — a ilustrada aqui. Grave-a bem: ela é a sua certeza de comprar o melhor.

JAIRA 41.002

Alitalia reduz 25% em suas tarifas!

(Veja o que está acontecendo!)

Bem, pode haver um certo exagêro nesta foto. Mas não há exagêro quando afirmamos que muitas pessoas irão aproveitar esta vantagem. Afinal, com a *Tarifa Excursão,* que vigorará de 15 de setembro a 15 de abril,* você pode ir à Europa e ao Oriente Médio, por um período mínimo de 28 dias e máximo de 60, em Classe Econômica, pagando 25 % menos por sua passagem de ida-e-volta. Isto significa mais dinheiro sobrando para compras e passeios, ou para levar a família inteira (V. compra 4 passagens pelo preço de 3: UMA SAI DE GRAÇA).

E na Alitalia só as tarifas foram reduzidas, porque você continua tendo o mesmo confôrto, o mesmo játo DC-8, o mesmo tratamento de bordo. Chame logo o seu Agente de Viagens e programe uma excursão inesquecível. Pela Alitalia, é lógico!

*excluido o período de 4 a 24 de dezembro

ALITALIA

Êles negociam com bilhões

DIRIGENTE CONTINUAÇÃO

— O marechal Castelo Branco pode ter cometido erros enormes, mas moralizou a coisa. E mais: não roubou. Também, êle não precisava, estava na velhice e não ia sujar todo um passado honrado.

Philip gosta de falar mesmo é sôbre seu trabalho. No futuro sonha ter o próprio negócio. Voltamos da fábrica Bangu. Philip está satisfeito: resolveu o problema.

De volta à emprêsa, sou apresentado ao último **trainee** para executivo: Marcos Wanderley. Paraibano, veio para o Rio estudar e ficou por uns tempos morando num alojamento de estudantes. Agora, porém, segundo seus colegas, é um "morador itinerante". Fica cada dia na casa de um. Mas isso vai acabar. Casa-se no mês que vem e já está com apartamento alugado. Tem 24 anos e cara de criança. Leva a sério as responsabilidades do casamento. Todo o seu dinheiro vai para isso. Quando a conversa é sôbre farra, êle sai de perto:

— É para não cair em tentação.

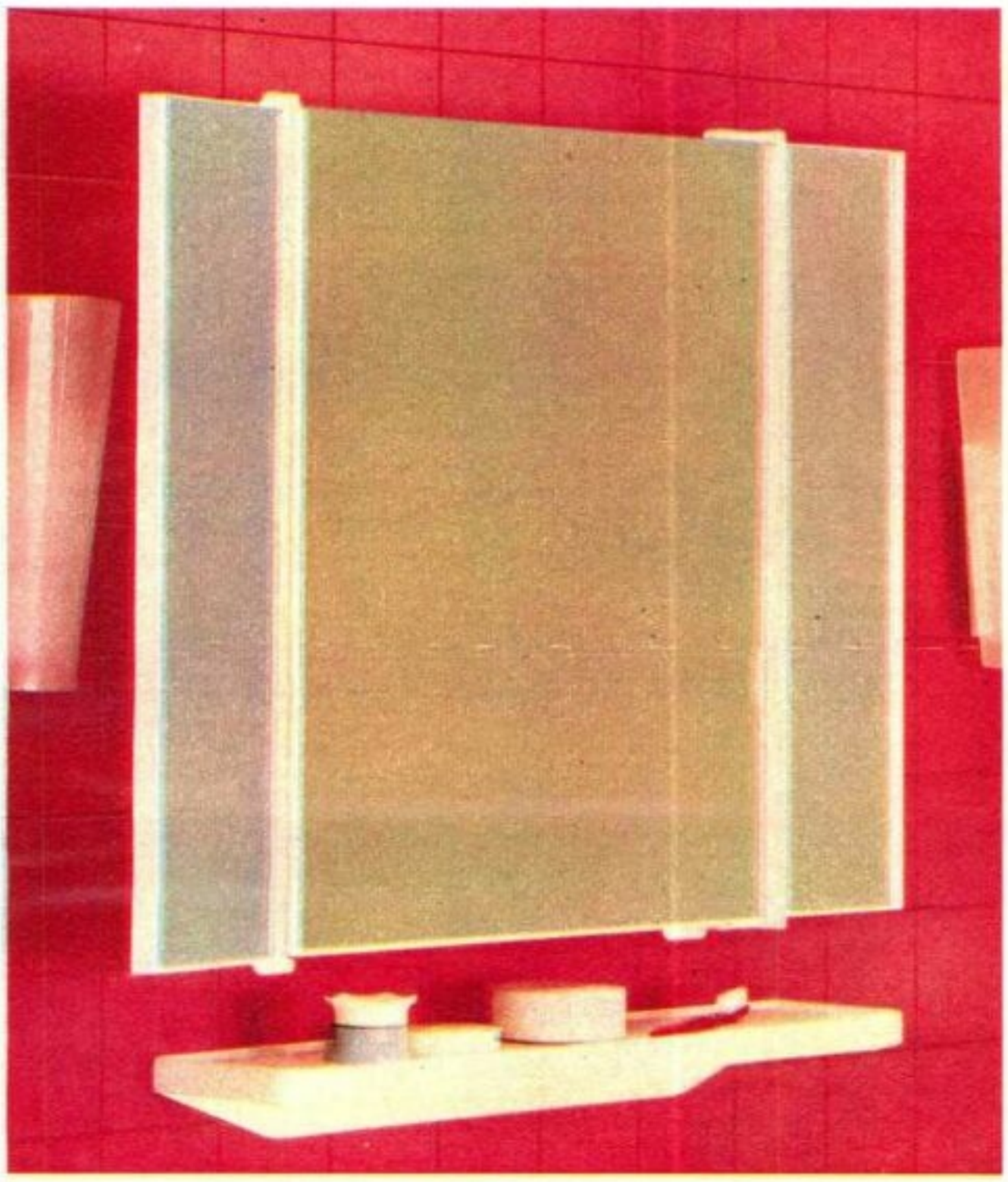
Católico praticante, todos os domingos vai à missa com a noiva. Sábado é o dia de comprar as coisas para casa no subúrbio do Meier.

Marcos é o que teve mais dificuldades para estudar, e o único que não mora com a família no Rio. Mas considera-se realizado por ora: já é um executivo.

Sexta-feira, 14 horas. Vou viver as últimas horas da experiência. Todos os jovens executivos estão resolvendo seus problemas com Hélio Navarros, arquivando as faturas e recibos e discutindo. O grupo é alegre, mas as afinidades entre êles são poucas. Nos fins de semana êles raramente se encontram para qualquer programa.

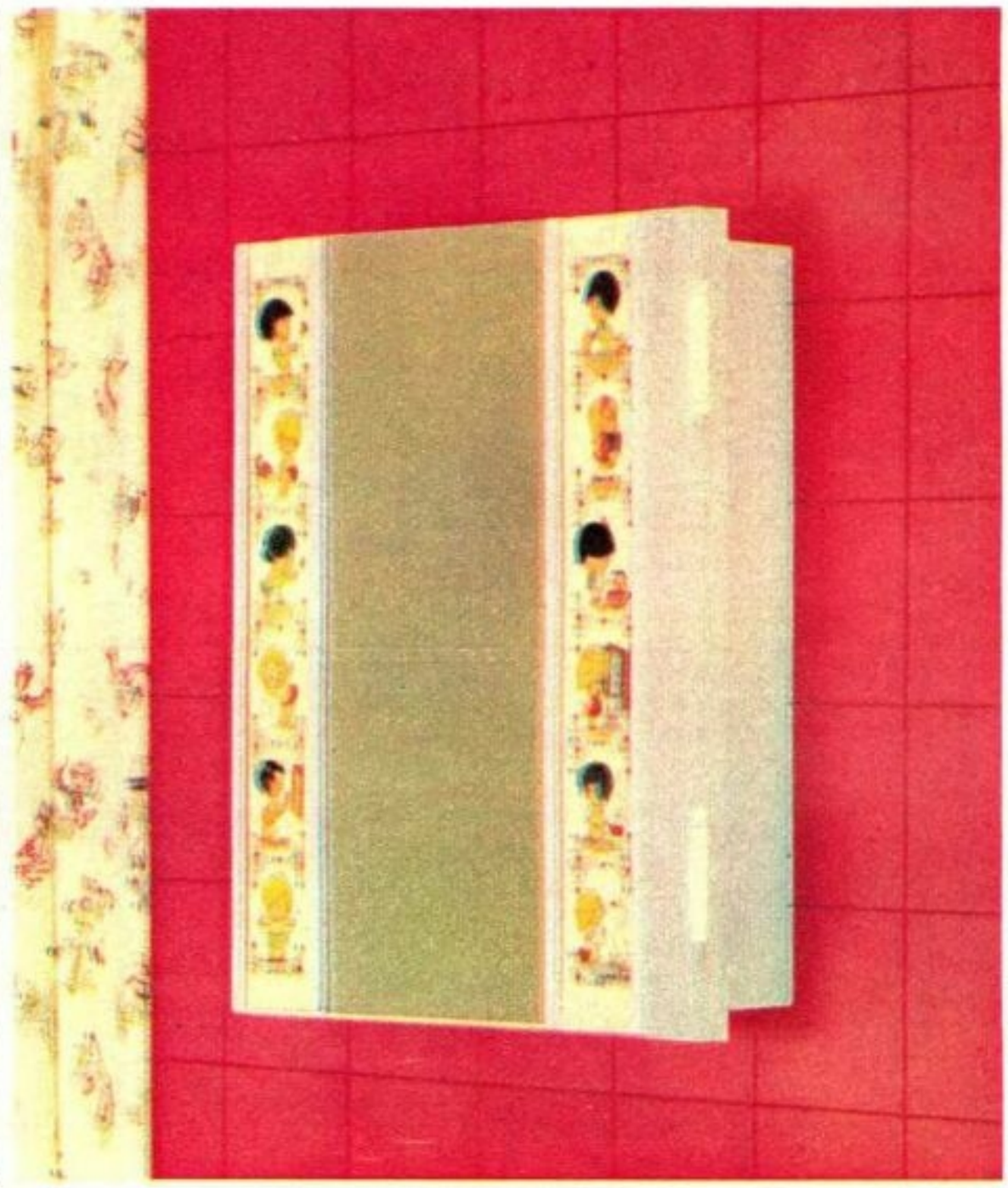
Aos sábados e domingos, todos esquecem que têm, em conjunto, a responsabilidade pelo faturamento de bilhões de cruzeiros e pelo contato com centenas de indústrias que dependem dêles, como êles dependem delas. Nesses dois dias, êles vivem em outro universo. Miceli estará na Associação dos Ex-Alunos Maristas, disputando suas partidas de futebol; Marcos sairá com a noiva; Philip irá à praia, sentará no Castelinho com a namorada que não gosta que êle corra quando dirige; Amaro continuará conquistando as môças de seu bairro; Rousso estará pescando em seu barco. Segunda-feira, todos estarão juntos de nôvo. E ao entrar na emprêsa, encontrarão mais uma vez o cartaz que é quase uma definição de cada um dêles: "Você está no comando. Acerte o que está errado, conserve o que está certo, e vá em frente". FIM

enriqueça seu banheiro com os novos armários Goyana!



ARMÁRIO 3 ESPELHOS

Dispensa o uso de espelhos adicionais: dois espelhos laterais, parcialmente giratórios, são reguláveis a um simples toque de mão e asseguram visão tridimensional. Interior amplo e funcional. Nas côres branco, verde, azul, canário, rosa, hortênsia, prêto e azul-lavanda.

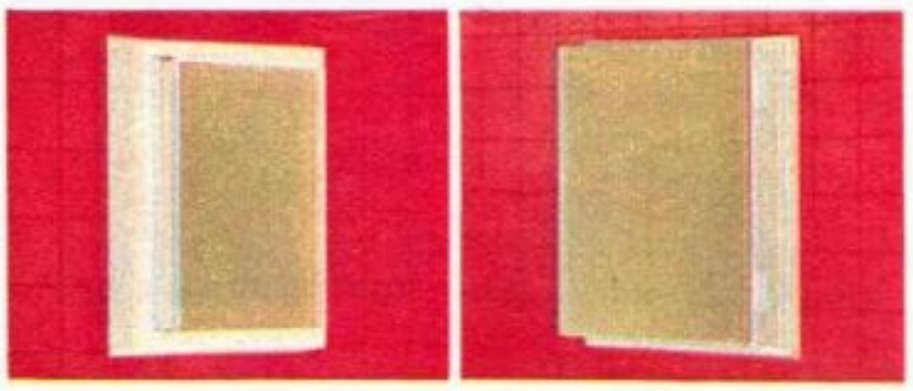


ARMÁRIO INFANTIL DECORADO

Graças ao nôvo sistema de afixação à parede por meio de parafusos reguláveis, êsse armário acompanha o crescimento da criança. Possui uma bandeja portátil, com divisões para colocação de copo, creme dental e sabonete. Decorações especiais — removiveis, substituíveis — ocupam as duas laterais do espelho.

- Ainda hoje um campeão de presença nos lares brasileiros, o Armário Goyana simples (de pendurar ou embutir) é encontrado nas côres branco, verde, azul, canário, rosa, hortênsia e prêto.

- O Armário Duplo Luxo oferece duas vêzes mais espaço, funcionalmente dividido. Linhas modernissimas. Espelho duplo, em tôda a extensão. Nas côres branco, verde, azul, canário, rosa, hortênsia, prêto e azul-lavanda.

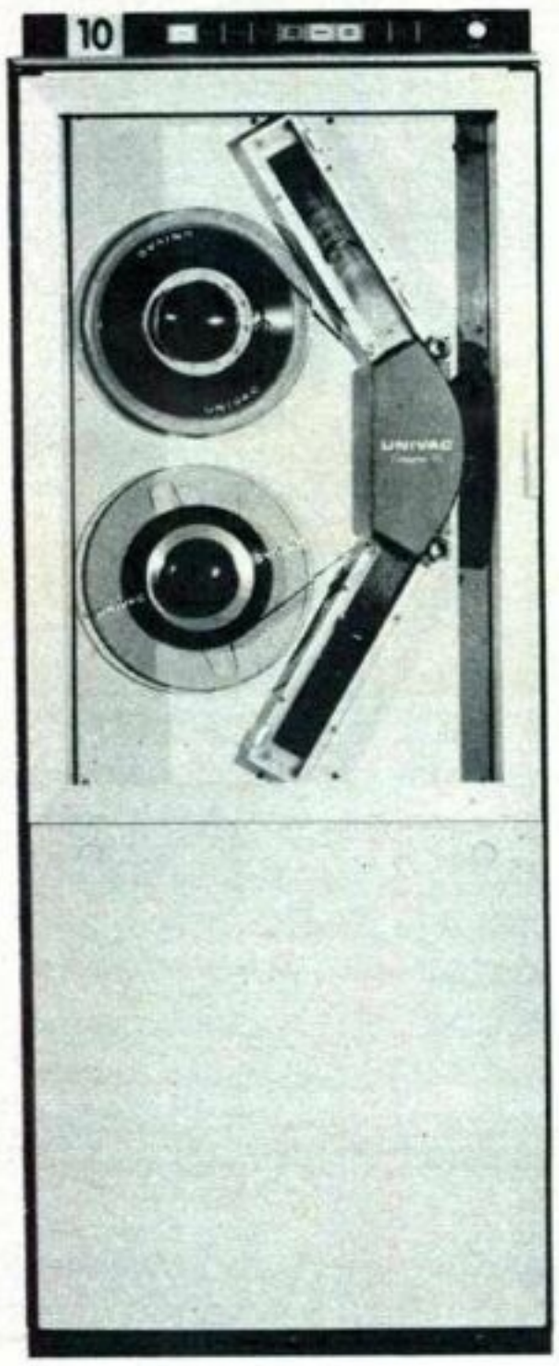


modernize seu lar com goyana

GOYANA S.A. — Indústrias Brasileiras de Matérias Plásticas — Rua Tito, 215 — São Paulo • Filial: Av. Washington Luís, 95-A — Rio de Janeiro

só uma coisa não conseguimos de nossos computadores

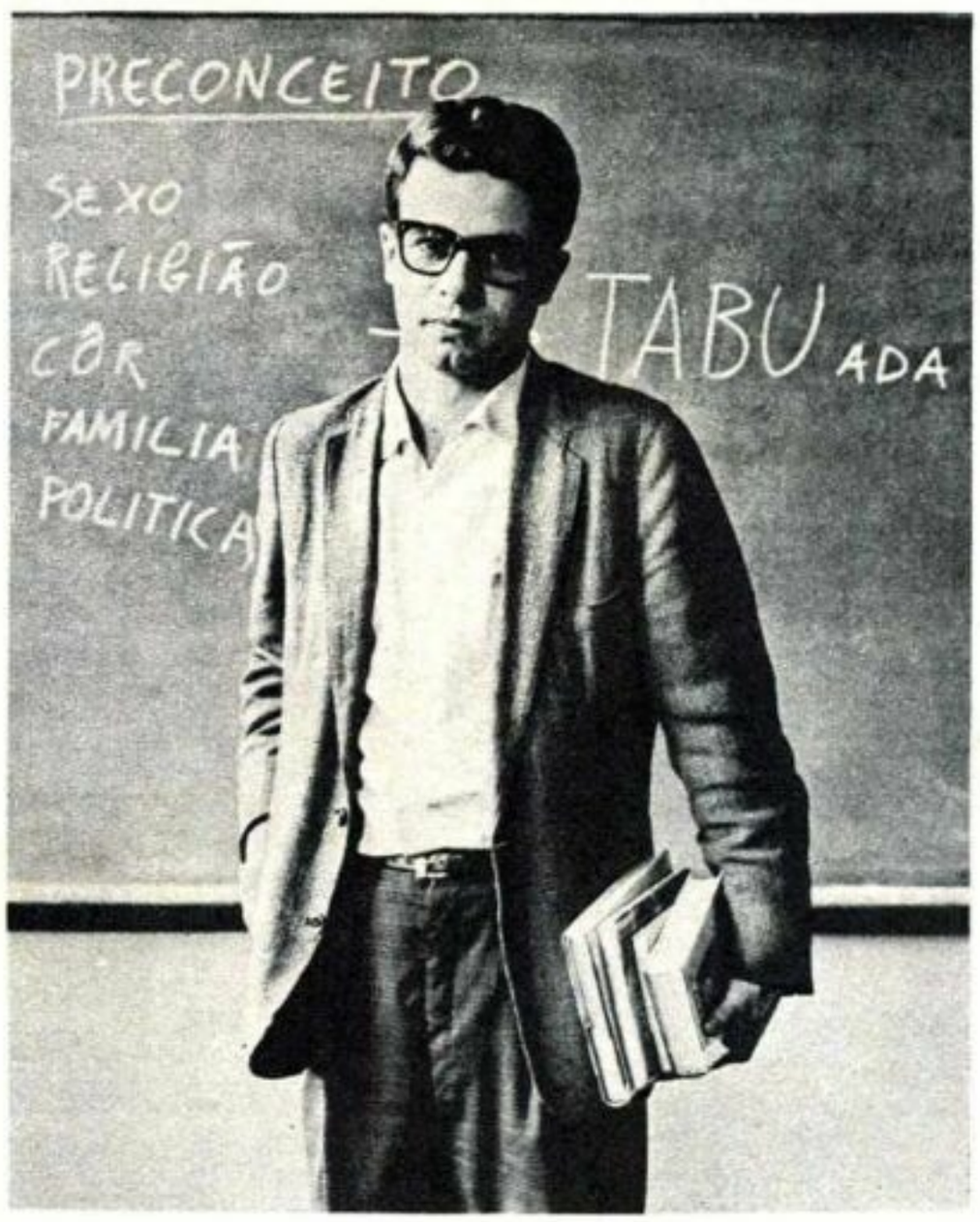
um sorriso.



Você precisaria conhecer os nossos computadores eletrônicos! A própria Univac diz que êles formam o melhor Centro de Processamento de Dados do País. Foi projetado especialmente para nós. Tem 196 milhões de núcleos de memória, numa só unidade! Com êsse equipamento conseguimos fazer tudo mais depressa e sem possibilidade de falha. Você recebe, paga, cobra, remete, é creditado e credita, tudo com mais rapidez e sem problemas. No comêço, com aquelas fitas girando e luzinhas acendendo sem parar, achávamos que o computador era um monstro meio antipático. "Falta um toque humano ao seu serviço", disse alguém. Máquinas normalmente não entendem que nossos clientes têm direito a cordialidade, além de eficiência. Deixam o sorriso por conta de nosso pessoal. Por isso é que nossos funcionários têm razões e incentivos de sobra para trabalhar bem e sorrir. Hoje deixamos de nos preocupar com a frieza dos computadores. Afinal, êles estão sempre trabalhando conosco... talvez, com o tempo, êles se tornem os primeiros computadores cordiais do Brasil.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SOCIEDADE ANÔNIMA

o jovem UNIVERSITÁRIO



Para fazer a reportagem sôbre o mundo universitário, REALIDADE convidou o jovem Alberto Libânio, de 22 anos. Êle tinha que ir viver um mês com os estudantes e descobrir se êles são realmente tão subversivos como os pintam, quais as suas preocupações, o que pensam sôbre política, religião, sexo, moral. Descobrir como êles se divertem, o que fazem fora das universidades, o que conversam em volta de uma mesa de chope, o que acham seus pais de suas atitudes, o que pensam suas namoradas. Libânio aceitou o trabalho, e decidiu fazer a reportagem fora de São Paulo, por um motivo muito importante: nesta capital se preparava o XXIX Congresso da ex-UNE, e os estudantes não seriam apanhados num ritmo de vida normal. Escolheu então Belo Horizonte, Minas. Alberto Libânio arrumou as malas e durante trinta dias viveu numa república de estudantes mineiros. Entrevistou autoridades, almoçou e bebeu com universitários, foi a bailes, festinhas, reuniões de centros e diretórios acadêmicos. Participou de reuniões sôbre política estudantil e problemas do ensino brasileiro. Com todo êsse material, Libânio voltou a São Paulo. Ficou três dias trancado em seu apartamento e sòmente saiu de lá com a reportagem pronta.

UNE
D.C.E.
VALA
UME

EU VIVI NUMA REPÚBLICA DE ESTUDANTES

Segunda-feira

Belo Horizonte. Avenida Afonso Pena, 759. Sede do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais. Aqui, desde ontem, uma centena de estudantes prepara faixas, cartazes, panfletos e manifestos. Ao mesmo tempo, outros grupos de estudante estão percorrendo as faculdades, falando de sala em sala.

São 9:25 h da manhã. Assisto à aula de Economia, no curso de Ciências Sociais do Instituto Central de Ciências Humanas. De repente, uma môça entra na sala e pede licença ao professor para dar um aviso:

— Pessoal, a manifestação vai começar às onze. Dividam-se em grupos de cinco e ocupem o quarteirão da Praça Sete à rua Carijós.

O professor não teve tempo de levantar um dedo. Ràpidamente, assim como tinha aparecido, a jovem desapareceu.

Quase à mesma hora, numa confortável sala da Secretaria de Segurança Pública, o secretário Joaquim Ferreira Gonçalves recebe para uma reunião o diretor do DOPS — Departamento de Ordem Política e Social —, os representantes da Polícia Militar, o diretor do Depósito de Presos e o chefe da Guarda Civil. São os encarregados de manter o esquema policial para impedir a manifestação estudantil. O secretário fala aos presentes sôbre uma nota oficial que assinou no dia anterior:

— Os universitários enganam-se pensando que farão qualquer coisa sem autorização legal. Impediremos a manifestação que fere frontalmente a Lei de Segurança Nacional. Os infratores serão presos, autuados em flagrante e encaminhados à Quarta Auditoria Militar, em Juiz de Fora. Depois vão ser processados, como manda a lei.

A reunião vai terminar quando já está estabelecida a mobilização de 1.600 homens, prontos para quaisquer eventualidades.

De outro canto da cidade, na Reitoria da UFMG, na Pampulha, o reitor Gérson Boson está telefonando ao universitário Jorge Batista, presidente do DCE:

— É verdade que vocês estão programando uma manifestação para hoje?

— Nós, não; a UNE. E é para o Brasil inteiro. Vai ser na rua para que o povo tome conhecimento do protesto estudantil.

— E será pacífica?

— Sairemos tranqüila e pacìficamente com faixas e cartazes. Se houver guerra, será conseqüência da repressão policial.

Onze horas da manhã. Um forte corpo policial guarda a Faculdade de Direito, o velho ponto de partida das manifestações estudantis.

Na Avenida Afonso Pena, estudantes em fila de ônibus, engraxando sapatos, dentro das lojas, sentados nas casas de lanche. SEGUE

Mais valem 2 vincos no lugar certo

do que muitos em lugar errado.

NYCRON

Um tecido SUDAMTEX

"Todo estudante deve participar da política"

UNIVERSITÁRIO
CONTINUAÇÃO

Tudo tranqüilo. Enquanto isso, uns vinte rapazes deixam o prédio do DCE e caminham até o centro da avenida, dispersos. Juntam-se de repente, em frente ao Hotel Financial, e desenrolam faixas, abrem cartazes, ao mesmo tempo em que, surgindo não se sabe de onde, uma muralha humana de outros jovens os cerca impedindo a aproximação da polícia. Começou a passeata; o mêdo está em cada um daqueles rostos, de olhos bem abertos e atentos. Os manifestantes empregam a tática de caminhar na contramão para congestionar o trânsito e dificultar a ação da polícia. Um dos cartazes conta em letras vermelhas: "Dia Nacional de Repúdio ao Acôrdo MEC-USAID."

De metralhadora em punho, a polícia avança com cassetetes, bombas de efeito moral, de gás lacrimogêneo, mangueiras de incêndio. Na correria, alguns populares juntam-se aos estudantes enquanto do alto de edifícios desabam sacos de plástico cheios d'água. As lojas baixam as portas; a confusão só vai acabar às seis da tarde. Saldo: 33 estudantes presos, um jornaleiro fichado no 10.º distrito policial, quatro jornalistas espancados, dois policiais feridos e outras tantas pessoas atendidas no hospital do Pronto Socorro.

Aluísio e eu tínhamos entrado num táxi para escapar do quebra-quebra. Perguntei-lhe o que é o Acôrdo MEC-USAID:

— Não sei bem. Acho que são os americanos que querem tomar conta do ensino.

Têrça-feira

Estou morando com oito estudantes na "República dos Aimorés", também conhecida como "República dos Malamados". A maioria dos estudantes vindos do interior mora em "repúblicas". A nossa, um apartamento de três quartos no centro da cidade, custa 46 cruzeiros de cada um por mês, sem incluir os 50 centavos, preço de uma refeição. Em geral, êles comem no restaurante da Faculdade, pagando 80 centavos por uma bandeja com arroz, feijão, bife, salada de alface, um pedaço de doce e cafèzinho.

Hoje acordei às 6:30 h para ir à aula na Faculdade de Filosofia, no alto da rua Carangola, onde funciona o Instituto Central de Ciências Humanas. Na UFMG, o calouro não entra imediatamente na Faculdade a que se candidatou; durante dois anos êle vai cursar no Instituto Central tôdas as matérias básicas à sua formação, passando depois à Faculdade onde terá o preparo profissional ou tecnológico. Assim, um candidato à escola de Engenharia, cursa por determinado período o Instituto Central de Física, Química e Matemática, podendo depois optar por uma dessas matérias, pela própria Engenharia ou ainda pela Farmácia ou Bioquímica.

Quando saí da cama, o "presidente" — cargo que cada um ocupa durante dois meses obedecendo a um rodízio — já tinha ido à feira. A "presidência da república" não é um cargo cobiçado aqui. Ela cuida de tudo: cobranças, pagamentos, consertos, compras. O bom humor, porém, é permanente. Na porta do banheiro há uma placa onde se lê: "Curso de Pedagogia".

No intervalo da aula fiquei no bar da escola conversando com um grupo de estudantes. Acho que tomamos uns 20 cafèzinhos. Maurício dizia que todos deviam participar mais ativamente da política estudantil. Falava sôbre a necessidade de o estudante ter consciência de que daqui a uns anos ocupará a liderança do País. Será um homem de emprêsa ou um político, um cientista ou um técnico disputado pela indústria nacional. Eu sentia que essa preocupação com o futuro mostra principalmente uma juventude universitária em busca de si mesma, num país onde há muita coisa por fazer. Sandra, uma mocinha de gestos rápidos e carinha redonda, discordava de Maurício, ironizando sua opinião:

— Vocês se consideram os salvadores da pátria. Depois de formados, qualquer salário que lhes dê um certo confôrto acaba logo com essa consciência revolucionária.

Percebi que alguns estudantes estão convencidos de que hão de mudar as estruturas sociais do Brasil; recorrem sempre aos livros para defender suas opiniões; citam Celso Furtado, Caio Prado. Outros, porém, só se preocupam com a própria especialização profissional comprovada por um diploma de curso superior. Não relacionam sua atividade técnico-científica com participação política.

Quarta-feira

Ao chegar na Faculdade, encontro Maria Lúcia. Ela está de mini-saia; é comum também as garôtas irem à aula de calça comprida. Maria Lúcia puxa conversa sôbre o que ela chama de "TFM" — a Tradicional Família Mineira. Diz que é uma "situação em falência".

— E aceitam sua mini-saia?

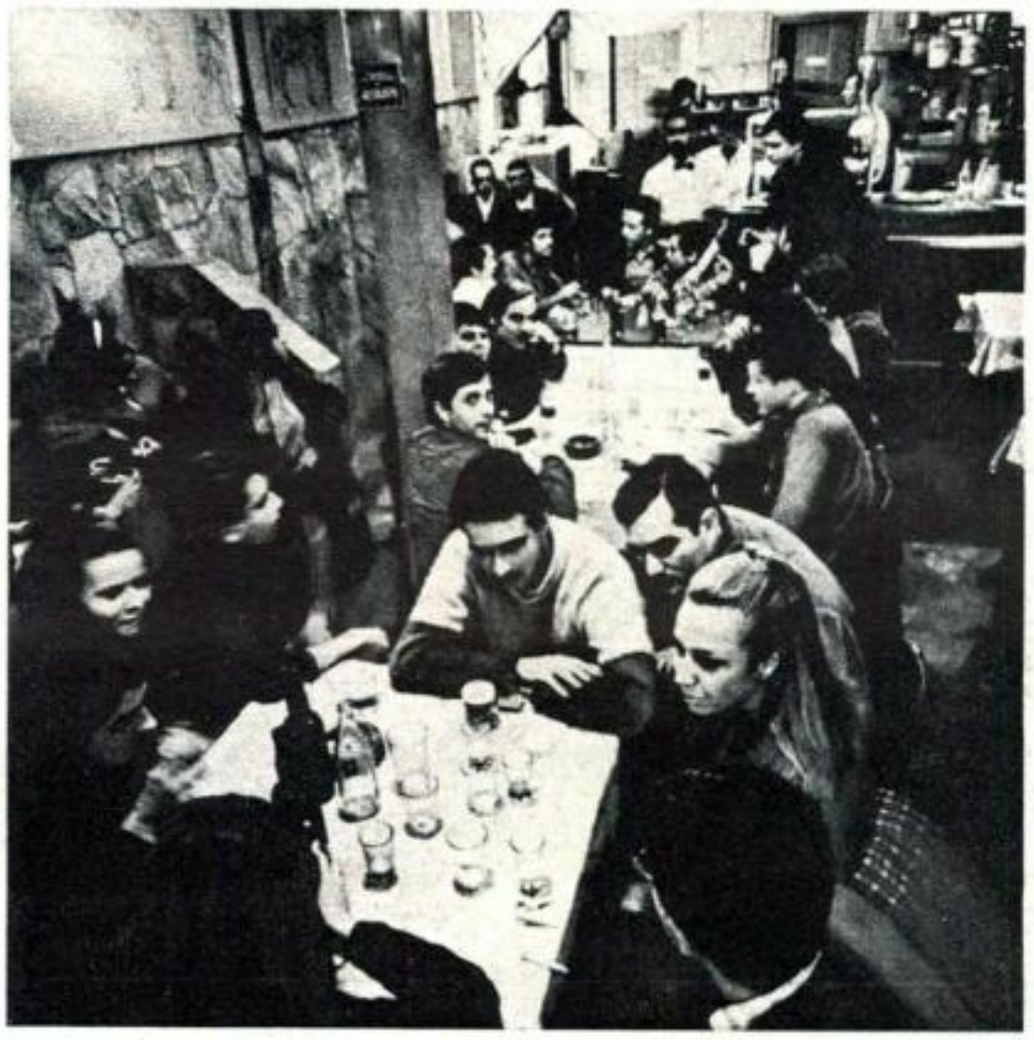
— Claro que não. Aqui a gente ainda não pode sair como quer. As pessoas me olham como se eu estivesse nua.

Pela roupa, os estudantes revelam pertencer, em sua grande maioria, à classe média. Lembro das estatísticas: apenas 5,8% dos universitários brasileiros são filhos de operários.

O professor de Antropologia inicia a aula propondo um debate sôbre "preconceitos e tabus". O tema é a virgindade feminina pré-nupcial, coisa que os estudantes discutem com freqüência. Eustáquio abre o debate, situando a questão em Belo Horizonte:

— É uma cidade de setenta anos e um milhão de habitantes cercados pelas montanhas. Nossos pais vieram do interior e nós assistimos aqui, em vinte anos, a um ritmo de progresso que em São Paulo levou duzentos.

SEGUE



É no bar que às vêzes surgem as grandes decisões.

Denison

Se Você é jovem, mas não gosta de extravagâncias (sapatos cheios de lacinhos, fivelinhas, furinhos, tirinhas, etc. etc.)

Veja a nova linha juventude

VULCABRÁS

Os modelos são modernos e muito elegantes.
Para moças e rapazes, nas côres preta, café e tabaco esfumaçado.

Caixa Postal 47 - Jundiaí - SP

"Não entendo por que fazem do sexo um tabu"

UNIVERSITÁRIO
CONTINUAÇÃO

O contraste então é o de uma juventude voltada para o futuro mas educada como se ainda vivesse numa cidade do interior.

Todos parecem concordar. Suzana entra diretamente no assunto: não entende por que fazem do sexo um tabu. Acha uma coisa tão natural como se alimentar. Maria José acrescenta que o único problema são "os condicionamentos sociais que servem de redoma de vidro à virgindade feminina". Berenice intervém:

— E por que não romper com êsses condicionamentos? Acho válido uma garôta ter relações sexuais antes do casamento, quebrando êsses condicionamentos que criam uma moral ambígua, com diferentes conotações para o homem e para a mulher. Tenho uma amiga que abortou por pressão social, para manter "o bom nome da família".

Há um silêncio na sala. Para quebrá-lo, Alenquer sugere:

— Acho que êsse negócio de virgindade feminina é um problema essencialmente masculino. É um critério que o homem impõe à emancipação da mulher. Talvez não saibamos bem o que seja amar.

Mais tarde eu ainda pensava nessa última frase de Alenquer. Achei que êle não tinha razão. Achei que os universitários sabem o que é amar, porque amam. Em geral o namôro firme nasce no banco da escola, e embora sejam quase todos favoráveis às relações sexuais antes do casamento e ao divórcio, nem sempre levam à prática suas opiniões.

Fiquei até surpreendido com a facilidade com que os universitários pregam as mais avançadas idéias, chegando mesmo a afirmar que é preciso fazer uma revolução social e reconstruir tudo de nôvo. Todos os calouros sofrem o mesmo impacto ao primeiro contato com o meio universitário, que abriga uma infinidade de "istas". Só nesta Faculdade existem: comunistas, pacifistas, progressistas, tradicionalistas, behavioristas, existencialistas, fidelistas, arrivistas, maoistas, e — dizem como piada — turistas. Na verdade, são todos jovens em busca de uma especialização profissional, para um mercado de trabalho que não é dos maiores, especialmente no ramo de ciências humanas. Me vêm à cabeça as palavras de um professor: "Enquanto o Brasil necessita de técnicos e cientistas, 50% dos universitários fazem cursos de Direito, Ciências Sociais, Filosofia e Letras. As poucas unidades técnicas da Universidade brasileira carecem de equipamentos modernos e o govêrno custa a fornecer verbas para o incentivo da pesquisa; em conseqüência, nos últimos quinze anos, 261 pesquisadores brasileiros foram trabalhar no exterior".

Quinta-feira

À saída da aula desço com um grupo de colegas para o centro da cidade. Maria Teresa tem nas mãos "O Estrangeiro", de Albert Camus. Mesmo sem entender nada de fenomenologia, ela lê Sartre, Herman Hesse, Joyce, Guimarães Rosa, Jorge Amado e Érico Veríssimo. Como seus colegas, gosta das peças de Brecht, prefere as poesias de Fernando Pessoa, Drummond, Manuel Bandeira e admira Marx e Teilhard de Chardin. Vamos almoçar no restaurante da Faculdade de Direito. Eustáquio escolhe uma mesa onde está sentado um estudante negro. É o Adão Ventura. Fico sabendo que é um poeta consagrado, já ganhou três prêmios. Aproveito a ocasião para uma conversa sôbre preconceito de côr.

— Entre os estudantes — diz Adão — não chega a existir preconceito. Mas quando sou apresentado a alguém meu nome vem sempre precedido pelos têrmos "universitário", "poeta", "inteligente", que servem para me fazer aceito pelos outros. Sei bem o que é ter uma pele escura: já fui barrado na porta do Cruzeiro Esporte Clube. E na minha terra, Sêrro, em Minas mesmo, prêto não pode entrar no quadro social do clube; enquanto que à noite, no "footing", as môças brancas não se misturam com as de côr.

Quando nos despedimos, Adão me entrega o que escreveu num guardanapo de papel, durante a conversa: "Deus quando criou o mundo / mandou que a luz existisse / mas a minha pele continua negra. / NEGRA, como o embrião da noite, / NEGRA, como a incompreensão dos homens".

Noto que na Faculdade de Direito há um número maior de velhos. A explicação que me dão é que muitos fazem três ou quatro vestibulares até conseguir entrar na escola. Que em 1965 houve, no Brasil, 131 mil candidatos aos vestibulares, tendo sido aprovados apenas 47 mil. E mais: que existem atualmente 155 mil estudantes no curso superior, ocupando as 40 universidades existentes: 23 federais, 3 estaduais e 14 particulares. Para terminar, que de cada 1000 crianças que entram para o primeiro ano do curso primário, apenas 10 atingem o curso superior.

À tarde estive com Alfredo, na Escola de Engenharia. Um estudante interrompeu nossa conversa para oferecer o jornal "Catolicismo". O artigo principal do jornal era uma denúncia contra o presidente Frei, do Chile.

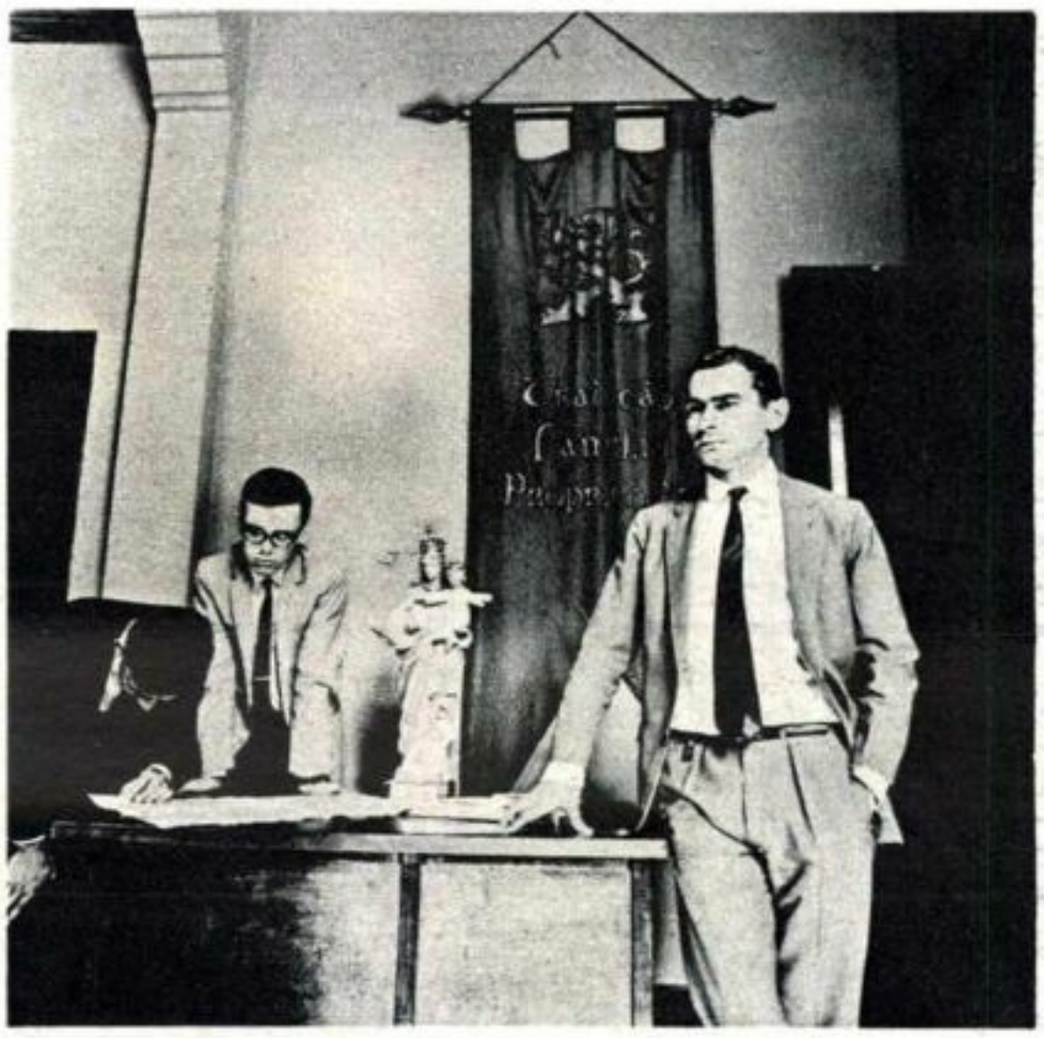
E o estudante Fiúza, de 26 anos, membro da Sociedade de Tradição, Família e Propriedade, reforçava a crítica:

— O govêrno comunistarista de Frei está levando o Chile ao comunismo.

Aproveito para perguntar sôbre os objetivos da Sociedade a que pertence Fiúza. Sua resposta é taxativa:

— Lutamos em defesa dos alicerces da civilização católica ocidental: a tradição, a família e a propriedade, principalmente a propriedade imobiliária. Por isso somos contra tôda espécie de progressismo, que é o germe do comunismo.

SEGUE



A TFP é um dos grupos organizados de oposição à UNE.

"Estudante só quer saber de bagunça de rua"

UNIVERSITÁRIO
CONTINUAÇÃO

Alfredo aproveita para provocar Fiúza:

— Mas vocês não acham que a miséria e a desigualdade de classes podem também favorecer o comunismo?

— Não, pois assim como o corpo humano é dividido em diferentes partes, cabeça, tronco e membros, é natural que a sociedade seja também dividida em diferentes classes.

Fiquei sabendo depois que a TFP congrega, em Belo Horizonte, 300 universitários divididos em 13 "repúblicas", fora alguns que moram em casa com a família. Soube também que a TFP e o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) são os únicos grupos organizados de oposição à UNE.

Sexta-feira

Faculdade de Medicina: Henrique trouxe-me para assistir à aula prática do 1.º ano: Anatomia Humana. Sôbre as mesas, num amplo salão, vários cadáveres cheirando a formol. Observo os estudantes fazendo dissecação e exame de partes isoladas do corpo humano. Trabalham com certa frieza, como se lidassem com bonecos de gêsso. À saída, pergunto a Henrique se aquêle trabalho não lhe traz repugnância.

— Durante três meses fomos psicològicamente preparados para isto. Nos primeiros dias ficamos chocados, sentimos mal-estar, ânsia de vômito; deixamos até de comer carne e alguns chegam a sentir repugnância pelo próprio corpo. Em geral, quem mais se impressiona são as môças: algumas pensam abandonar o curso. Mas depois a gente se habitua.

Percebi que, ao contrário dos alunos da Filosofia, o pessoal da Medicina pouco se interessa pela política estudantil ou pela política em geral. Ao mesmo tempo, há uma generalizada indiferença religiosa. Os universitários brasileiros são, quase todos, o que os teólogos costumam chamar de "cristãos atávicos" — têm a fé como herança de família. A entrada para a Universidade e o contato direto com a ciência criam nêles um certo ceticismo. Muitos já não vão ao culto ou à missa. Jorge, do 3.º ano, me dizia:

— A perda da fé, na Universidade, é conseqüência do próprio objetivismo da ciência. Ela nos leva a querer comprovar as coisas laboratorialmente.

Alguns grupos universitários, porém, se preocupam com uma visão melhor do Cristianismo. A Juventude Universitária Católica — que já formou uma geração de líderes universitários — e a Associação Cristã Acadêmica, protestante, buscam uma conciliação entre a fé e o engajamento político do universitário.

Prates convidou-me para jantar em sua casa. Seu pai, velho udenista do interior de Minas, veio para a capital no govêrno Magalhães Pinto. Diz sempre que o problema brasileiro "se reduz à falta de exemplos morais e cívicos como Artur Bernardes". Mas o filho discorda e prefere apoiar a UNE.

— Êste também é subversivo como você? — perguntou o velho quando fui apresentado. Mas antes que o filho respondesse, foi falando:

— Vocês pensam que eu sou reacionário e não entendo mais de política dos estudantes. Ora, eu fui um dos que vi a UNE nascer em agôsto de 1937 na Casa do Estudante do Brasil. Acho até que foi dia 13. Isto mesmo: treze de agôsto. Lembro-me que em 1942 ela obrigou o govêrno do Estado Nôvo a romper com as potências do Eixo. Tomou fôlego, encaminhou-nos à mesa do jantar e continuou:

— Os nazistas tinham torpedeado navios brasileiros nas costas de Sergipe. Antes que o govêrno se declarasse, os estudantes repudiaram o hitlerismo apoderando-se de um prédio na Praia do Flamengo; era a sede do Clube Germânia, que acabou virando sede oficial da UNE. Depois, em 1945, ela se aliou à UDN para redemocratizar o país. Enquanto Eduardo Gomes discursava no Recife, a polícia dissolvia um comício a bala, matando o estudante Demócrito de Souza Filho. Isto foi em março. Em outubro, Getúlio caiu. Mas hoje...

O velho olhou sério para mim e para o filho:

— ...está tudo mudado. Os estudantes só querem saber de bagunça de rua e nem pegam nos livros. Vivo dizendo pra êste menino que êle vai acabar prêso.

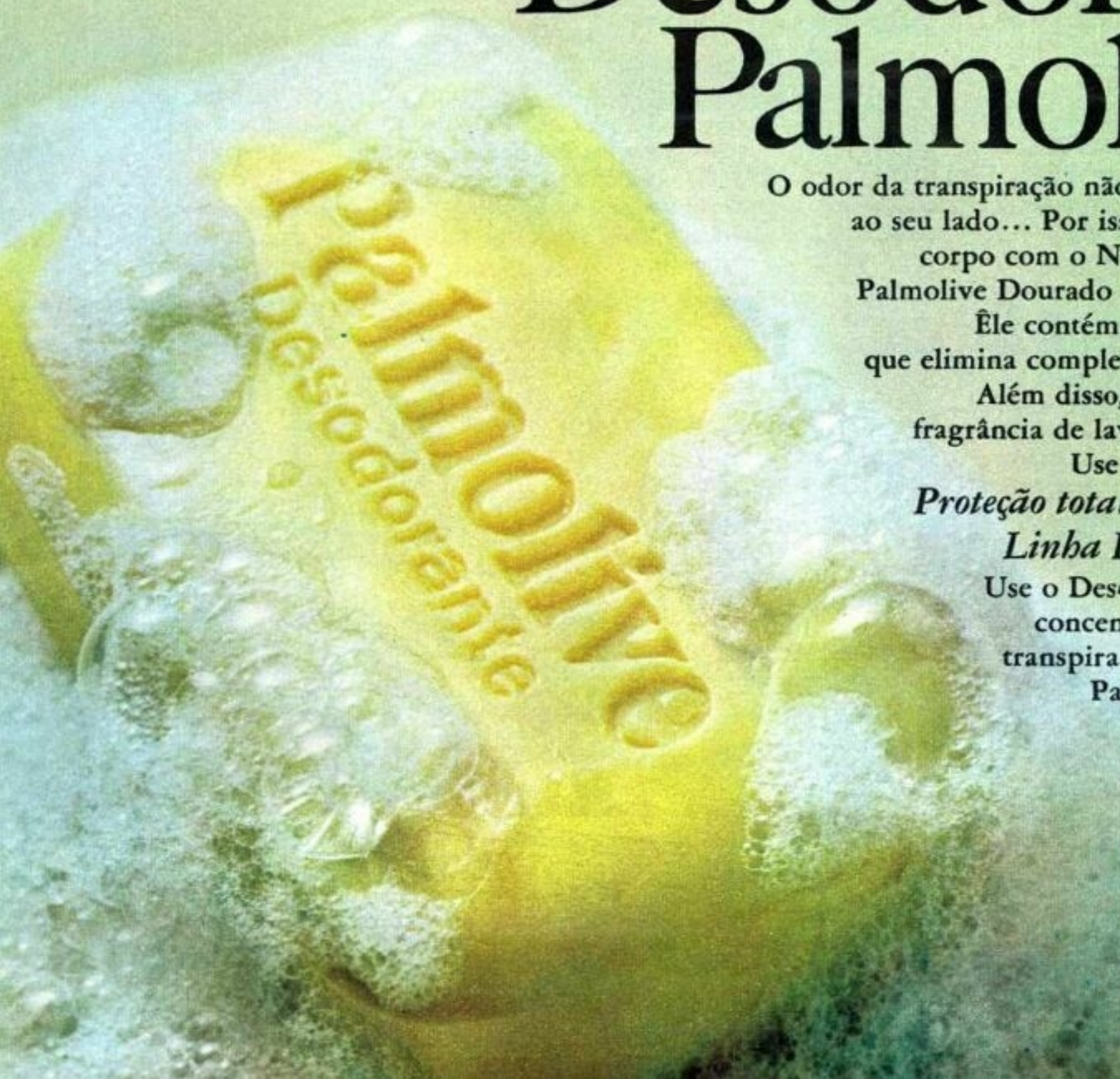
Prates quase não fala. Tinha me dito antes que acha impossível o diálogo com o pai. Está trabalhando para ter independência financeira da família.

SEGUE

Na passeata de protesto contra o acôrdo MEC-USAID, a polícia usou quase tudo: metralhadoras, cassetetes, gás lacrimogêneo, mangueiras de incêndio e bombas de efeito moral.

Meu Deus do céu, quando será que alguém vai fazer um desodorante para o corpo inteiro?

Já fizemos: Nôvo Sabonete Desodorante Palmolive.



O odor da transpiração não é nada agradável para quem está ao seu lado... Por isso, V. precisa proteger todo o corpo com o Nôvo Sabonete Palmolive Dourado.

Palmolive Dourado não é um sabonete comum.

Êle contém DEX-77, elemento bacteriostático que elimina completamente o odor da transpiração.

Além disso, Palmolive Dourado tem deliciosa fragrância de lavanda francesa.

Use Palmolive Dourado.

Proteção total com a

Linha Desodorante Palmolive.

Use o Desodorante Palmolive com DEX-77 - concentrado, nas axilas, onde V. transpira mais. E o Talco Desodorante Palmolive para prolongar a sensação refrescante do banho.

"Vocês ameaçam os alicerces da República"

Sábado

A aula de hoje foi substituída por uma conferência do Diretório Acadêmico sôbre o Acôrdo MEC-USAID. O conferencista é um jovem moreno, de 22 anos, que me dizem ser o presidente da União Estadual de Estudantes e chamar-se Waldo. Cecília, uma moreninha de olhos azuis, faz questão de sussurrar no meu ouvido quando êle começa a falar: "Êsse cara já foi prêso três vêzes". Presto atenção. Êle começa a explicar que o primeiro convênio MEC-USAID foi feito em 23 de junho de 1965 e posteriormente substituído pelo Convênio de Assessoria ao Planejamento do Ensino Superior. Êste acôrdo teve origem na Política Nacional de Educação, baseado nos compromissos assumidos na Carta de Punta del Este pelo Brasil, como um dos membros da Aliança para o Progresso. Em seguida lê alguns trechos do relatório Atcon — um estudo sôbre a Universidade Latino-Americana no qual se baseia o Acôrdo — e conclui afirmando que com isto a USAID passa a ter amplo contrôle do aparelho de ensino brasileiro. "Isto nós não permitimos" — grita ao final da conferência. Os estudantes o aplaudem de pé. Parecia até que dali sairia uma nova passeata.

Passo pela Livraria do Estudante após o almôço. Compro a revista "Estória" e o jornal "Texto", onde a nova geração de estudantes literatos tem publicado suas criações.

À noite sou levado ao "Porão", um restaurante muito freqüentado pelos estudantes. Mas alguém propõe o "Chez Bastião", dizendo ser o "único bar que a TFM permite que suas filhas freqüentem desacompanhadas". Em meio ao chope, fala-se sôbre aulas, professôres, Faculdade. A mesa de chope sempre foi um lugar importante na vida do estudante. Em volta dela ganham-se congressos, escolhem-se candidatos, discutem-se problemas nacionais e internacionais, comemoram-se as boas notas e toma-se um porre para esquecer o fracasso nos exames ou o amor fracassado.

Domingo

Em minhas anotações registro a dificuldade de caracterizar, no presente, um jovem como o universitário que, estudando ou fazendo política, está sempre voltado para o futuro. Êle sabe que êsse futuro lhe pertence. Mas Paulo, da Arquitetura, me disse ontem que tem mêdo do futuro. Não soube explicar por quê...

À tarde, fui apresentado a Roberto. Êle é um dos líderes universitários. Havia sido prêso recentemente numa passeata e o fato deu o que falar na cidade. Eu quis saber como tinha sido a coisa.

— Quando a polícia entrou com a borracha, tentei refugiar-me no cine Metrópole. Na porta, fui derrubado por um guarda. Senti na queda que minha mão esquerda ficara ferida. Ninguém mais junto de mim, senão cinco guardas furiosos. Permaneci deitado no chão esperando que me batessem. Talvez por falta de jeito não o fizeram. Mandaram que eu me levantasse. Estava prêso. Como se eu fôsse um ladrão, me enfiaram na Rádio-Patrulha.

A essa altura já havia mais uns três estudantes em volta:

— Meu ferimento sangrava muito e doía. Tive mêdo de tétano, pois a mão estava suja e esfolada. Um companheiro, dentro da Rádio-Patrulha, emprestou-me um lenço. O cubículo no interior do carro era escuro e estávamos em sete estudantes amontoados. Fomos levados ao som das sirenas.

Um rapazola sardento que tinha encostado no grupo comentou: "que bacana". Roberto continuou:

— Descemos em fila indiana: Departamento de Vigilância Social. Havia um aparato policial a nos cercar. Fizeram a triagem: "Seu nome? Vocês estavam fazendo arruaça?" Era o delegado. "Não. Estávamos..."; "Não interessa. São todos uns comunistas, uns vagabundos". Éramos tudo, menos estudantes universitários. Encheram nossa ficha e pediram os objetos que carregávamos. Fazia frio e a única roupa que nos restava eram as calças. Após o interrogatório, fui levado à cela, num porão. Conheci então a famosa "escada rolante" — do primeiro degrau o prêso é empurrado, descendo numa queda ou aos trancos e barrancos.

— Você ficou sòzinho na cela? perguntou o mesmo garôto sardento.

— Não, havia mais 18 estudantes. Houve uma certa alegria no encontro. No início não consegui pensar em nada; me preocupava com a família, os amigos. Ninguém tinha cigarro. O cubículo que nos servia de prisão tinha 11 por 19 "pés".

Roberto tem 23 anos, mas parece mais jovem ainda. Fala com segurança e vivacidade:

— Tínhamos sido presos no início da tarde e às 23 horas vieram tirar um por um da cela. Quem saía não voltava mais. Imaginamos coisas: pau-de-arara, choque elétrico, tôda espécie de tortura. Felizmente não houve nada disso. Apenas nos trocavam de cela para fazer guerra psicológica. Eram três da madrugada quando começamos a depor: "Seu nome?" era novamente o delegado, que adiantou: "você está sendo acusado de provocar incêndio, ameaçar os alicerces da República e perturbar a ordem pública."

Roberto sorriu quando lembrou a frase e prosseguiu:

— Ao voltarmos à cela encontramos um bêbado vociferando contra o govêrno. Falava muito e pedia nossa opinião. Não abrimos a bôca. O cansaço nos dominava. Soubemos depois que era um agente da própria polícia. Pela manhã, bem cedo, outro delegado veio nos acordar aos berros. Mandou que ficássemos encostados à parede. Parecia que íamos ser fuzilados. Disse que estávamos "perdidos", pois era possível a nossa remoção para a Quarta Auditoria Militar, em Juiz de Fora — "a bôca do inferno". Os dias passavam e eu não entendia por que ficar prêso tanto tempo. Em geral estudante não fica prêso mais de dois dias. Dia 19 foi marcado o julgamento. Às 18 horas dêsse dia ficamos sabendo que o Superior Tribunal Militar nos concedia a liberdade por doze votos a zero. Ficamos eufóricos. À saída, fotógrafos e cinegrafistas pediam que demonstrássemos abatimento. Ao contrário, sorríamos muito. Havíamos vencido.

Quando Roberto terminou sua história, o grupinho em volta de nós dois tinha aumentado bastante. Todos universitários, menos o tal garôto de sardas. Êle repetiu, antes de sumir:

— Que bacana!

Eu anotei a frase em meu diário de trabalho. Tinha terminado a reportagem. Tinha conhecido o mundo do universitário, suas dúvidas, suas certezas, seus problemas, seus dramas, sua confiança no futuro. Era um mundo bem jovem, atraente, contagiante. O garôto sardento tem razão.

FIM

Não é atoa que dizemos que o Aero-Willys é o carro dos homens bem sucedidos.

Quando dizemos que o Aero-Willys é o carro dos homens bem sucedidos, estamos apenas repetindo uma verdade corriqueira.

Se não, responda: qual é o carro dos seus amigos que estão progredindo na vida?

Qual é o carro que, quase sempre, ostenta as chapas douradas dos Tribunais de Justiça, dos Ministérios, das Assembléias Legislativas, das Secretarias de Estado, Prefeituras, etc.?

Qual é o carro grande, fabricado no Brasil, que você mais vê nas ruas? Não precisa responder o óbvio.

A razão dessa preferência é simples. O Aero-Willys além de bonito, luxuoso e sóbrio é resistente. Muito resistente. Inspira total confiança. Você sempre pode contar com êle. Pessoas que alcançam sucesso na vida são dinâmicas e ativas e não podem perder tempo em oficinas.

À propósito: qual é mesmo o carro que você está pensando comprar?

© Willys - Overland - 67.1380

Aero Willys 67

Um produto da Willys-Overland – Fabricante de veículos de alta qualidade

ANATOM-BABY NÃO É COLCHÃO PARA ROSAS (Que pena!...)

Se as rosas pudessem deitar para dormir, tôdas elas teriam talos perfeitos. Sem deformações.

Porque a Engenharia do Sono cuidaria de criar um colchãozinho Anatom especial para elas.

Mas, não. Elas dormem e crescem em pé. E o máximo que se pode fazer para evitar que fiquem deformadas é atá-las a um gravêto.

Que nem sempre as sustém na posição correta.

E se, quando ainda verdes, os seus talos adotarem sempre uma forma imperfeita, êles conservarão esta mesma postura quando já maduros.

Por isso, há poucas rosas de talos perfeitos. Porque, quando ainda tenras, ninguém cuidou de seu desenvolvimento.

É uma pena, realmente, que Anatom-Baby não seja um colchão para rosas. Mas é um colchão para os seus filhos. Que também são rosas. Rosas ainda em botão. Tenrinhas. Que só agora começam a crescer.

Já é tempo, portanto, de cuidar da correção do seu desenvolvimento ósseo. Com Anatom-Baby.

Porque êles dormem dez horas por dia, em média. E deitados. Agora, veja: dormindo durante todo êsse tempo em um colchão deformado ou que ceda ao pêso de seus corpinhos, é bem provável que suas colunas venham a adotar, com o tempo, a mesma posição incorreta a que se acostumaram.

Dormindo no Anatom-Baby será bem ao contrário. Porque, como um Anatom que é, o Baby também possui uma estrutura firme e completamente indeformável.

E, ao mesmo tempo, aquela maciez cientìficamente dosada.

Assim, o nosso Baby cede ao pêso do corpinho dos seus "babies" apenas o essencial para que as colunas dêles permaneçam na posição correta.

Procure conhecer o Anatom-Baby.

E dá-lo aos seus filhos. Daqui a 15 anos, os "babies" - os seus e o nosso - continuarão como hoje. Sem qualquer deformação.

E, se v. desejar, temos também lindos bercinhos para os "babies".

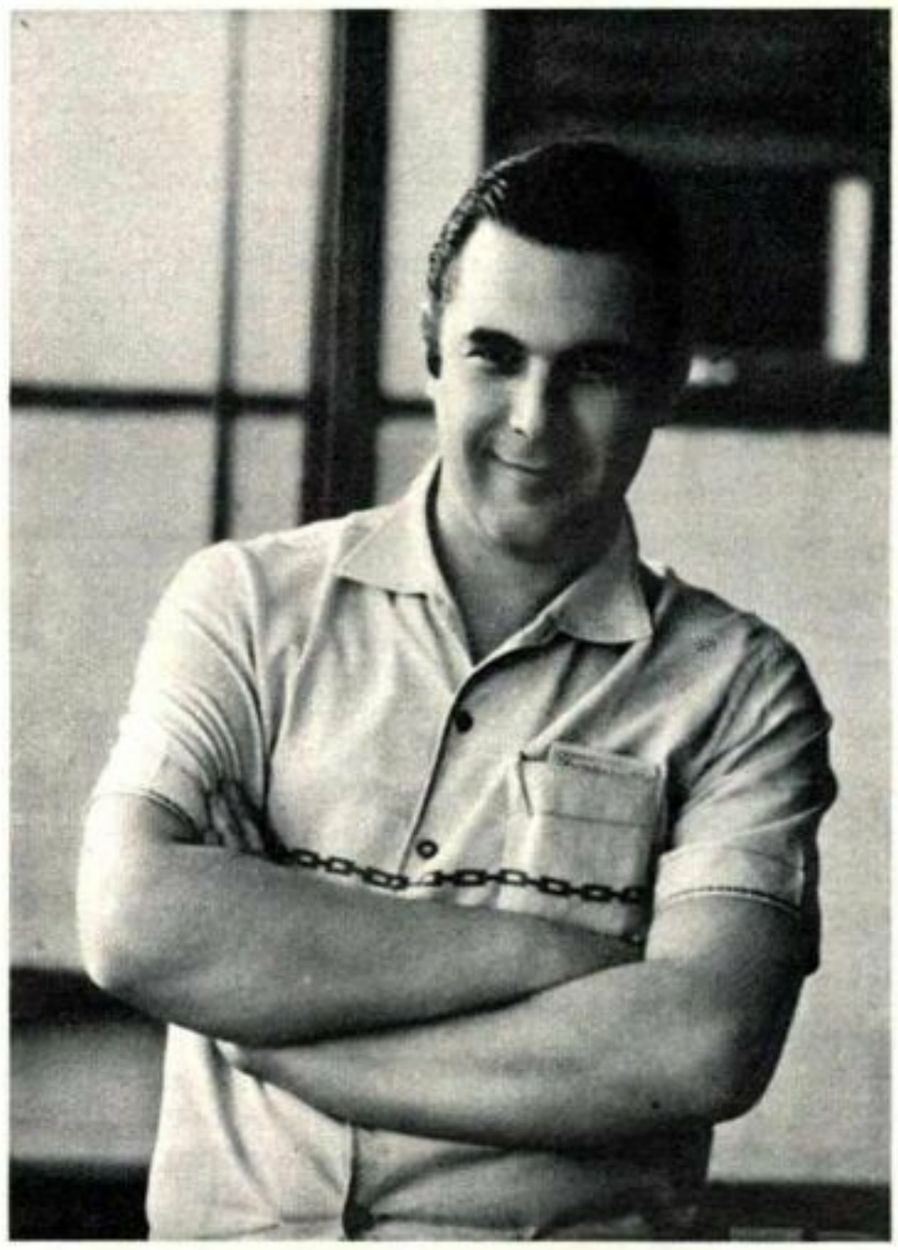
CENTRO: Ed. Av. Central - 1.ª sobreloja, 214.
COPACABANA: Av. Copacabana, 646 - sobreloja.
NITERÓI: Rua da Conceição, 37 - sobreloja.
Demonstrações domiciliares: PBX 52-6464, até 22 horas.

Anatom

EM SÃO PAULO:
Av. São Luís, 153 - Galeria Metrópole - 3.ª sobreloja.
Demonstrações domiciliares: 36-6700, até 22 horas.

O SEGRÊDO DA BOA DISPOSIÇÃO AO ACORDAR

o jovem do INTERIOR



Depois de passar mais de cem horas batendo papo sentado em bancos de jardim, de perder 20 mil cruzeiros em demoradas partidas de sinuca (êle não conseguia acertar uma bola), de assistir a muitas "brincadeiras dançantes" e de conviver intensamente com um punhado de jovens do interior, o repórter Luiz Fernando Mercadante escreveu êste trabalho. Para isso, viajou durante 30 dias por 14 municípios de São Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio. E, em cada cidade que chegava, procurava especialmente os jovens que aparentam vida boa e despreocupada, que passam os seus dias na praça e, na falta do que fazer, convivem nada fazendo. Entretanto, Luiz Fernando viu que êsses jovens, que muita gente chama de boas-vidas, não são tão boas-vidas assim. Amarrados à engrenagem monótona das pequenas cidades do interior, êles se afligem com problemas que vão desde "o que fazer no dia de hoje", até saber o que vão fazer na vida amanhã: permanecer na cidade natal, ou **saltar para a frente** e procurar se integrar numa cidade grande, como o Rio ou São Paulo? Enquanto não se decidem de uma vez, êles continuam se reunindo em volta dos bancos da praça, procurando as melhores maneiras de matar o tempo.

EU ENTREI NA TURMA

No dia em que saí para a viagem, já ouvira dizer que as cidades do interior se repetem, com pequenas variações. De volta, após conviver com dezenas de rapazes e môças de 17 a 25 anos, conversar com êles sôbre seus problemas e acompanhá-los no seu dia a dia, posso afirmar que não só as cidades, mas os jovens do interior também se repetem.

O môço rico, que encontrei queimando a gorda mesada numa roda de pif-paf é o mesmo na região da Mojiana, no Triângulo Mineiro e no Vale do Paraíba. O filho do pequeno comerciante, que passa o dia todo ajudando o pai e à noite conquista o primeiro lugar da classe na escola de comércio, também está em tôda parte. Aqui e ali, encontrei filhos de fazendeiro trabalhando para dobrar a fortuna do pai, rapazes ociosos que ainda não sabem o que fazer da vida, noivos que não ganham o suficiente para comprar as alianças, boas-vidas que se mantêm às custas da pensão da mãe viúva, moços que trabalham para poder estudar, e outros, até, que estudam para não ter que trabalhar.

Êles se repetem, com seus problemas. Ainda não sabem se devem ficar por lá, amarrados em suas cidades, mas ao mesmo tempo protegidos pelas estruturas locais; ou se devem tentar aquilo que um jovem jornalista do Vale do Paraíba chamou de **o grande salto para a frente:** cortar as amarras e buscar vida melhor numa cidade grande. Êles sabem que cada um deve buscar dentro de si a sua resposta. Mas, enquanto não se decidem, partilham, com os que já resolveram ficar, os bancos da praça, as mesas do bilhar, as pistas do boliche, as poltronas do cinema, os flêrtes do **footing,** o bôlo futebolístico e as brincadeiras dançantes do clube.

Foi exatamente com essa rapaziada que convivi. A cidade pode se chamar Caracóis, ter 35 mil habitantes, nenhuma faculdade, dois cinemas, uma estação de rádio, um jornal **diário** que sai três vêzes por semana e um time de futebol.

Paulinho é o pescador

Dez da manhã em Caracóis é dia alto, para todo mundo. Menos para Paulo Pipoca. Quando êle me falou em pescaria, pensei em fazer madrugada e em caminhar os oito quilômetros que separam a cidade do rio. A turma caiu na risada. Pescaria de Paulo Pipoca começa às 11 e é no ribeirão que passa pelos fundos de sua casa. Cinqüenta passos, nem isso. Às dez e meia dei com Paulo Pipoca ainda no chuveiro, de onde, além do barulho da água, partia uma cantoria desafinada:

— Eu não presto, mas eu te amo. Eu não presto, mas eu te amo.

— Paulo César! — gritei. Eu ainda não conseguia chamar tôda a turma pelos apelidos.

— Cê taí já, sô?

— Tô — respondi no falar da terra.

— Sentaí que eu já vô.

Paulo César — ou Paulo Pipoca, por causa do rosto encaroçado de espinhas — 22 anos de idade, quatro de ócio, é filho de seu Chico Construtor e de dona Mariana Professôra. Terminou o ginásio com 18 anos e começou a procurar emprêgo. Está procurando até hoje. Com o casamento das duas irmãs mais velhas, passou pràticamente à condição de filho único. E tira disso o melhor proveito. Seus pais acham que êle ainda é garôto e que há muito tempo pela frente. Quem não pensa assim é Zenaide, que após cinco anos de namôro com Paulo Pipoca, já começa a se preocupar.

Sapatos de lona, calças **far-west,** camisa vermelha desabotoada no peito e cabelos engomados, aí vem êle, com seu metro e 80 de altura:

— Vambora?

E lá fomos nós.

— Eu pesco todo dia a essa horinha. Quando quiser é só aparecer.

— Não aborrece esta repetição?

— Não. Pescar é bom para o espírito.

— Você me desculpe, mas não acha que levanta tarde demais?

— Que nada. Assim a gente encurta o dia.

Na beira do ribeirão, Paulo Pipoca se transforma. Arruma as iscas, os anzóis, as varas, com um interêsse de quem está trabalhando a sério, e começa a puxar tainhas e bagres com precisão. Concentrado, calado, para não espantar os peixes.

Até os 25, aproveitar

Quando dona Mariana chamou para o almôço, uma hora depois, Paulo Pipoca levou-lhe uma fieira de peixes:

— Pra senhora, mãe.

— Obrigado, meu filho, você é um amor.

Espichado na rêde, após o almôço, Paulo Pipoca me conta:

— Assim que terminei o ginásio, pensava em ir para São Paulo. Tenho uns tios lá. Podia ficar com êles, pelo menos no comêço. Arrumava um emprêgo, fazia o científico, depois entrava numa faculdade.

— Que faculdade?

— Não sei, não. Talvez Direito. Se não, Economia, que agora é bacana. Mas o caso é que minhas irmãs casaram em seguida, uma foi pra Campinas, a outra pra Santos, e eu não posso deixar os velhos sòzinhos.

— Seus pais também pensam assim? SEGUE

BERLIN
ROLLING STONES

Escolha: o banco, a fábrica ou a repartição

INTERIOR
CONTINUAÇÃO

— Acho que pensam. Então, comecei a procurar emprêgo, porque trabalhar com o velho, no ramo de construção, não ia dar certo. E descobri uma coisa: aqui só há duas soluções. Ou nos bancos, ou no laticínio, que paga melhor, mas é mais exigente. Assim mesmo, preferi o laticínio. Vou lá todo mês, tenho uns amigos. Está demorando mas vai sair. Fora disso só emprêgo público. Mas o velho é da política contrária...

— Mas quatro anos esperando um emprêgo é um tempão, Paulo César.

— Não sei, não. A velha diz que até os 25 o rapaz deve aproveitar.

— E a sua namorada concorda?

— Cala a bôca, sô. Ela tá falando de ficar noiva no fim do ano.

— E você?

— Eu? Não sei, não.

A conversa de Paulo Pipoca foi interrompida pela chegada de Toninho Fiscal, um môço magro e baixo, fanhoso no falar e nervoso de gestos.

— Vim devolver o binóculo do seu pai.

— Ah! Deixa aí. As meninas já foram embora?

— É claro, ué.

Paulo Pipoca explicou:

— Êsse cara é um felizardo, sô. As duas professôras de São Paulo, que vieram dar um curso no Instituto, ficaram hospedadas numa casa que dá os fundos pra casa dêle. Já viu, né? Êle ficou lá de binóculo dia e noite, e até proibiu a gente de ir à casa dêle pra não chamar a atenção dos velhos.

Toninho se defendeu, dizendo que seria perigoso ir tôda a "curriola" espiar as môças ("curriola" para êles é a turma).

— Imagine só se a velha descobre. Me punha até fora de casa, religiosa do jeito que ela é.

— Elas estavam nuas? — perguntou o Paulo Pipoca.

— Não, estavam de **shorts.**

— E que graça tem?

— Cê é besta, Paulo Pipoca.

O emprêgo ideal de Toninho

Saí com Toninho Fiscal. Paulo Pipoca ficou dormindo sua sesta na rêde.

— Vamos tomar um café na praça — sugeriu Toninho.

Fomos, devagar sob o sol quente, Toninho cumprimentando todo mundo. Alguns até imitavam o seu falar fanhoso no cumprimento. Êle fazia que não percebia.

— Você trabalha, Toninho Fiscal?

— Claro, eu sou fiscal.

— Fiscal do quê?

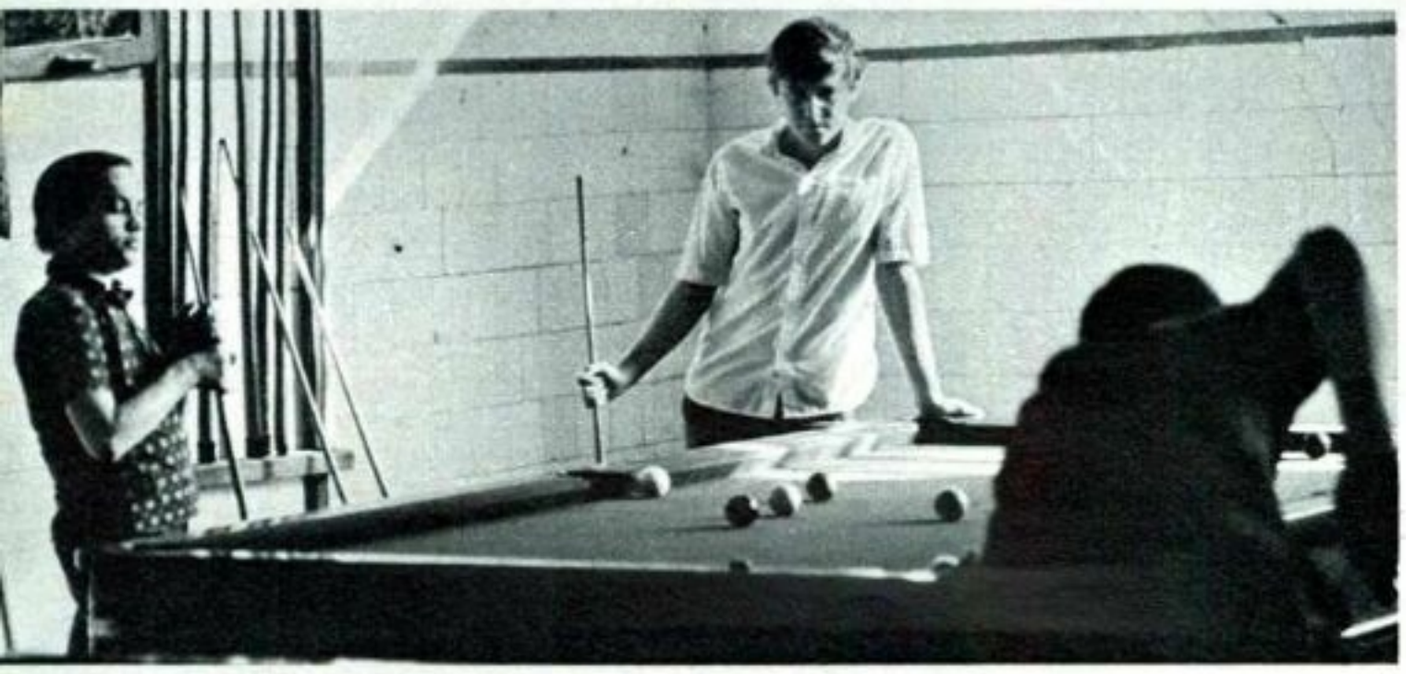
— Fiscal do leite.

— O que é isso?

Toninho se espantou com a minha ignorância:

— Então você não sabe? Sou fiscal do Estado para o leite. Meu setor é o laticínio. Vou lá, quase todos os dias, confiro o leite que entra, vejo o leite que sai, espio a higiene, é isso.

— Mas você entende disso?



Sinuca ao alcance de todos: 800 cruzeiros por uma hora.

— Claro, ué. Trabalho há três anos. Acabei aprendendo.

— Você fêz concurso?

Toninho riu, um riso fanhoso como sua voz.

— Que nada. Tio Marcondes me nomeou. Êle é o chefe político da região. É, não. Era. Compadre do Ademar, até.

— E é seu tio, mesmo?

— Nada. Mas os protegidos chamavam êle de tio, brincando. Êle parece que gostava.

— Quantas horas você trabalha?

— Seis.

— Por dia?

Toninho se escandaliza:

— Que é isso, sô? Seis horas por semana, uma por dia, assim mesmo quando eu vou.

— E pagam bem?

— Ótimo.

— Quanto?

— Cento e trinta mil.

— Por semana?

— Não. Por mês.

Com o sol cada vez mais forte, encontramos a praça quase vazia e fomos direto ao café. Eu ia pensando nos 23 anos de Toninho e no seu inútil diploma de contador, recebido no ano passado.

— Por que é que você não se transfere para São Paulo e não estuda Economia?

Toninho riu:

— Olha aqui: filho de lavadeira que subiu na vida só conheço o Roberto Campos. Vamos jogar uma partida de sinuca?

— Não vai ter graça. Faz muitos anos que não jogo.

— Então vamos buscar Fiu.

Fiu namora para se distrair

O Fiu é fácil de encontrar. Está sempre na banca de jornais que o pai, agente de jornais e revistas, lhe armou na praça ao lado do Forum, na calçada que o povo chama de "senadinho": ali se reúnem os políticos da cidade para salvar o Brasil, tôdas as tardes, das seis às sete.

O Fiu vem logo, sacudindo suas banhas. Tem noventa quilos em cima de um metro e 65. Deixou um engraxate tomando conta da banca. Com instruções precisas:

— Se o velho aparecer, diz que eu fui na Rodoviária ver o negócio dos jornais.

Fiu chama-se Carlos, tem 19 anos, o ginásio completo, o científico, já foi reprovado em dois vestibulares de Agronomia numa cidade vizinha e está se preparando para o terceiro. Aluno médio, nunca perdeu ano e o fracasso nos vestibulares o aborrece. Principalmente quando a turma encomprida seu apelido e o chama de Fiu Agrônomo. Poderia estar fazendo o cursinho, pago pelo pai, na cidade vizinha. Mas estuda nas apostilas, sòzinho, porque prefere a vidinha de Caracóis, ainda que tenha de trabalhar na banca de jornais.

Toninho Fiscal e Fiu já estão arrumando as bolas de bilhar. Querem, a todo custo, que eu jogue também. Fiu explica:

— Toninho e eu jogamos por um Cabral. Você joga a leite de pato. Só pra treinar.

Êles chamam a nota de mil cruzeiros de Cabral. E jogar a leite de pato é jogar de graça, uma cortesia aos que não têm dinheiro ou são principiantes. Ambos gostaram que eu também entrasse com "um Cabral". Mas Toninho ficou irritado quando fui sorteado para jogar antes de Fiu.

— Vai deixar as bolas boas pra você — comentou de lado, com o amigo. Fiz que não ouvi, mas percebi que Fiu ficou sem jeito e assoprou no ouvido de Toninho:

— Manera, rapaz. Que é que o cara vai pensar da gente?

Quando começamos a jogar, percebo, em Toninho Fiscal e em Fiu, a mesma seriedade de Paulo Pipoca com os caniços de pesca. Meus dois parceiros põem em cada bola todo o interêsse de que são capazes. Como todos os outros, não são de fazer muitas coisas, mas, nas poucas coisas que fazem, concentram-se integralmente.

Depois da terceira partida, fomos ao Bar do Zico tomar as cervejas que Toninho prometera pagar. A conversa era sôbre namoradas. Toninho falava sério para o amigo:

SEGUE

Obrigação: engraxar os sapatos na praça

Há sempre uma "brincadeira dançante" de 6.ª a domingo.

INTERIOR
CONTINUAÇÃO

— Uma coisa eu te digo, Fiu: se continua saindo com a Teresa, mãozinha dada, cinema e sorvete, você está amarrado.

Fiu avermelhou:

— Aqui não tem distração, Toninho. O negócio é namorar.

Toninho concordou. Mas namorar tinha de ser por 20 dias, no máximo.

— Se pegar um mês, vira grude.

Fiu respondeu que não era bôbo nem nada:

— Tou tirando uma casca. Domingo eu pulo fora.

E pedindo desculpas, porque era tarde, voltou apressado, agitando suas banhas, para a banca de jornais. Toninho e eu escolhemos um banco na sombra e sentamos a um canto da praça. Eram três horas da tarde.

Coruja tem MG branco

Toninho avisou que lá pelas quatro a turma baixava tôda na praça.

— Por enquanto só tem aquêles **boyzinhos** — disse mostrando um grupo de garotos de 15 a 18 anos. Êles estudam à noite na Escola de Comércio.

— E de dia? O que fazem?

— Coisa nenhuma.

E ia contando:

— Pelas cinco, as garôtas do ginásio e do normal saem das aulas. Elas aparecem, quase tôdas, com os livros debaixo do braço, dão umas voltinhas na praça e se mandam. Se a gente quer falar com alguma, é a melhor hora. Sabe, de noite a coisa já tem ar de namôro. Assim, de tarde, parece que a gente está falando de estudo.

Toninho interrompeu sua dissertação, para mexer com uma mulata que passava:

— Onde vai êsse anjo celestial?

A môça riu e respondeu:

— Buscar remédio pra um fanhoso que eu conheço.

Toninho fêz que se zangou:

— O remédio tá aí mesmo, sua tonta. Vem cá, vem.

A mulata não veio e Toninho ficou explicando que ela era empregada de sua tia, e que êle tinha muitas esperanças nela:

— Você sabe, com a zona fechada, o jeito é se arrumar com as empregadinhas. A não ser que a gente tenha carro. Como êsse mardito que vem aí.

Romildo Coruja entrava na praça triunfalmente, com seu MG branco de escapamento aberto, capota baixada, os metais luzindo. Encostou numa sombra, pulou sem abrir a porta, tomou uma coca-cola na porta do bar e veio atravessando a rua em nossa direção.

— É filho de Pedro Coruja, o fazendeiro mais rico da região. Tem cinco irmãos, tudo médico e advogado em São Paulo e no Rio. É o caçula e dodói do pai. Tem 21 anos. Parou no terceiro ginasial depois da segunda bomba, não faz nada, mas nada mesmo. Passeia o dia inteiro. Vai numa fazenda, volta. Vai até outra, volta. E de noite joga o dinheiro do pai no carteado. Mas é boa gente. Você vai ver.

Toninho soprava as últimas palavras quando Romildo Coruja chegou perto de nós.

— Senta aí, ô Coruja.

— Não posso, não, sô. Tô chegando da fazenda e tenho que ir até a Caixa Econômica.

— Senta um minuto — insistiu Toninho.

— Então, vou engraxar os sapatos.

Engraxar os sapatos, sentado num banco da praça, faz parte do ritual diário. Todos êles engraxam. Às vêzes, de manhã e de tarde. Algo, assim, como uma coisa importante que deve ser feita.

Trabuco ganha no pif-paf

Toninho resolvera ir para casa, deixando-me com Romildo Coruja. Seguimos a pé até a outra extremidade e entramos na Caixa Econômica. Coruja preencheu o cheque com letra horrível: NCr$ 150,00.

— Qual a sua mesada, Coruja?

— Bastante.

— Quanto?

— Duzentos contos por semana.

— Seria uma ótima mesada até em São Paulo, ou no Rio — comentei.

Romildo Coruja sorriu, tirou os óculos, colocou-os outra vez e contou o dinheiro. Depois perguntou-me:

— Joga pif? Vou fazer êsse dinheiro dar cria hoje à noite.

Dinheiro no bôlso, fomos dar uma espiada no MG.

— Quer dar uma volta?

Quando me arrependi já era tarde: a 120 quilômetros por hora, na estrada, Romildo Coruja me falava sôbre as qualidades do seu carro, que êle só troca por um Mustang:

— Aliás, já estou cantando o velho: dependendo da colheita, é até capaz dêle me dar.

— Mas é só isso que você pensa da vida? — perguntei.

Coruja parou no acostamento com uma freada violenta. Pulou do carro e urinou num barranco. Tranqüilamente. Foi a sua resposta.

Voltamos em tempo de surpreender a praça cheia de meninas: as ginasianas e as normalistas.

Sentado no encôsto do seu MG, Romildo Coruja olhava-as como um general do alto de um tanque.

— A safra dêste ano está boa. Olha ali aquela moreninha — apontou.

O relógio da igreja-matriz deu cinco horas e um segundo depois os alto-falantes na sacada da Rádio Clube de Caracóis começaram a funcionar, inundando a praça de música.

— Êsse tal de Chico Buarque é o fino. É verdade que êle enche o lampião?

— Enche o quê?

— O lampião, ué, enche a cara, bebe muito.

— Às vêzes, como todo boêmio.

— Ah! — fêz o Coruja. Mas êle merece.

Um garotão de seus 20 anos vai passando devagar, num Volks. Êle acena a mão para o nosso lado:

— Fala, ô Coruja!

— Você vai no pif-paf hoje?

— Não, que eu estou liso.

O rapaz acelera e Coruja explica:

— Êste é o Chico Trabuco. O bandido me ganhou 300 contos no pif, a semana passada, e não quer saber de dar desforra. Mas êle não agüenta, eu sei. Mais dia menos dia eu entorto êle.

— Que faz o Chico Trabuco?

— Trabalha com o pai, nas ferragens, um vidão. E está quase noivo da filha do italiano da máquina de arroz. Vai ser um tal de ajuntar dinheiro que eu não quero nem ver.

— E você, Coruja, não quer saber de casar?

— Deus me livre, sô. Depois dos 30 vai ser caso de pensar. Antes não.

Saímos do carro e fomos chegando para o meio da praça. No banco de sempre lá estava a turma quase tôda: Paulo Pipoca, Toninho Fiscal, Fiu, Chico Trabuco e mais dois.

SEGUE

Veneza é o grande canal... as pontes... as gôndolas. É o bom gôsto internacionalmente apreciado. O bom gôsto que personaliza o fumante de

minister

FILTRO DE LUXO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

GRANT-R. M. 5

Lupo faz meias
para dar confôrto
aos pés delicados,
aos pés não muito
delicados,
aos pés pequenos,
aos pés pequenininhos.

E, claro, para tornar
as pernas bonitas mais
bonitas ainda.

É preciso entender
muito de meias para
conseguir tudo isso.

meias
Lupo
sempre a melhor qualidade

RHODIANYL

Distração: o flêrte, o cinema ou a festinha

INTERIOR
CONTINUAÇÃO

Romildo Coruja foi logo tratando de me apresentar os que eu ainda não conhecia:

— Pedrinho-Cosme e o Tuim-Damião. Andam sempre juntos, mas são muito diferentes: o Pedrinho trabalha pra estudar, e o Tuim estuda pra não trabalhar.

Um é Cosme, outro Damião

Todos riram, inclusive os dois recém-apresentados, bem mais moços que os outros e visìvelmente interessados em serem aceitos no grupo. Ambos com 16 anos, cursam o segundo ano de comércio na mesma classe. Pedrinho trabalha das seis da manhã ao meio-dia no grande açougue do pai de Tuim. Com o que ganha, paga seus estudos, pois os pais são muito pobres. Tuim, ao contrário, filho de açougueiro abastado, dono até de boiada, estuda ùnicamente para evitar o trabalho. O pai ameaça sempre:

— Não quer estudar, não estuda, mas começa a me ajudar no açougue amanhã mesmo.

E êle estuda. Ou ao menos finge, "colando" sempre que pode as lições do amigo. Os dois têm um plano: estudar Direito numa cidade vizinha. Depois, prestar concurso para juiz, como fêz um primo de Tuim, e ser o "manda-chuva numa comarca qualquer".

— Talvez até aqui mesmo, não é Pedrinho? — comenta Tuim. A gente começa encanando a esquadrilha da fumaça.

— Que esquadrilha da fumaça?

A turma riu:

— Os maconheiros, ué.

Discretamente, Coruja mostra um grupinho acomodado num banco, do outro lado da praça:

— Lá estão êles. São quatro ou cinco. Puxadores de maconha e tomadores de bolinha. De vez em quando o delegado bota a mão em cima de um. É um Deus nos acuda. São todos filhos de gente boa. Aquele que vai lá, de cabelo Ronnie Von, é o comandante da esquadrilha. A gente cumprimenta êles e tal, mas não se mistura. Êles voam alto.

Eu já tinha percebido mesmo que em Caracóis os grupos são fechados. Uns dez, pelo menos, separados pelo vício, como no caso excepcional da "esquadrilha"; ou por motivos mais simples, como diferenças de cursos — os rapazes que fazem científico e os que fazem comércio; ou até pela geografia — o pessoal que mora "pra lá da ponte" ou "pra lá da linha férrea".

Quando um jovem de determinado grupo chega à praça e não encontra a sua "curriola", sente-se perdido. Mesmo que tenha trânsito em outro grupo, não se sentirá à vontade e se limitará a ouvir a conversa, sem se meter, esperando ansioso que chegue logo algum "dos seus".

Um môço muito alto e muito gordo vai passando pela praça. De todos os grupos partem saudações e brincadeiras:

— Fala, Leny Eversong.

— Ronca, fenemê.

— Ô Bolão, vai rolando que cansa menos.

Êle não liga. Caminha sossegado, acenando para todos.

— É um cara legal — diz o Coruja. Trabalha na estação de trem. Só que quando bebe, entorta. Costuma ir até o rio e se atira n'água de roupa e tudo. É tão gordo que sai boiando rio abaixo, quilômetros e quilômetros. Geralmente segue até Areial, a uns 20 quilômetros. Lá, enxuga a roupa, toma um ônibus e volta, curado da bebedeira.

Os sinos da matriz anunciam seis horas. O pessoal vai se dispersando.

— Até a noite, sô.

— Até a noite.

A noite de sexta-feira, me avisam êles, costuma ser boa, com **footing** concorrido, cinema cheio e brincadeira dançante no Clube de Campo.

O footing parece ensaiado

É noite em Caracóis. E o **footing** começa na praça. As môças num sentido. Os rapazes no outro. Uma volta completa. Em redor da fonte luminosa circulam os namorados. Fiu está entre êles, de mãos dadas com sua Teresa. Na calçada do Bar do Zico circulam as empregadas domésticas e algumas balconistas. Os alto-falantes da Rádio Clube tocam bem alto. É como se tudo estivesse ensaiado.

Pedrinho-Cosme e Tuim-Damião mataram a aula. Estão sentados no mesmo banco de sempre. Chico Trabuco também. A namorada foi fazer compras em São Paulo e só volta amanhã. Toninho Fiscal chega de carro com Coruja, e mal nos cumprimenta vai dizendo:

— Olha lá o bêsta do Fiu. Já avisei pra êle se arrancar, se não acaba casado.

Oito guardas da Fôrça Pública chegam para tomar conta do cinema. Está passando **Help,** com os Beatles. Toninho não sossega, critica tudo:

— Êta espírito de imitação. Só porque é filme dos Beatles baixa a Polícia tôda no cinema, como se aqui fôsse dar quebra-quebra, como em São Paulo e no Rio. Êsse delegado lê muito jornal e fica impressionado à toa.

A turma já está tôda ali. Menos Paulo Pipoca.

— O Pipoca daqui a pouco aparece com a Zenaide. Êle é noivo por antiguidade — explica Toninho.

Foi falar e Paulo Pipoca surgiu, sòzinho e de cara amarrada.

— Que foi?

— Briguei.

— Amanhã volta.

— É, amanhã volta.

— Vamos tomar café?

E fomos todos.

Às oito horas, o cinema lotado esvaziou meia praça. Às nove, o frio levou os últimos. Menos a turma, que continuava conversando. Até que um se lembrou da brincadeira. E tocamos para o Clube de Campo, apertados no MG do Coruja e no Volks do Chico Trabuco.

O clube é uma surprêsa: sede bem decorada, ginásio de esportes coberto, duas piscinas, quatro quadras de tênis, um campo de futebol bem gramado e até sauna. Coruja me contou a história:

— Pois então você não sabe? Há sete anos, nós tínhamos em Caracóis o Clube Literário e Recreativo Rui Barbosa, velho por dentro e velho por fora. Foi quando expulsaram de lá o Serginho Doutor, filho de um advogado famoso e estudante de Medicina no Rio. Aí êle prometeu: vou fundar um clube nôvo e fechar êsse. E conseguiu. Voltou para cá formado e se dividiu entre o consultório médico e a idéia do Clube de Campo. Acertou nos dois. Hoje é médico de grande clientela e presidente do clube.

— E o Literário e Recreativo?

— Fechou, ué.

Brincadeira com hi-fi e muita luz

Romildo Coruja entrou no clube e sumiu:

— Foi para o carteado — disseram.

O resto da turma entrou no salão. Uns doze pares dançavam **rock baladas,** ao som de uma alta-fidelidade. Muitas môças sentadas em tôrno das mesas. Algumas mães. Os rapazes, em número menor que as môças, reunidos no bar. Uísque puro, com gêlo. Ou, então, vodca com laranjada. As meninas bebendo refrigerantes. Algumas, muito poucas, fumando. Luz, bastante.

— Aqui não dá pé — justifica o Toninho. Bom mesmo é baile de salão grande, com muita gente e escurinho.

Logo mais chegou o Fiu. Sem a namorada:

— Dei um drible nela.

Pedrinho-Cosme e Tuim-Damião foram dançar. Os outros, só olhando. Uma hora depois já estavam enjoados. Então chegou Donato Bandeira, um rapaz ruivo e alto de quase dois metros.

— É o intelectual — avisa o Toninho, enquanto êle se aproxima.

Fiu lhe pergunta, depois de me apresentar a êle:

— Onde é que andou, Donato?

— Fui a Areial com o velho, ver uns negócios. Chegamos agorinha. Como está *isto aqui*?

— Uma droga.

SEGUE

Hidrate a pele sêca dia e noite, com SKIN DEW Helena Rubinstein

Comece hoje mesmo seu tratamento e assegure a suavidade e maciez indispensáveis à sua beleza. Skin Dew de Helena Rubinstein garante-lhe êstes resultados e impede o aparecimento de linhas de expressão e rugas.

De manhã, aplique Emulsão Skin Dew sôbre as áreas ressecadas. Invisível sob o maquillage, ela supre a cútis sêca com uma hidratação contínua.

De noite, revitalize-a com o nôvo Creme Skin Dew, rico em emolientes... rico em agentes umedecedores e suavisantes, que ajudam a combater linhas e rugas.

Creme Skin Dew contém Proteína Colagênica (exclusiva), sòmente comparável à proteína natural segregada pelas peles jovens.

nestes momentos a cueca ockey lhe proporciona confortável proteção.

(a marca de qualidade que em mais de 100 países proporciona o máximo em confôrto masculino)

Jockey®

publitec 14-90

MEIATEX S. A. - Indústria e Comércio
Rua Lino Coutinho, 70 - Tel. 63-2433 - São Paulo
Rio de Janeiro: Tel.: 32-3251.

À meia-noite, o fim

— Vamos dar uma olhada no pôsto da estrada? Ouvi dizer que tem umas donas fazendo ponto por lá. Dizem que é só alugar um quarto no hotel atrás do bar. Vamos ver?

Chico Trabuco não quer. Vai dormir. Toninho se entusiasma. Paulo Pipoca e Fiu também aceitam ir.

— Vamos deixar o Pedrinho e o Tuim dançando aí, que êles são crianças. E muito orgulhosos, saem todos para a "caçada", como diz o Toninho. Donato, dirigindo o velho Ford do pai, vai falando de livros:

— Já li o Dostoievski do comêço ao fim. É bárbaro. Agora estou relendo o Machado de Assis. Tenho as obras completas. Diz que é bom para o estilo.

Toninho intervém:

— Bom mesmo é o Jorge Amado. Tem cada pornografia!

Donato protesta:

— Aquilo não é pornografia. É arte. Jorge Amado é muito bom.

— Você estuda, Donato — perguntei.

— Não. Fiz só ginásio. Sou um autodidata. Qualquer dia vou para o Rio ou São Paulo e arrumo um emprêgo em jornal. Será que é difícil?

A caçada acaba na praça

Chegamos ao pôsto em meio ao delírio de Paulo Pipoca, que tinha bebido demais:

— Tem uma loira linda me esperando. Eu marquei com ela. Parece artista de cinema.

— Tá de lampião cheio, ô Pipoca? — perguntou Donato.

— Brigou com a Zenaide — explicou Toninho.

Na entrada do bar do pôsto, uma decepção: só havia, num canto, uma mulher muito gorda, tomando cerveja. Mesmo assim Paulo Pipoca arriscou:

— Sòzinha hoje, beleza?

— Beleza é a mãe, ô frangote!

Voltamos em seguida e paramos na praça. Quase meia-noite, tudo fechado. Punham a culpa no frio. Ficamos conversando dentro do carro.

— Vocês vão à missa nos domingos?

— Só na saída, para ver as garôtas.

— Mas Deus existe, não existe?

Donato respondeu por todos:

— Existir, existe. Mas não é da turma.

Romildo Coruja ia passando em seu MG barulhento e resolveu parar.

Pergunto-lhe como foi o pif-paf.

— Perdi as calças.

— Os 150 mil?

— Não, só 100.

— Mas acabou cedo hoje, não?

— É só aos sábados que a gente vara a noite jogando. Amanhã eu acerto a mão.

Paulo Pipoca continuava falando na loira que o esperava. De repente, abriu a porta do carro e correu para a fonte luminosa, deixando no caminho a japona e os sapatos. E pulou para dentro d'água, num salto desajeitado. Ninguém se movimentou.

Toninho me explicou:

— Êle faz isso tôda vez que briga com a Zenaide.

Sem dizer nada a ninguém, Donato Bandeira apanhou um chapelão de palha, no fundo do carro, e subindo no pedestal do busto de Antônio Madureira Filho, figurão da terra, enterrou-o na cabeça de bronze. Fiu, em seguida, apareceu com uma flanela e a amarrou, como se fôsse uma gravata, no pescoço do busto. Com outro pedaço de pano, Toninho Fiscal improvisou uma máscara, que cobria o rosto da estátua do nariz para baixo. Paulo Pipoca, tremendo de frio dentro da japona, ria gostoso com a brincadeira.

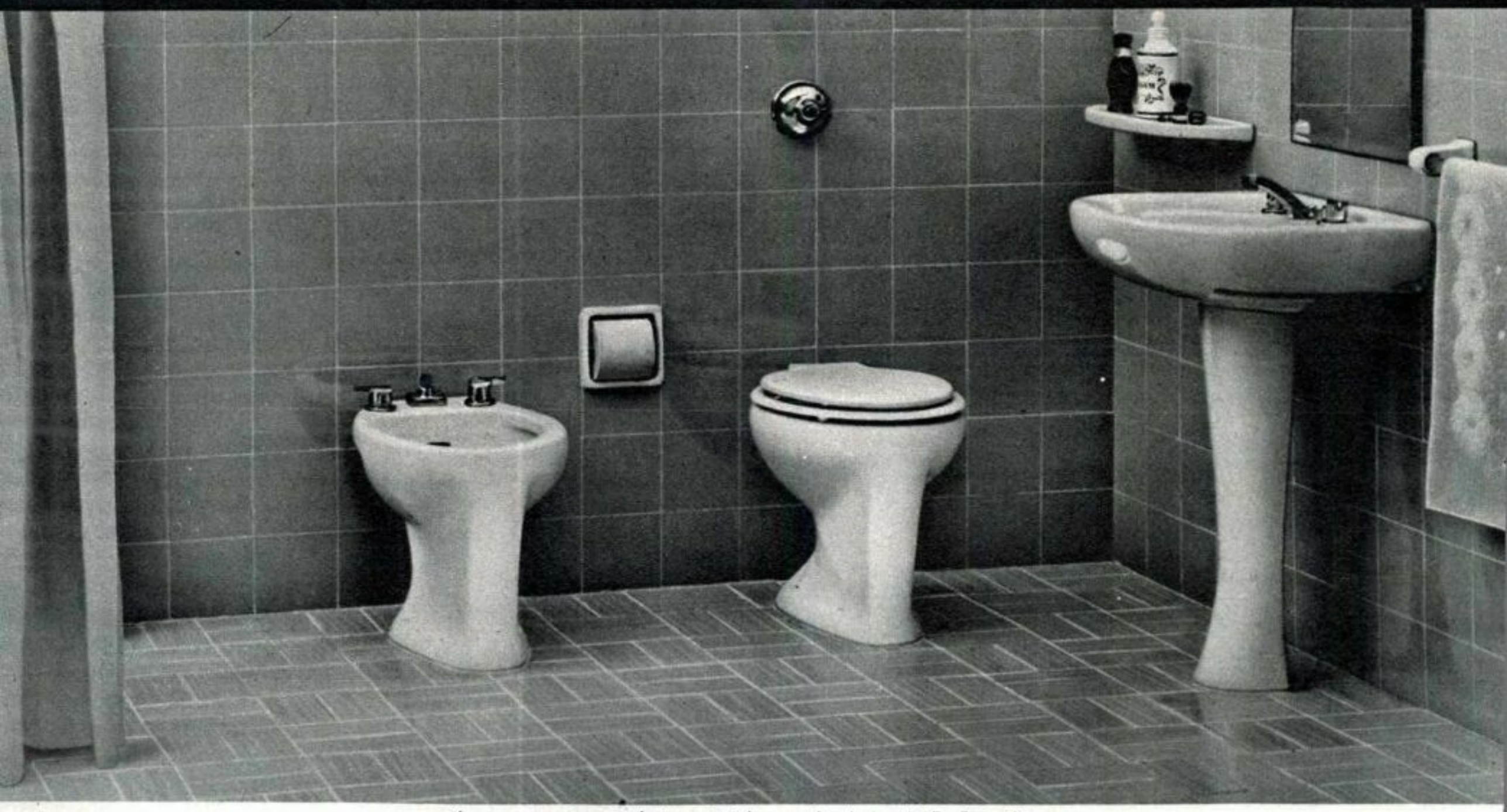
— Vambora gente — gritou. Amanhã a cidade só vai falar nisso.

E, virando para o busto, armou o gesto:

— Toma, Tônio Madureira Filho. A pátria agradecida.

FIM

D. Sylvia Medeiros só acreditou que um conjunto para banheiro, de qualidade, colorido, com 10 acessórios, custasse menos que uma enceradeira, quando o revendedor deu o preço do Conjunto Ideal.



(... e como o engenheiro caprichou no banheiro de D. Sylvia)

Hoje em dia, do jeito que vão as coisas, construindo ou reformando, o lógico é obter qualidade e beleza a preço acessível. Não foi por menos que a IDEAL STANDARD produziu o conjunto IDEAL. E não é à-tôa que, dia-a-dia, mais engenheiros indicam o conjunto IDEAL. Dê um pulinho ao revendedor mais próximo e veja as côres do conjunto IDEAL: verde, azul, rosa, amarelo, coralino e cinza, além do branco.

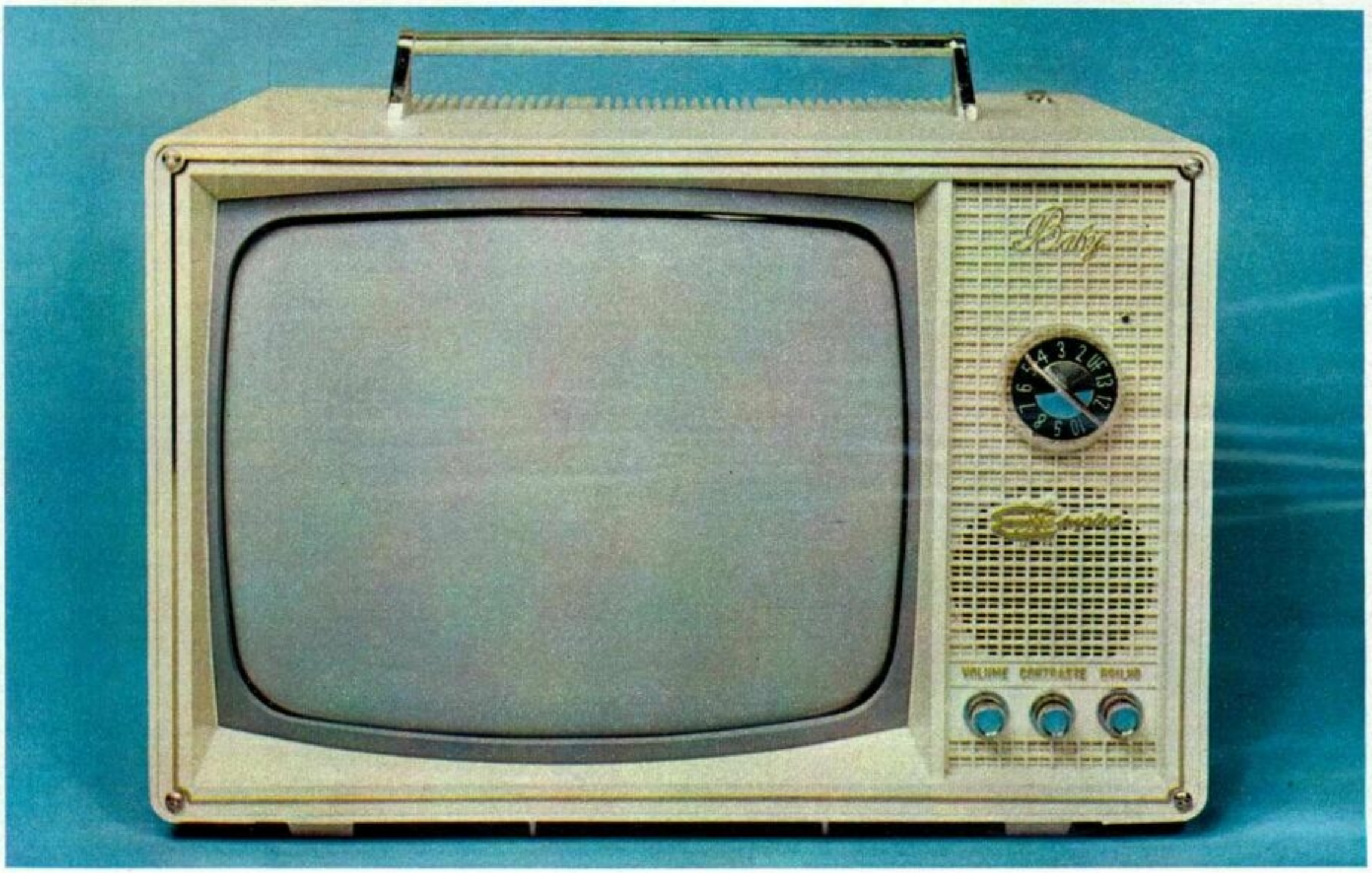
P.S. Na hora de pagar a conta, quem gostou mesmo de tudo isto foi o Sr. José, marido de D. Sylvia.

IDEAL STANDARD

padrão mundial de qualidade em sanitários

têm muito em comum

VINCENT VAN GOGH, o famoso pintor holandês do século passado, foi um verdadeiro inovador. Seus colegas contemporâneos empregavam, então telas de consideráveis dimensões, nas quais focalizavam cenas estáticas ou naturezas-mortas, com o predomínio das tonalidades escuras. Van Gogh, em telas de tamanho reduzido, soube transmitir o sentido de movimento e leveza através dos contrastes e das côres de exuberante luminosidade.



BABY EMPIRE é um televisor portátil famoso pelas suas inovações. A tela de 28 cm. proporciona uma imagem nítida, luminosa e contrastante. O som frontal, exuberante e puro, tem um controle de grande sensibilidade e pode ser reduzido ao fone individual. A caixa, muito resistente, de linhas sóbrias e elegantes, se harmoniza com qualquer ambiente. Nas côres gêlo e marfim. Tem alça cromada e antena telescópica. Tôda essa perfeição de técnica eletrônica é de extraordinária leveza. Não pesa mais que sete quilos. - Em televisores a Empire produz, além do "Baby", tôda uma linha de grandes e magníficos aparelhos, cada tipo, o melhor da sua classe. E também uma versátil série de rádios e radiofonos. Sempre a melhor qualidade pelo preço menor.

Empire

excelência em eletrônica

aca

o jovem BANCÁRIO

A recepcionista consultou a agenda. Confirmava. Às cinco horas da tarde, entrevista da repórter Lana Nowikow com o diretor do banco. Ela foi conduzida à secretária do diretor, que a conduziu até êle. Entregue o cartãozinho de apresentação, o diretor acolheu nossa repórter com um grande sorriso: "Fico muito satisfeito em saber que meus funcionários foram escolhidos para representar a juventude bancária. Qualquer agência de nosso banco está à sua disposição, pode começar amanhã mesmo. Bom trabalho." Os funcionários daquela agência não representavam sòmente a juventude bancária. Sua vida é igual à de tantos outros milhares de jovens que ficam oito horas diárias sentados diante de uma máquina de escrever ou de calcular. Ou os que atendem compradores de terrenos, de brinquedos, de roupas. Ou os que passam meio dia ou dia inteiro atrás dos guichês das repartições públicas. Os mesmos jovens que nos fins de semana trocam a camisa branca e a gravata pela camisa esporte e vão torcer pelo seu time no campo de futebol, programam um "jantar fora", ou simplesmente vão aos cinemas com suas namoradas.

EU ENCONTREI UM MUNDO BEM COMPORTADO

Oito horas da manhã, sexta-feira. No jardim do prédio de vidro, em São Paulo, três bandeiras molhadas pela chuva escondiam as suas côres, grudadas ao mastro. Era o aniversário da Revolução Francesa e o banco festejava a data.

Levei alguns minutos para descobrir a porta de entrada dos funcionários. Dois contínuos, muito jovens e bonitos — em impecáveis fardas azuis — e um guarda de segurança, de porte atlético, me barraram a entrada:

— Está procurando alguém?

— Sou a nova funcionária do banco, começo hoje.

— Não chegou ninguém ainda, é muito cedo, mas pode esperar à vontade aí dentro.

Sentei-me num sofá macio e olhei em volta. À minha direita, oito mesas pequenas e duas bem grandes. Em cima de cada uma das maiores, uma plaquinha com a inscrição: **gerente.** Ao fundo, um imenso balcão de mármore branco, com algumas divisões identificadas com letras, em ordem alfabética. Eram as caixas. Imaginei que iria trabalhar ao lado delas, naquela parte onde formulários estavam arrumados caprichosamente. Na frente, a porta de vidro que dava a impressão de ter a altura dos 14 andares do prédio.

Em poucos minutos, os meus colegas começavam a chegar. Pareciam todos iguais, nos seus paletós azuis de trabalho, colarinhos brancos engomados, gravatas escuras. Cumprimentavam-se com um bom-dia formal, instalavam-se em suas mesas ou atrás de seus guichês e, com as mesmas mãos finas, unhas bem tratadas — a maioria com uma grossa aliança na mão direita — começavam a contar dinheiro ou examinar papéis.

Êsses jovens, com idade média de 22 anos e salário de 215 mil cruzeiros, são bancários. Todos aparentemente satisfeitos com seu trabalho limpo, razoàvelmente remunerado e que lhes promete uma longa carreira. De chefe de seção, a subcontador. De subcontador a contador. De contador a subgerente. De subgerente a gerente.

Berta é a recepcionista. É ela quem vai me ensinar o serviço:

— Você é a nova recepcionista? Que bom! Já trabalhou alguma vez em banco?

— Não, nunca.

— Vai gostar muito daqui, o pessoal é muito camarada.

Ela ia me apresentando aos outros funcionários. Uriel, o contador; o subcontador Dorival; os caixas Arlindo, Cleusa, José Cláudio, Mauro, Paulo; os conferentes Tadashi, Ricardo e José Carlos; o chefe do expediente, o José Mário, a recepcionista Mariana.

— Quantos anos você pensa que eu tenho? — Berta continuou perguntando.

— Uns 19, acertei?

— Credo, em cima! É que hoje eu estou de meia-peruca, me maquilei, mas o meu cabelo é bem curto e quando saio de terninho, com o meu brôto, ninguém me dá mais de 15.

A môça falava com voz dengosa, gesticulava, tirava o espelhinho da bôlsa, olhava-se, admirava-se. Foi até a sua mesa, colocou uma rosa no vaso.

Uma môça morena, alta e magra, de grandes olhos escuros, entrou muito afobada, esfregando os braços com as mãos:

— Ai gente, não agüento êsse frio, não agüento essa terra, não agüento trabalhar.

Berta me diz baixinho:

— É Verônica, a secretária dos gerentes, aquêles dois **pães** que estão sentados ali naquelas mesas.

Os dois gerentes, muito moços, usavam terno cinza, que os distinguia dos outros funcionários. A cada instante levantavam o cinzeiro de cristal e assopravam uma sujeirinha que às vêzes aparecia em cima de sua enorme mesa polida. Nunca mais, depois de ter sido apresentada, eu voltaria a conversar com êles. Sua função é atender clientes especiais, resolver problemas, autorizar empréstimos.

Berta me chamou. Abria gavetas e mais gavetas, tôdas cheias de envelopes escuros, com nomes, códigos e números extensos gravados por cérebros eletrônicos. E ia me mostrando os impressos, muitos, de todos os tamanhos, modelos e côres.

— São os pedidos de talão de cheques. Enquanto o cliente está usando um, a gente já providencia outro. Todos os dias vem um monte de talões que precisam ser conferidos, separados e arquivados. O funcionamento de depósitos, entregas de cheques visados, de talões, eu vou explicando à medida em que os problemas forem surgindo, tá?

As portas do banco se abriram. Dois clientes de barbas compridas, aparadas idênticamente, se aproximaram do balcão:

— Por favor, precisamos descontar êstes dois cheques.

— Façam a gentileza de dirigir-se diretamente ao caixa. Qual o nome do emitente?

— Rodolfo Ascota.

— Dirijam-se à caixa R.

As palavras devem ser usadas em tom suave, com todos os clientes, indistintamente. É essa a função das recepcionistas do banco.

— Você fuma? — perguntou Berta.

— De vez em quando.

— Então vamos dar uma fugida enquanto o movimento é fraco. Aqui as môças não podem fumar, só rapazes. Assim eu aproveito pra lhe mostrar onde é nossa toalete.

Berta foi até sua mesa, abriu a gaveta, a bôlsa, apanhou dois cigarros, uma carteirinha de fósforos, escondeu-os na palma da mão. Depois atravessamos a seção e tomamos o elevador dos fundos:

SEGUE

Sim, às ordens, pois não, um instantinho

BANCÁRIO
CONTINUAÇÃO

— Segundo andar... Precisa tomar cuidado com a toalete, no mês passado tivemos problema com o pessoal do banco aí em frente. São as persianas. Precisam ficar sempre bem fechadas senão a turma fica espiando a gente lá de cima, por entre as frestas.

Terminamos os cigarros e voltamos. Os clientes já chegavam mais regularmente. Eu os despachava sempre com as mesmas palavras: sim, pois não, às ordens, lamento mas o seu talão ainda não ficou pronto, o sr. quer um cheque avulso? Um instantinho, vou ver como é que está o seu saldo, pode sentar-se, fique à vontade, eu o chamo dentro de poucos minutos.

Berta me assessorava. Ela é muito simpática. Gosta de conversar e já me disse que mora com o pai, a mãe e um irmão que também é bancário.

— Puxa, foi tão difícil conseguir êsse emprêgo para êle! Sorte que inauguraram uma nova agência lá no meu bairro, êle é o caixa. Lá é que é bom, quase não tem movimento, o pessoal pode conversar o dia inteiro. Meu pai também é bancário, faz 25 anos. É contador de uma agência da Lapa. Chato que seja tão longe de casa. Êle tem que tomar duas conduções. E êsse tempo que não passa? Eu preciso ir embora, tenho que fazer um trabalho da escola para hoje e ainda nem comecei. Estou fazendo o curso normal, sabe?

— Você vai continuar estudando depois que terminar o curso?

— Não sei ainda, acho que não. Ser professôra de curso primário é bom, a gente trabalha só três horas por dia, pode se dedicar ao lar e aos filhos quase que o dia todo.

— Você já tem namorado?

— Ainda não, mas acho que em três anos a gente arruma namorado, noiva e casa, você não acha?

Um prêto, alto, forte, chegou ao balcão. Apanhou o primeiro formulário que encontrou e começou a preenchê-lo desordenadamente.

— O seu depósito é para a conta de quem? — perguntei.

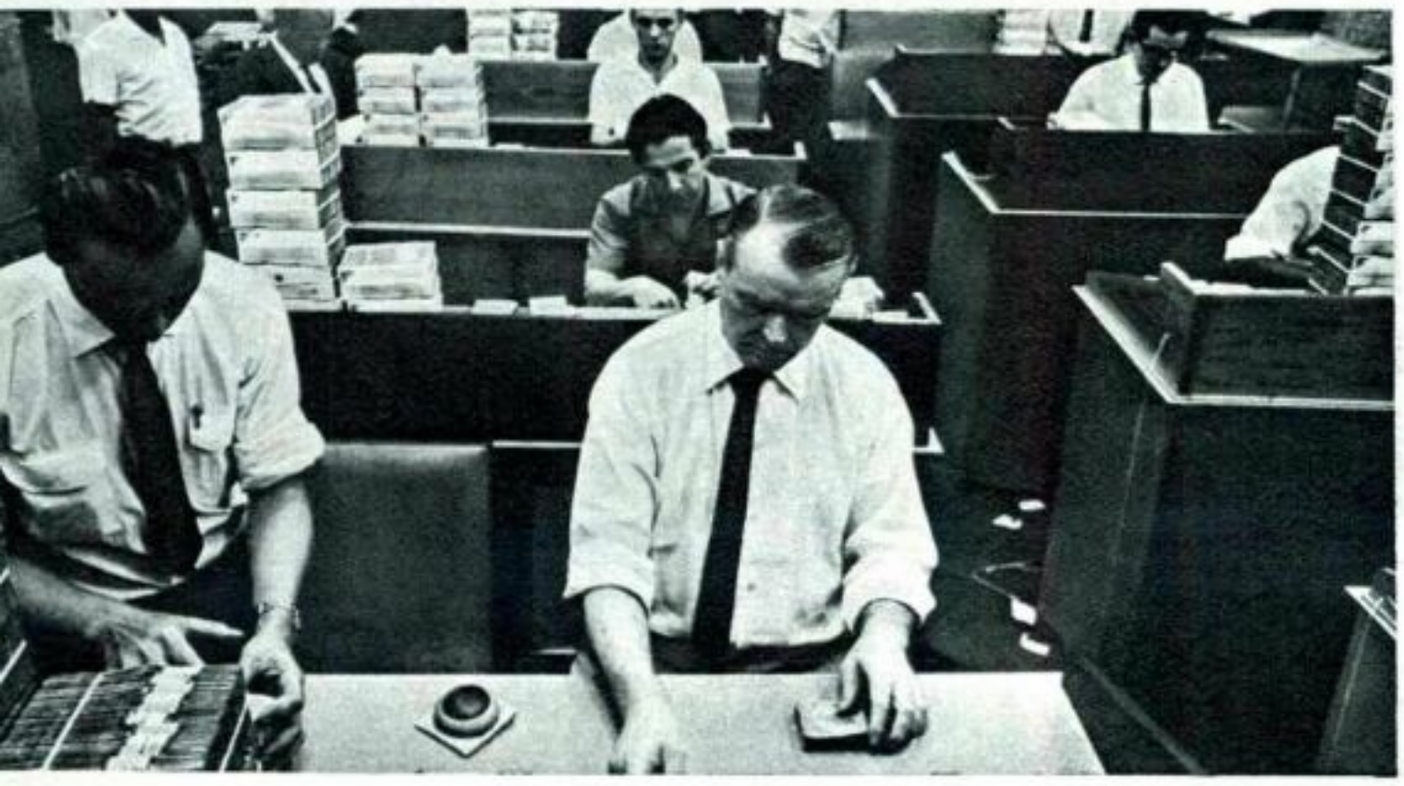
— O depósito é para mim, minha mulher e meus filhos. Êles têm conta, dinheiro, tudo o que precisarem; os meus filhos estudam nesse colégio grã-fino aí do lado, e eu quero depositar êsse cheque. É do Pelé, êle me deu ontem, uma doação. Qual a dúvida, hem? Eu quero também depositar êste bilhete de loteria.

— Mas nós não aceitamos bilhetes de loteria para depósito.

— Não me interessa, a Caixa Econômica aceita, vocês se virem, vão descontar lá. E olhe aqui, não me provoque não, que eu acabo de sair da cadeia e não me incomodo de voltar para lá.

O homem falava muito alto, Zé Mário, o chefe do expediente, se aproximou e disse que resolvia o caso. Ficaram discutindo alguns minutos até que o guarda de segurança agarrou o homem pelo braço e o levou para fora. Eu fiquei um pouco perturbada, Zé Mário me acalmou:

— Olhe, quando aparecer uma figurinha difícil, pode deixar que eu atendo. Não digo pela côr. Nós temos um cliente, senhor já idoso, chofer de praça, também prêto. Êle tem uma conta modesta, de uns 400 mil, e quase tôdas as semanas vem aqui, desconta um cheque de 20, ou deposita mais um pouquinho. Êsse dá gôsto: é pobre mas movimenta a sua conta direitinho.



Zé Mário tem 23 anos, é mineiro de São João da Ponte.

— Uma cidade que você não vai encontrar no mapa, mas eu adoro aquela terra, duas vêzes por mês eu vou para lá, visitar os meus velhos e as minhas duas namoradas.

Êle é funcionário do mesmo banco há sete anos. Um dia, depois de ser conferente da mesma seção quatro anos, resolveu mudar de profissão. Seu primo havia lhe oferecido a sociedade de uma companhia de transportes, negócio rendoso e seguro.

Seis meses depois, Zé Mário voltava ao departamento do pessoal do banco.

— Não deu certo o negócio, falimos. Será que eu teria oportunidade de voltar ao meu antigo cargo? Ou qualquer outro, não ligo, só quero trabalhar de nôvo no banco.

É norma da administração não readmitir ex-funcionários. Mas no caso de Zé Mário, tão eficiente e disciplinado, valia a pena abrir uma exceção.

— Puxa, eu realmente não esperava que o banco fôsse tão bom para mim.

Alguém ao nosso lado comentou:

— Mas se êles o readmitiram é porque você é eficiente, é útil ao banco, e não por lhe fazer um favor.

— Nada disso. Funcionários tão bons quanto eu ou até melhores existem aos montes por aí. É por isso que procuro corresponder à confiança que o banco depositou em mim.

Meio-dia. Zé Mário me convidou para o almôço. No último andar do prédio funciona o refeitório. Imaculado, móveis modernos, louça branca, guardanapos coloridos. A beleza da sala, a amplidão, o pessoal muito môço davam impressão de festa. Na mesa de quatro lugares, sentaram-se Zé Mário, Zé Carlos, Dorival e eu.

— Amanhã tem festinha no meu apartamento — avisou Zé Mário — todo mundo está convidado. Vou fazer aquelas batatinhas assadas com môlho de pimenta, o pessoal vai adorar

— Mas de nôvo festa na sua casa, ó cara?

— Mas que de nôvo! A última foi no comêço de julho.

— Você mora sòzinho? — perguntei.

— Não, com um tio e um primo, gente de primeira. Êsse coitado aí é que mora numa república de bancários — e apontou com o queixo para Zé Carlos.

Enquanto a comida não chegava, se conversou de cheques sem fundos, ineficiência da seção de cadastro, abertura de conta sem abono de outros bancos, de ordem de pagamento para o doutor X, ou do extrato de conta do sr. Y. Tentei puxar o assunto para política, mas ninguém se interessou.

No dia seguinte, encontrei Berta muito preocupada:

— Vamos ter que resolver um problema enorme hoje, lá em casa. Há muito tempo que meu irmão e eu estávamos fazendo uma campanha para nossos pais adotarem uma criança, e êles nunca concordavam. Agora apareceu uma menina linda, mas tenho quase certeza que não vamos pegá-la. Porque no fim, é sempre meu pai quem resolve, apesar de viver dizendo que "o ambiente de casa é democrático", "a maioria resolve" e aquelas besteiras tôdas. Ih, olhe quem vem vindo, aquêle baixinho. Pensa que é o dono do mundo.

O baixinho era um rapaz de uns 20 anos, que chegava com um velho.

— Vai me dizer que o meu talão ainda não ficou pronto?

SEGUE

Espôsa, casa, emprêgo; só falta o carro

BANCÁRIO
CONTINUAÇÃO

— Berta se abaixou, começou a procurar o talão nas gavetas do arquivo:

— Infelizmente ainda não ficou pronto. Mas eu providencio logo.

— Não é possível! Vocês pensam que a gente é palhaço? Eu passei o fim de semana sem cheques, eu que sou um homem responsável, que tenho grandes negócios. Isso não é tratamento para quem faz depósito de cinco milhões de cruzeiros.

O baixinho ficava cada vez mais nervoso, enquanto Berta continuava impassível, sempre gentil, até que conseguiu convencê-lo. Depois que o rapaz saiu, ela foi queixar-se ao gerente.

— Tem que agüentar, é assim mesmo. Graças a êsses clientes é que nós temos o emprêgo.

Verônica, Zé Mário, um funcionário de outra agência do banco e eu, escolhemos uma mesa mais próxima da cozinha do refeitório.

— Assim êles servem mais depressa — explicou Zé Mário.

— Mas vocês precisam saber o que me aconteceu domingo quando eu vinha voltando da missa, gente! Quase que levaram a minha carta de motorista. Eu estava sossegadinha dirigindo o carro do meu namorado, quando um guarda me acenou. Eu brequei com fôrça e desci para saber o que era. Aí o guarda quis me multar porque pensou que eu havia estacionado lá. Eu expliquei que tinha descido porque êle acenou, êle disse que usa apito e não as mãos, aí eu insisti que não ia estacionar com o carro aberto, êle achou que eu o estava desacatando e quase que apreende a minha carta. Aí eu fiz uma carinha de chôro, depois sorri, êle mandou que eu fôsse embora, não é bacana?

Verônica contava a história sem olhar para nenhum de nós. Seus grandes olhos maquilados corriam de gravata em gravata, tôdas as mesas do refeitório. Baixava e levantava as pestanas, numa ingênua coqueteria.

— Vocês repararam no meu vestido nôvo? Renovei todo o meu guarda-roupa. Só as meias é que estão desfiadas, preciso ir correndo comprar umas novas, lá na rua Augusta. É só lá que eu compro.

O funcionário da outra agência, que estava sentado conosco, era um homem de uns 40 anos, muito simpático e falador. Zé Mário o chamava de **senhor** a todo instante, até que êle reclamou:

— Mas menino, faz tanto tempo que você me conhece e continua me chamando de senhor? Senhor está no céu. Além disso você me ofende, não sou tão velho assim.

— Eu o chamo de senhor porque o respeito, **seu** Jaime. O senhor não é velho, mas é mais velho que eu, e meus pais me ensinaram que a gente deve dar êsse tratamento a tôdas as pessoas mais velhas. E eu acho muito certo.

— Concordo com você. Na verdade, é assim que eu ensino meus filhos também.

Dorival parecia não ter escutado nem a história de Verônica. Perguntei o que havia.

— Preciso arrumar 200 contos para amanhã e não sei como. Na semana passada, um fiscal da Prefeitura avaliou a minha casa e calculou um impôsto de 900 mil cruzeiros. Eu chorei as mágoas, disse que não podia pagar tanto, que estava apertado, aquelas conversas de sempre. O homem pensou um pouco e disse que deixava o impôsto por 90 mil se eu lhe desse uma comissão de 200 por fora, e eu que não sou idiota aceitei mais que depressa. Êle ficou de voltar amanhã, preciso me virar para arrumar essa gaita.

Zé Mário ofereceu 100 mil cruzeiros a Dorival até o próximo pagamento. A outra metade podia ser conseguida com outro colega da seção, só que êsse cobrava 10% de juros por mês.

— Eu estou doido para que me transfiram de Estado, não agüento mais êste São Paulo, quero ir para Inhumas, sei lá! — continuou Dorival.

— Puxa, mas o que é que você quer mais na vida, **seu**? Tem uma boa casa, dois filhinhos lindos, bom emprêgo, uma espôsa dedicada, e ainda não tem nem 25 anos. O que está lhe faltando é um carro.

— Ah, é, só não comprei ainda porque quero um carrão decente. Mas vocês não sabem que eu comprei uma casa na praia também? Está precisando de uma reforminha, mas quebra o galho.

No dia seguinte, quando cheguei ao banco, pequeno grupo rodeava a mesa de Zé Mário, chefe do expediente. Êle exibia uma camisa nova, de tecido fino, que lhe caía impecàvelmente:

— Parece camisa americana, mas é nacional mesmo. Valeu a pena ter pago 40 mil por ela.

— Puxa, mas vale mesmo, hem? É alinhadíssima, olha o colarinho como é perfeito.

— Você dá o enderêço da loja? — perguntou um dos rapazes.

No fim da conversa, todos tinham anotado o enderêço da loja onde Zé Mário tinha comprado a tal camisa.

Os clientes começaram a chegar e a rodinha se desfez. Quando um cliente entra no banco, o relacionamento entre os caixas, recepcionistas, os conferentes, o contador, o assistente e o chefe do expediente tem que ser rápido e eficiente.

Um velho alto, gordo, entrou na agência, debruçou-se sôbre o balcão e bateu duas vêzes com a palma da mão sôbre o mármore, para se fazer notar. Eu estava terminando de atender outro cliente, Berta tinha ido tomar lanche, o velho já estava explodindo:

— Quero um talão de cheques, já!

— O senhor tem requisição pronta?

— Não quero saber de requisição, quero ser atendido agora.

— O senhor sabe o número de sua conta?

— Ora bolas, vá saber você o número, quem que é pago para atender os clientes aqui?

Suspirei profundamente, contive a raiva, perguntei o nome do homem com um sorriso e voz baixa.

— Willy Pepperman. Quanto tempo demora? Estou com pressa.

— Um momentinho, por favor.

— Um momentinho, um momentinho! Quantos minutos, é que eu quero saber! Dois, três, quatro?

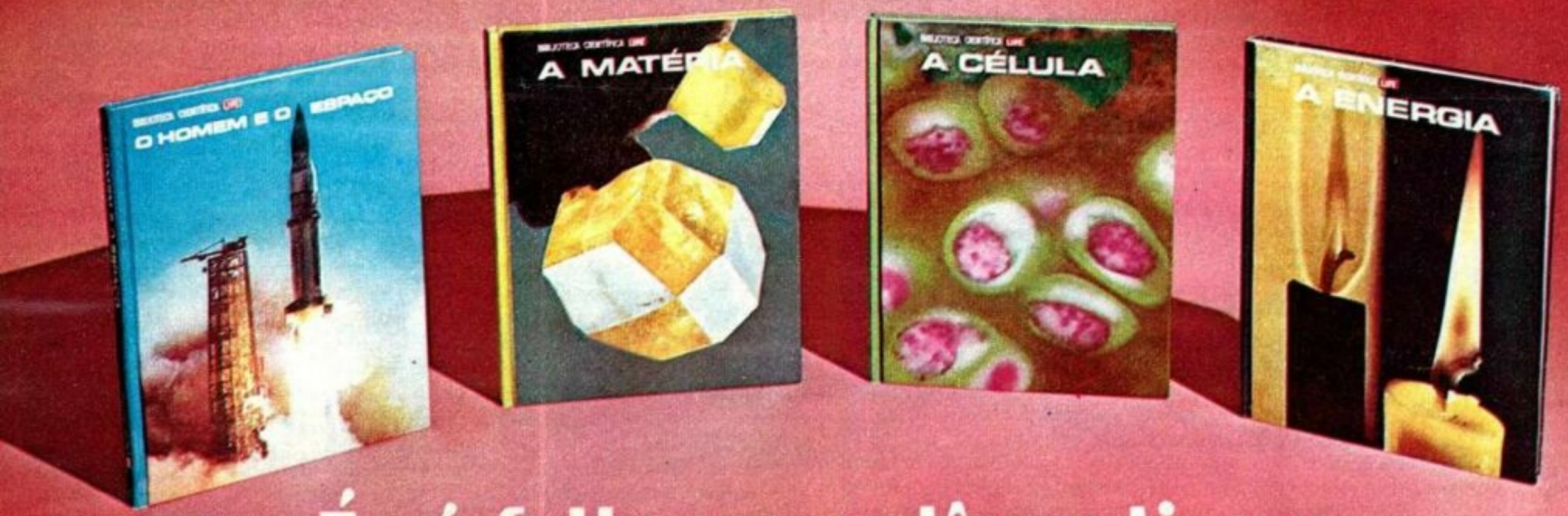
— Três minutos e meio — tentei brincar.

E saí depressa. Fui até o caixa, procurei o número da conta, a ficha de movimento, preenchi uma requisição avulsa, pedi a assinatura de todo mundo, entreguei o talão ao homem.

SEGUE

A Biblioteca Científica LIFE foi feita para vocês, jovens. Ela é ilustrada... ilustrada... ilustrada... ilustrada...

(Afinal, não é atôa que as histórias em quadrinhos têm tanto sucesso)



É só folhear um dêstes livros, para a gente querer ver todos os outros. Vamos. Preencha o cupom.

O HOMEM E O ESPAÇO

Texto de Arthur B. Clarke

O foguete primitivo do século XIII - As flechas de fogo dos chineses - As contribuições de Galileu, Kepler e Newton - A fascinante epopéia dos sábios alemães em busca da terrível V-2 - O impacto do lançamento do Sputnik I - Os enormes foguetes intercontinentais de hoje - As futuras explorações cósmicas à Lua e a Marte.
189 ilustrações, sendo 82 a 4 côres.

A MATÉRIA

Texto de Ralph E. Lapp

Neste volume, os 103 elementos fundamentais são apresentados em lindas e inéditas fotografias. - As modificações da matéria pela ação do calor e da pressão - As transformações da matéria pelo impacto do ciclotron. - As experiências pioneiras de Pierre e Marie Curie.
341 ilustrações, sendo 163 a 4 côres.

A CÉLULA

Texto de John Pfeiffer

Conheça a célula através de fascinantes fotos coloridas obtidas por intermédio do microscópio eletrônico - A estrutura da própria vida: a molécula fantástica do D.N.A. (ácido nucléico) - A batalha entre a célula e o virus - Um estudo completo desde os sêres monocelulares até os mais complexos organismos multicelulares.
273 ilustrações, sendo 104 a 4 côres.

A ENERGIA

Texto de Mitchell Wilson

A fôrça fundamental que impulsiona o universo - Os mistérios da eletricidade - O Sol - Os vulcões - As fôrças magnéticas e a energia atômica - Você verá como o homem conseguiu dominar uma fração de tôdas as fôrças da natureza - Einstein e sua revolucionária Teoria da Relatividade.
258 ilustrações, sendo 128 a 4 côres.

BIBLIOTECA CIENTÍFICA LIFE

Uma verdadeira universidade no lar!

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editôra

certeza de uma bôa leitura

ENGENHO & ARTE

SÃO PAULO
Rua dos Gusmões, 100/104
Tel.: 35-5168

BELO HORIZONTE
R. São Paulo, 684 - loja 7
Tel.: 4-3277

À Livraria JOSÉ OLYMPIO Editôra S. A. Caixa Postal 18-ZC-02 Rio de Janeiro-GB
Solicito que me enviem, sem compromisso, informações detalhadas sôbre a **BIBLIOTECA CIENTÍFICA LIFE**

Nome: .....

Rua .....

Cidade. ..... Estado. .....

Telefone: .....

assinatura: .....

RECIFE
R. Gervásio Pires, 218 - 1.º and.
Tel.: 3602

PÔRTO ALEGRE
Rua dos Andradas, 717

Foi preciso usar uma temperatura exagerada, a alta pressão, para que êste fio ficasse com um vermelho tão bonito.

Mas valeu a pena: a côr dêste tapête Tabacow, permanecerá viva e igual por muito tempo.

O que acontece quando um fio é tingido à uma temperatura elevada, a alta pressão? O corante se dissolve completamente e a côr é distribuída pelas fibras com uniformidade. Além disso, o corante penetra e reage quimicamente com as fibras, fixando-se profundamente, fazendo com que a côr permaneça inalterada por muitos anos. Todos os tapêtes Tabacow são tingidos dessa maneira. No entanto, daqui a alguns anos, pode ser que alguém diga:

"É, até que é bonzinho êste tapête..."
Sem saber o trabalhão que tivemos para fazê-lo assim.
Não faz mal.
A vida é assim mesmo.

Extralã
Extranylon - Nylonpel
Carpete - Viking - Tropical Süper
Atlas - Olimpia - Cruzeiro
Walt Disney - Pérsia - Floral - Rivoli

tapêtes TABACOW

Fábrica: Rua Boa Esperança, 229 Tels.: 9-0024 - 9-0188 - São Paulo
Exposição e Vendas por atacado - Rua 24 de Maio, 35 - 19.º and. - cj. 1913 - Fone: 34-0486 - Cx. P. 7026

Mulher deve aprender prendas domésticas

BANCÁRIO
CONTINUAÇÃO

— Muito bem. Três minutos e meio mesmo. Você merece um jantar por causa disso. Quer esta noite mesmo?

— Não lhe fiz nenhum favor. Eu o atendi como a todos os outros clientes. Até logo.

O homem saiu rindo e ainda me acenou da porta. Não respondi e êle voltou:

— Olhe aqui, minha sensível senhorita: continue me atendendo bem porque eu tenho um saldo de 15 milhões, só nesta agência, entendeu?

Contei o caso a Cleusa, uma das caixas, e ela não se admirou. Sua voz tinha até um tom de censura — o velho era viúvo, muito rico, e ela se lembrava da história de uma recepcionista que se casou com um cliente dono de uma grande loja. E tudo começara com um convite informal para jantar.

— Será que daria para arranjar uma cadeira para a minha seção? — pergunou um dos conferentes ao contador Uriel.

— Vou ver isso pra você, Ricardo. Acho que posso.

Ricardo era um dos funcionários mais eficientes do banco. Pontual, trabalho perfeito e rápido, os chefes o elogiavam muito. Alto e magro, cabelo prêto sempre bem penteado e um fino bigode ralo que lhe entristecia ainda mais o rosto, Ricardo estava sempre sério. Nunca sorria, nunca participava de nenhuma conversa, nunca achava graça em nenhuma piada. Morava com a família numa cidade perto da Capital, até terminar o curso ginasial. Arranjou escola e o emprêgo no banco. Dois anos depois, seu pai morreu e o pequeno negócio que a família possuía faliu. Assim mesmo conseguiram vender algumas propriedades e montar uma oficina de costura que sua irmã mais velha dirigia. Mas a irmã era solteira e ficou grávida: não poderia continuar na cidade. Ricardo se encarregou de mudar a família para São Paulo, onde alugou um pequeno apartamento para a mãe, os três irmãos e a sobrinha, que nasceria pouco tempo depois. Ainda hoje o ambiente em sua casa é pesado, com agressões à irmã. Ricardo, que estava noivo, teve que adiar o casamento, abandonar a escola e arrumar um outro emprêgo, à tarde, para manter a casa.

— Mas acho que as coisas vão melhorar. Falei com o chefe do pessoal, êle prometeu arranjar um emprêgo de **office-boy** para meu irmão de 15 anos, aqui na agência.

O tempo custava a passar e eu torcia para que a hora do almôço chegasse depressa. Era durante as refeições que eu conseguia conhecer mais de perto o mundo de meus companheiros.

Um rapaz da seção de firmas, o Jaime, veio sentar-se à nossa mesa. Devia ter uns 18 anos, rosto cheio de espinhas e uma penugem escura anunciava barba para breve. Jaime agredia a cada momento os outros moços, chamava-os de "mineiros caipiras", êle sim era o bom, o paulistano, o moderno.

— Quem é aquela môça ali?

— É a Elisa, irmã da Teresinha. É namorada do Renato, aquêle cara do oitavo andar.

— Aquele gordo, feio pra burro?

— Êsse mesmo.

— Puxa, eu sou feio, mas aquêle lá devia embarcar para uma ilha deserta.

— Mas a Elisa não é de jogar fora.

— Que nada, não tem uma môça bonita neste banco. Parece que êles fazem questão de empregar bagulho.

— Eu não acho. Tem môças lindas aqui no banco. É claro que as bonitas não vão ficar olhando pra você, feio dêsse jeito.

— Eu é que não me interesso por elas, pra espôsa eu vou escolher uma môça como eu quero.

Chegaram os pratos, Zé Mário esfregou as mãos:

— Estou com uma bruta fome! Ontem cheguei em casa, não tinha nem comida e nem gás. Quase que eu como as panelas, de tanta raiva.

— Eu lhe digo, e você não acredita: você precisa é casar, para viver bem. Sabe lá o que é chegar em casa, encontrar tudo arrumadinho, a patroa perfumada esperando a gente... Isso é que é vida. Depois assistir uns programas de televisão, espichado na poltrona, um cafèzinho...

— É bom mesmo. Só que me falta uma noiva — Zé Mário balançou a cabeça.

— E é justamente isso o mais fácil. Está cheio de môças bonitas por aí, educadas, de família boa, querendo casar.

— Não é fácil assim, não. A gente pensa que a môça é uma coisa, vai ver é outra. Tôdas têm cara de santinhas, tôdas são inocentes, boazinhas. Tenho visto muito colega entrar pelo cano...

Na véspera, o Corintians ganhara. Só se falava da vitória, dos gols, dos pênaltis, das faltas.

Os dois gerentes olhavam com cara feia para o grupo que ia aumentando, que se entusiasmava cada vez mais. Uriel, o contador, impôs a ordem:

— Como é, minha gente, fica mal se entra algum cliente importante e percebe essa chacrinha. Vamos trabalhar, vamos, vamos!

Precisei de um formulário, e Zé Mário me avisou que encontraria na primeira gaveta de sua mesa. Tudo limpo, cada lápis, cada clipe, tudo nos lugares certinhos. Numa pequena divisão, um têrço negro. Perguntei de quem era e Zé Mário, muito vermelho, negou que fôsse dêle:

— Nem sei como é que veio parar aí. Faz alguns meses que alguém deixou na minha gaveta e nunca mais procurou.

Mas se arrependeu imediatamente do tom que denunciava vergonha:

— Êsse não é meu. Eu tenho um, mas êle fica dependurado na cabeceira da minha cama. Foi minha mãe quem me deu, quando eu fiz primeira comunhão. Naquele dia eu jurei nunca mais me desfazer dêle.

Antônio é caixa da tesouraria. Muito loiro, olhos azuis, alto, 23 anos, seria bonito não fôsse o comprido queixo que êle tentava disfarçar com a mão. Interessou-se por mim, convidou-me para almoçar naquele dia.

— Você tem namorado? — perguntou-me de repente.

— Não, por quê?

— Se você tivesse eu não iria convidá-la para almoçar. Você estuda?

— Não, e você?

— Estou fazendo o curso de Contabilidade.

— Você gosta do curso?

— Eu não, mas é o único curso que eu posso aproveitar aqui no banco para fazer carreira. Você faz muito bem em não estudar.

— Mas por quê? Eu até gosto.

— Que nada, mulher não precisa estudar. Pra quê? Depois casa, tem filhos e todo o tempo que ela passou na escola fica perdido. Melhor mesmo é aprender prendas domésticas. Já vi muitas mocinhas se casarem sem saber temperar feijão... o homem é que tem de ser alguém na vida, para poder sustentar a casa. A maior prova disso é a sua constituição, mais alto, mais forte, mais pesado que a mulher. Depois, a única coisa que a mulher aprende na escola é fumar e ficar arrogante.

Faltam dois minutos para as nove horas da manhã de segunda-feira, dia 24 de julho. O prédio de vidro reluzia ao sol como imenso palácio de cristal. O último empregado do banco entrou pela porta lateral. Subiu apressadamente dois lances de escada, apanhou o seu cartão, colocou-o no relógio de ponto e baixou a alavanca. Retirou o cartão, examinou a marca:

— Nove em ponto! Depois de sete anos de banco, não seria hoje que eu iria marcar atrasado. FIM

"Dessa vez ninguém me pega!"

O exercício foi bruscamente interrompido
porque salvamento para os bombeiros é um ato reflexo.
Todos correram em direção à escada. O sargento, que estava mais próximo.
em alguns saltos segurou o garoto, já lá em cima. Então, todos riram relaxando a tensão.
Levado à presença do comandante, o menino afirmou categórico:
"O senhor viu como já posso ser bombeiro?" Foi um custo convencer-lhe que ainda não.
Antes, teria que crescer, ficar um homem forte.
E para tanto, deveria, primeiro, cuidar de ter ossos fortes.
Musculatura faz-se a qualquer tempo. Mas, ossos fortes, só na infância.

Sôbre ossos débeis, não se assentam músculos rijos.

CALCIGENOL
IRRADIADO
é cálcio para uma estrutura sadia

ENGENHO & ARTE

Esta marca simboliza a união de dois grandes bancos brasileiros:

Banco Agrícola-Mercantil S.A. / BANCO MOREIRA SALLES S.A.

Dois importantes bancos nacionais, o Agrícola–Mercantil e o Moreira Salles, associaram-se para formar a União de Bancos Brasileiros S.A.

A decisão vem de encontro à nova política econômica do govêrno, que visa a obter da rêde bancária nacional maior eficiência e menores custos. A fusão das duas organizações, trazendo evidentes benefícios aos seus clientes, está destinada também a repercutir na economia nacional.

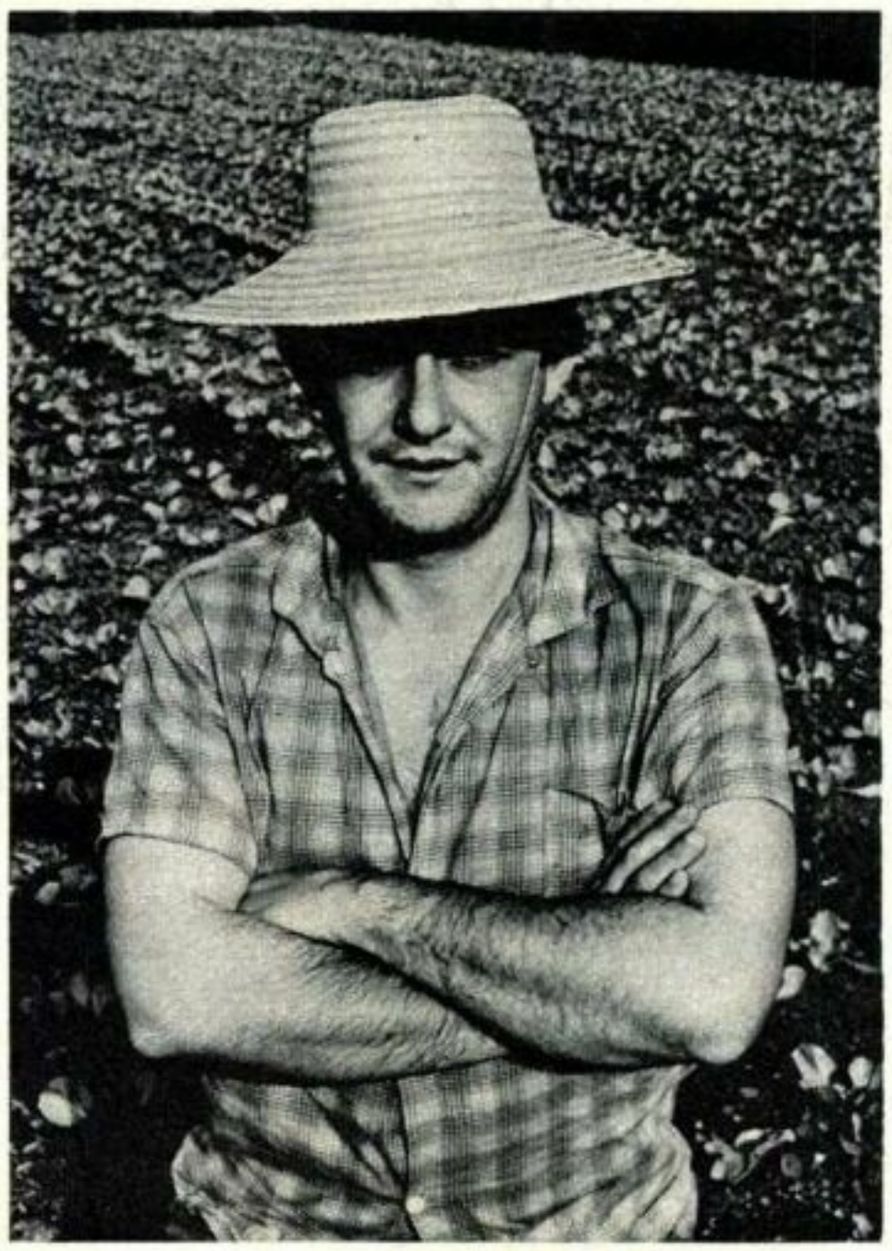
O novo banco nasce contando com a confiança e o apoio de mais de um milhão de depositantes e com uma das maiores rêdes bancárias do país: 333 agências distribuídas em dez Estados da Federação, servindo a municípios que perfazem um total de 20 milhões de habitantes. A União de Bancos Brasileiros S.A. possibilitará uma eficaz distribuição de recursos financeiros, permitindo atendimento mais amplo aos principais centros de produção e consumo do país.

Quando você necessitar de um banco com uma rêde de âmbito nacional e com uma larga experiência e tradição regionais, procure uma das 333 agências do Agrícola–Mercantil e do Moreira Salles na União de Bancos Brasileiros S.A.

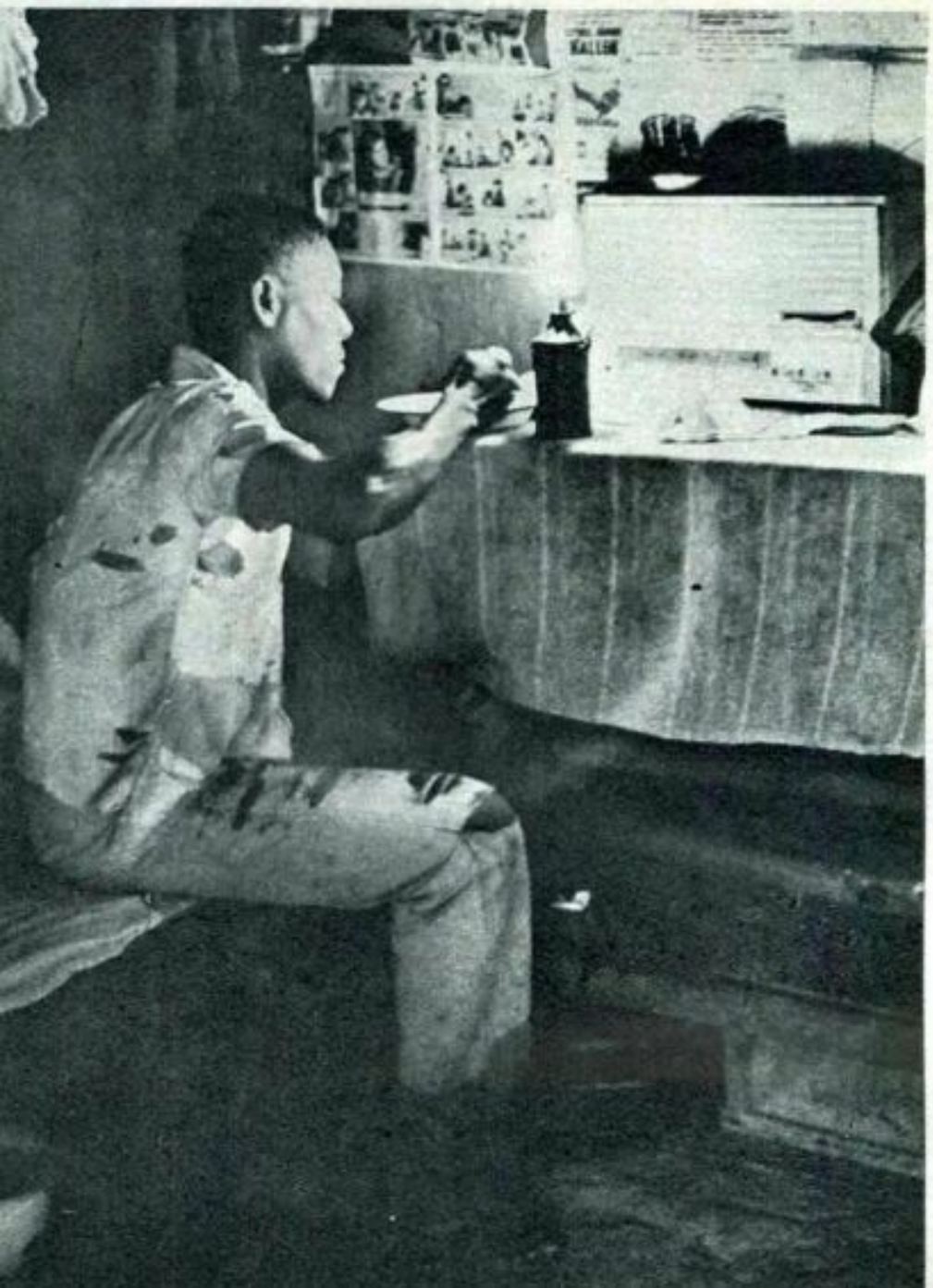
UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS S.A.

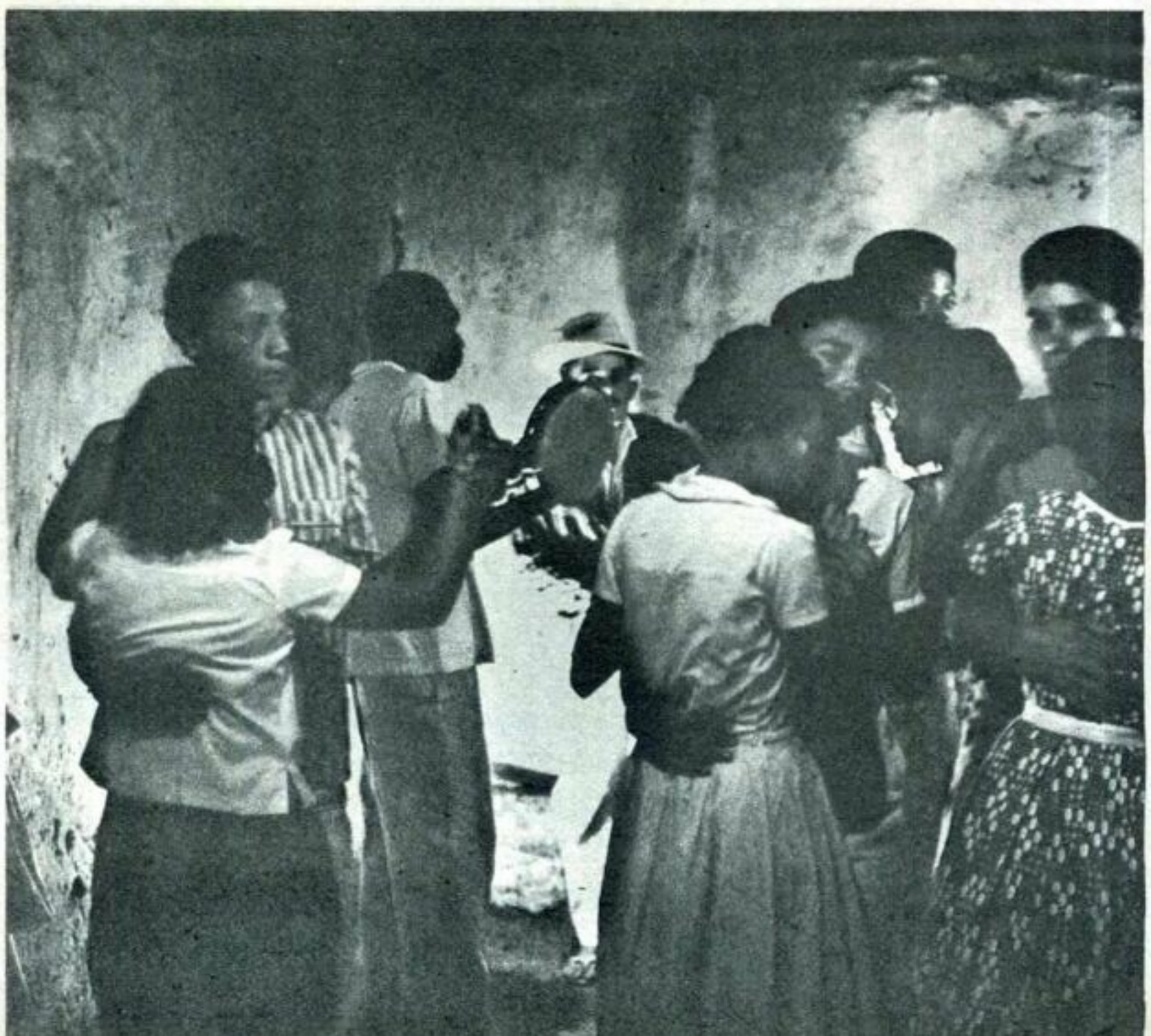
Diretoria eleita em 27-5-1967: Conselho de Administração: João Moreira Salles, presidente - Eduardo Mário da Silva Ramos, vice-presidente - Pedro di Perna e Júlio de Souza Avellar, diretores-gerais – Egydio Michaelsen, Arthur da Silva Bernardes Filho, José Xavier de Salles e Hélio Rodrigues, diretores-conselheiros. – Diretoria Executiva: Kurt Weissheimer, Joaquim Cândido de Gouveia Filho, Agenor de Camargo Filho, Caleb Leal Marques, Basílio Masconi, Dario Campestrin, Emílio O. Kaminski, Genino Del Nero, Alcyr Mendonça Brasil Atheniense, Arno R. Goebel, Orlandy Rubem Correa e Affonso Armando de Lima Vitule, diretores. – Conselho Consultivo: Octavio Gouvêa de Bulhões, Nehemias Gueiros, Camilo Martins Costa e Glycon de Paiva, conselheiros. – Conselho Regional (Pôrto Alegre): João Dico de Barros, Walter Koch, Carlos Fleck e Alcides Gonzaga, conselheiros. – Conselho Fiscal: Renato da Costa Lima, Hélio José Pires de Oliveira Dias, e Luiz Lopes Coelho, efetivos; Arthur de Mendonça Chaves, João Fernandes Carvalho e Alceu Martins Parreira, suplentes.

o jovem CAMPONÊS



Tínhamos que escolher um lugar para ver como vivem os nossos jovens camponeses. Precisávamos de uma região onde existisse um tipo de plantação tradicional, desenvolvida durante várias gerações. Encontramos áreas assim em diversos Estados. Por fim, escolhemos a Bahia, e lá uma plantação de fumo. Levando na mala um par de sandálias, camisas velhas, e calças de brim, o repórter Narciso Kalili partiu para Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano. Desde o início, sabia-se das dificuldades que o repórter encontraria para se integrar num mundo desconhecido, onde todos ou quase todos o julgariam um estranho, difícil de aceitar como um igual. E isso porque até o tipo físico do jornalista o diferenciava da gente do campo. E a integração, de fato, foi impossível. Assim, para poder ver como trabalham, sofrem, amam, se divertem, enfim, vivem os jovens camponeses Narciso Kalili passou por "ajudante de agrônomo". Seu "patrão" temporário, porém, exigiu-lhe que assinasse um têrmo de responsabilidade, antes de lhe dar o emprêgo: "Declaro, para os devidos fins, que sou responsável por qualquer dano que a fazenda venha a sofrer, em conseqüência da reportagem que ali irei realizar".





EU SENTI A DURA VIDA DO CAMPO

Aquêle município baiano, de 50 mil habitantes, fica a quatro horas de Salvador, por asfalto. Tem algumas casas comerciais, três bancos, um restaurante, um cinema. Apenas duas indústrias importantes: uma de rações agrícolas e outra de charutos. A maioria da população, na cidade ou na zona rural, vive exclusivamente em função do fumo: não há homem, mulher ou criança que não saiba classificá-lo, atribuir preço e mostrar o lugar das plantações. E foi numa dessas plantações que vivi com os camponeses.

A fazenda Sete Voltas, a meia hora de Cruz das Almas, tem dois milhões de pés de fumo. Lá moram 600 camponeses, trabalhando oito horas por dia a trôco do salário mínimo, que na região é de 63 cruzeiros novos. Metade dêles não têm emprêgo durante a época da entressafra: seis meses por ano.

Chego à fazenda para meu primeiro dia de trabalho às sete da manhã e os camponeses já estão na roça. Há mais mulheres que homens nas plantações. Elas cuidam das sementeiras, plantio, colheita e tratamento do fumo. Os homens ficam com as tarefas mais pesadas: arar a terra, limpar com a enxada, embarcar os balaios nos caminhões e transportá-los para a seção de beneficiamento.

O capataz, Antônio, já fôra avisado de minha vinda, para trabalhar como auxiliar de Audálio o agrônomo da fazenda. Silencioso, sério, Antônio me recebeu friamente e foi me levar, primeiro, para ver o trabalho das mulheres. Assim que me aproximei delas, percebi em todos os olhares o mesmo ar de desconfiança de Antônio. Eu usava sandálias, calças de brim, chapéu e camisa esporte, como todos êles. No entanto, percebiam que não era um dêles e senti que seria difícil me comunicar com alguém ali. Tentei puxar conversa com Antônio, que tinha encostado num mourão da cêrca. Êle continuava fechado.

De vez em quando, grupos de mulheres passavam com balaios na cabeça, transportando fôlhas de fumo para os secadores, armazéns enormes ao lado das plantações. Andavam sem falar, devagar, olhando em minha direção. Uma delas, a certa altura, parou perto de nós e ficou esperando. Antônio dirigiu-se a ela:

— Pode falar. O que é?

— É só pra avisar que a Creuza, minha irmã, não veio hoje. Ontem, no secador, ela viu um "bicho" e desmaiou. Hoje acordou mole, com umas batidas fortes no peito.

Antônio fechou a cara e respondeu:

— Isso é brincadeira de alguém. Não tem "bicho" nenhum. Vou mandar o vigia descobrir o engraçadinho.

A môça se retirou e fiquei a sós com Antônio. Procurei puxar conversa de nôvo:

— Você é capataz há muito tempo?

— Desde 1959.

— O que fazia antes?

— Sempre trabalhei na roça. Fui indo e acabei capataz.

Enquanto falávamos, seus olhos estavam postos no chão. Senti que tinha mêdo e por isso me hostilizava. De repente, sem dizer palavra, virou-me as costas e afastou-se. Entrei por um dos carreiros — espaço entre duas fileiras de plantas — e fui para o outro lado do campo. Ali três rapazes lidavam com a enxada. Um dêles, moreno alto, a bôca sem dentes, o rosto marcado de rugas, trabalhava com vontade. Perguntei-lhe o nome, e êle hesitou. Então expliquei-lhe que estava ali ajudando Audálio, o agrônomo da fazenda. Só assim me respondeu:

— José Chico.

— É casado, tem filhos?

— Sou. Já tive cinco, mas só o último está vivo. Os outros quatro morreram do mal de sete dias.

É o tétano. Continuei perguntando e soube que êle mora com o pai, que trabalha numa fazenda vizinha, ganhando 1.500 cruzeiros por dia. José Chico tem 20 anos e é o mais velho de sete irmãos. Fiquei pensando como era possível alguém viver com 40 mil cruzeiros por mês, se um quilo de farinha de mandioca custa 300 cruzeiros. E imaginei que a mulher de José Chico seria como outras da fazenda: SEGUE

De segunda a sábado só trabalho

CAMPONÊS
CONTINUAÇÃO

moças ainda, já o rosto enrugado, as pernas cheias de varizes, acabadas pela subnutrição, pelo trabalho e pelas gestações contínuas.

Moisés queria ser soldado

Com 19 anos, Moisés, que também trabalha na enxada, me pareceu bem o exemplo do jovem solteiro do lugar. Êle sabe apenas assinar o nome e explica por quê:

— O doutor veja. No comêço eu ia aprender em Cruz das Almas. Mas era longe e eu ajudava pouco na roça. Então deixei de estudar e fui trabalhar para arranjar dinheiro.

Moisés, no ano passado, quis sair de Cruz das Almas:

— Era hora de fazer o Tiro de Guerra e meu tio, sargento do Exército, tentou me levar pro Rio, pra ser soldado. Estava louco pra ir, mas minha mãe ficou com mêdo. Sou o único filho e não tenho pai. Não fui. Mas eu queria entrar pro Exército. A gente usa farda, desfila nas paradas e todo mundo respeita. As garôtas, então, gostam muito. Agora não dá mais. Já passei da idade. Vou cuidar de arrumar um pedaço de terra pra mim e minha mãe.

Moisés enxugou o suor da testa com a mão, pegou a enxada e recomeçou o trabalho. Fui conversar com as mulheres. Elas trabalham curvadas, arrancando fôlhas ásperas e gordurosas do fumo. Parei ao lado delas. Riam muito e pareciam mais comunicativas que os homens. Uma mulata de lenço vermelho na cabeça pegou uma moringa e me ofereceu água. Aceitei e perguntei o nome e a idade:

— Júlia, 24 ou 25 anos. Não tenho certeza, mas está tudo lá nos papeis. Eu não sei ler.

Já notara que ninguém dava importância à idade, calculada pela fôrça que os homens e mulheres têm para desempenhar suas tarefas. Júlia tem cinco filhos. Aparenta ter 30 anos de idade. Noto que, mesmo respondendo prontamente minhas perguntas, Júlia ainda tem certa desconfiança:

— O doutor é fiscal, não é?

Esclareço que não, que estou fazendo um estágio para aprender o serviço e ajudar o agrônomo. Quero saber por que ela me considerou fiscal:

— É que de vez em quando aparecem uns homens perguntando e anotando num papel. Outro dia êles descobriram que um filho de minha comadre tinha morrido e ela teve de devolver o salário-família.

Júlia casou-se aos 15 anos de idade e os filhos foram chegando logo depois. O mais velho tem 10 anos e começou a ir à escola há apenas um ano. A explicação de Júlia é pronta, quando eu pergunto por que o menino não foi antes:

— É ruim forçar a cabeça dos meninos logo cedo. Criança que vai à escola antes dos nove anos fica de miolo mole.

Júlia foi embora e tornei a atravessar o campo, até onde Antônio tinha ficado. Êle observava o trabalho de algumas mulheres com bastante atenção. Uma garôta passou por nós, o balaio pela metade e Antônio interrogou:

— Tá na leveza? Que é isso?

Outra mulher mais velha, que vinha atrás, respondeu imediatamente:

— De manhã cedo, de barriga vazia, o balaio pesa. Pensa que cafèzinho puro sustenta?

Uma menina de pele queimada, olhos azuis, cabelos crespos, trazia um charuto na bôca. Mastigava-o e cuspia. Ficou surprêsa quando perguntei se tôdo mundo, as mulheres e crianças, fumava charuto:

— Claro. Todo mundo, desde pequeno. Ô xente!

Quase todos ganham o mínimo

Pouco antes do almôço fui à sede da fazenda. Tinha um encontro marcado com o dono das plantações, doutor Flávio, que uma vez por semana vinha de Salvador para fiscalizar o trabalho. Êle acabara de chegar e convidou-me para uma volta pela fazenda. O primeiro lugar que visitamos foi um dos secadores, de onde o fumo, já sêco, está pronto para ser beneficiado. Ali, garotos de 10 a 15 anos retiravam ripas onde as fôlhas ficam dependuradas. Um dêles deixou cair uma delas na hora em que entramos e doutor Flávio reclamou com o capataz da seção:

— Estão tirando fumo de qualquer maneira. Dê um jeito nisso. Quem não trabalhar com cuidado pode mandar embora. Não conversa não.

Todos olhavam em nossa direção, mas desviavam o rosto quando um de nós os fixava. As expressões de cada um iam da subserviência ao nervosismo. Na presença dos chefes, todos se recusavam, com sorrisos e gestos vagos, a responder qualquer pergunta sôbre o trabalho. Falavam quando muito da família, dos apertos que passavam, das doenças e da necessidade que tinham do emprêgo. No fim, era constante a frase feita:

— Se Deus quiser, tudo vai melhorar.

Resolvi nada mais perguntar enquanto estivesse na presença do doutor Flávio. Saímos para o pátio. Tinha começado a chover e o vento era gelado. Mas o que eu sentia mais era fome. Meu trabalho, até ali, fôra apenas observar e tomara um café bastante reforçado pela manhã. Agora eu sabia porque aquela mulher reclamara do pêso do balaio e entendia que com um cafèzinho puro não era possível agüentar muito. Doutor Flávio, ajeitando melhor a gola do casaco, por causa do frio, ia me falando dos camponeses:

— O trabalho dêles na roça é pràticamente braçal. Não há especialização nenhuma e por isso quase todos ganham o salário mínimo. Até mesmo os capatazes. Isso já é um grande avanço para esta região, pois nas outras nem isso acontece. Em conseqüência do pouco dinheiro que recebem e da dificuldade de romper com os velhos hábitos, os camponeses se alimentam mal, ficam doentes fàcilmente, não têm ambições, não querem progredir. Isto está deixando a situação cada vez mais difícil por aqui. Se os outros proprietários não começarem a cumprir as leis trabalhistas, como nós cumprimos, haverá uma explosão no campo.

Fui almoçar com Audálio, o agrônomo, na cidade. No caminho explicou-me que, muitas vêzes não há intervalo de almôço para os que trabalham no campo. Trazem de casa farinha e carne sêca — jabá — e comem durante o serviço mesmo, para sair mais cedo — trabalham por tarefa.

Maria José já viu o mar

Às duas horas, de volta à fazenda, fui ver melhor o serviço nos secadores. Num dêles encontrei muitas môças ocupadas em preparar as fôlhas para a secagem. Sentei-me ao lado delas, no chão. Elas riram muito e logo me contavam suas histórias.

Margarida Conceição, 19 anos de idade, tem cinco irmãos. Mora com a família em terra arrendada, onde o pai planta mandioca e milho. Só ela trabalha na plantação de fumo, os outros ajudam na roça do pai. Está namorando um rapaz que conheceu numa festa de São João. Encontram-se uma vez por semana — êle vai à sua casa — e vão casar em três meses. Diz que acha o namorado bonzinho, simpático e trabalhador, mas não sabe se gosta dêle de verdade. Para fazê-la falar de seu futuro levei tempo:

— Não tenho vontade de sair daqui. Acho que trabalhar em fábrica lá no Sul, ou como empregada em Salvador, é muito duro. De vez em quando fico atolada de serviço aqui na fazenda, mas não me importo porque as amigas estão perto de mim.

— Você já foi a Salvador?

— Não, nunca vi cidade grande. O único lugar que conheço fora Cruz das Almas é Santa Teresinha, aqui perto. Fui lá numa festa de São João, pedir proteção contra doença, e arranjei meu namorado.

Maria José, uma mulatinha de 18 anos, se intromete na conversa para dizer que conhece Salvador:

— É uma confusão dos infernos. Fui uma vez lá. SEGUE

Dia de pagamento é dia de festa

tar as vendas onde o pessoal, depois do trabalho, se reúne para tomar cachaça e jogar dominó. Passamos por três delas, antes de parar na venda do Cândido. Estas casas estão sempre em lugares de passagem obrigatória. São construídas de barro e madeira e não têm quase nada para vender: apenas algumas garrafas de cachaça e licor de jenipapo, às vêzes vendem também farinha e charque. Nas três primeiras havia pouca gente, Audálio explicou:

— Hoje é quinta-feira e o pessoal recebe sòmente na sexta. Amanhã isto vai estar fervendo.

Na venda do Cândido, iluminada a lampião, quatro rapazes sentados ao redor de uma mesa jogavam dominó. Três olhavam o jôgo e outros quatro estavam encostados no balcão, tomando cachaça. A casa estava cheia porque Cândido vendia fiado. Todos conheciam Audálio. Pedimos cachaça. Era forte, quase álcool puro, mas eu precisava beber com êles. Os dois rapazes que estavam ao meu lado falavam de uma garôta:

— O Mário buliu com a Marieta e largou. Hoje vou levar ela pro mangueiral.

— Cuidado com o pai. Êle é bravo.

— Não tem perigo. Hoje êle está trabalhando.

— Como você bicou ela?

— Disse que íamos viver juntos e ela acreditou.

— Cuidado que depois tem berreiro, você não tem mêdo?

— Ô xente, acha que ela vai falar? Se o pai sabe de alguma coisa dá um carreirão nela.

Não tinham mais de 18 anos. Vestiam camisa de algodão, calças de brim, sandálias japonêsas. Iam continuar a conversa quando chegou um rapaz diferente. Sorrindo muito, mostrava dois dentes de ouro. Usava relógio de pulseira dourada, camisa colorida, sapatos lustrosos, na mão tinha um rádio de pilhas tocando alto. Óculos escuros — já era noite — e um chapéu de palha branca na cabeça, êle cumprimentou a todos, mas percebi que foi recebido sem muito calor. Audálio me explicou:

— Aqui nós conhecemos paulistas e **pólistas.** Êsse aí é **pólista,** o baiano que vai pro Sul e volta assim: falando gíria de lá, cheio de luxo e se gabando do dinheiro que ganhou. Depois o dinheiro acaba, êle começa a trabalhar de nôvo e fica igual a todos. Mas a maioria que sai acaba ficando pelo Sul mesmo.

Os rapazes do dominó foram embora às oito e meia, pedindo a Cândido que anotasse as despesas. Perguntei a êle se muita gente freqüentava a venda:

— Quase todo mundo vem. Os únicos que não aparecem são os crentes. O pessoal aqui é todo católico, de festa.

— E vai todo mundo à missa aos domingos?

— Não, porque não tem padre por aqui e a cidade é muito longe. A gente reza na igreja só nos dias de festa. Às vêzes passa um ano inteiro sem a gente ver padre.

— Nem nos casamentos?

— O povo aqui só casa mesmo é nos papéis, pra garantir o salário família. Alguns vão casar na igreja da cidade. Batizado a gente também faz lá, mas só quando as crianças estão ameaçadas de morrer. No mais batizado só depois de grande. Deus sabe que antes não dá jeito.

Às nove horas o resto do pessoal despediu-se e Cândido fechou a venda. Na roça acorda-se muito cedo — quatro ou cinco horas da manhã — e se deita antes das dez. Saímos, e Audálio me deixou no hotel de Cruz das Almas.

Esta hora é importante

Sexta-feira, às quatro da tarde, é o momento mais importante para o pessoal da fazenda: êles recebem o pagamento da semana. Desde a véspera, o caixa já preparou, no escritório, o dinheiro de todo mundo. Depois, com a relação de nomes, vai até a porta de um dos secadores, onde os camponeses o aguardam, amontoados ao redor de uma mesa. Aí começa a chamada. Os que sabem escrever assinam o nome na lista. Os analfabetos deixam a impressão do polegar. O caixa gosta mais de pagar aos analfabetos: os que sabem escrever demoram um tempão para assinar o nome.

O dinheiro não vem em envelopes, mas grampeado apenas, junto com um papel, onde estão o nome de cada um e a quantia a ser paga. Todos devem conferir seu pagamento sem retirar os grampos, pois ninguém tem direito de reclamar qualquer engano se o pacote estiver aberto. Maria José, distraída, retirou o grampo, contou o dinheiro começou aos gritos:

— No meu falta cinco mil. Tinha de vir treze e só veio oito.

E correu ao capataz, porque sabia que com o caixa nada conseguiria. Antônio abriu os braços:

— Não tem mais jeito, minha filha. Já avisei tanto que não é para abrir o pacote...

As amigas de Maria José ficaram penalizadas. Mas só por alguns instantes. Ao lado da mesa do caixa, Gentil, o mascate, acabava de estacionar sua bicicleta, trazendo na garupa retalhos de algodão estampado. Vi uma das môças pagar quatro mil cruzeiros por metro e meio de tecido, que nas lojas não custaria mais de mil e quinhentos.

Com o dinheiro no bôlso, havia dois caminhos para a maioria dêles: aos homens, a cachaça e o dominó nas vendas; às mulheres, a feira no outro dia.

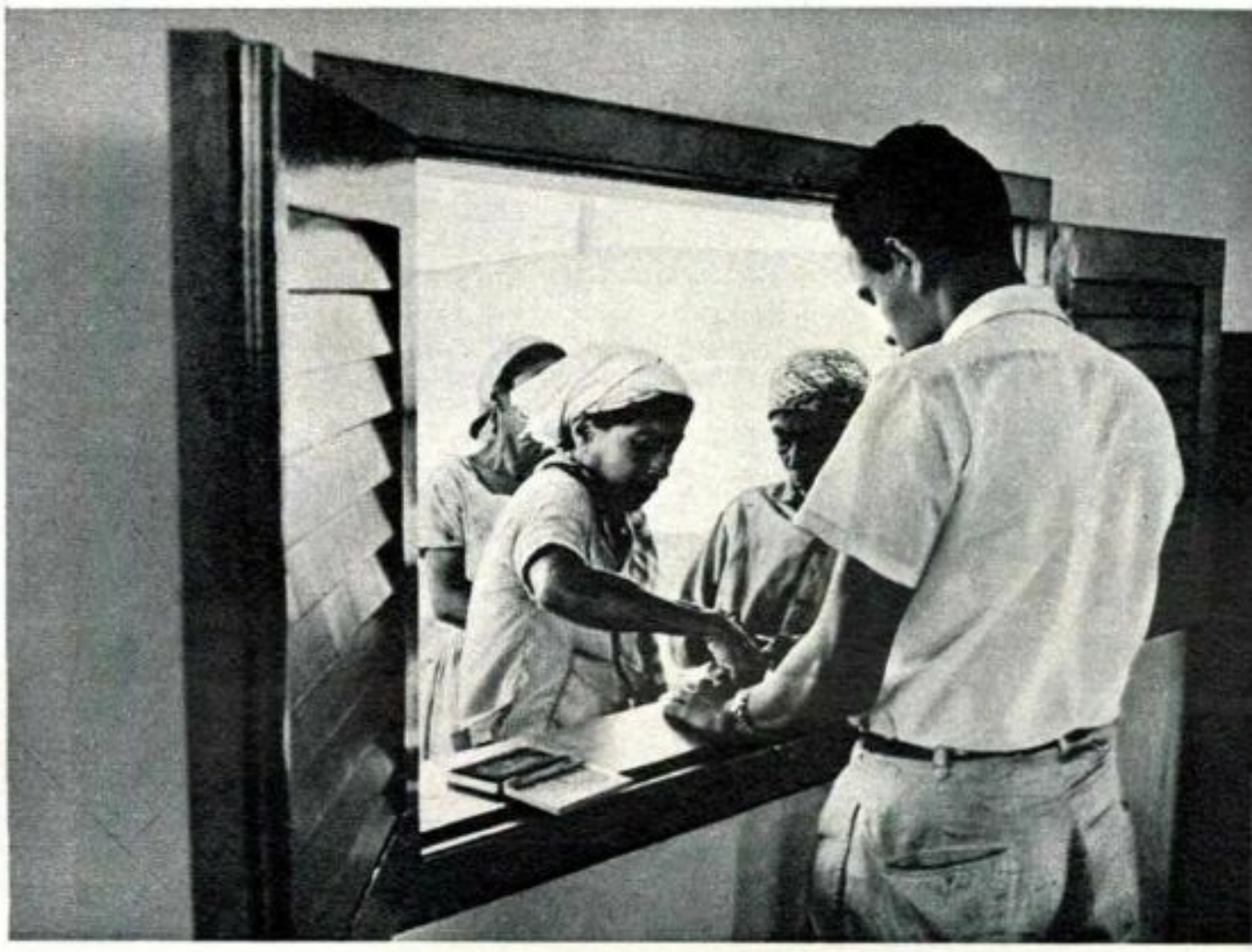
Orgulho de João é o rádio

Nesse dia eu ia dormir na casa de João, um dos trabalhadores da fazenda. Audálio — que já tinha combinado tudo com êle — levou-me até lá. Era um mulato alto e forte, de fala mansa. Chamou-me de doutor e pediu desculpas pelas acomodações. Casado, tinha um filho e morava nos fundos do terreno do sogro. A mulher, Maria, era miúda, magra, o ventre crescido. A criança bonita, gorda, olhos e cabelos prêtos. João apresentou-me a Maria com uma frase sêca:

— O môço vai ficar hoje aqui. Arma a rêde, anda!

A mulher, sem dizer nada, voltou-nos as costas e foi para os fundos. Estava escurecendo e João acendeu a lamparina. A casa tem dois cômodos: ùm quarto pequeno com uma cama de casal, e uma sala grande, nos fundos, que serve de cozinha e depósito de cereais.

SEGUE



O pagamento é sexta-feira, mas ninguém sabe escrever.

Tem carro que é só carreiro de formiga. E gente. Parece festa todo dia. E o mar, aquêle mundão de água cheia de sal. Bonito mas não serve pra nada.

Maria José tem quatro irmãs e um irmão que foi tentar a vida no Sul, como ajudante de caminhão:

— Já passou um ano e até agora não deu notícia.

Socorro, amiga de Maria José e vizinha de casa, tem 16 anos, não sabe ler e mora com uma tia. Dos 63 mil cruzeiros que recebe por mês, entrega 40 mil em casa, para ajudar a comprar farinha e carne. O restante, de 15 em 15 dias, gasta na feira de Cruz das Almas em tecidos, sapatos, perfumes ou jóias, quando é possível. Mas acha que tudo é muito caro:

— Depois de comprar comida, sobra pouco. Quando tem doença, então, não sobra nada.

Socorro não quer sair de onde está, embora ache que poderia ganhar mais dinheiro fora. Gostaria de conhecer São Paulo, mas tem mêdo:

— A gente tem de viajar de carro e no caminho êle pode virar.

Uma pretinha alta e simpática, Celina, 22 anos de idade e faladeira, diz que conhece São Paulo, onde já trabalhou como doméstica. Só que viajou com o emprêgo garantido: levou-a uma baiana que se mudou para o Sul. Mas seis meses depois a mãe de Celina ficou doente, mandou chamá-la e ela voltou. Sente saudades da vida que levava:

— Eu namorava muito, passeava em Santos e vestia roupas bonitas. Aqui todo mundo é quieto. Só é bom quando tem samba de roda.

A maioria delas tem rádio em casa, e é comum passarem horas cantando iê-iê-iê.

Olinto não fala dos mortos

Às quatro da tarde, o agrônomo Audálio me levou para conhecer outra fazenda, a quatro quilômetros da sede. Deixou-me com Olinto, o capataz dali, mulato de 19 anos, baixo e forte, os dentes brancos e grandes. Casado, tem um filho, de um ano de idade. Sua mulher trabalha no campo também. Olinto me recebeu bem melhor do que Antônio, o outro capataz. Falou bastante, riu muito, disse que ficava contente de conhecer "um môço estudado". Em poucos minutos estávamos conversando de sua família, do trabalho e das idéias que êle tinha sôbre tudo. Ouvindo o rádio, Olinto soubera que no dia anterior Castelo Branco morrera. Isso não quis comentar:

— Dos vivos a gente pode falar. Mas quem morre já está sossegado.

Sôbre Costa e Silva falou tranqüilamente:

— O presidente ajudaria a gente se tivesse tempo de vir ver como estão as coisas aqui. Se êle descobrir que a gente precisa de aumento, êle dá. Mas longe, lá no Sul, não pode não. Lá só vão os patrões e êle esquece da gente.

Eu estava surprêso. Sempre pensara que os camponeses fôssem fechados. Olinto, entretanto, estava falando bastante, sem que eu lhe fizesse muitas perguntas:

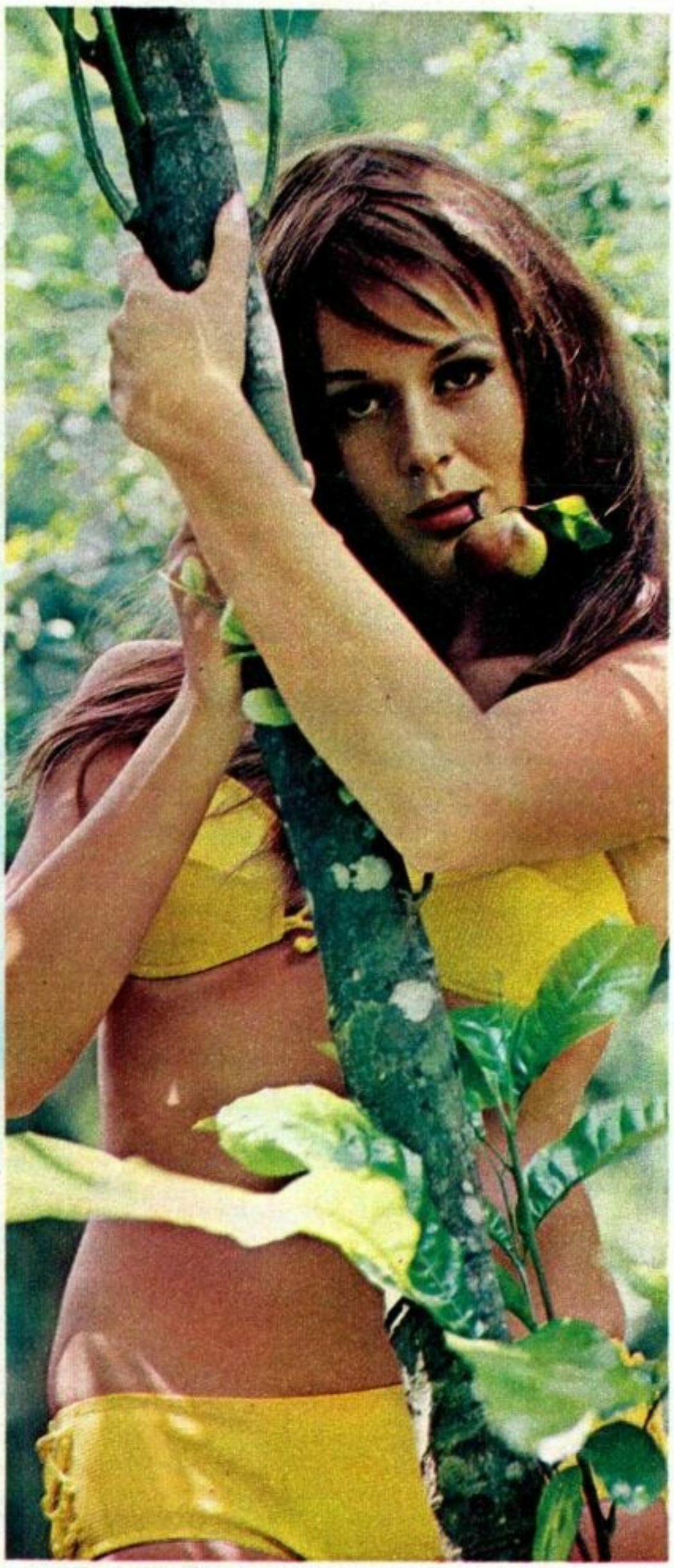
— Pouca gente vota aqui. Só os que sabem escrever o nome. Eu sei, e voto em quem o patrão mandar, porque a gente trabalha com êle. Aqui todo mundo é assim. Não custa nada — as coisas não mudam mesmo — e a gente fica bem com o patrão.

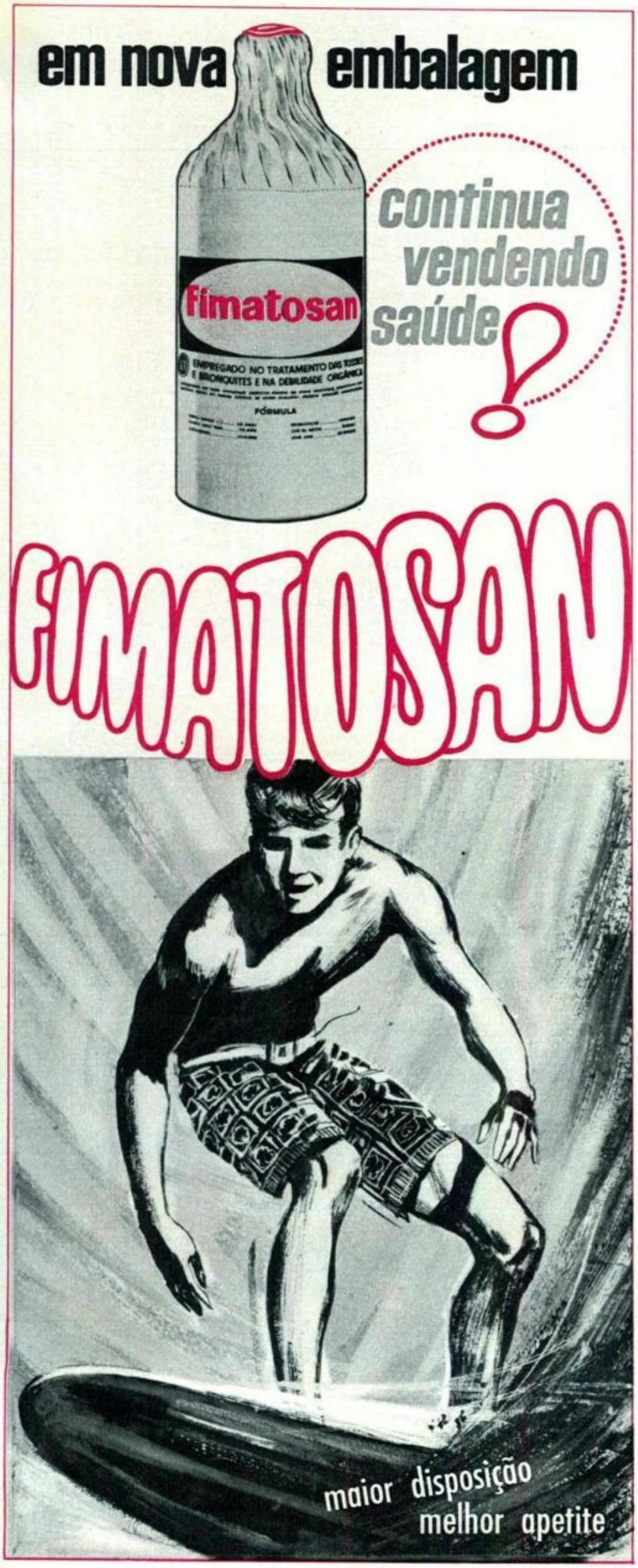
Eu quis saber o que Olinto queria que mudasse:

— Se a gente tivesse uma terrinha, com uma boa morada pros filhos, era bom. Podia também ter médico, remédio e hospital. E, pros filhos não ficar conhecendo só trabalho de enxada, precisava escola. Mas essas coisas não vêm e a gente se conforma.

À noite, jôgo e cachaça

Eram seis horas da tarde quando Audálio voltou para me buscar. De jipe, conforme tínhamos combinado, fomos visi-





E são todos iguais

CAMPONÊS CONTINUAÇÃO

João se orgulha muito do rádio que acabou de comprar:

— Êsse bicho é arretado. Pega tôdas as estações do Rio.

Maria, que estivera na cozinha enquanto João conversava comigo, aparece na porta com dois pratos feitos na mão: muita farinha e um pedaço de carne sêca cozida. Era o jantar.

Depois de comer, João brincou um pouco com o filho e fêz questão de que eu o pegasse no colo. Foi para a cozinha e ouvi sua conversa com Maria:

— Melhorou da dor?

— Estou arreada. Quase não trabalhei. Preciso de médico.

— Amanhã falo com o pessoal da fazenda e arranjo remédio.

As frases eram curtas, e os silêncios prolongados. Às nove horas, João me disse que a rêde estava pronta se eu quisesse dormir. Aceitei porque sabia que êle era quem precisava ir descansar.

No dia seguinte, sábado, o trabalho na fazenda foi até as quatro horas, quando a maioria dos camponeses vai para Cruz das Almas. É dia de feira.

Na praça do mercado, desde sexta-feira à noite, começam a chegar os feirantes, montados em lombo de burro e trazendo as mercadorias em balaios. Êles vendem de tudo: frutas, tecidos, calçados, objetos de barro, passarinhos, animais, carne fresca, verduras, jóias, perfumarias. As barracas mais movimentadas são as de alimentos. As outras — principalmente as de jóias — recebem a visita dos jovens. Em geral só para ver, raramente para comprar.

A festa, a roda e o futebol

À noite, eu tinha dois compromissos. O primeiro, um "arrasta-pé" na casa de um sitiante. O segundo era um samba de roda, festa tradicional em todo o interior baiano.

O baile, num velho depósito de fumo, corria animado por uma sanfona, um pandeiro e um tambor de couro de cobra. Poucos casais dançavam baiões, xotes e xaxados, bem juntinhos, arrastando os pés no chão de terra batida. Não se falavam. Ao fim de cada música, separavam-se, os rapazes para um lado, as môças para o outro. Fiquei por ali por uma hora apenas, pois estava interessado em conhecer o samba de roda.

Caminhei 500 metros por uma trilha, e no meio do caminho já ouvia o batuque. Olinto, o capataz falador, dono da casa, me recebeu na porta, e me convidou a entrar. Num dos cantos da sala, estavam os "músicos": cinco pandeiros. No outro canto, os santos homenageados na festa, Cosme e Damião. No centro, a roda, só de mulheres, tôdas jovens. Reconheço algumas: Celina, Maria José e Margarida Conceição (o namorado não veio). Acompanhadas pelo ritmo dos pandeiros, de frente para o centro da roda, onde dançam várias outras meninas, elas batem palmas e cantam sem parar versos curtos como êste:

— Aqui nesta roda / não tem um rapaz / que me dê um vestido / da chita do cais.

E os músicos respondem:

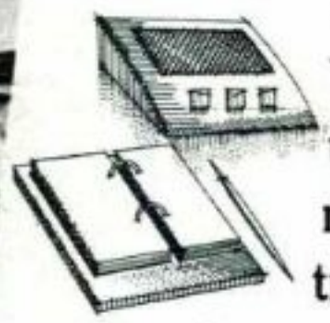
— Eu dou, eu dou, eu dou, morena, eu dou.

A sala estava abafada. Excitadas pela fumaça (algumas tinham bebido), as môças não paravm de cantar. Mas durante a hora e meia que fiquei ali, nenhuma demonstrou cansaço. Eu estava cansado, e fui dormir.

No último dia de minha experiência — domingo — vi o futebol na roça. Descalços e sem camisas, êles corriam atrás da bola todos ao mesmo tempo. À tarde, aproveitei para despedir-me das pessoas que conhecera, e voltei para o hotel, em Cruz das Almas.

Arrumando as malas, eu me sentia cansado e triste. Não encontrara diferença alguma entre os camponeses jovens e os camponeses velhos. Todos êles aceitavam viver quase sem esperanças, embora sonhassem, algumas vêzes, em conseguir o seu próprio pedaço de terra, ou então trocar o campo pela cidade, a Bahia pelo Sul. FIM

Tempo de sorrir...



Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum.

É por isso que oferecemos o Curso de Liderança de Reuniões a representantes de todos os setores de atividade, concorrendo para o seu aperfeiçoamento administrativo.

Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo.
Mas vamos um pouco além.

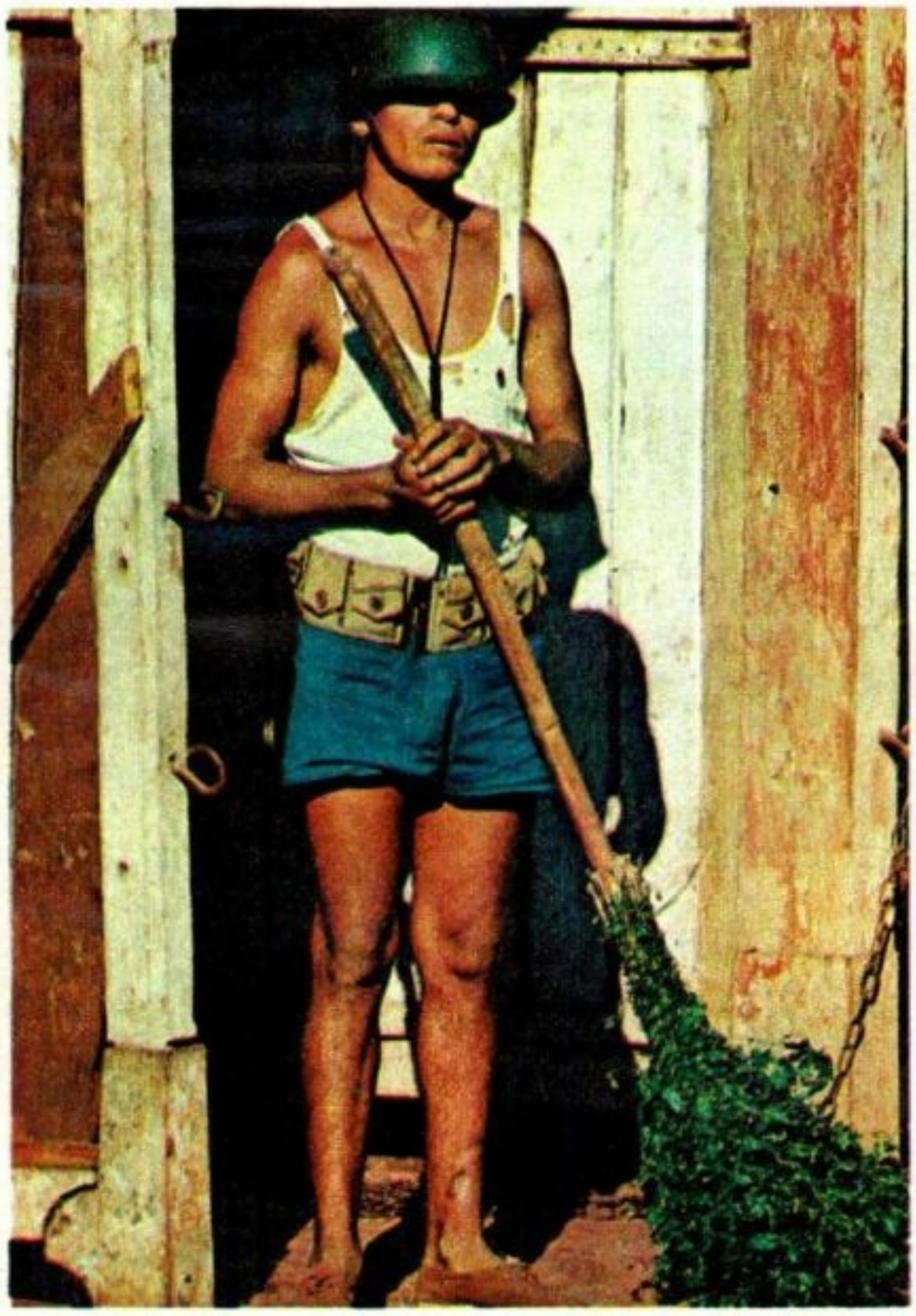
Esso

Gente como você trabalhando para servi-lo

O RECRUTA

Texto de Hamilton Almeida • Fotos de Jorge Butsuem

Num quartel de fronteira, em Mato Grosso, a 1.800 quilômetros do Rio de Janeiro e a poucos metros do Paraguai, vários jovens de 19 anos vivem uma lição obrigatória que dura um ano. De farda verde e cabelo curto, aprendem a lutar, manejar armas. Aprendem coisas sérias, mas sua imagem é sempre a de um tipo engraçado metido em apuros.



O jovem pode entrar analfabeto para servir ao Exército, mas do quartel não pode sair sem saber ler, escrever o nome e fazer contas. Na escola regimental, o recruta fica cinco meses em aulas. Fora o estudo, limpar as baias com vassoura de galhos e capacete de guerra faz parte da instrução militar, tanto quanto marchar e ter nos ombros um fuzil automático.

"Superior pode errar, mas a culpa é do soldado"

RECRUTA
CONTINUAÇÃO

Aqui, neste 10.º Regimento de Cavalaria Tenente Antônio João, em Bela Vista, Mato Grosso, da janela da sala de comando — no segundo andar — pode-se ver, na direção em que nasce o sol, o rio Apa. Do lado de lá do rio, na outra margem, está o Paraguai. Seiscentos metros separam o quartel brasileiro do destacamento paraguaio: uma casa branca, pequena, no alto de um morro.

O rio Apa é a linha de fronteira entre os dois países. É raso e **dá passo** o ano inteiro. A Bela Vista brasileira, na margem direita do rio, tem 9.315 moradores na cidade e 11.710 no campo, onde só há fazendas de gado. É duas vêzes maior do que sua vizinha, a Bela Vista paraguaia.

A brasileira só tem ruas de terra e a luz que o povo usa vem de um gerador diesel — quatro horas de manhã e outras quatro à noite. A praça principal é tôda pintada de azul e branco com um coreto no centro e um mastro ostentando uma bandeira brasileira novinha. Como município, Bela Vista fêz 49 anos em julho, mas sua história como fazenda, povoado e vila é do tempo da Guerra do Paraguai. Aqui se deu a Retirada de Laguna (1866) e o tenente Antônio João, hoje nome do regimento, foi um herói da guerra.

Na direção da entrada principal do 10.º Regimento, bem em frente à sentinela sempre armada de lança, está a Igreja Matriz da cidade. Entre a igreja e o quartel existe um campo de pólo, ao seu lado uma caixa d'água branca. Foi um político que mandou construir, sem atentar, porém, para um detalhe: Bela Vista não tem água encanada.

O prédio principal do regimento, de dois andares, fachada pintada de amarelo e janelas verdes, chega a ser imponente. Por cima do portão de entrada há um terraço que lembra um pôsto de observação. Os outros dez prédios do quartel parecem galpões de fábrica, quatro dêles cercando o enorme pátio interno. No centro do pátio, outra bandeira e o túmulo de alguns heróis da Guerra do Paraguai.

As ruas internas do 10.º Regimento são de terra batida e estão sempre muito limpas. Ninguém joga pontas de cigarro no chão — umas latinhas pintadas de verde, amarradas na ponta de uma varinha e colocadas nas calçadas servem de cinzeiros. Tudo é muito silencioso, e tem-se sempre a impressão de que os soldados saíram ou estão trabalhando quietinhos dentro dos galpões.

É nos primeiros dias de janeiro, todo o ano, que o quartel perde sua tranqüilidade habitual. Nesse mês chegam mais de 300 caras novas: os recrutas. Meio assustados, em grupos de três ou quatro, a malinha pobre na mão, vão aparecendo. Depois de deixar suas coisas nos alojamentos, são levados para o pátio. É o primeiro contato real do jovem com o Exército. Segurando nervosamente o alistamento, êle vai ao sargento que, com uma lista na mão, confere o seu nome e de onde vem. Então o môço pode ouvir a primeira das milhares de ordens que lhe darão até dezembro.

— Vá cortar êsse cabelo!

Se os rapazes vieram para o quartel na carroçaria de um caminhão e estão sujos de poeira, a primeira ordem do sargento pode ser mais engraçada — "banho coletivo no rio Apa".

Com o "batismo" ou sem êle, iniciam uma vida totalmente nova. De agora em diante não terão mais nome, serão chamados por números, e vão se convencer de que são recrutas: pouco mais que nada. Até soldado raso, o "praça velha", será seu superior. É bom também ficarem sabendo que superior não mente, dificilmente se engana e, quando isso acontece, é por culpa do subalterno. E mais: alguma coisa errada que façam não será perdoada — um êrro o recruta explica, mas não justifica. Vão ainda aprender e usar uma língua diferente, em que os civis são chamados de "paisanos"; a hora do almôço vira "hora do rancho"; e quando fôr tempo de dormir, será "hora de recolher".

Acorda, recruta

O relógio do quartel é o cabo Soares que às seis da manhã dá o primeiro dos 18 toques de um dia normal. Cada toque quer dizer uma coisa. O das seis, que o cabo Soares está tocando com fôrça, é a **Alvorada.**

Nos quatro alojamentos do regimento, todo mundo entendeu que era hora de pular da cama.

O primeiro ato do dia do recruta é sacudir o lençol e a colcha, ambos muito brancos, e esticá-los, bem esticadinhos. Depois, pegar o cobertor verde, dobrar em três partes, e colocá-lo atravessado no pé da cama. Tudo isso feito ràpidamente. Aliás, a rapidez é uma coisa muito importante, pois tôdas as tarefas do recruta serão quase cronometradas.

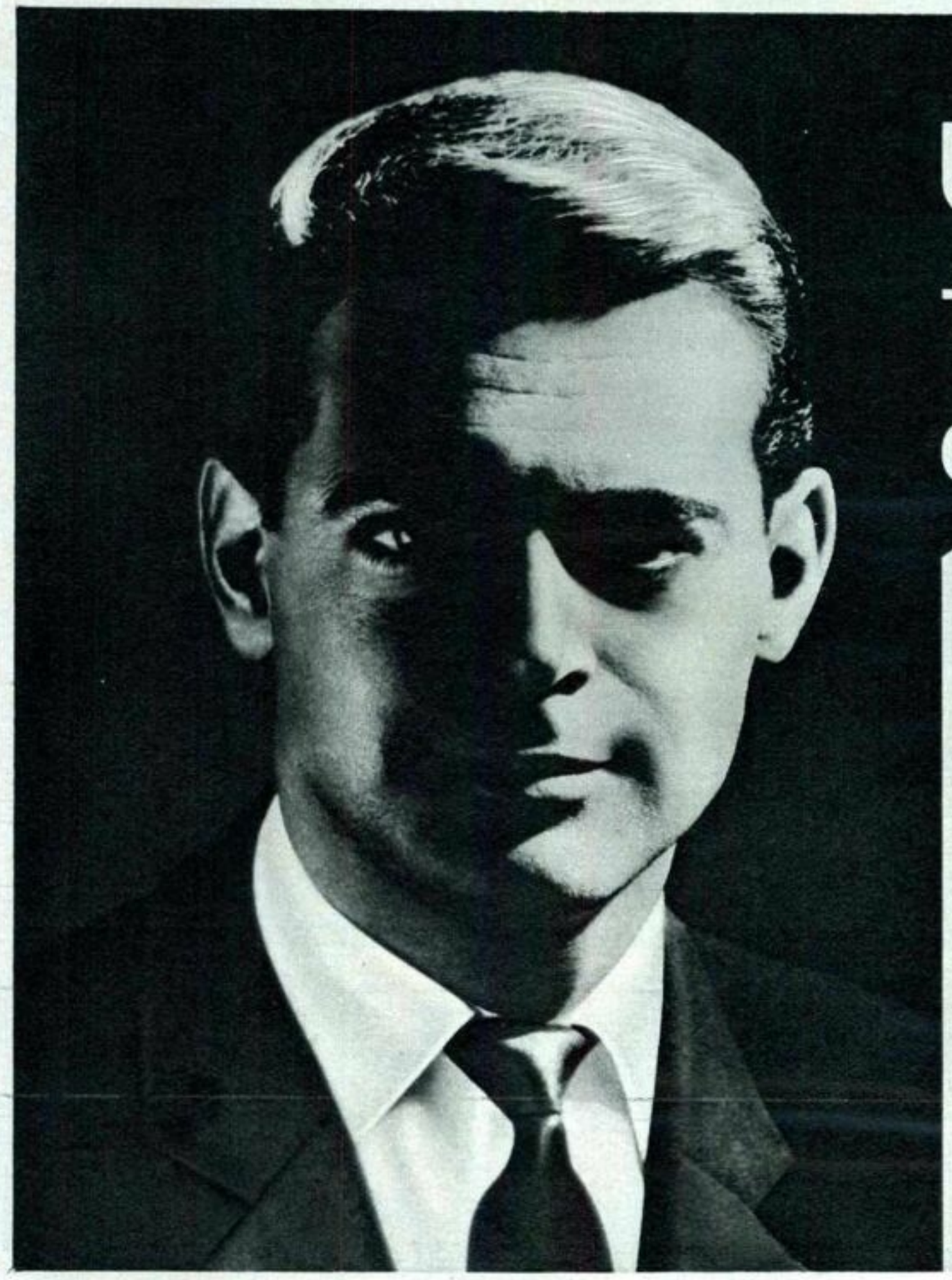
Antes das seis e meia, êle já lavou o rosto, escovou os dentes e está na porta do refeitório. Na porta aprende que o rancho não é um lugar onde o recruta entra, senta onde quiser e pode comer. Um sargento o coloca em forma, coluna por três e faz a chamada pelos números.

Cada um só pode avançar para tomar café com leite, pão e manteiga, depois de chamado. O café é servido em bandeja de alumínio, o pedaço de pão é grande e a manteiga, na maioria das vêzes, é mesmo margarina.

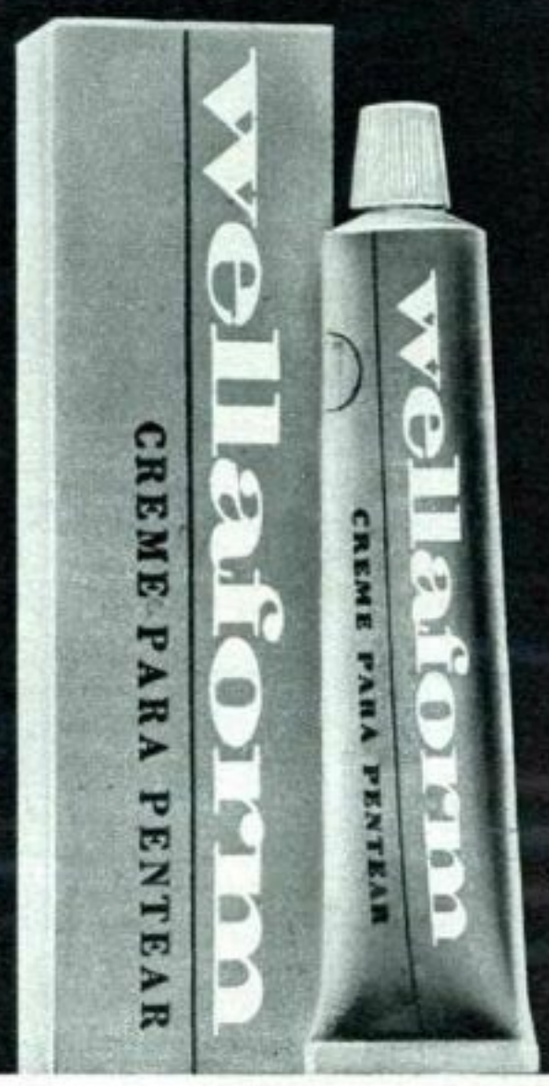
Nos primeiros dias o recruta ainda não esta andando fardado. Usa suas roupas de civil, enquanto vai recebendo todo o enxoval que o Exército lhe dá de graça. No almoxarifado do regimento êle retira desde a cueca até a roupa de cama, passando por camiseta, meias, tênis, farda de passeio e toalha de banho.

A roupa da hora de levantar, antes de se apresentar no rancho para o café, será a farda de instrução: calça e camisa de brim, bolsos grandes com botões prêtos, bico-de-pato (quepe de bico quadrado) e coturno (bota de cano alto, cheia de fivelas do lado), mais as esporas douradas, que aqui o regimento é de cavalaria.

O recruta recebe todo o fardamento, mas se a roupa estiver comprida ou curta, ou mesmo se a botina estiver apertada, o problema é dêle. SEGUE



Um fixador diferente



De fato! WELLAFORM é diferente aos demais cremes para pentear: Tôda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Esprema Wellaform entre as palmas das mãos e espalhe levemente no cabelo. Veja como se torna jeitoso e fácil de pentear!

WELLAFORM não endurece os cabelos. Ao contrário, sem engordurar, mantém-os bem penteados o dia inteiro. Wellaform, suave mas agradàvelmente perfumado, assenta bem e com distinção.

WELLA *tem tudo para o cabelo e da melhor qualidade*

WELLA

Cosmética do cabelo de fama mundial

CLÍVIA

"Cabeludo não; aqui não é lugar de gente bonita"

RECRUTA
CONTINUAÇÃO

Pôr tudo em ordem, seja mandando para a mãe costurar ou trocando com alguém no quartel, é a preocupação maior no começo. Assim o recruta aprende a primeira máxima do quartel:

— Recruta se vira, praça velha não se aperta.

Aprende, recruta

Para ficar conhecendo o dia-a-dia da vida nova, o recruta não poderá sair daqui por um mês. É o chamado "período de adaptação", quando lhe ensinarão o "meia-volta, volver", o "ordinário, marche!", os dois passinhos a mais quando escutar o berro de "alto!", as tarefas diárias e os regulamentos. Um dêles é cortar o cabelo de dez em dez dias. E todos vão ficar com as cabeças iguais, porque o barbeiro do regimento — um praça velha — não aceita pedidos; só sabe cortar de um jeito, aquêle bem rente que deixa um topetinho na frente. Pagam 400 cruzeiros cada corte e recebem um cartão que terão de apresentar ao comandante para o **visto.**

O sargento está sempre reparando no cabelo dos recrutas. No comando da guarda, na entrada do regimento, onde o cabeludo passa, tem que mostrar o cartão com a data do último corte e o visto. Os rapazes que dão mais trabalho são os filhos de fazendeiros, uns três êste ano. Guido Bonito, recruta, motorista do Esquadrão de Comando e Serviços, se considera até um perseguido. Tôda vez que passa pelo sargento ouve o pito:

— Olha êsse cabelo; aqui não é lugar de gente bonita.

O recruta que não quer se complicar deve ficar sabendo logo quem é o **sargenteante.** Geralmente é o sargento mais antigo ou mais graduado do esquadrão. Será o seu contato direto, de tôdas as horas, como superior.

Nessas quatro semanas de ajustamento o recruta vai ouvir muitas histórias. Uma delas pode ser esta:

Um recruta estava acabando de receber sua farda no almoxarifado e vinha atravessando o pátio com um cigarro apagado na bôca. Não tinha fósforo, nem a menor idéia de quem era aquêle senhor fardado parado num canto. Chegou e pediu:

— O senhor pode me dar fogo?

— Pois não.

O recruta deu uma tragada gostosa, agradeceu o favor e ia saindo quando o homem, muito carinhosamente, chamou:

— Meu filho, vou lhe dar um conselho. Nunca mais faça isso. Eu sou o coronel comandante do regimento, mas você já imaginou se você faz isso com o sargento?

No 10.º Regimento a maioria dos soldados não tem qualquer estudo. Os moços vão das fazendas para o quartel e, só nesta última turma, de 362 havia 67 completamente analfabetos. Mas só dá baixa do Exército quem já tiver aprendido a ler, escrever e as quatro operações de matemática na Escola Regimental.

E é na escola que nascem os personagens cômicos do quartel. No 10.º Regimento, quem acabou virando lenda como recruta de idéia curta foi Massacote, um mato-grossense. Uma vez, seu instrutor, o tenente Tinoco, passou horas tentando lhe explicar o que era uma mina e como funcionava em caso de guerra. Mostrava tudo direitinho e perguntava se Massacote havia entendido. Não, não havia. Até que pela décima vez, bufando de raiva, o tenente gritou:

— Massacote, o que é uma mina?

— É um negócio que sai água, **seu** tenente.

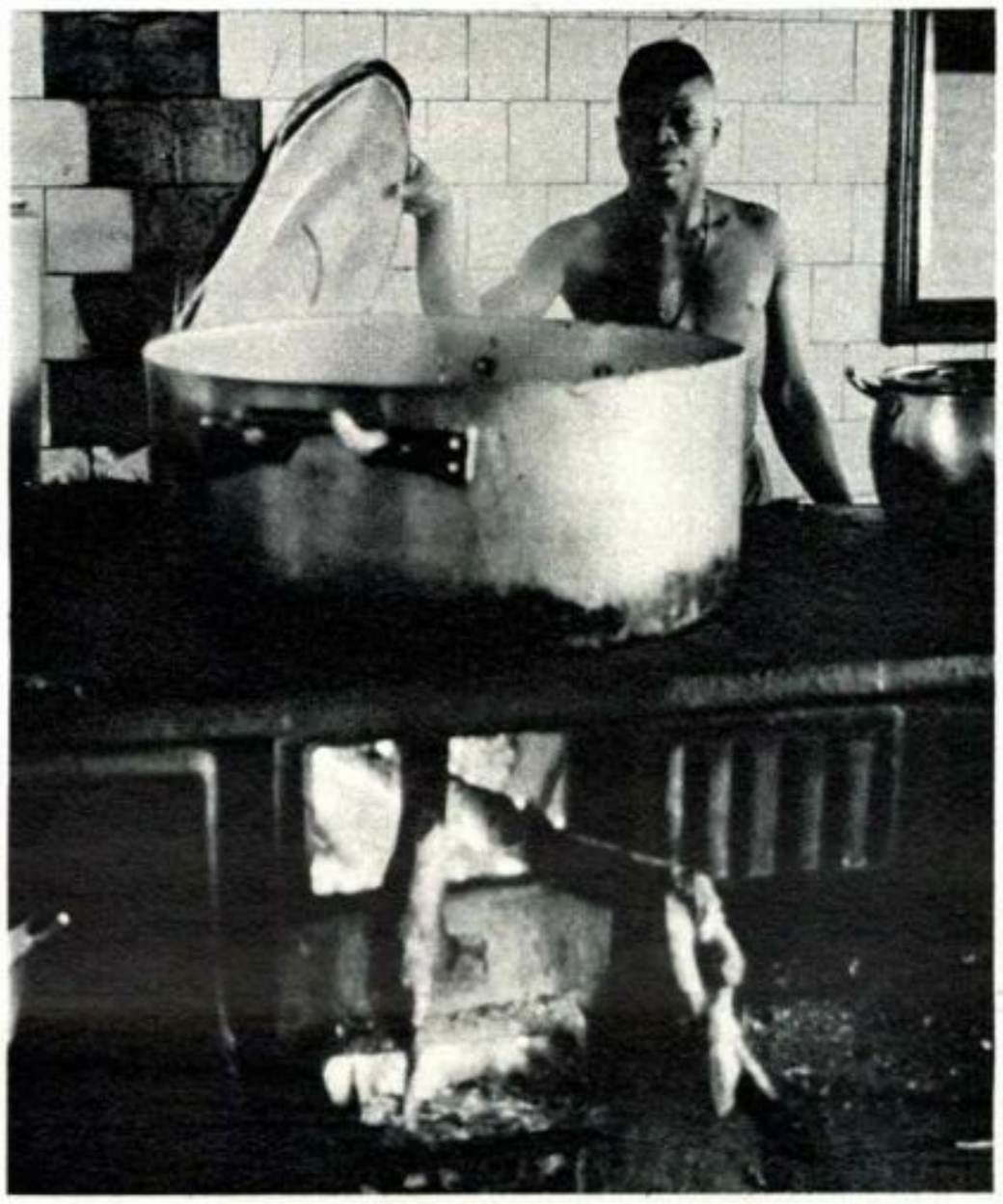
Para evitar muitos casos como o do Massacote, os recrutas que receberão instrução militar são mais ou menos selecionados. Só pelo jeito de falar, pelas coisas que diz, ou mesmo pela cara, o recruta pode ser "condenado" à **ralé.** É o nome da turma de limpeza, da faxina do esquadrão, dos alojamentos, do rancho e das baias. A turma da **ralé** ouve sempre a piadinha:

— Vá lá dentro apanhar a **caneta** para varrer a sala.

Lava cavalo, recruta

Se o recruta fôr arrumadinho, bem falante e um pouco inteligente, nessa mesma fase de seleção a ôlho poderá ganhar o pôsto de ordenança. É uma espécie de **office-boy** dos oficiais. Acaba virando **peixe** (o que quer dizer protegido) e levando uma vida menos dura no quartel. No 10.º Regimento só há um inconveniente para o ordenança. Como todo soldado e oficial tem um cavalo, êle terá que cuidar, além do seu **beiçudo,** também do **matungo** do oficial.

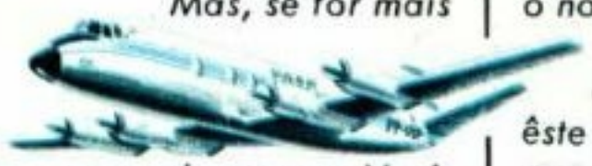
SEGUE



Comida de recruta em quartel só é boa para quem tem fome

Êste é um argumento que a Vasp tem para levá-lo ao Brasil Central.

Mas não é o único. Caso Você não tenha predileção por onças pintadas, ainda existem muitos outros. Por exemplo, que a VASP possui a maior frota de turboélices da América Latina. Mas, se fôr mais conveniente para Você, também temos outros equipamentos e outras tarifas para aquela região. Horários diversos e tarifas econômicas, à sua escolha. E nos empenhamos ao máximo para que, enquanto Você estiver conosco, tudo saia como Você tinha planejado — da melhor maneira possível. Inclusive uma caçada de onça. Ou, se Você preferir, a compra de uma onça empalhada. Fale com o nosso agente local, que terá o maior prazer em ajudá-lo. Mais ainda: se êste fôr o seu problema, garantimos que êle não agirá como qmigo da onça.



VIAJE BEM... VIAJE VASP

MEMBRO ASSOCIADO

IATA

QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

"Com um botão fora do lugar, você está nu"

RECRUTA
CONTINUAÇÃO

A pior hora para o recruta dentro do quartel é aquela em que êle ouve o toque de corneta anunciando a limpeza das baias. É depois do rancho, a uma da tarde. Então êle vai aos boxes onde estão os cavalos e, depois de limpar o local e os animais, solta-os para a invernada — pasto e banhados — onde ficam até o fim do dia.

De todos os toques, os que o recruta aprende primeiro são os de levantar, de rancho, de recolher e o que anuncia a chegada do comandante ao quartel. Entre os recrutas circulam muitos versinhos que são cantados ao som da corneta. Um dêles é para a alvorada:

"Oh! que vida a minha
o cabo me chama
o plantão me aporrinha".

Nessa hora de acordar, o recruta já tem que ter o uniforme em ordem. Se a farda estiver sem um botão ou a bota desfivelada, o sargenteante pode sair com esta:

— Recruta, recolha-se! Você está nu!

Entre as coisas mais comentadas dentro de um regimento, o RDE — Regulamento Disciplinar do Exército — ganha longe. Quem quiser ter a ficha sempre limpa, deverá estar em dia com o RDE. O recruta será punido tôda vez que desrespeitar um dos artigos disciplinares. Foi por causa da rigidez do RDE que um dos soldados do 10.º Regimento — perguntado sôbre a vida no quartel — respondeu:

— O quartel é bom. Ruim é o regulamento.

Cai do cavalo, recruta

Depois do primeiro mês, ajustado na vida militar, o recruta entra numa nova fase. É o período de formação: 20 semanas ao todo. A primeira parte, de 56 dias, é a da **instrução básica militar,** onde êle começa aprendendo como funciona uma arma de fogo. A segunda parte é a da **instrução básica de qualificação,** ensinada em 84 dias. Aí, o recruta vira um especialista e muitas vêzes aprende uma profissão que lhe será útil na vida civil. Êle pode sair motorista, eletricista, carpinteiro, ferreiro, telegrafista ou radiotécnico.

Aqui no "Tenente Antônio João" são muito concorridas as aulas de montar e manejar os cavalos. A molecada e até os oficiais gostam de assisti-las. Das sete e meia às 11 horas, os recrutas são conduzidos ao "picadeiro", um campo quadrado de cerquinhas brancas.

Cavalo de soldado não é lá grande coisa, nem em tamanho. Geralmente são miúdos e não gostam muito de pular obstáculos. Na parte mais puxada da instrução — soltar as rédeas, pôr as mãos na nuca e pular uma barreira — os tombos vão acontecendo um atrás do outro. O sargento-instrutor fica firme no meio do picadeiro, chicote na mão, parecendo um domador. Vai apenas gritando para quem cai:

— Recruta, quem foi que mandou apear?

É assim que o sargento vai ganhando fama de mau. E vingança de recruta é dizer baixinho:

— Sargento é o coronel do soldado.

Corre, recruta

Quando o jovem terminar essa fase de treinamento, estará no meio do caminho. Já saberá quase tudo, faltando apenas a parte de aplicação das instruções. São as 16 semanas finais, com manobras dentro de cada esquadrão e depois junto com todo o regimento. Ao fazer essas manobras, atravessando rio em cordas, ou fazendo combate simulado a cavalo e aprendendo a usar bem os 150 tiros a que tem direito, o recruta aprende também a ser invulnerável ao tempo. Para soldado não há sol nem chuva, o sargento quer ver a missão cumprida. E, para os recrutas, uma das mais duras é tirar "serviço" de guarda quando está chovendo ou geando.

Um treinamento a que o recruta logo se habitua, e que o regimento se orgulha de fazer, é o alarme. Numa hora qualquer, sem aviso prévio nem nada, o comandante resolve testar o regimento e manda tocar as sirenes e o corneteiro dar o toque de alarme. Isso quer dizer: estamos em guerra.

Em 15 minutos, todo mundo terá que ter cumprido três importantes etapas de manobras. SEGUE

O recruta acorda muito cedo para marchar de lança na mão e montado a cavalo. Assiste à bandeira brasileira ser hasteada e faz continência. O seu dia de instrução começa assim e tem serviço sem parar até o fim da tarde, às quatro e meia. A vez do descanso só chega às nove com o toque de silêncio.

Deslizando suavemente, a bicicleta leva V. ao trabalho. É o meio de transporte mais econômico, sadio e independente. V. não precisa esperar condução. Não paga passagem. Não depende dos outros. E nas horas de folga? É gostoso ir de bicicleta. Encontrar amigos, ir ao jôgo ou à sua pescaria preferida. Terá tempo para tudo. Descobre que pode progredir e ganhar mais. Compre sua bicicleta. Mas, compre logo a melhor. V. está dando um passo importante. Compre a nova Monark Galáxia 67. A única que lhe dá garantia de 12 meses. Resistência para tôda a vida. Qualidade Monark. V. vai longe. Monark é a única com sua Estrêla da Sorte – que ajuda V. a vencer na vida!

você vai longe

SÓ MONARK TEM:

Barra Circular Super-Reforçada
Feita de aço, dá fôrça total à área de sustentação de sua bicicleta. É o maior aperfeiçoamento desde a invenção da bicicleta.

Tração Monobloco Ponto Vermelho
Exclusiva. Forjada em uma única peça de aço temperado. Não tem juntas, não cria folga, dispensa manutenção.

Selim Confôrto Flutuante
A última inovação em confôrto. Acolchoado em látex vácuo-celular. Macio e modernissimo.

Côres Espaciais
em atraentes combinações.

Reclam

"Neste quartel todo mundo dorme com um ôlho aberto"

RECRUTA
CONTINUAÇÃO

Elas começam com a proteção total do quartel, passam pela ocupação dos postos-chave da cidade (prédios públicos, usina de luz, banco) e vão até a formação de patrulhas para um raio de ação de 100 quilômetros.

O major Sabino, comandante do 10.º Regimento, extenente da FEB na campanha da Itália, gosta de contar que a sua turma dorme com um ôlho aberto. As sentinelas estão sempre embaladas, tudo pronto para um eventual alarme.

E cada um sabe manejar a arma leve mais moderna do Exército, o FAL — fuzil leve automático — pe fabricação belga.

Namora, recruta

Quase ninguém pede licença para usar roupa de civil porque entre as môças daqui há uma certa preferência, primeiro pelos oficiais, depois pelos soldadinhos. Alguns oficiais que vieram para Bela Vista acabaram casando com jovens da cidade. O recruta geralmente só namora, pensando em voltar para casa

Fora o namôro, a distração dos soldados não passa do cinema uma vez por semana e de um baile aos sábados, num dos dois clubes do lugar: o Bela Vista e o Grêmio dos Subtenentes e Sargentos.

Fica, recruta

Apesar do comêço duro, mais de 50% dos recrutas que fazem o serviço militar em Bela Vista pedem engajamento (entrar para a carreira) ao final do serviço. Isso acontece porque nesta região o Exército representa uma elevação de estado social. O próprio recruta ganha 35 mil cruzeiros velhos mais roupa, casa e comida. Nas fazendas, os jovens recebem menos do que isso e ainda têm tôdas as despesas por sua conta.

Na passagem de recruta a soldado engajado, o salário sobe para 90 mil com as mesmas vantagens. E, se para cabo e passar, ganhará uma condição privilegiada dentro do quadro da região. Salário de 200 a 300 mil (dependendo do tempo de serviço e função), continuando com os direitos de casa, comida e roupa.

Durante 12 meses de quartel, o recruta tem que se habituar a comer três vêzes por dia. Só que nunca vai dizer "vou almoçar". Dirá sempre: "Vou cumprir minha etapa". O "rancho", apesar de haver uma tabelinha dizendo a quantidade de comida para cada um (350 gramas de carne, 250 de arroz, 180 de feijão) é farto. Agora, dar o número para almoçar ou jantar, e faltar ao "rancho" é um ato que será punido.

O recruta humilde gosta muito da comida do quartel. Antes, a maioria dêles — nas fazendas onde trabalhavam — não passava da mandioca, arroz e feijão. No regimento, comem carne todos os dias, verdura, ovos e até macarrão.

Foi um soldado que definiu a diferença entre a hora do almôço em casa e no quartel:

— O rancho em casa toca mas não avança.

Tradução: chega a hora de comer, mas não há o quê.

Bebida do povo, em Bela Vista, é o tererê, um mate frio, tomado com bomba, como se fôsse chimarrão. Vê-se muita rodinha de soldados, uma cuia e uma garrafa de água na mão. Vão pondo água na cuia e passando de um a um. O tererê é conhecido entre os recrutas como "chá de alfafa".

Também há uma tabela de ração para cada matungo: 1,5 kg de alfafa, 3,6 kg de milho e 30 gramas de sal.

Depois do "rancho", às 11 horas, quando recomeça o expediente, além da limpeza das baias há outra coisa ruim: a "hora do pato". É para os que são punidos. Se no dia anterior cometeu alguma falta e o sargenteante deu parte ao comandante, o recruta vai ser ouvido antes de receber a punição. Perguntam-lhe se tem alguma coisa em sua defesa, ouvem-no e depois passam-lhe um "sabão". As punições mais normais são a advertência, a detenção (não poder sair do regimento durante as horas de folga) e a prisão).

Às 16 horas, no fim do trabalho, todos os esquadrões formam para a leitura do BI, o boletim interno. O BI é muito esperado pelos recrutas, principalmente na sua quarta parte: justiça e disciplina. Nela saem as punições e advertências. Tudo o que aparecer no BI constará depois da ficha do recruta.

SEGUE

Nem para namorar, nos dias de folga, sábado e domingo à tarde, o recruta tira o bico de pato, a farda verde e as botas com esporas. Na cidade, andando pela praça principal, ou mesmo na saída do único cinema, o jovem fica namorando. Não há muito o que conversar e só os bailes e festas de casamento conseguem quebrar um pouco a monotonia.

...e agora a Dulcora lançou mais dois sabores.
Um é o de CHOCOLATE, que só a Dulcora tem.
O outro é o BUTTER RUM...

Bem lembrado! Depois dêste Misto, a gente vai correndo comprar os novos sabores...

DULCORA
BUTTER RUM
CHOCOLATE

VOCÊ NÃO SABE O QUE ESTÁ PERDENDO SE AINDA NÃO PROVOU ÊSTES NOVOS SABORES

a qualidade é dulcora –
a delícia que o paladar adora

chocolate DULCORA s.a.

Reclam

Acabou o ano: tudo ficará mais triste

RECRUTA CONTINUAÇÃO

Num regimento de fronteira, além de o dia começar muito cedo, o recruta fica habituado com a formação e a parada para o hasteamento da bandeira nacional logo às sete horas.

Dia sim, dia não, a formação é a cavalo na frente do quartel, no campo de pólo. Quando é a pé, os recrutas desfilam no pátio interno.

E ter bandeira do Brasil sempre no mastro é obrigação de uma unidade de fronteira.

Antes de deixar a farda, em novembro mais ou menos, o recruta recebe lições sôbre educação moral e cívica, falsas doutrinas sociais, contra o perigo de infiltrações extremistas nas fôrças armadas, História e Geografia do Brasil.

Entre novembro e janeiro, quando todos os recrutas dêste ano voltarem para suas casas, o 10.º Regimento ficará mais vazio, mais triste. Sòmente os "praças velhas", alguns dêles já com mais de dez anos de quartel, e os recrutas que pediram engajamento é que continuarão em Bela Vista.

Os oficiais que moram em Bela Vista terão menos que fazer. O barbeiro ficará esperando a nova turma. O sargento-instrutor terá suas fèriazinhas. Algumas namoradas irão chorar e as despedidas, algumas vêzes, serão emocionantes.

Mas até na hora de dar baixa, quando tem que devolver todo o material do quartel, o recruta será um tipo engraçado. Como Maximiniano Benitez, filho de mãe paraguaia, cujo número era 703. À sua frente, no último dia, o comandante do esquadrão chamou:

— Setecentos e três, um passo a frente!

E Maximiniano muito quieto, em forma com seu material na mão. O comandante chamou mais umas duas vêzes, até que falou direto com êle:

— Maximiniano, você não é o setecentos e três? Não está ouvindo?

— Não, meu tenente. Eu sou o sete, zero, três.

Haja fornecedores...

...E muita gente vai ter que fazer o mesmo.

Sabe lá o que é a imensa responsabilidade de fornecer material para uma fábrica que pretende pràticamente dobrar a produção até 1970?
Hoje nossa produção se aproxima dos 450 VW por dia.
Em 1970 serão 800.
Para isso, vamos ter que aumentar ainda mais a nossa Fábrica. E comprar mais máquinas, contratar mais gente.
Nossa expansão significa a expansão de milhares de outras indústrias.
Como a de auto-peças, pneumáticos, siderúrgica, de tintas, plásticos, vidros, ferragens, ferramentas etc...

Porque, para fornecer material para uma indústria como a nossa, é preciso estar aparelhado para crescer também.
Você não acha que esta é a melhor maneira de manter o Brasil progredindo?

VOLKSWAGEN DO BRASIL S. A.
SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP

NEM TODOS PRESTAM O SERVIÇO MILITAR

Quase dois milhões e meio de rapazes entre 15 e 19 anos estão agora entrando na fase do serviço militar obrigatório. Porém, apenas 100 mil são absorvidos, cada ano, pelos quartéis e unidades do Exército.

A apresentação obrigatória para o serviço militar é feita nos primeiros meses do ano em que o rapaz completa 18. Êles tem que procurar as Juntas de Serviço Militar, órgãos que funcionam nas prefeituras municipais, nas circunscrições do serviço militar e deve levar os seguintes documentos: certidão de nascimento (se não fôr brasileiro, prova de naturalização ou têrmo de opção), duas fotografias 3x4 e declaração de não haver jamais se alistado em outro orgão.

O plano geral de convocação estabelece a época de apresentação para os exames de seleção entre 20 de setembro e 10 de dezembro de cada ano. As regiões militares (em número de nove) organizam as comissões de seleção para percorrer as Juntas de Serviço Militar dos municípios tributários. Fazem em cada jovem o exame médico e o declaram ou não convocado a se apresentar.

Os exames médicos provam que 50% dos jovens brasileiros não conseguem atingir as condições físicas exigidas pelo Exército. São, então, dispensados. Cêrca de 50% dos aprovados também não se transformam em recrutas — é o excesso de contingente.

No Brasil, o Serviço Militar é obrigatório desde 1917, quando a seleção era através de sorteio, pois também naquela época não havia condições para a incorporação de todos. Foi o marechal Hermes da Fonseca que tornou o SM obrigatório.

Além da instrução militar, o Exército presta, no Brasil, um serviço de alfabetização, já que ninguém pode dar baixa sem saber ler e escrever. No ano passado, entre 275 mil jovens considerados capazes de servir ao Exército, 22 mil eram completamente analfabetos. O grau de ensino do jovem no Brasil pode ser visto por êste quadro, de 1966, feito pelos militares, entre os jovens aptos para o serviço militar:

Nível superior — 461

Nível Colegial — 13.888

Nível secundário — 41.959

Nível primário — 119.156

Em tôdas as cidades brasileiras é feita, durante a fase de convocação, propaganda do serviço militar.

Para os jovens que se alistam fora do prazo (após 30 de junho do ano em que completam 18) é aplicada a multa mínima: 1/30 do menor salário mínimo do país. Os que se alistam e não comparecem à seleção de saúde estão sujeitos a multa de 5 vêzes maior que a anterior, sendo ainda considerados insubmissos.

Nenhum brasileiro, entre o 1.º de janeiro do ano em que completar 19 e o 31 de dezembro em que completar 45, poderá, sem fazer prova de que está em dia com o Exército, conseguir: passaporte, entrar para o funcionalismo público, prestar exame ou matrícula em qualquer estabelecimento de ensino, assinar contrato com qualquer govêrno (federal, estadual ou municipal), obter carteira profissional, registro de diplomas e exercer qualquer cargo de contrato com o Estado.

Os jovens que já concluíram ou vão concluir o curso colegial podem fazer o Curso Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR) — que é realizado nas férias escolares e nos fins de semana. A legislação permite ainda aos estudantes de Medicina, Farmácia, Odontologia e Veterinária que prestem o SM estagiando em unidades militares.

Fora a dispensa por motivos de saúde ou o excesso de contingente, só há um meio de "escapar" do Exército: é ter os direitos políticos ou a nacionalidade cassados. Os soldados das chamadas fôrças auxiliares — policiais, bombeiros — são considerados isentos se tiverem mais de um ano de serviço ativo. FIM

NA Realidade
A TURMA QUENTE
(já viu, né?)
VAI DE
Jovem Regal

Êstes modelos são algumas exclusividades da genial linha de calças Jovem Regal: *estão à venda nas melhores casas. A padronagem é quente. E o tecido é o bom.* TECIDOS E ARTEFATOS FISCHER S. A. – lançadores de moda masculina

Rua Prates, 374 - 1.o andar - tel.: 33-1192 - S. Paulo – FILIAIS: Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Fortaleza

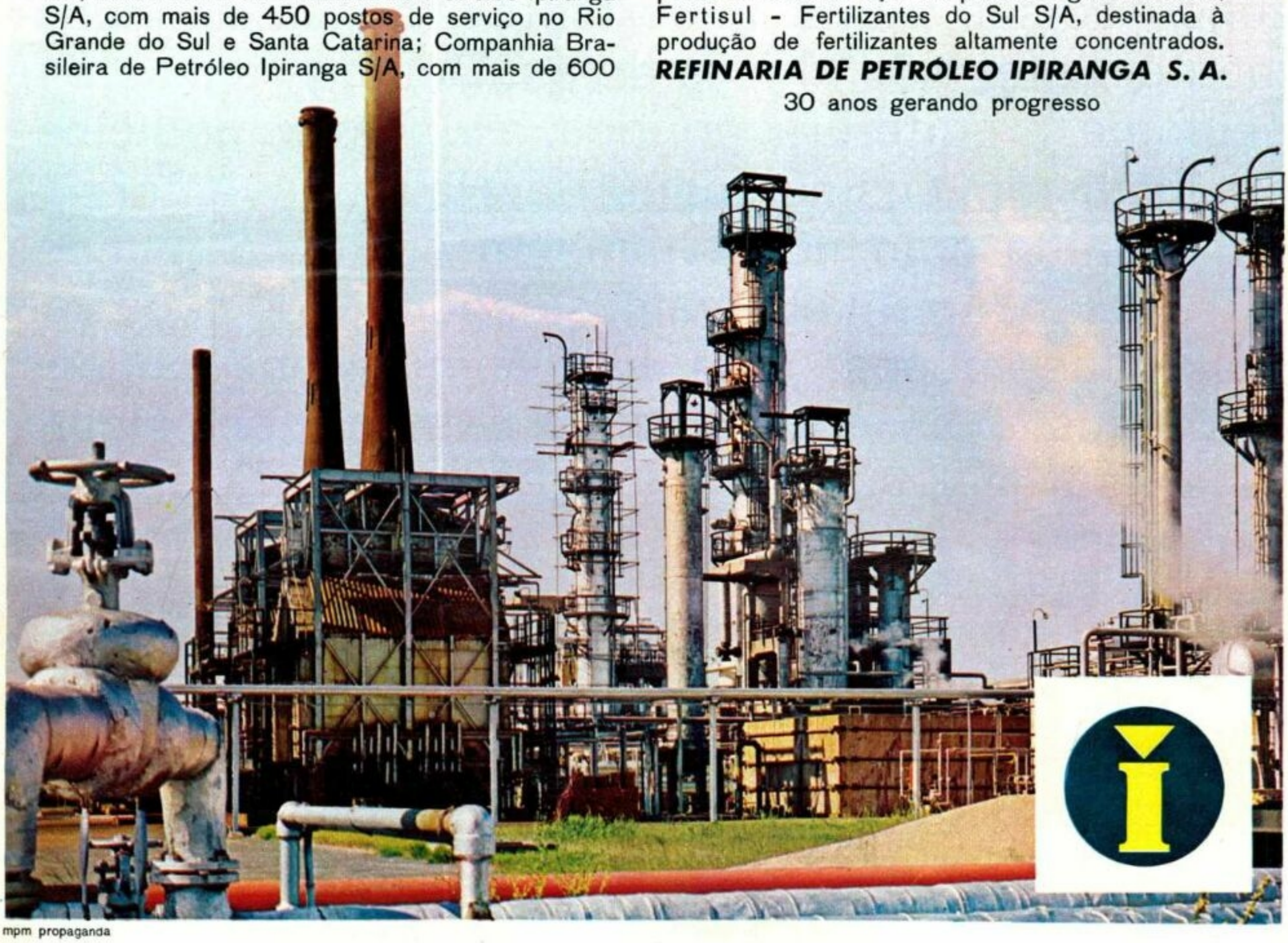
7 de setembro de 1937:
Ipiranga, marco pioneiro da indústria petrolífera nacional.

7 de setembro de 1967: Ipiranga, trinta anos de trabalho brasileiro em petróleo.

Emprêsa genuinamente nacional, a Ipiranga engloba hoje uma série de empreendimentos, que a credenciam como a mais pujante organização gaúcha e uma das maiores do país: Refinaria de Petróleo Ipiranga S/A, com sede na cidade de Rio Grande, produtora de uma linha de 92 derivados de petróleo; Distribuidora de Produtos de Petróleo Ipiranga S/A, com mais de 450 postos de serviço no Rio Grande do Sul e Santa Catarina; Companhia Brasileira de Petróleo Ipiranga S/A, com mais de 600 postos espalhados por todo o território nacional; Icisa S/A Indústria e Comércio, produtora de fertilizantes, ácido sulfúrico, tambores, implantadoras de pastagens e outros; Hotéis Charrua S/A, com hotéis de primeira categoria, em diversas cidades gaúchas; Indústria Riograndense de Pescado S/A, pesca e industrialização do peixe em grande escala; Fertisul - Fertilizantes do Sul S/A, destinada à produção de fertilizantes altamente concentrados.

REFINARIA DE PETRÓLEO IPIRANGA S. A.

30 anos gerando progresso



mpm propaganda

"Daqui nunca vai sair água" — a sentença, condenando o solo de uma região nordestina tinha que ser respeitada. Era dita pelos maiores técnicos internacionais.

O môço com ar ingênuo chegou, olhou, estudou, pesquisou, trabalhou e um dia desmentiu todos os grandes técnicos. Seu nome varou a fronteira, foi parar até na lugoslávia. Êle tirou água da pedra. No Brasil inteiro, em todos os campos, há jovens fazendo coisas muito importantes, quase anônimamente. Êstes são alguns dêles. Destacaram-se em geologia, arquitetura, política, economia, medicina, sindicalismo, ensino, indústria. Há um inventor, há um menino cujo nome também correu o mundo.

Todos mostram que vamos dependendo cada vez mais dos moços. Mas são apenas uns poucos exemplos, pois em todos os Estados, em algum lugar, surge a cada momento um nôvo fazedor. E

ÊSTES SÃO OS FAZEDORES

Texto de Norma Freire

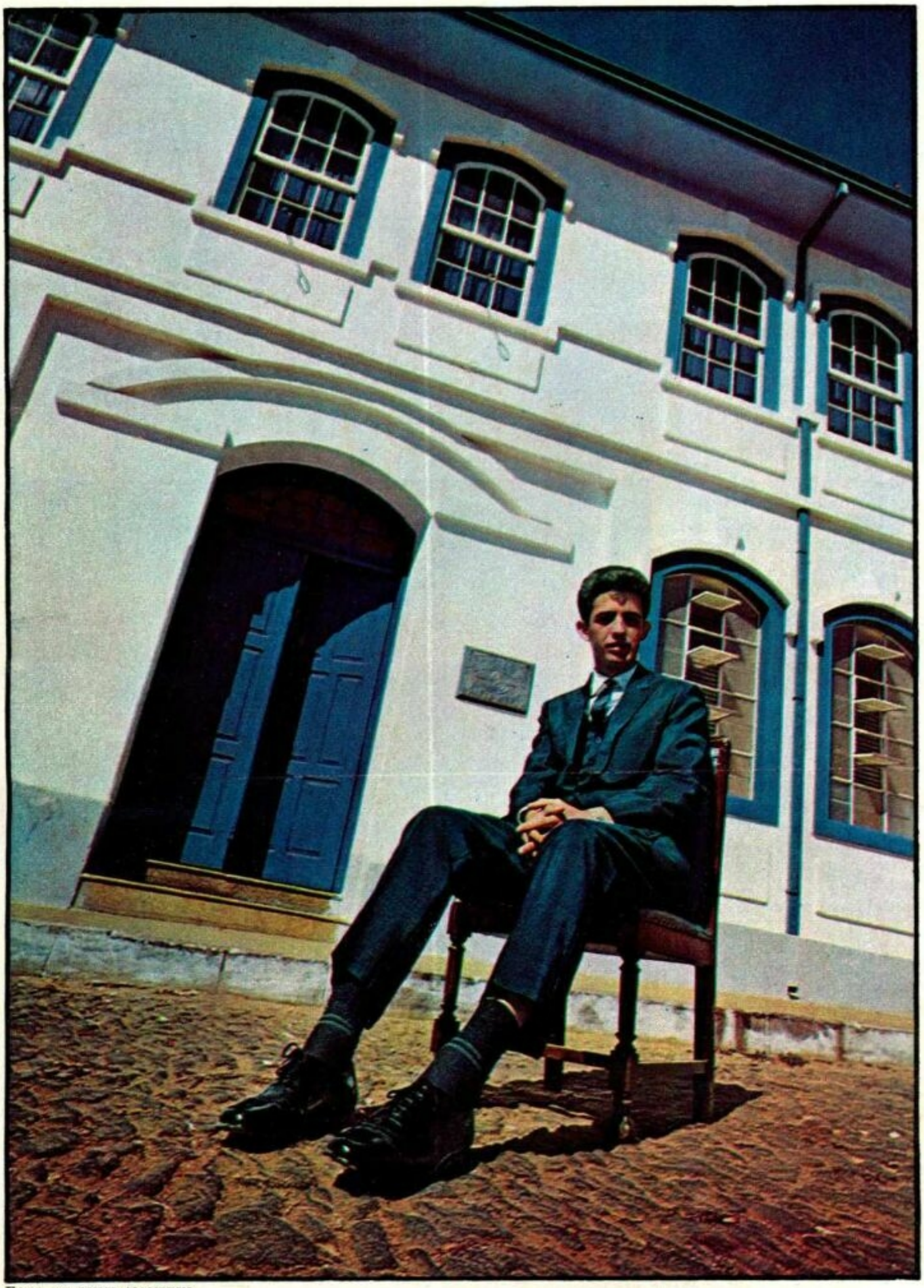


FOTO DE LUIGI MAMPRIN

Paulo Márcio Ferreira, 24 anos, prefeito de Araxá, Minas, tem um ar de "homem que se fêz sòzinho". Começou a trabalhar aos oito anos de idade no comércio, fazendo entregas e cobranças. Desde garôto pensava em ser político.

— Gostaria de fazer algo bom pelo povo. Isso até parece demagogia barata, não? — pergunta corando ràpidamente.

Os partidos de Araxá eram o PSD e a UDN. Logo após a revolução, todos os políticos aderiram à ARENA. Márcio conta:

— Foi um corre-corre quando vieram as eleições. Dentro da ARENA todo mundo brigava para ser o candidato único a prefeito.

Considerando-se homem da oposição, êle se reuniu a outros quatro jovens e registrou sua candidatura pelo MDB, de madrugada, quando já expirava o prazo. Surprêsa, a turma da ARENA, depois de tentar impugnar o registro, enviou emissários com promessas que deveriam fazer desistir os jovens. Não houve jeito. Os moços entraram para valer e venceram. Márcio não considera sua eleição como vitória dos jovens sôbre os velhos, e sim o resultado do cansaço do povo pelas manhas dos velhos políticos, de promessas sempre iguais e não cumpridas. Mas reconhece que sua manobra para se candidatar foi digna de político manhoso no mais puro estilo PSD. Márcio não acredita que os "velhos" entreguem nada de mão beijada: "Os jovens terão que tomar o comando. E para isso têm que estar preparados."

A receita da prefeitura é de aproximadamente 68 milhões, e o prefeito pretende fechar o ano com superavit, coisa que nunca aconteceu em Araxá.

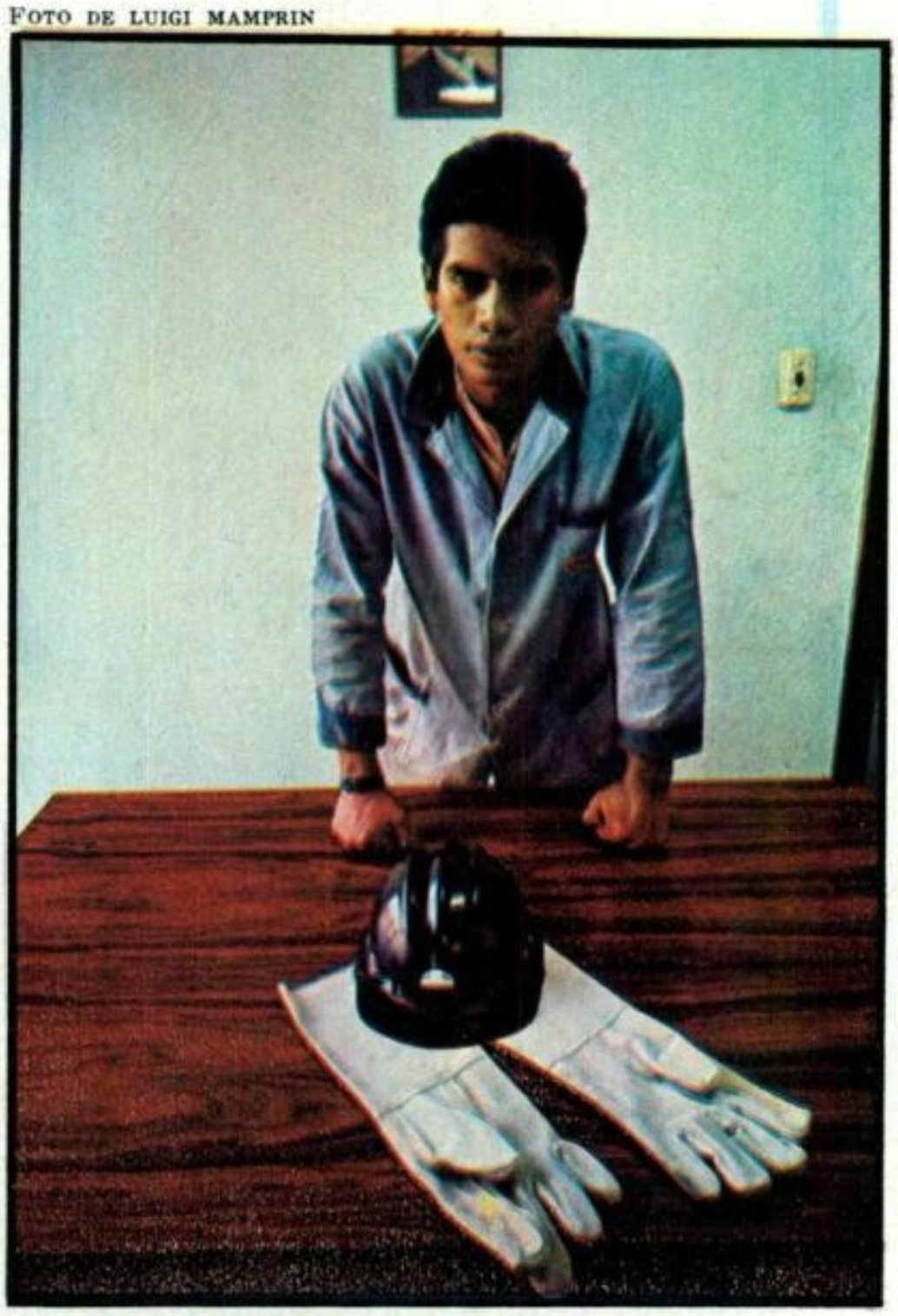
— Êle trabalha como um desesperado, diz sua mulher.

Já sofreu dois esgotamentos. No último teve que ser hospitalizado.

Será o último prefeito eleito de Araxá, por entrar em vigor uma lei segundo a qual os prefeitos de estâncias serão nomeados. Mas sua carreira política não acabará aí.

— Depois que a gente começa, é duro largar. Existe uma cadeira de deputado estadual me esperando no futuro.

FOTO DE LUIGI MAMPRIN



FAZEDORES
CONTINUAÇÃO

FOTO DE OLIVIER PERROY

No bar da Loira, em Osasco, São Paulo, os troféus ganhos pelo clube do bairro nos jogos de futebol ficam enfileirados na prateleira da frente. Numa noite de sábado, dois anos atrás, um rapaz moreno de 22 anos foi se chegando ao pessoal que ali já se achava reunido, pagou caipirinha para todo mundo, e sorriu:

— Eh, gente, vamos ganhar amanhã?

No dia seguinte houve jôgo. Quem fêz os únicos dois gols da partida foi João Joaquim da Silva, o môço das caipirinhas. Em pouco tempo era líder do bairro. E hoje, com 24 anos, é o secretário do Sindicato de Metalúrgicos de Osasco, um dos mais poderosos de São Paulo.

— A vitória não foi fácil, conta João. A chapa verde, a nossa, era composta de gente muito jovem. O presidente eleito — José Ibraim — tem 20 anos; e os velhos torciam o nariz: "Não temos fé nessa molecada." Mas acontece que nós tínhamos fé em nós mesmos e na nossa gente — cêrca de 4.000 operários. E contávamos apenas com a solidariedade dos outros. Quando alguém tinha que perder o serviço para falar com o pessoal de outras fábricas, todo mundo contribuía para pagar seu dia de salário.

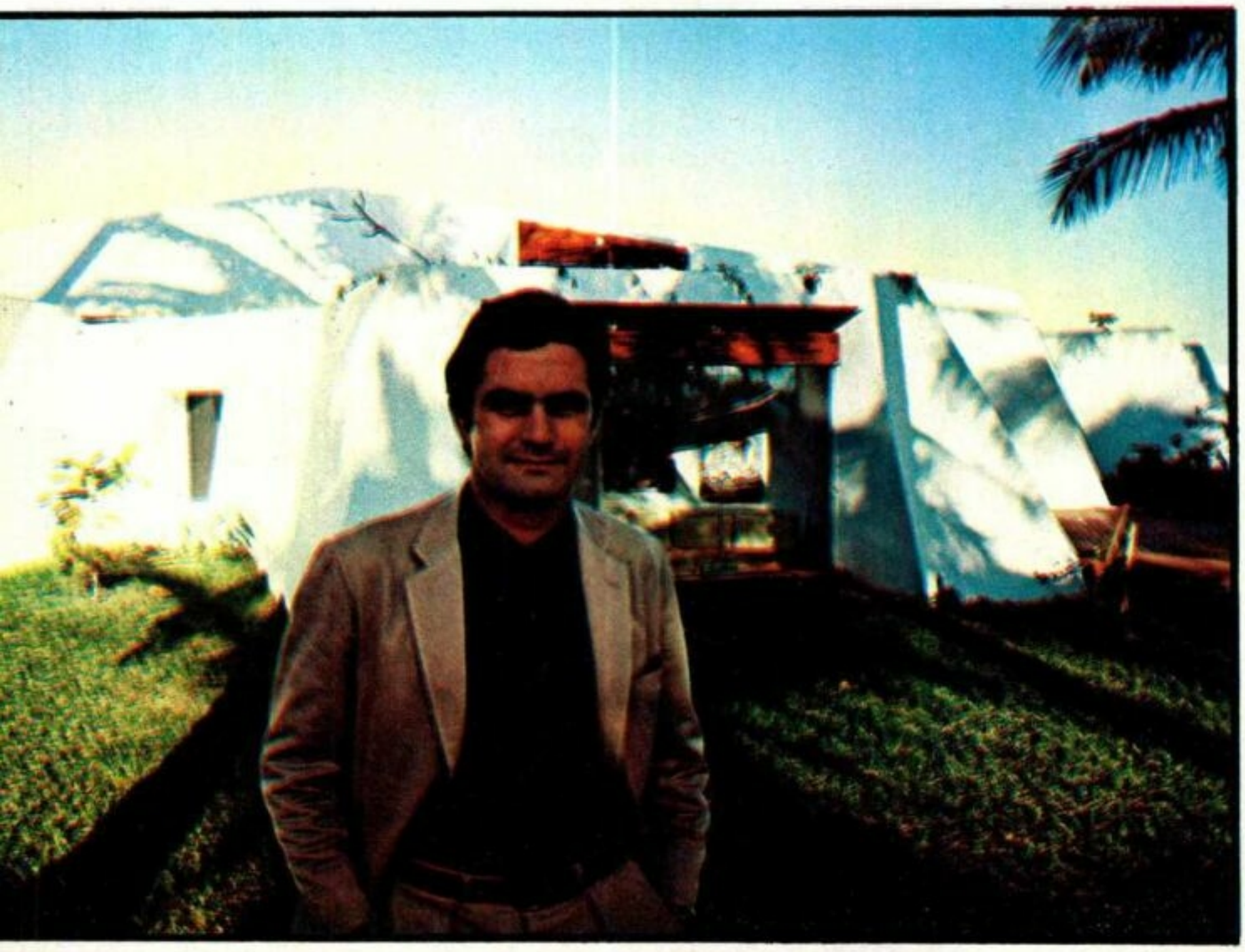
A chapa adversária lançou um manifesto, pouco antes da eleição. Eram quatro fôlhas de papel:

— Um calhamaço que ninguém iria ler. Pensei depressa: no dia seguinte, saiu o nosso manifesto, um trechinho bem curto explicando o porquê da chapa verde.

João nasceu em Álvares Machado, cidade do interior de São Paulo. Vindo para a capital tornou-se operário de indústria metalúrgica em Osasco, como controlador de qualidade. Sempre gostou de teatro. Há alguns anos o padre responsável pela paróquia do bairro organizou representações no pátio da igreja. A condição para participar era ser congregado mariano. João não pensou duas vêzes. No dia seguinte era o congregado mais ativo que ali se achava. Na opinião de João Joaquim, "o operário brasileiro em geral não tem consciência do seu valor".

— Apenas uma pequena parte é sindicalizada e entende o que a cultura significa para o indivíduo. Está havendo modificação nessa mentalidade, e nessa luta se empenha a geração jovem. Foi isso que significou a nossa vitória.

FOTO DE GERALDO MORI



Vânia acha que o importante é fazer algo

Em Alto de Pinheiros, São Paulo, existe uma escola que funciona à noite, alfabetizando adultos. Foi fundada há três anos e é mantida pelo Grêmio Politécnico, da Faculdade de Engenharia da Universidade de São Paulo. Os diretores do curso são todos estudantes, assim como os 11 professôres, cuja idade varia entre 20 e 24 anos. As classes — de 1.º a 5.º ano — recebem uma média de 40 alunos cada uma, o mais velho dos quais completou recentemente 60 anos. Vânia Teixeira Mendes, 20 anos, diz que tem orgulho em pertencer à equipe de professôres da escola.

— Parece que só vivo nas horas que passo aqui, orientando essa gente que se tornou tão querida para mim.

Sua aparência calma engana. Outro dia, um colega que os visitava comentou: "Não adianta, garotos. Burro de carga nunca vai ser cavalo de corrida" — referindo-se aos alunos que a equipe tenta recuperar. Os amigos tiveram que acalmar Vânia, para impedir que ela brigasse com o autor do comentário. Ela explica:

— Realmente, essa é uma turma difícil de lidar: muitos alunos têm passagem pela Polícia e outros são alcoólatras ou viciados. Mas os resultados que estamos obtendo, a confiança e a amizade dos alunos compensam qualquer transtôrno.

Vânia formou-se professôra primária em 1965, e antes já havia lecionado numa classe isolada de um bairro de São Paulo. "Quando o dia estava bonito, eu fechava a escola e saía com as crianças para passear". Vânia odeia a monotonia e a inatividade. Pretende prestar vestibular para Relações Públicas na Escola de Comunicações Culturais, no ano que vem.

— Acho a nossa geração muito preocupada. Parece que de repente tomamos consciência da responsabilidade que está nas nossas mãos. Não há muito tempo para reflexão. O importante é fazer algo. É o que estamos tentando no curso noturno de alfabetização. E garanto que aquilo vai para frente.

O ronco dos aviões decolando os passageiros apressados, os amigos se despedindo impedem que a conversa corra normalmente. Atento ao alto-falante de Congonhas, que dava as últimas instruções para o embarque, o môço afirmou mais uma vez:

— Sucesso muito fácil não pode favorecer ninguém. Principalmente quando a vontade é criar alguma coisa que seja fruto de um trabalho sério. Transmite-se apenas a experiência realmente sentida e vivida. É importante que eu conheça outras concepções arquitetônicas, outras maneiras de vida e formas de encarar o homem, para que possa elaborar em bases sólidas as minhas próprias concepções.

E o paulista Eduardo Longo, arquiteto, 24 anos, acrescenta sorrindo, antes de correr para a porta:

— Se eu ficasse aproveitando a maré de sucesso das primeiras obras que realizei, provàvelmente antes de um ano não teria nada mais o que dizer, e iria ficar me repetindo indefinidamente. Uma consagração artificial no mínimo embota qualquer criatividade.

As construções de Eduardo são estranhas, com acidentes e imprevistos que desviam a atenção e quebram a monotonia das fachadas.

— Nenhum dêsses acidentes — diz êle — é gratuito. Tudo é calculado para criar uma atmosfera que identifique o homem e o espaço que êle habita. A moderna arquitetura funcional, apesar de tôdas as vantagens que oferece, peca pelo excesso de racionalismo: espaços, formas e acessórios são padronizados e pouco ou nada têm a ver com a pessoa que os ocupa ou dêles se utiliza.

Longo nunca pensou em Arquitetura e, muito menos, em ser arquiteto. Não tinha dificuldades financeiras nem alguma coisa que pudesse chamar de vocação. Foi durante uma viagem à Itália. Conheceu uma môça muito bonita, que gostava de construções antigas e monumentos. Nesse dia não saiu do hotel: passou o tempo todo estudando Arquitetura para poder conquistar a môça. O romance não iria durar muito, mas seu interêsse pela Arquitetura não pararia mais. Longo tinha encontrado seu caminho.

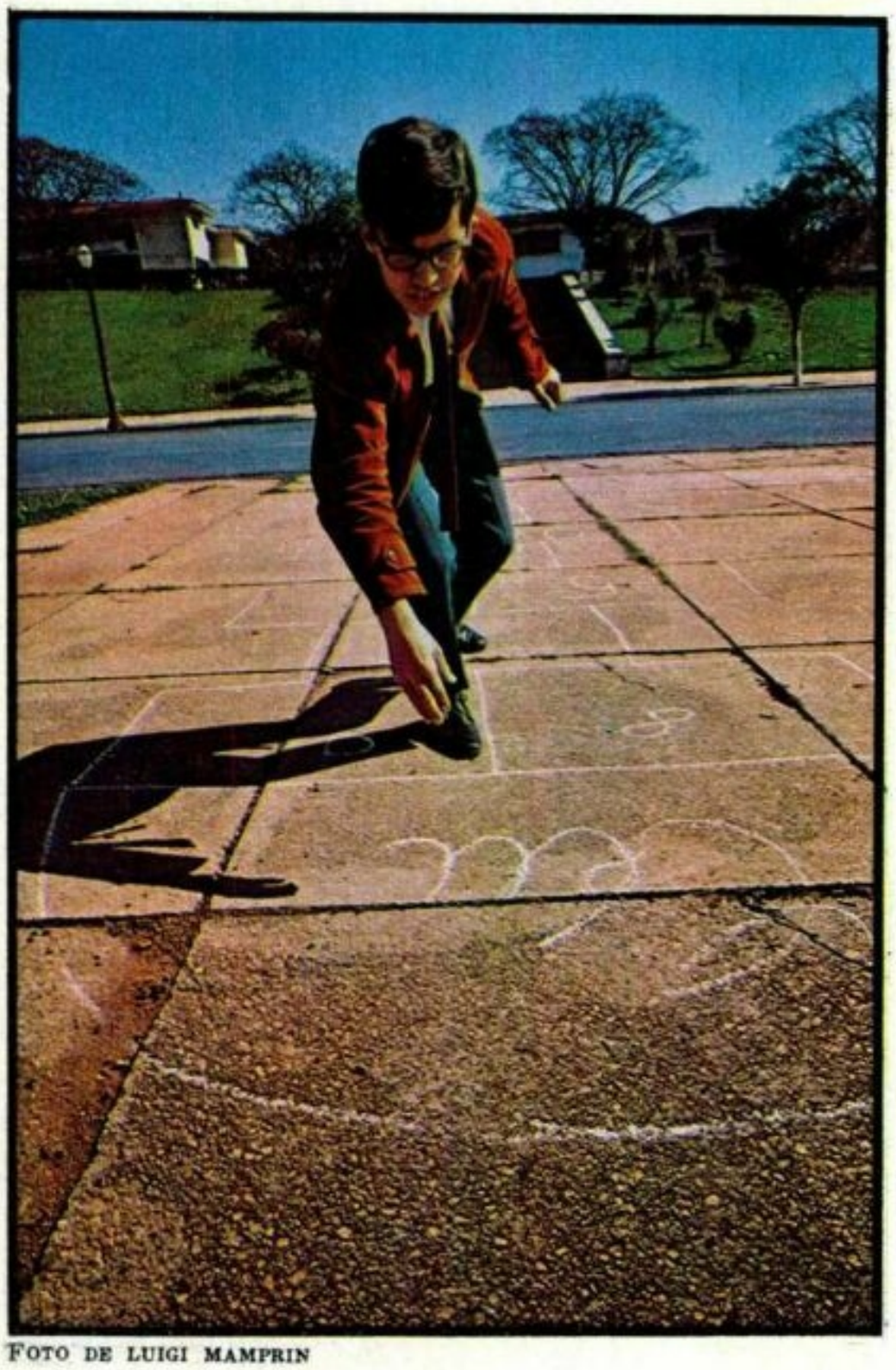


FOTO DE LUIGI MAMPRIN

No clube de xadrez de São Paulo há uma reunião importante: decide-se o "emparceiramento" das próximas partidas do campeonato brasileiro. O presidente escreve no quadro-negro: Mequinho — número cinco.

Terminada a sessão, um garôto de óculos, cabelos na testa e sorriso grande aproxima-se do presidente:

— Apaga o Mequinho. Meu nome é Meking.

— Mas, meu filho, êsse é seu nome de sorte. Foi com êle que você ganhou os campeonatos.

O garôto sorri desajeitado, mas continua firme:

— Não tem a mínima importância. Meu nome é Meking, não é?

Quase tôdas as frases de Henrique Meking, um gauchinho de 15 anos, várias vêzes campeão brasileiro e sul-americano de xadrez, terminam com um "não é?"

Seu pai diz que êle não aceita imposição de ninguém.

Para êle, em qualquer situação existem sempre dois parceiros disputando uma vitória. Ela vai depender do engenho e inteligência de cada um.

Uma vez, quando viajava num ônibus, vindo de Pelotas para São Paulo, um companheiro seu de xadrez disse que se daria por satisfeito com uma décima colocação. Mequinho se irritou:

— Quando a gente fixa um objetivo é para chegar até êle. Neste caso, o meu é vencer.

Cursando o primeiro ano científico, Mequinho ainda não tem projetos definidos para o futuro:

— Gostaria de viver bem, ter saúde, dinheiro, felicidade. Um pouquinho de cada coisa. E, principalmente, fugir dos p^2.

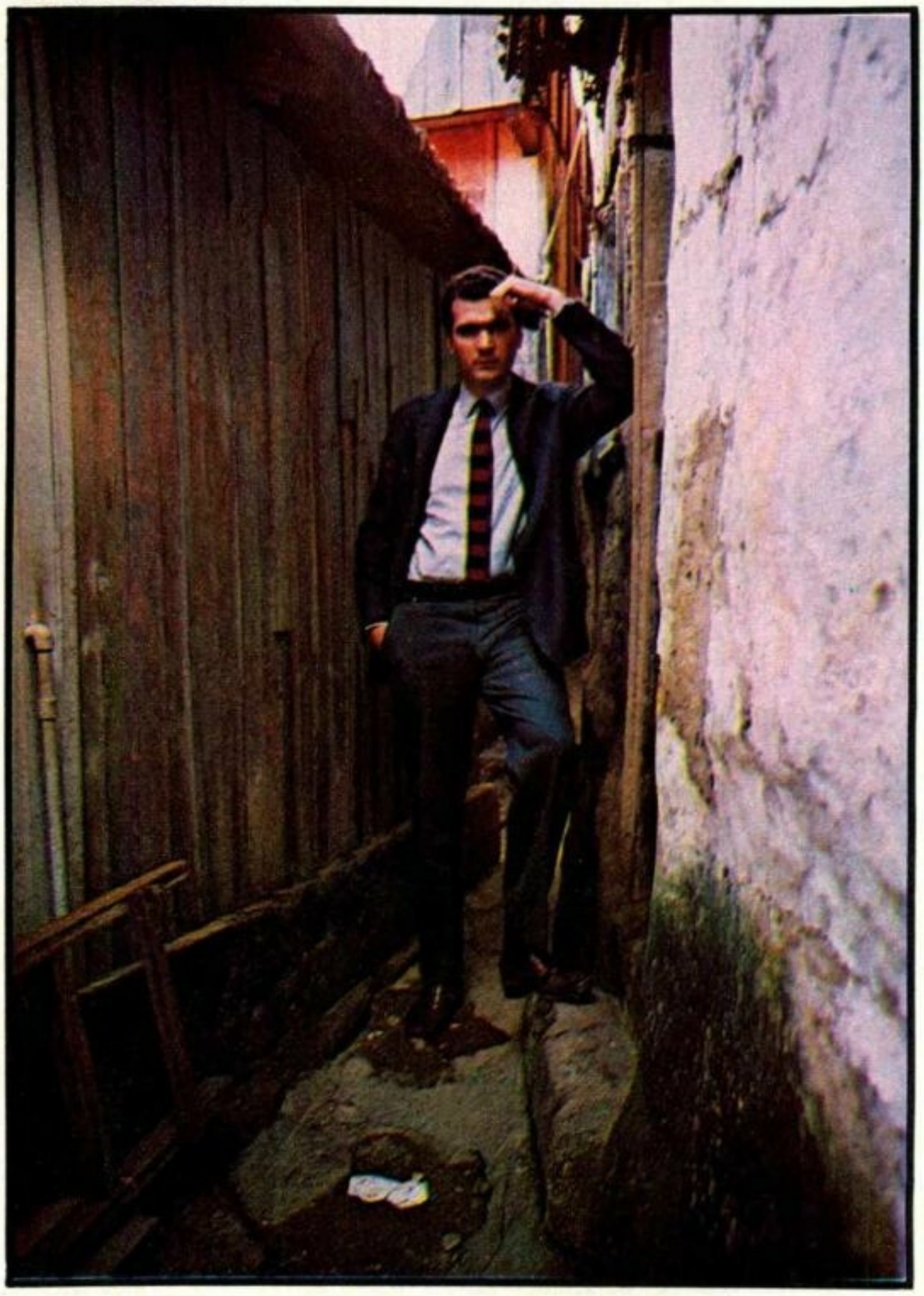
Êle chama de "p^2" os "problemas problemáticos":

— Dêsses em que a gente entra, sabendo antes que não vai sair.

FOTO DE NÉLSON DI RAGO

Mequinho não aceita imposição de ninguém

FOTO DE NÉLSON DI RAGO



Há seis anos, um jovem repórter carioca resolveu escrever uma peça teatral sôbre os problemas da favela. Para melhor sentir o tema, decidiu vivê-lo: instalou-se na favela do Pasmado, na Zona Sul do Rio, e passou a dividir seu tempo entre o barraco por êle mesmo construído e o confortável apartamento familiar. Em contato com os favelados, porém, o rapaz acabou achando que escrever uma peça seria "um amadorismo sem sentido", e por isso passou à ação concreta: fundou uma Associação de Moradores, que cresceu e em pouco tempo chegou a ter sete milhões de cruzeiros em caixa. Mas os planos que tinha foram interrompidos de repente. No ano seguinte, 1962, a favela foi removida. Então, o môço de 20 anos resolveu ir estudar em Paris.

Hoje, o problema habitacional de 75 mil favelados cariocas dependem em grande parte das decisões concretas do quase-teatrólogo de seis anos atrás. Êle é o secretário executivo do Grupo de Trabalho encarregado de estudar e promover a urbanização de favelas no próprio local, visando sua integração na cidade. À frente de 150 universitários das equipes de pesquisa, cuja média de idade está pelos 23 anos, e dispondo de uma verba de 250 milhões de cruzeiros velhos, o secretário executivo Sílvio Ferraz, um jovem de 25 anos, está dirigindo um projeto capaz de mudar totalmente o tratamento do problema das favelas cariocas.

Muita coisa aconteceu desde que estêve em Paris, mas o que o influenciou mesmo foi a viagem ao Nordeste, quando decidiu que "a favela é o reflexo do Nordeste inteiro". Voltou resolvido a estudar Economia e a enfrentar o desafio das favelas. E já em janeiro próximo, o Grupo de Trabalho que êle dirige começará a urbanização das favelas de Brás de Pina, Morro União e Mata Machado, as primeiras do plano. Então, será necessária a colaboração de gente de tôda idade, mas Sílvio está tranqüilo: "Existe certo ceticismo das gerações mais antigas, certa relutância em aceitar a sentença de um jovem. Mas nesta ilha que separa as gerações, a gente encontra muitos velhos-moços, e isso nos dá um incentivo muito grande."

Um dos últimos andares do edifício do Ministério da Fazenda. O ambiente é um salão com grandes janelas de vidro que deixam ver tôda a baía da Guanabara. Mas não é a paisagem que interessa àqueles cinco jovens que entram trazendo papéis cheios de números. Êles vão se reunir com o ministro; vão tratar de grandes planos de desenvolvimento. São seus cinco principais assessôres.

Um dêles, que fêz 26 anos há quatro meses, é Carlos Viacava, um paulista. Viacava é o responsável pelo setor do café e representou o Ministério da Fazenda nas discussões preparatórias para o recente Acôrdo Internacional do Café.

Sua escolha para o cargo não foi obra do acaso. Viacava foi aluno do Ministro Delfim Neto no tempo em que êste era assistente da cadeira de Estatística, na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo. Nessa época foi líder estudantil — diretor do Centro Acadêmico, da União Estadual de Estudantes e do DCE da Universidade de São Paulo. Então já andava com Delfim. Só que a coisa era bem mais informal que hoje: saíam da aula para ur chope no Camelo, um modesto restaurante da rua Pamplona. Quando Delfim foi nomeado diretor do Departamento de Economia e Planejamento da Comissão Estadual da Bacia do Paraná-Uruguai, Viacava foi chamado para um cargo de assistente na Comissão. Três anos depois, com apenas 23 anos, seria professor assistente de Economia Brasileira, e ainda de Teoria do Desenvolvimento Econômico, da Universidade de São Paulo.

Viacava parece ter saudade daquela fase: "O que houve de ruim na minha vinda para a assessoria foi a necessidade de abandonar a faculdade, a mudança de ambiente. Mas tudo se compensa pela certeza de que o nosso trabalho é feito com o objetivo de buscar melhores condições de desenvolvimento para o nosso país". E nisto êle acredita. Não pensa em política como fim, só como acidente. Considera-se um técnico, um professor. Delfim Neto considera-o um jovem vitorioso.

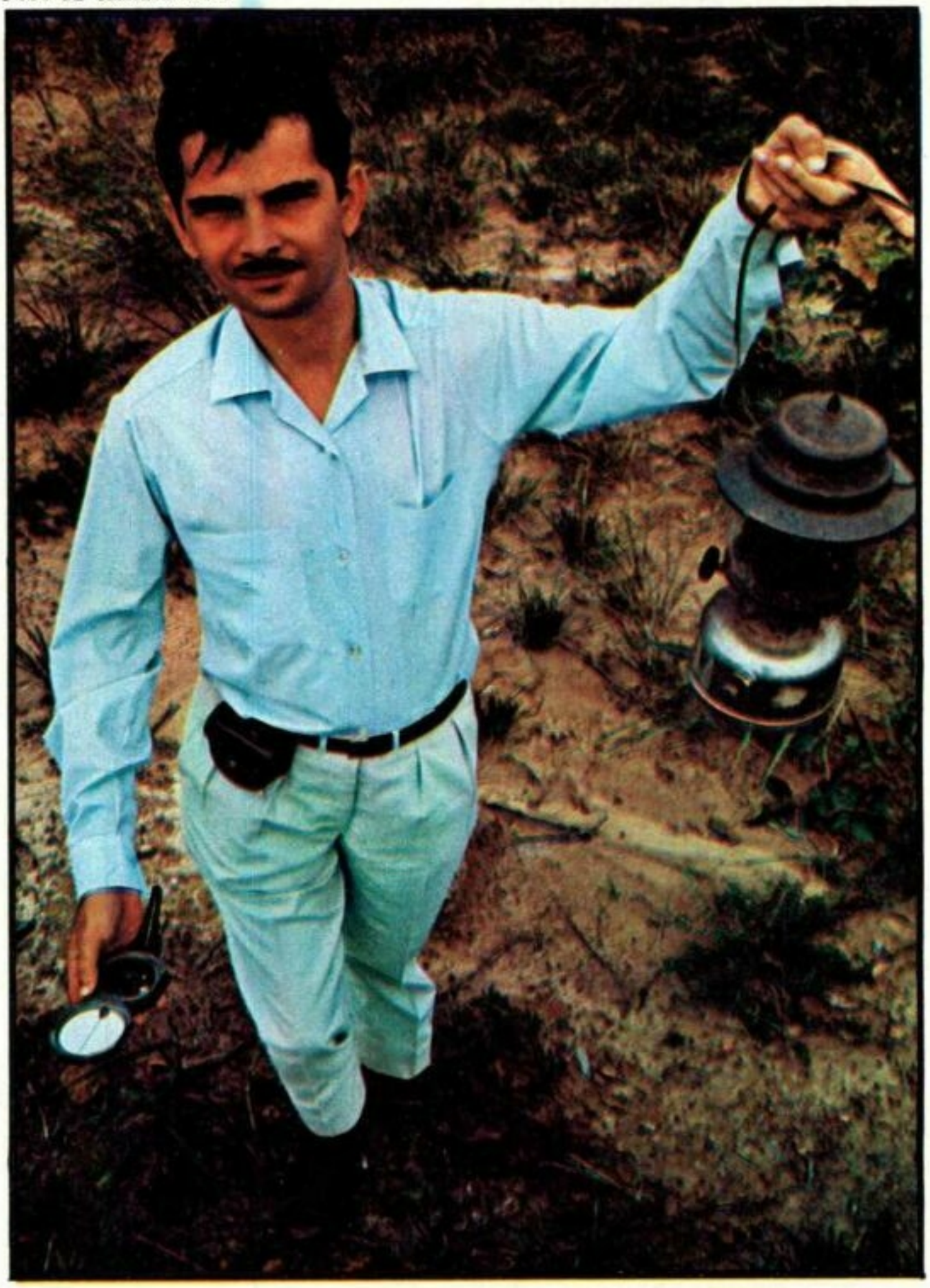
O portão central da fábrica se abre para dar passagem ao JK com escapamento aberto e tala larga. Depois vem o barulho da freada brusca no meio do pátio e uma acelerada bem forte, antes que o motor seja desligado. Os vizinhos acostumados com a chegada diária daquele jovem louro acertam os relógios: oito e meia da manhã. Outros comentam, com humor: "Já chegou o transviado!"

Dez e meia da manhã, estaciona no mesmo pátio um Gálaxie prêto, com três senhores bem vestidos. Vieram tratar de negócios com o diretor comercial e um dos donos daquela fábrica. A secretária anota os nomes no registro de visitas e os encaminha. Quem os recebe, em roupa esporte como sempre anda, é o "transviado" do carro barulhento. Êle é o senhor Naum Gorenstein, carioca de 23 anos de idade, que assumiu a direção da fábrica, quando lá só havia pouco mais de 50 costureiras, e a transformou numa emprêsa de 450 funcionários: as Indústrias Fjord de Roupas.

Naum começou a trabalhar com o pai há alguns anos e logo mostrou sua vocação para empresário. No ano passado, mesmo com certa oposição dos pais, êle e o sócio iniciaram uma campanha maciça de publicidade: a fábrica trabalhava com roupas em geral, e êles pretendiam concentrar tudo nos artigos infantis. O sucesso observado em menos de seis meses e a necessidade de ampliar as instalações para atender o mercado mostraram que êles tinham razão. Os pais foram tratar de finanças.

— O Brasil é um dos países que oferece melhores condições aos jovens no mundo ocidental, observa Naum. Não sofremos ainda as conseqüências do país desenvolvido em que os postos já estão tomados. Há muita coisa por fazer. Basta ter iniciativa e assumir as responsabilidades.

FOTO DE GERALDO MORI



Siqueira quer pesquisar ainda mais

Os terrenos cristalinos constituem mais de 50% da área do Nordeste. Técnicos do mundo inteiro sempre garantiram que nesse tipo de terreno as possibilidades de se retirar água do solo são nulas.

Luís Siqueira, um jovem geólogo nascido em Afogados da Ingàzeira, sertão de Pernambuco, não concordava com isso. E começou a estudar a possibilidade de determinar depósitos de água subterrâneos. Um dia, um fazendeiro de Cariri, desesperado com a sêca, mandou buscar Luís Siqueira. O môço era a última esperança. Siqueira conta que quando a perfuração atingiu o depósito de água, sentiu vontade de chorar. Mas agüentou firme:

— Tá aí a sua água, coronel.

O coronel coçou o queixo:

— Môço, o senhor conseguiu tirar água de pedra.

Mais tarde, transferido para Recife, Siqueira teve que enfrentar um abaixo-assinado, pedindo que ficasse: êle era "patrimônio do Cariri".

A experiência foi repetida com êxito em outros lugares, até que os resultados foram exibidos num congresso, na Iugoslávia, ganhando aplausos de cientistas de vários países. Então Siqueira tinha 25 anos.

Hoje, aos 27, êle é diretor-presidente da CONESP, Companhia Nordestina de Sondagens e Perfurações. Mas não está satisfeito, nem acomodado. Acha que há muita coisa que ainda gostaria de fazer. Uma delas seria dedicar-se à pesquisa, para responder a perguntas ainda sem solução. "De onde vem o cloro, existente em grande quantidade, nas águas retiradas de terrenos cristalinos? Como saber com antecedência a quantidade exata da água?"

— A situação econômica atual do Nordeste, porém — diz Siqueira — não justifica a pesquisa pura. Os problemas são urgentes e exigem soluções imediatas. O ano passado, quando houve um princípio de sêca, chegava SOS de todo o lado, menos de Curimataú, Petrolina, Cariri, Juàzeiro e Uricuri, zonas onde foram construídos os poços. Quando vi aquilo, achei que essa história de pesquisa ainda pode esperar.

Tobias não acredita em vitória sem luta

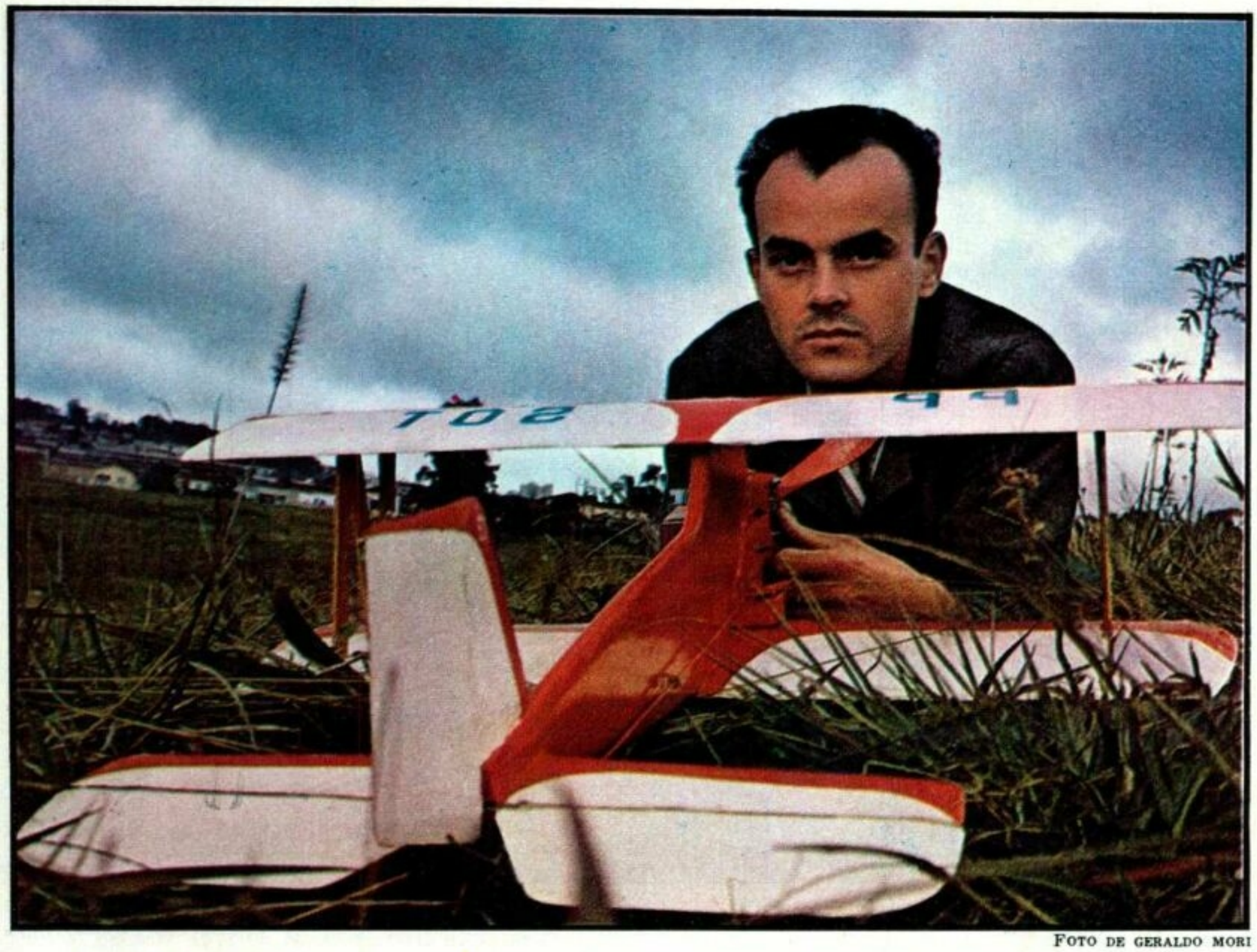


FOTO DE GERALDO MORI

Em Livramento do Brumado, Bahia, onde nasceu, vendia laranja até para quem tinha laranjeira em casa. A imaginação não parava de funcionar: para tudo tinha jeito. Pregava muita mentira, mas tão engenhosas, que ninguém nunca descobriu. Hoje Tobias Meira Lessa, inventor de 22 anos, sorri quando explica:

— Pensei que seria comerciante, mas acho que me enganei. Meus pais eram pobres, e sempre fui obrigado a improvisar meus brinquedos. Em todo material que me caía nas mãos eu via algo que poderia ser transformado. Desenvolvi assim uma habilidade para criar coisas úteis.

Tobias deixou a Bahia há pouco e mora com seu irmão em São Bernardo do Campo, São Paulo. Entrou na Faculdade de Engenharia Industrial, mas não pôde continuar os estudos: o dinheiro acabou.

Nos fundos da casa, Tobias montou sua oficina de trabalho. Foi lá que nasceram suas últimas invenções, como o sinaleiro exposto na Feira de Eletrônica de São Paulo. É construído com tubo de encanamento e tem por base um material bastante resistente e isolante, criado pelo próprio Tobias. Outra é um pega-ladrão para automóveis, com segrêdo semelhante ao dos cofres-fortes. E há muitas outras invenções: ventiladores, o velocípede aerodinâmico com que a sobrinha brinca, uma mistura especial para fabricar refrigerante.

"Seu poder criativo é realmente notável", disse dêle o diretor do SEDAI — Serviço Estadual de Assistência ao Inventor. Mas o problema é que a maioria dos inventores não entende nada de negócios. Só com muita sorte conseguem obter benefícios econômicos da sua imaginação. E a imaginação de Tobias vê longe. Planejou uma metrópole do futuro, com todos os detalhes: dos veículos aos eletrodomésticos. Até pensou em escrever sôbre isso uma novela de ficção científica.

A fôrça de Tobias a gente sente algum tempo depois de conhecê-lo. À primeira vista, parece um rapaz calmo e sonhador. Êle próprio se define numa frase:

— Não acredito em vitória sem luta. Acredito mais num cabeludo, que à sua maneira reage contra o bitolado, do que num sujeito convencional, que tem mêdo de se arriscar fora do que conhece. O futuro é o progresso. Eu vou vencer de qualquer maneira.

FIM

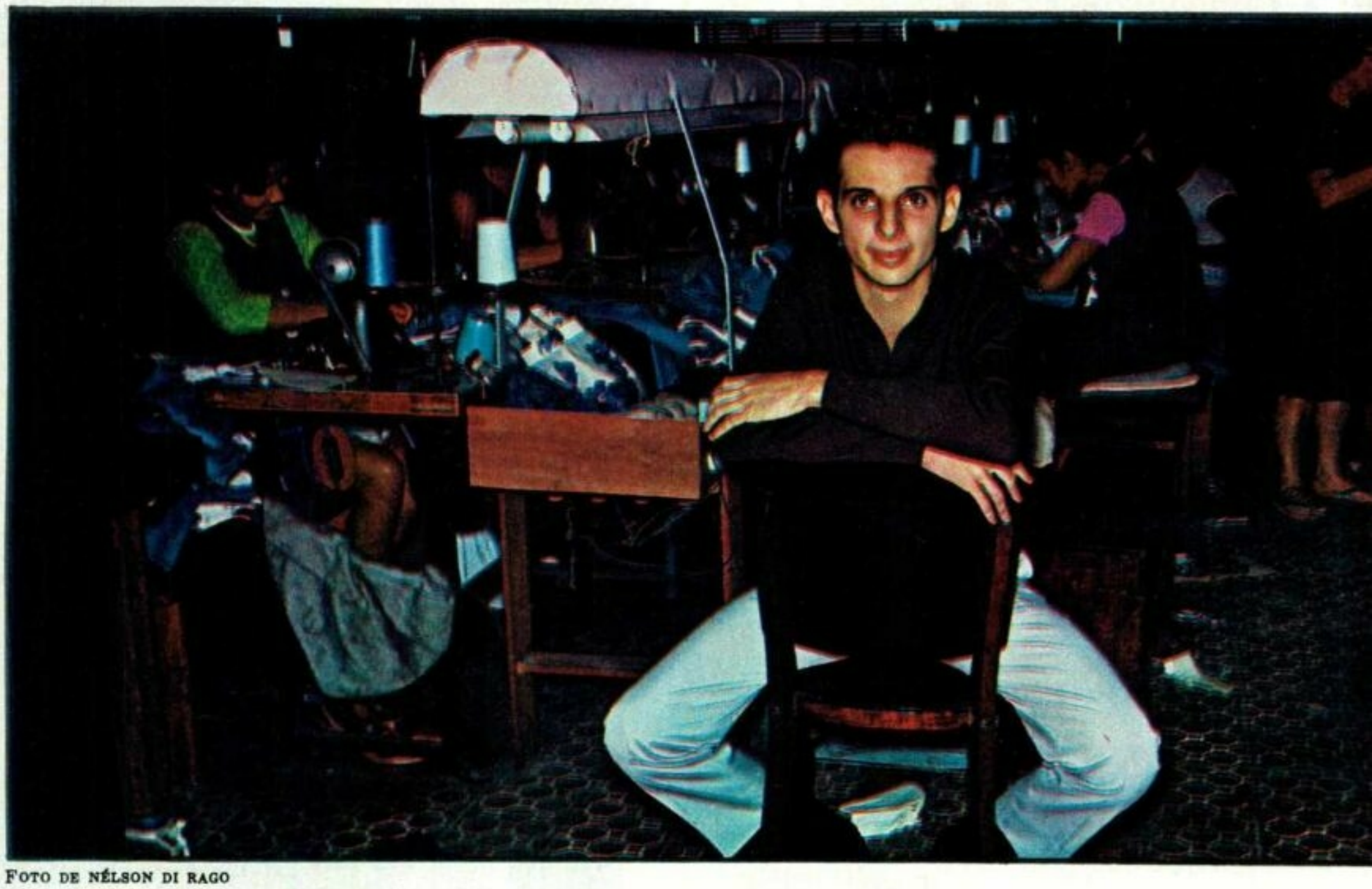


FOTO DE NÉLSON DI RAGO

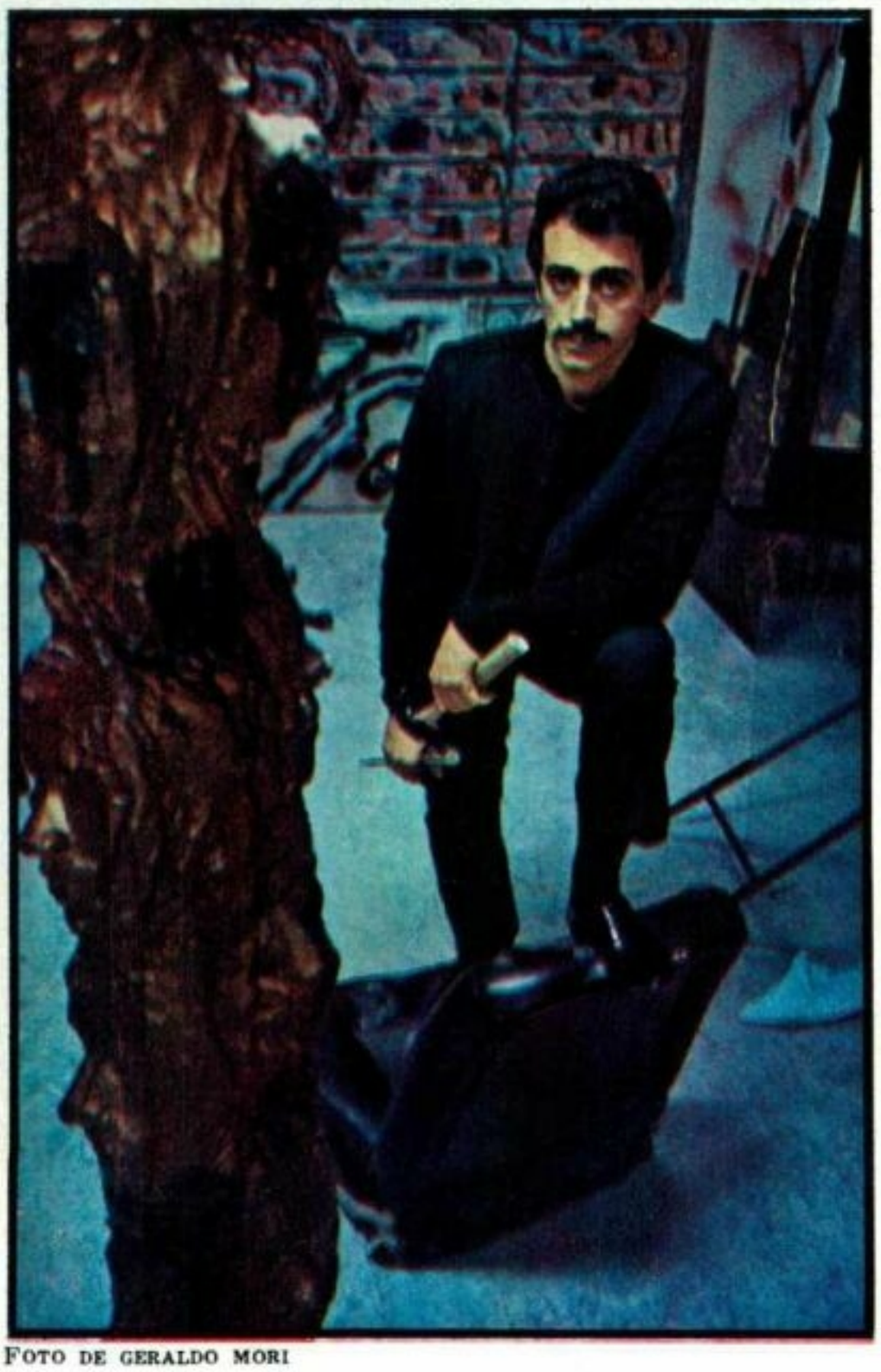


FOTO DE GERALDO MORI

Em 1965, Aldir Mendes de Souza, um jovem médico recém-formado pela Escola Paulista de Medicina, defendia uma tese sôbre todo o trabalho que antecede a cirurgia plástica no rosto. Foi aprovado com grau dez.

Hoje, com 25 anos e vários trabalhos publicados, Aldir divide seu tempo entre os hospitais e as artes plásticas:

— Meu pai é médico e minha mãe pintora. Cresci diante de duas vocações. O resultado é que, em medicina, especializei-me no campo mais próximo à arte. E, na arte, todo o meu trabalho reflete uma preocupação de ciência e pesquisa.

Êle não vê incoerência em exercer as duas atividades, nem se sente dividido entre ambas:

— Encontro na arte uma forma de expressar uma série de impressões e emoções que estão inegàvelmente ligadas à experiência que retiro da minha vida profissional.

No comêço sua pintura se preocupava com temas de fundo social, passando depois para estudos de metrópoles, e mais tarde metrópoles do futuro. Classifica de "cósmica" sua fase atual: são estudos sôbre as transformações que o organismo humano sofre dentro das cápsulas de foguetes e a vida em condições estranhas. Alguns de seus trabalhos, feitos à noite, ganharam um lugar na Bienal. De dia, nos hospitais onde trabalha, atende enormes filas de pessoas que não têm condições de pagar operações e consultas.

— Não é demagogia — diz Aldir — não estou perdendo nada agindo assim. É importante para a minha carreira profissional que eu atenda ao maior número de casos possível. E não é menos importante que os pobres disponham de um tratamento necessário, mas reconhecidamente caro.

O cirurgião-pintor se orgulha dos sucessos que já alcançou — guarda todos os recortes de jornal que falam sôbre seus trabalhos. E tem uma frase que resume seu pensamento·

— Procuro ser realista. Não acredito na história do "gênio reconhecido depois de morto". Essa falsa modéstia eu não tenho.

SUBA MAIS UM DEGRAU...
COM O BANCO DA AMÉRICA

O colégio precisa de uma reforma. A Diretora quando recorda os sacrifícios dos primeiros tempos custa a crer que hoje seja possível realizá-la. Cada tijolo conta uma história de perseverança e solidariedade. Cada degráu é o documento da comunidade que se associou em um esfôrço que não aceitava obstáculos. Hoje o Banco da América pode estar presente como o poderia desde a pedra fundamental. Hoje o Banco da América está presente, na reforma, na ampliação ou na construção do estabelecimento. Marchará lado a lado com professores e alunos, consciente do papel preponderantemente social que o capital, atualmente, desempenha na sociedade brasileira.

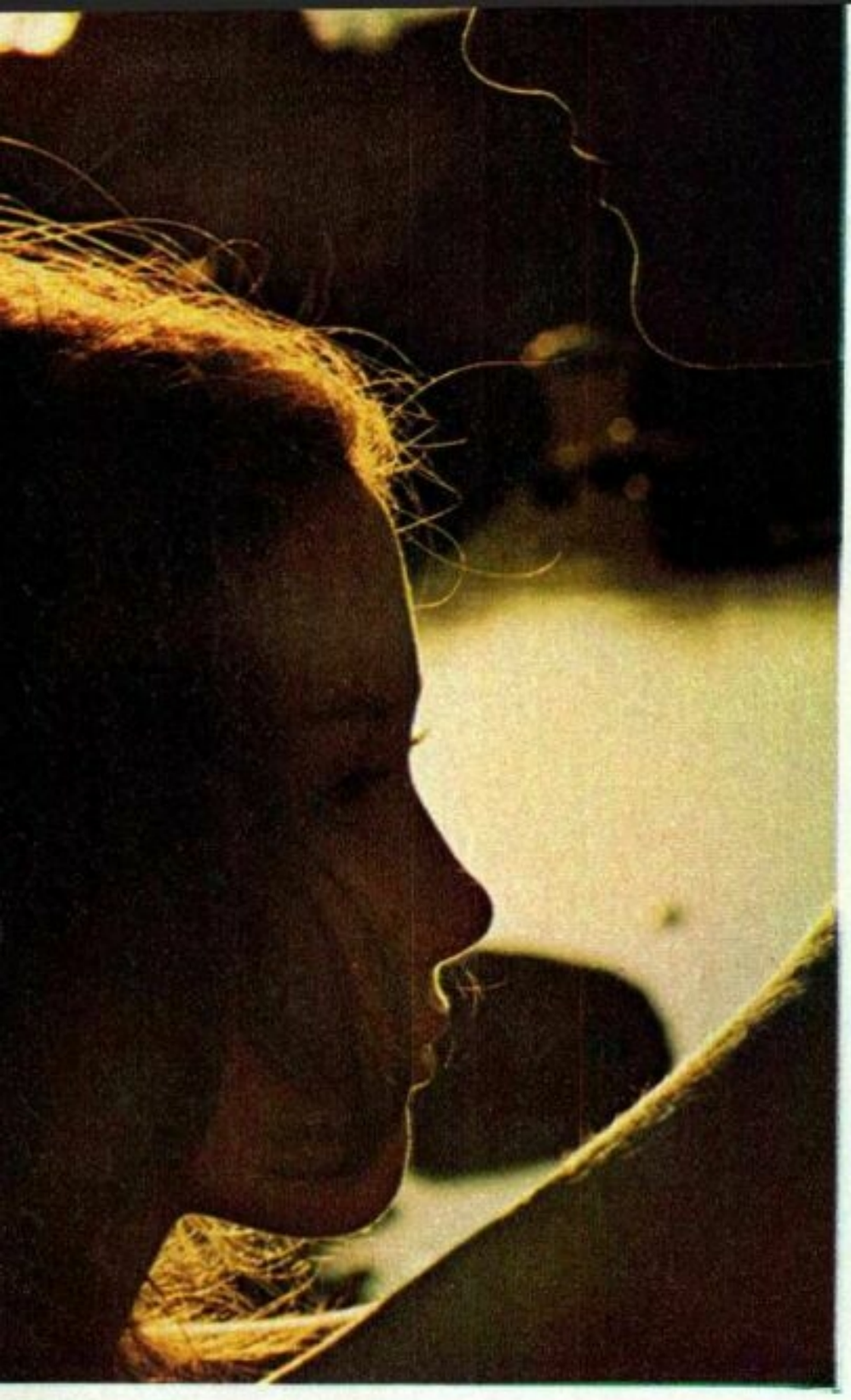
BANCO DA AMÉRICA S.A.

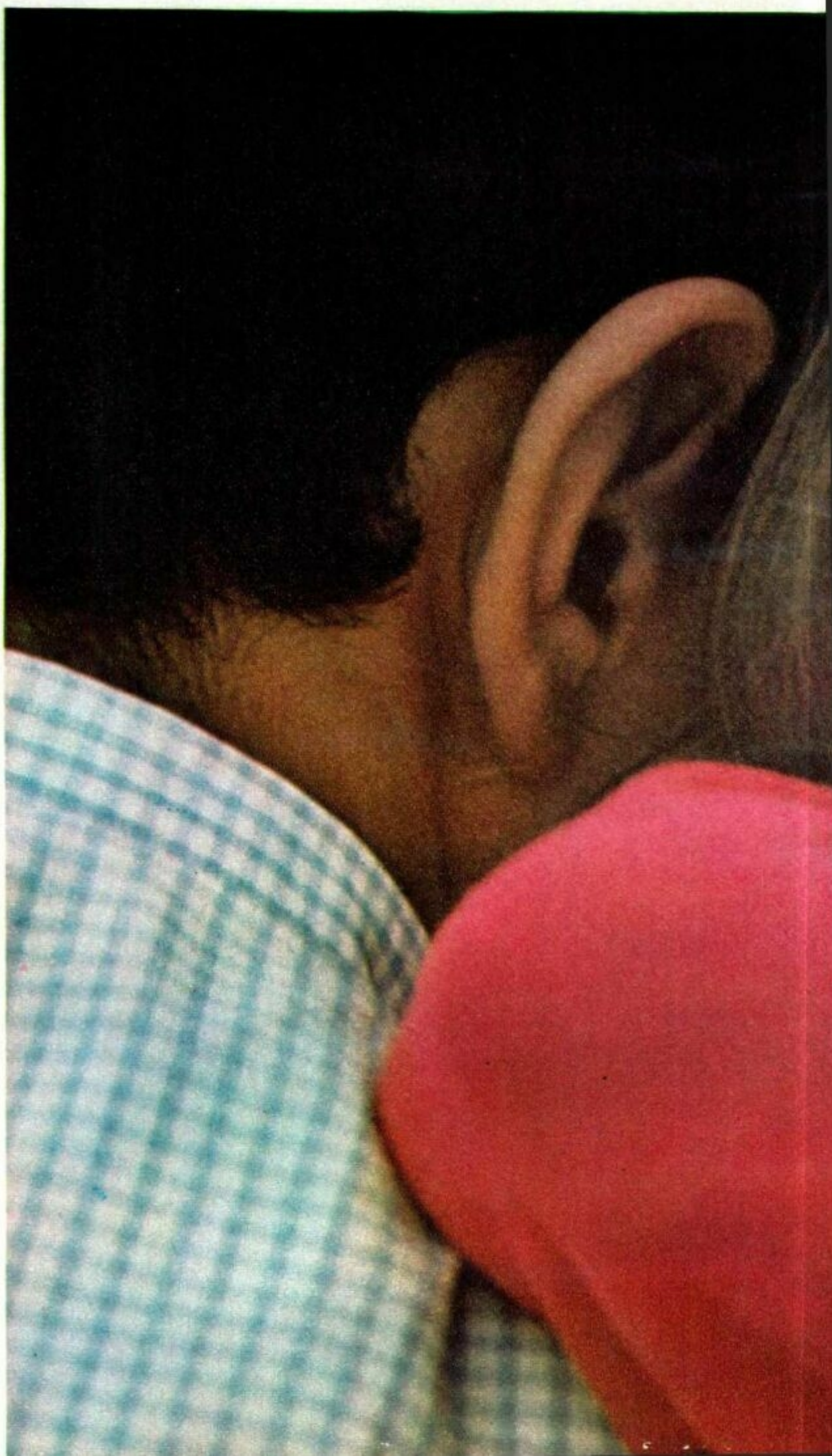
— onde você sempre está em casa —

Ensaio de Claudia Andujar

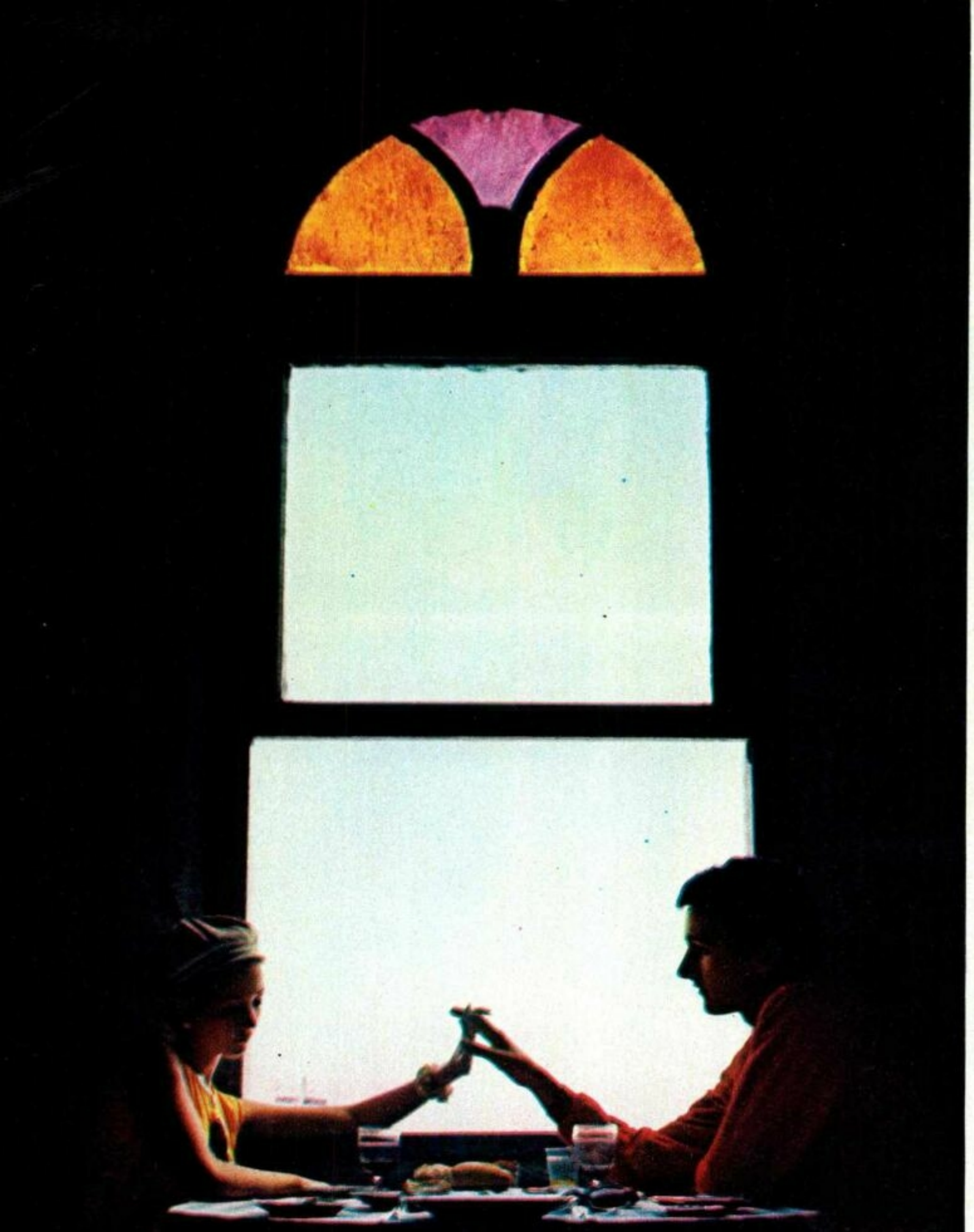
PRIMEIRO AMOR

PRIMEIRO AMOR

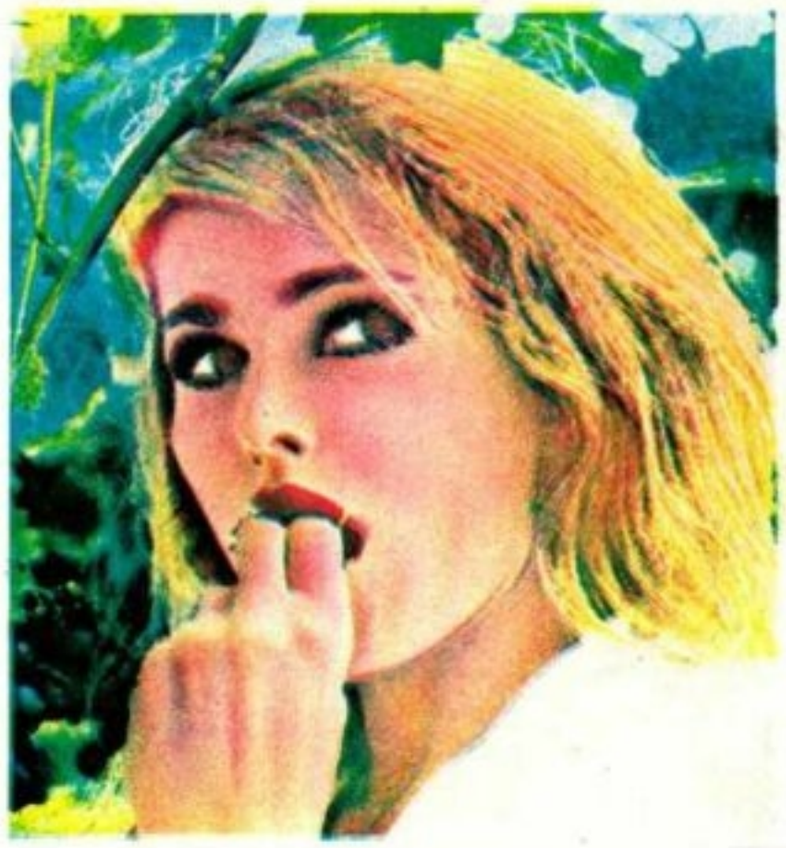




PRIMEIRO AMOR

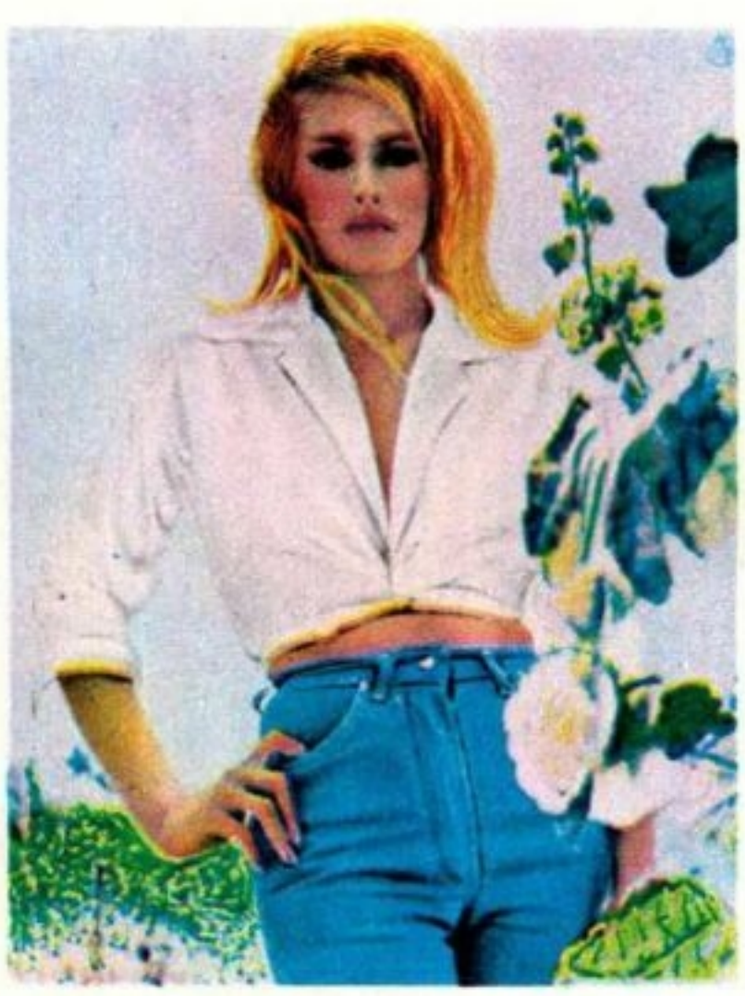


Ursula Andress
– a mulher mais bela do mundo –
adora a espuma cosmética de Lux!



Foi êste o nosso pensamento: "Se Ursula é considerada a mulher mais bela do mundo, deve ser interessante ouvi-la falar sôbre beleza..." Então fomos procurá-la em sua pequena fazenda — um lugar sossegado, à beira do mar, nas proximidades de uma cidadezinha pacata. É ali que ela costuma descansar — fazendo companhia à mãe — nos intervalos entre uma e outra filmagem. O vento, o sol e a água do mar (ela adora nadar...) representam uma constante ameaça de ressequimento à pele de Ursula. Mas ela sabe como proteger sua beleza. "Tôdas as manhãs" — disse-nos ela, enquanto chupava uvas de seu parreiral — "dou a meu rosto a espuma cosmética do sabonete Lux. Que delicioso momento! Lux é tão suave, tão puro, tão delicadamente perfumado! Lux é espuma que embeleza a gente!" Passeando pelos campos (até saturar-se de sol) ou indo à cidadezinha vender as flôres do

jardim de sua chácara, Ursula não pode estar se preocupando com etiquêtas, com trajes finos, com um demasiado cuidado pela aparência. Mas por outro lado, não pode desapontar aquêles que a consideram a mulher mais bela do mundo. "É claro que eu tenho recursos para custear tratamentos de beleza caros. Mas por que me preocupar, se Lux basta para garantir minha aparência suave, feminina, que os outros dizem ser encantadora?"



Lux protege a beleza.

Perfume marcante — Nova e delicada forma
Em 4 maravilhosas côres

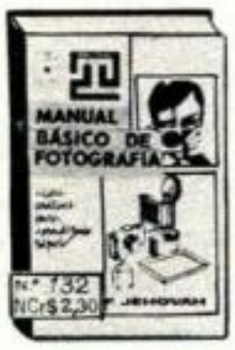
PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DO CINEMA

EDIÇÕES DE OURO DA ATUALIDADE

GRÁTIS

1) — 10% DE ABATIMENTO NOS PEDIDOS ACIMA DE 6 LIVROS.
2) — NÃO COBRAMOS DESPESAS.
3) — UM EXEMPLAR DO "COQUETEL DE PALAVRAS CRUZADAS".
4) — NÃO MANDE NADA ADIANTADO.

GARANTIA: DEVOLVEMOS O DINHEIRO SE V. NÃO FICAR SATISFEITO.



Nossas Lojas:

GUANABARA:

- CINELÂNDIA - ao lado da Perfumaria Carneiro
- AVENIDA - Ed. Avenida Central, loja 4
- COPACABANA - R. Santa Clara, 33-D

SÃO PAULO (Capital):

- Rua Conselheiro Crispiniano, 403
- Hall do Cine Ipiranga

Peça pelo
REEMBÔLSO POSTAL
usando o CARTÃO-RESPOSTA anexo.

é a "avant-prémière" da nova e maravilhosa

COLEÇÃO Rendanyl PARA O VERÃO

com mais de 100 modelos de blusas e vestidos para tôdas as ocasiões.
Veja um pouco do que Rendanyl criou para as mulheres elegantes como
você - e "arranque" para o verão, bonita como nunca - com as

Se para a sua cidade v tem duas emprêsas de ônibus, uma com monobloco e a outra não, vá com uma e volte com a outra.

Assim v. vai entender melhor tudo o que dizemos aqui.

Comece pelo mais difícil: para ir, escolha um ônibus daquela emprêsa que ainda não tem monobloco.

Seu vizinho de banco é daqueles que gostam de uma prosinha mas v. não consegue ouvi-lo direito?

Não ponha a culpa nêle.

A culpa é do motor, que está lá na frente, deixando seu barulho pelo ônibus inteiro.

(Na viagem de volta, em monobloco "Mercedes", aproveite para recuperar a

No monobloco nem o motorista nem os passageiros viajam em companhia do motor

Para gostar do monobloco, basta gostar de ler.

conversa perdida: o motor fica lá atrás, fora do ambiente dos passageiros; deixando ainda mais para trás o barulho, o calor e o cheiro de óleo.)

O ônibus trepida muito e não deixa v. ler direito?

Não ponha a culpa na estrada.

(Na volta, recupere a leitura perdida: o ônibus monobloco tem suspensão por molas espirais, tão macia como a de um automóvel.)

Aquêles nhec, nhec, nhec não deixam v. dormir?

(Na volta, recupere o sono perdido: o monobloco é construído com uma estrutura integral, cuja função é absorver os choques e as vibrações que nos outros ônibus são absorvidos pelos passageiros.)

V. já chegou à sua cidade?

Muito bem. Para voltar, escolha um ônibus daquela emprêsa que já tem monoblocos.

Não estranhe se houver maior procura de passagens.

Afinal, quem tem monobloco, tem mais passageiros.

V. leu; conversou; dormiu e já está de volta?

Ótimo.

Se para a sua cidade tem monobloco, qual é a desculpa que v. dá para não ir lá mais vêzes?

Agora v. já sabe melhor do que nós qual é a diferença entre os ônibus monoblocos e os outros.

Na próxima visita à sua cidade, boa viagem.

Tanto na ida como na volta. São os sinceros votos da Mercedes-Benz do Brasil S.A.

Malhas

Rendanyl

DIV. LIDER

O QUE VOCÊ QUER SER

São poucos os jovens brasileiros que conseguem cursar uma Universidade. Por isso, a maioria de nossa juventude precisa descobrir a sua profissão muito cedo. Você já escolheu a sua?

Texto de
Eurico Andrade

a beleza nobre do jacarandá...

...na mais luxuosa das cozinhas de aço!

Se você já notou quanto acolhimento e calor traz a madeira aos ambientes —se já sabe quanto é prático e durável o aço — então, você precisa conhecer esta novíssima Securit. Aqui, tudo o que há de melhor na madeira e no aço foi combinado.

O jacarandá empregado na produção destas luxuosas portas foi selecionado entre as mais ricas partes da madeira natural. Sua superfície foi submetida a tratamentos modernissimos, que lhe dão extraordinária resistência a maus tratos, gorduras, umidade, ácidos etc. — sem perder sua beleza original.

O resultado? Luxo, confôrto, elegância — como só se conseguia numa sala de estar. Venha logo conhecer esta novíssima Securit. Sua fabricação é em quantidade limitada.

SECURIT

PLATINÊ

portas de jacarandá

SE VOCÊ PREFERE A BRANCA, TÔDA DE AÇO, PROCURE-A TAMBÉM EM UM DE NOSSOS REVENDEDORES

Nacional 12.041

Nunca pegue o primeiro emprêgo que aparecer

CARREIRAS
CONTINUAÇÃO

Três em cada mil estudantes de curso primário no Brasil conseguem um diploma de curso superior. Ou quatro em cada cem que entram no ginásio. Ou metade dos que chegam ao vestibular. O mais comum é o jovem abandonar a escola muito cedo: 10% dos trabalhadores brasileiros têm de 10 a 14 anos, embora isso seja contra a Constituição e as recomendações da ONU. A questão que se apresenta, portanto, não é bem **o que você quer ser quando crescer.** Mas **o que você pode ser.** O jovem deseja encontrar uma profissão em que se sinta à vontade, mas mesmo que não seja doutor é preciso se preparar, especializar-se e conhecer bem o que está fazendo. E, como a maioria não se prepara, as frustrações são muitas. O psicólogo Arlindo Salgueiro aponta uma das causas da frustração:

— Aprender uma profissão no Brasil é como um castigo. Uma humilhação.

Jorge Arana, diretor da **Executives,** companhia de seleção de pessoal de São Paulo, acrescenta:

— Por uma série de razões, o jovem brasileiro não se prepara para o trabalho. Muitas môças chegam às agências de emprêgo sentindo-se preparadas, só porque sabem bater a máquina uma carta comercial no estilo do século passado. Quando o jovem procura emprêgo já vem com pressa e com urgência de ganhar dinheiro. Como não há mais tempo de aprender nada, ficará para sempre com salários baixos. Mesmo entre os diplomados em escola superior, acontece o mesmo: muitos rejeitam um emprêgo inicial de 850 cruzeiros novos — onde poderiam aprender uma especialidade e progredir — em troca de outro de 900 — para ser um **office-boy** de luxo, que jamais sairá daquilo.

O jovem não tem culpa, reconhece Arana:

— Falta alguém que lhe diga o seguinte: "Aprenda bem uma coisa que você gosta de fazer. E pronto: terá uma carreira bem remunerada pela frente. Mas é fundamental aprender bem.

Não escolha por dinheiro

O culpado pela má formação profissional dos brasileiros é o sistema educacional. Os poucos técnicos no assunto concordam com isso. Em qualquer país do mundo — dizem — seja de direita, centro ou esquerda, existe uma integração perfeita entre ensino e mercado de trabalho. Isso é fundamental para o desenvolvimento econômico. No Brasil, uma coisa nada tem a ver com outra. Em 1965, para 4.170 bacharéis em Direito, formaram-se 147 geólogos, engenheiros de minas e de petróleo. O govêrno calcula em mil dólares (cêrca de 2.700 cruzeiros novos) o custo de cada aluno, por ano, em curso superior. Os 4.170 bacharéis custaram à nação, portanto, mais de 50 milhões de cruzeiros novos. É um preço muito caro para a festa de formatura. Pois no dia seguinte, muitos irão procurar emprêgo fora de suas carreiras. O ensino que receberam não foi aproveitado.

O psicólogo Luís, de São Paulo, dá o seguinte conselho aos jovens: "Para se ter um bom emprêgo, o essencial é estudar. Qualquer esfôrço será recompensado. E mais: nunca pegue o primeiro emprêgo que aparecer. Não force sua personalidade aceitando uma tarefa na qual você não se sente bem. Se não fôr muito calmo, jamais será caixa de banco. Sem agressividade, não será um bom vendedor. Sem alguns traços de neurose, é muito difícil fazer uma carreira criativa. Outra coisa: não estude uma profissão só porque ela paga bom salário. Você se frustrará. Muitos rapazes estudaram química há seis anos atrás, porque a indústria oferecia altos salários. Agora, há químicos demais. Os que aprenderam só pelo salário estão e ficarão frustrados."

Outro conselho que os chefes de pessoal das companhias, psicólogos e professôres dão: faça um teste vocacional e aprenda o que você gosta por conta própria. Enquanto o govêrno não adotar uma política correta de ensino profissional, cada um deve procurar uma saída: cursos particulares de formação profissional, SENAI, SESC, cursos de emprêsas.

O nível cultural da fôrça de trabalho brasileiro é dos mais baixos do mundo. A maioria dos trabalhadores se divide entre analfabetos ou quase. O professor Robert Dannemerman, diretor de curso do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) há muitos anos defende a criação de uma política de formação profissional. Ainda não conseguiu muita coisa. Êle acha que formar trabalhadores é mais do que preparar garotos para as emprêsas. Cita o professor Anísio Teixeira: "O objetivo da educação é preparar o homem para a sociedade. O ensino profissional deve ser completado pela formação intelectual e geral."

A ONU tem a mesma tese. Seu maior entendido no assunto, Ian Auerhan, considera a preparação de bons profissionais uma tarefa tão importante para vencer o subdesenvolvimento quanto a obtenção de capitais.

O SENAI, financiado pela indústria (1,2% das fôlhas de pagamento), é mais imediatista. Seu interêsse é dar ao aprendiz os ensinamentos básicos para os transformar em operário a curto prazo. Em 1965, o SENAI formou 27 mil operários especializados e 470 técnicos de nível médio.

Do mesmo modo, poucas indústrias estão pensando a longo prazo. Interessa-lhes ensinar o garôto a fazer o serviço o mais ràpidamente possível, para utilizá-los na produção, pagando o salário de menor. E 25% dos trabalhadores têm menos de 19 anos.

SEGUE

Reunimos 28 dos mais talentosos artistas e famosos manequins do Brasil para dar a você espetáculos inesquecíveis!

Êles estarão brevemente em sua cidade para a apresentação dos dois espetáculos recordistas do público e de maior sucesso e impacto da X Fenit. Chegarão em 8 Gálaxies, dois veículos F-600 carregados com todos os novos modelos para o Verão 67/68. Lennie Dale, Aládia Centenaro e mais as bailarinas Noemi, Luíta, Elizabeth e Marilene recriarão o ambiente dos espetáculos do comêço do século. E tem Joel de Almeida fazendo mágica, Casé e Jongo Trio fazendo música. E Mailu, Mila, Lília,

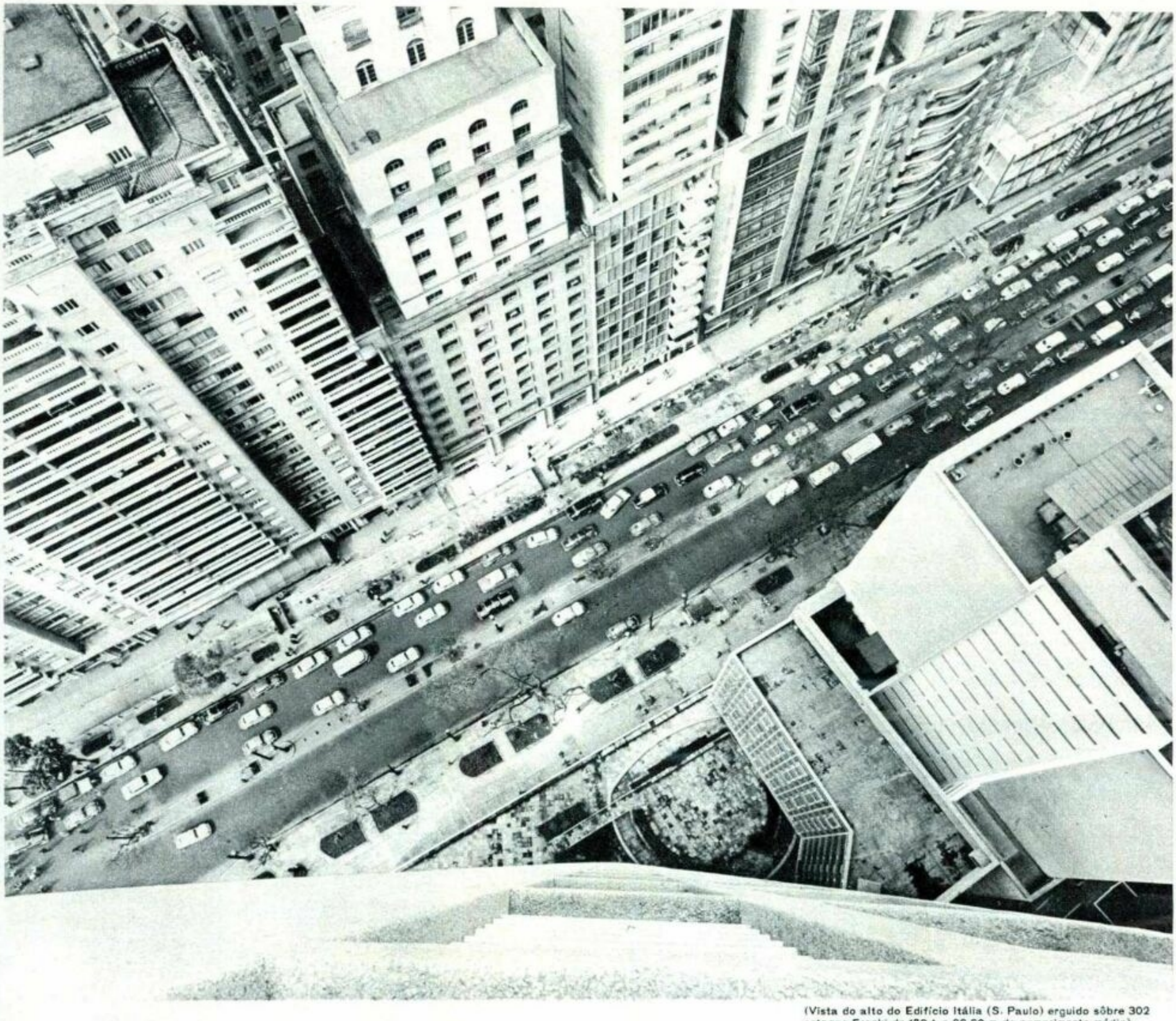
BRAZILIAN FASHION FOLLIES

MODA JOVEM SUPER

Camille, Bettina e Ully, manequins da Seleção Rhodia Moda, fazendo virar a cabeça das mulheres. Tem também Silvinha (que vai botar prá quebrar) acompanhada pelo conjunto "Os Beatniks" (largando uma brasa firme no ié-ié-ié). Elizabeth Ridzi (a jovem Super da Shell) e mais os manequins-meninas Claire, Coralie, Ghislaine, Malu e Dotty, mostrando a Moda Jovem Super. Você não pode perder êsses espetáculos! Uma promoção RHODIA/SHELL/FORD E HELENA RUBINSTEIN.

A carroceria de aço dos veículos Ford que transportam os cenários, guarda-roupa e equipamento da caravana, foi cedida por Trivellato S A.

Standard Propaganda



(Vista do alto do Edifício Itália (S. Paulo) erguido sôbre 302 estacas Franki de 170 t. e 22,69 m de comprimento médio)

Suba até o último andar. É um bom lugar para se pensar em fundações.

Pense por exemplo nos cálculos e mais cálculos que precisam ser feitos, nos exaustivos ensaios de campo e de laboratório.
Pense na responsabilidade de quem faz êsses cálculos, determina e executa o tipo de fundação que melhor convém a obra. Só um especialista que conta com a qualificação técnica e a experiência da Franki pode garantir a fundação certa para cada caso, em condições ideais de segurança. É porisso que, em quase tôda a obra de responsabilidade, é a placa da Franki que se vê no tapume.

fundações ■ infraestruturas

FRANKI

Estacas Franki Ltda.

Av. Rio Branco, 311 - 10.º and.
tel.: 22-7630 e 52-6659 - Rio de Janeiro
Rua Marquês de Itu, 266 - 5.º and.
tel.: 36-3790 - São Paulo
Rua Siqueira Campos, 1184 - 4.º andar, s/ 407
tel.: 43-70 Pôrto Alegre
Rua Goitacazes, 43 - 11.º and. s/ 1102
tel.: 4-6633 - Belo Horizonte
Edifício Ceará, 13.º and., s/ 1303/4 - Setor Com. Sul
tel.: 2-3201 - Brasília
Praça Castro Alves, 5 - 6.º and. s/ 7
tel.: 3-2261 - Salvador
Av. Conde da Boa Vista, 247 - conj. 101
tel.: 2-4653 - Recife
Rua Pedro Ivo, 423 - 2.º and. s/ 201
tel.: 4-7074 - Curitiba
Agentes: Vitória, Belém, Goiânia e Juiz de Fora

R

Aprenda a dominar as máquinas, ou elas o deixarão louco

CARREIRAS
CONTINUAÇÃO

Algumas emprêsas nacionais adotam avançadas políticas de desenvolvimento do pessoal. A Volkswagen, por exemplo, que paga ao SENAI 60 milhões de cruzeiros por mês, gastou no ano passado um bilhão de cruzeiros em seus próprios programas de treinamento. Petrobrás, Cosipa, Volta Redonda e outras companhias adotam os mesmos esforços.

Amauri sente-se velho

José Skutera, 20 anos, filho de carpinteiro, e Amauri, 20 anos, filho de comerciante, são amigos de infância. Desde os tempos de grupo escolar pensavam em ser engenheiros. Hoje, Skutera não é engenheiro, mas não se preocupa com isso. Quando acabou o curso de admissão, tentou fazer o ginásio, não gostou do sistema, acabou entrando num curso de desenho industrial, com cinco anos de duração. Tirou o diploma em novembro, mas já está ganhando 491 cruzeiros novos como estagiário da Volkswagen. No ano que vem, completa dois anos de fábrica, passando a projetista. É um cargo tão bem remunerado quanto o de engenheiro. Começará com 750, mas um bom projetista ganha entre 1.500 a 2.000 cruzeiros novos.

Amauri acabou o científico no ano passado e não obteve vaga nas escolas de Engenharia. Está trabalhando num banco, ganhando menos de 120 cruzeiros novos para fazer um serviço que detesta. Não tem mais tempo de preparar-se para outro vestibular, sente-se velho. Está confuso e frustrado. E seu amigo Skutera, que se especializou logo numa profissão, está satisfeito:

— A profissão é ótima. Se eu tivesse feito o científico estaria sofrendo como meus amigos, para ganhar um salário miserável.

A alegria de Skutera é uma exceção. A regra geral, de acôrdo com as estatísticas, é a frustração de Amauri. Em 1964, sòmente 2.400 rapazes concluíram um curso industrial médio como o de Skutera. No mesmo ano, 34 mil concluíram o clássico ou científico; 31 mil, o curso normal; 28 mil, o comercial e sòmente 650, o curso técnico agrícola. Apenas 20% dêles têm alguma chance de chegar ao curso superior. Só 2.400 (2,5%) estão salvos: têm bom emprêgo garantido.

O Ministério da Educação e Cultura (Divisão de Ensino Industrial) tem uma rêde de 23 escolas, com 13 mil alunos. Algumas delas são muito boas, como a da Guanabara, com cinco mil alunos. As outras são meio antiquadas, com equipamento velho, mas um convênio com os países do Leste europeu vai reequipar tôda a rêde, com 45 milhões de dólares em máquinas modernas, de primeira qualidade.

Além dessas escolas, a Divisão de Ensino Industrial do MEC vem realizando, desde 1963, um Programa Intensivo de Formação de Mão de Obra Industrial, cujos resultados foram considerados "excelentes" por técnicos da ONU. O programa dá cursos rápidos em especializações que interessam ao mercado de trabalho. Mais de 100 mil pessoas já fizeram êstes cursos. No ano que vem, Jorge Furtado, seu iniciador e agora diretor, espera atender a mais 60 mil pessoas.

Um curso de eletrônica dêsses de curta duração indicou a carreira de Luís Alberto: analista e técnico de computadores, salário em tôrno de dois mil cruzeiros novos. Luís Alberto acredita que êsse é um dos campos de mais futuro no país, porque tôda companhia com mais de mil funcionários terá de racionalizar seu trabalho através dos cérebros eletrônicos. O computador de Luís prepara a fôlha de pagamento de 14 mil pessoas em cinco horas. Um bom funcionário, sòzinho, levaria três anos para fazer o mesmo serviço. Se não tirasse férias.

A burrice das máquinas

Luís Alberto, logo que acabou o científico, fêz um cursinho de eletrônica e entrou para o IBM, quase por curiosidade. Êle tinha, como muitos, aquela atitude de respeito para com os computadores. Hoje, sua opinião é outra:

— A máquina é a coisa mais burra que existe. Sua burrice, entretanto, transforma-se numa espécie de desafio: se a gente erra, ela multiplica o êrro. É preciso ter muita paciência, raciocínio rápido e presença de espírito para lidar com essas loucas. Do contrário, o sujeito fica doido.

Um técnico que Luís conhece "brigou" oito dias com um cérebro eletrônico, tentando consertar um pequeno defeito. Tôda vez que montava a máquina, o êrro reaparecia. No último dia, o rapaz teve um ataque de nervosismo, cuspiu em cima do computador e quase foi internado numa "clínica de repouso". Luís prefere brincar com as máquinas. Quando seu computador começa "a ficar nervoso e errar tudo", dá-lhe um monte de cartões cuidadosamente perfurados e êle começa a tocar "A Banda".

Um operador de cérebro eletrônico ganha em tôrno de mil cruzeiros novos. Nas principais cidades funcionam cursos dos próprios fabricantes — para operadores, analistas e preparadores. É preciso ter ginásio ou científico, passar no psicotécnico e ser rápido de raciocínio.

Manequim ou desenhista?

O SENAC mantém escolas em todos os Estados. Êste ano, seus cursos atenderão a 60 mil pessoas, nos mais diversos ramos:

SEGUE

© Willys-Overland - 67-1202 -PS

Agora, explica prá êle porque você nunca procurou uma Oficina Autorizada Willys.

Você vai confiando em curiosos. Vai aceitando qualquer peça.
Um belo dia, é êsse vexame.
Acontece que os "jeitinhos" do mecânico da esquina podem deixar você em apuros.

E as peças comuns não são testadas nem garantidas.
Quem faz o teste é você. Por sua conta e risco.
Nas Oficinas e Revendedores Autorizados Willys há peças testadas pela própria Willys, genuinas, com garantia de 12.000 km ou 6 meses.
Há mecânicos competentes.
Disponha.

WILLYS-OVERLAND
Fabricante de veiculos de alta qualidade

Para começar, um curso profissional ajuda bastante

CARREIRAS CONTINUAÇÃO

manequim, agente de turismo, desenhista de propaganda, garçom, vitrinista.

Agente de turismo é uma profissão nova no Brasil, mas cresce ràpidamente. Sòmente em São Paulo, existem 40 agências de turismo. O salário não é alto — em tôrno de 500 cruzeiros novos — mas há pelo menos uma viagem internacional por ano. Exige dos candidatos conhecimento de idiomas, simpatia e, principalmente, alguma cultura geral. Para sugerir, por exemplo, um fuzil calibre 458 Magnum, se o cliente quiser matar elefantes na África. O aprendizado é monótono: fica-se emitindo bilhetes de passagens num canto apertado do balcão. O curso do SENAC, para começar, ajuda muito.

Para iniciar a carreira de manequim, o curso do SENAC também pode ajudar. Pelo menos eliminará sonhos improváveis. Pois só 2% das môças que querem ser manequim têm sido bem sucedidas. A gaúcha Lúcia começou ganhando um concurso da revista **Manequim,** agora é **public relations** da casa Chanel, uma das mais famosas do mundo. Lúcia, Marilu, Norma, Maria e outras foram capas de revistas internacionais como Vogue, Harpper's Bazar, Elle, e desfilaram os mais belos vestidos da **haute couture** francesa. Seus salários variam de 20 a 30 mil dólares anuais.

Marisa de Braud, diretora da revista **Manequim,** dá a receita dessa profissão. A candidata precisa ter 1,68m pelo menos, quadris estreitos, pouco busto, pescoço alongado, pernas compridas, charme, bastante elegância e quanto mais magra melhor. Twggi, o mais famoso manequim do mundo, tem 1,74m e 41 quilos.

Quem não conseguir sucesso na passarela, pode tornar-se aeromoça, uma das profissões mais cobiçadas, embora com poucas vagas: só há umas 350 aeromoças no Brasil — 74 delas nas linhas internacionais, para o que é preciso falar pelo menos quatro idiomas. A paraense Erlene, comissária de linhas nacionais, adora a profissão. Viaja cinco dias por semana, folga dois, dorme cada dia num hotel: Rio, Vitória, Belo Horizonte, Brasília. Os mesmos tipos todo dia: alguns passageiros metidos a Don Juan, outros grosseiros, mas a maioria é educada.

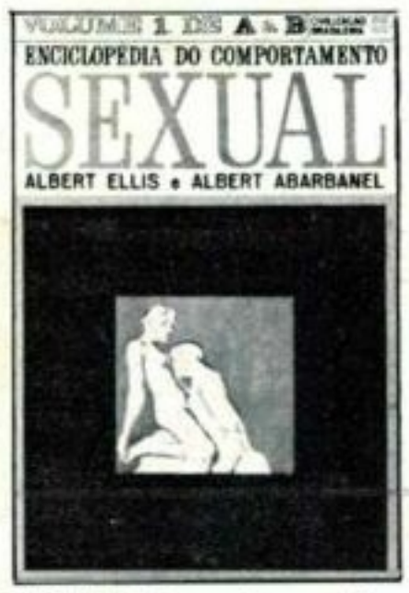
Ninguém quer mais navegar

A Varig dá a seguinte receita às candidatas a aeromoça: idade entre 20 a 28 anos, falar inglês, altura mínima 1,58m, máxima 1,68m, dentes perfeitos, nem óculos, nem lentes de contato, boa aparência, desembaraço, saúde ótima, curso ginasial completo pelo menos. Inscrição em qualquer agência, os testes no Rio. Se aprovada, terá um cursinho de oito ou dez semanas, ganhará uniforme, uma linha e salário inicial inferior a 300 cruzeiros novos. SEGUE

SEXO

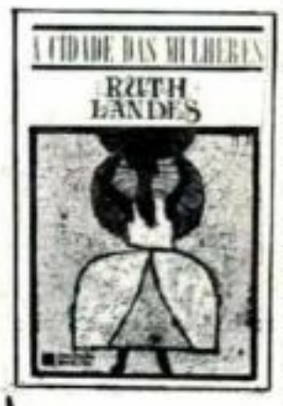
UM TABU QUE VOCÊ PRECISA DERRUBAR

São comuns as dúvidas e os preconceitos a respeito das questões relacionadas com o sexo. Fenômenos como a impotência e a frigidez, a homossexualidade e o hermafroditismo, as aberrações sexuais e a esterilização ainda representam tabus no mundo moderno. Esta Enciclopédia, que constará de 4 volumes, proporcionará conhecimentos básicos e esclarecerá, cientificamente, tôdas as dúvidas e perplexidades sôbre a questão sexual.



ENCICLOPÉDIA DO COMPORTAMENTO SEXUAL - 1.º volume
de Albert Ellis e Albert Abarbanel

A CIDADE DAS MULHERES
DE RUTH LANDES



As peculiaridades da questão racial no Brasil examinadas por uma cientista norte-americana. Um documentário fidedigno sôbre a vida brasileira, os costumes, mitos e crenças populares.

TENDÊNCIAS DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO
DE MAURICE DOBB E OUTROS

Os mais renomados economistas marxistas europeus discutem o capitalismo de pós-guerra. Livro polêmico, analisa a integração econômica e a expansão do capitalismo de Estado.

TRÊS LANÇAMENTOS DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
R. 7 DE SETEMBRO, 97 - RIO DE JANEIRO - GB.
ATENDE-SE A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Moda Jovem Super
é passar por uns 10 postos
e só entrar naquele que tem
o seu amigo elefantinho,
colocar gasolina Shell com I. C. A.
em seu carro, e sair zunindo
Sssssshell!

SHELL

SUPER ÉISTO:

MODA JOVEM SUPER

Moda Jovem Super é conhecer e usar as novas côres, os estampados e modelos da Seleção Rhodia Moda, com as marcas de qualidade Tergal, Rhodianyl, Rhodiela, Rhodalba, Rhodosá e Crylor.

seleção Rhodia MODA

Moda Jovem Super
é gamar um Gálaxie
reluzente de tão novinho,
é andar nêle,
é cuidar dêle,
é parar para olhar
quando êle passa.

Moda Jovem Super
é usar "Lightworks"
a nova maquilagem luminosa
de Helena Rubinstein.
É deixar os seus olhos lindos,
lindos com Eyeshine, Vinyliner, e Lashbrow.
É embelezar os lábios com
Lipshine, o batom metade brilho metade côr.
E completar tudo com o toque final
de Pat-a-Blush, o ruborizador líquido.

LIGHTWORKS

Assista aos desfiles
das Coleções
"Brazilian Fashion Follies"
e "Moda Jovem Super"
em sua cidade.

SE ÊLE FAZ DE UM LANCE DE XADREZ UMA DEMONSTRAÇÃO DE ESTRATÉGIA. SE SUA PALAVRA É SEMPRE RESPEITADA DENTRO DA EMPRÊSA. SE ÊLE RECONHECE NÌTIDAMENTE O BOUQUET DE UM VINHO GENEROSO. SE ÊLE SE EXTASIA COM UMA SONATA DE HAYDN,

CERTAMENTE ÊLE TEM ESTA EXIGÊNCIA: ENGLISH LAVENDER ATKINSONS.

VOCÊ PODE ESPERAR MUITO DE UMA CRIAÇÃO ATKINSONS. PORQUE LONDRES É A CIDADE MAIS OUSADA DO SÉCULO XX, E ATKINSONS VEIO DE LÁ.

Lintas

Seja qual fôr a profissão, ninguém nasce feito

CARREIRAS CONTINUAÇÃO

Dificilmente uma comissária ganha mais de 400 cruzeiros novos.

No mar, não há emprêgo para mulher, mas mesmo os homens já não sentem a mesma atração de antigamente pela navegação. Por culpa dos baixos salários, principalmente: um capitão de longo curso da SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia) ganha menos de 700 cruzeiros novos. Mas os salários da Marinha Mercante vão subir logo, para reduzir a crise de falta de oficiais.

Há duas escolas de Marinha Mercante no Brasil: Rio e Belém. Exigem do candidato idade mínima de 16 anos. O curso para oficial de Náutica dura três anos. Concluído êste, há um estágio obrigatório de seis meses, em navios de guerra. Depois começa a carreira: para subir na hierarquia é preciso ficar três anos no pôsto seguinte e um curso de oito meses na escola.

Muita gente está fazendo curso de máquinas na Escola de Marinha Mercante e trocando o mar pelas indústrias quando recebe o diploma. Na terra, ganha-se mais e não se passa um ano ou dois fora de casa.

Vendedor ganha medalha

Uma das carreiras mais fáceis é a de vendedor. Só que a maioria recusa-se a estudar. "Um bom vendedor não nasce feito. Precisa estudar muito" — é o pensamento da Associação dos Diretores de Venda do Brasil — ADVB.

Rodrigues, ex-bancário, 27 anos, um filho, casa na praia e dois carros, tem a medalha de um dos dez melhores vendedores do Brasil em 1966, distribuída pela ADVB. É corretor de valôres. Seu dia começa às oito horas, lendo as páginas mais maçantes dos jornais: editais de convocação, balanços, movimento da praça no dia anterior, cotações. Depois de ver isso com a maior atenção, dá meia dúzia de telefonemas, para saber da situação financeira de uma centena de grandes companhias, as cotações das ações e os planos do Ministro da Fazenda. Com tudo na cabeça, vai para o escritório. Se o dia não fôr bom, vende no mínimo cinco mil cruzeiros novos de letras de câmbio, ganha 100 cruzeiros novos, pode ir jogar gôlfe. Se o dia fôr bom, podem acontecer coisas melhores.

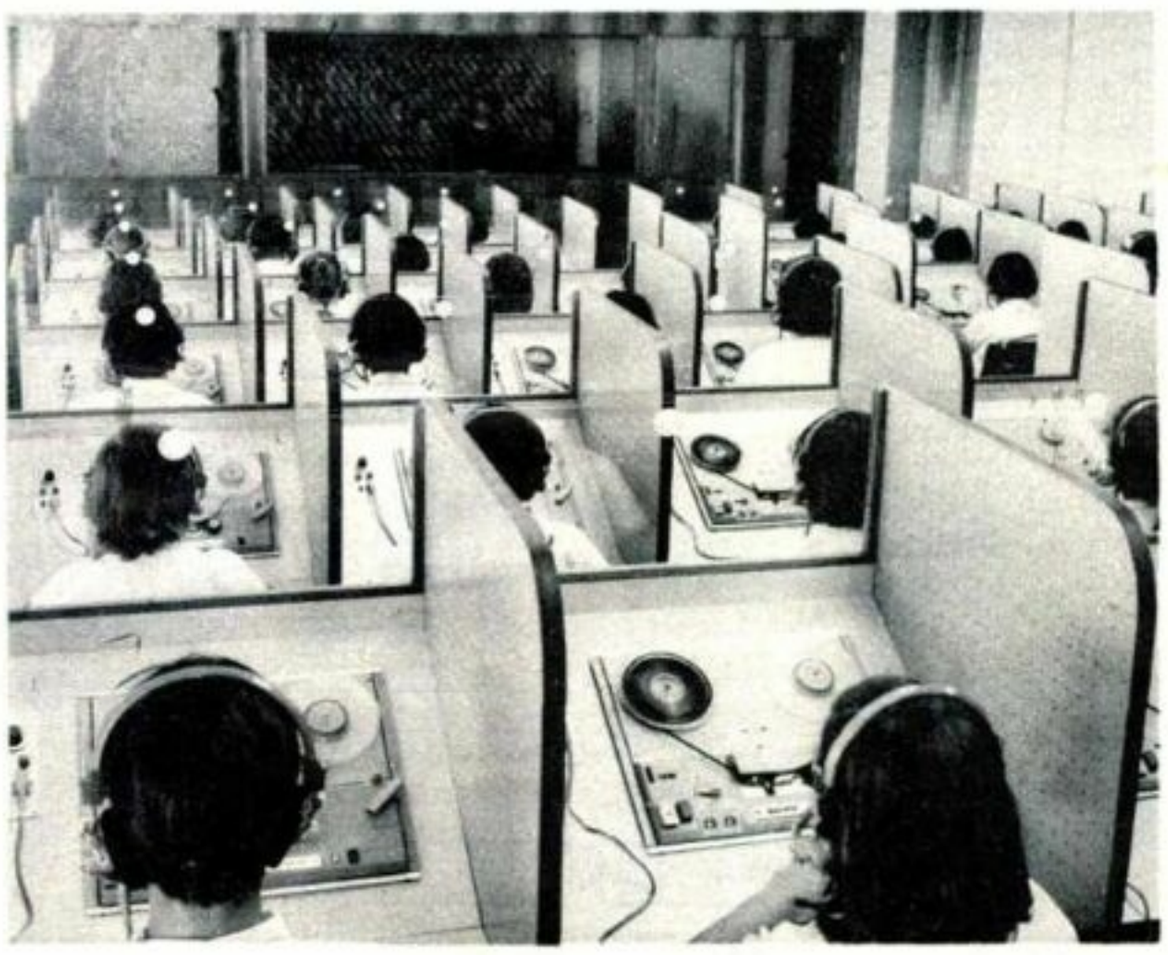
Outro dia, apareceu-lhe um japonês do Paraná, perguntando com ar de caipira qual o melhor negócio que podia fazer com 100 mil cruzeiros. Rodrigues explicou-lhe tudo sôbre ágio e deságio de letras de câmbio, índices de correção monetária das Obrigações Reajustáveis, liquidez de letras imobiliárias e queda das ações de petróleo no Oriente Médio. Cada vez que parava, o homem exigia nova série de cálculos e melhores explicações. Duas horas depois, decidiu-se por letras de câmbio. SEGUE

aos

Estabelecimentos de Ensino

que querem atualizar seus métodos de

ENSINO DE IDIOMAS



Talvez, nunca como em nossos dias, o estudo de idiomas foi considerado de tanta importância. Desta necessidade, surgiu um nôvo e prático sistema de ensino, o Laboratório de Idiomas **SONY** que consente o aproveitamento total da capacidade do aluno, pois em muito menos tempo de que com os métodos tradicionais, consegue dominar o idioma a que se dedica, alcançando uma pronúncia natural e fluência de expressão. Realmente, o Laboratório de Idiomas **SONY** é o que de mais aperfeiçoado e prático existe atualmente no gênero para o ensino de idiomas. No Brasil, já se encontram em fase de instalação diversos Laboratórios de Idiomas **SONY** entre eles: Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre (R.G.S.) e no Laboratório de Idiomas "Cyll", Rua Haddock Lobo, 577/593, São Paulo.

A pesquisa mostra a diferença

SONY

Para informações e detalhes, dirigir-se aos representantes exclusivos para o Brasil:

T. Tanaka & Cia. Ltda.

PARQUE DOM PEDRO II, 110 - 1.º ANDAR - TEL. 37-4485
C. POSTAL, 5988 - END. TELEG. "OHKANBOEKI" - S. PAULO - BRASIL

você ganha em beleza e economia

PAREDES DIVISÓRIAS AJAX

DE ALUMÍNIO, MADEIRA, FÓRMICA OU DURAPLAC (EM CÔRES)

Desmontáveis, podem ser reutilizadas indefinidamente. Racionalizam o espaço, isolando o barulho. Decorativas, fáceis de instalar, de manutenção simples e de grande durabilidade.

AJAX

INDÚSTRIA E COMÉRCIO AJAX S.A.

RUA ALBINO BAIRÃO, 178 - TELS. 93-8136 e 93-6169 - SÃO PAULO 6, S.P.
RIO: AV. RIO BRANCO, 185-CJ 2117 - TEL., 42-9897
B. HORIZONTE: R. RIO JANEIRO, 462 - SALA 1405
BRASÍLIA, D.F.: AVENIDA W-3, Ed. ARNALDO VILLARES, s/207-C. P. 1560
P. ALEGRE: R. GEN. CÂMARA, 156 - SALA 1107 - TEL. 43-47

Às vêzes o caminho é longo, deve-se ter paciência

CARREIRAS CONTINUAÇÃO

Rodrigues mandou a secretária bater uma letra de 100 mil cruzeiros, ia ganhar dois contos depois de tôda aquela trabalheira. O japonês protestou tranqüilo:

— Non 100 contos. Japonês quer 50 milhões.

A desconfiança do japonês resultou num lucro de um milhão. Citando êste exemplo, Rodrigues dá dois conselhos ao candidatos: honestidade absoluta e todo respeito pelos pequenos investidores.

O campo de Rubens é maior: vende imóveis. Tem 26 anos e mais de 80 apartamentos vendidos. Sua receita para vender muito — êle ganha mais de dois milhões por mês — é ser paciente e entender a "psicologia" do comprador.

Quando o cliente senta diante de sua mesa começa a ser observado. Se fôr calmo, pacato, em dez minutos de conversa é agredido:

— Você vai comprar! — afirma, autoritário. O homem sai dali com um apartamento e nem sabe porque comprou.

Se é um general reformado, fazendeiro, robusto, gente acostumada a mandar e ser atendido, Rubens se transforma. Fica dócil, obediente:

— Mas a casa que eu fui ver é uma porcaria.

— Exatamente. O senhor tem razão — Rubens concorda. Mas acaba vendendo a casa assim mesmo.

Êle acha que a melhor coisa do mundo é vender imóveis.

Os primeiros seis meses são duros. É preciso ter paciência, fingir que está por cima, até aprender o negócio. Às vêzes Rubens enfrenta problemas. No mês passado, perdeu uma semana passeando com uma senhora que queria comprar um palacete. No fim, descobriu que a mulher não tinha um centavo. Queria ver casa bonita para planejar a decoração do seu apartamento.

— É da profissão...

Um ex-vendedor satisfeito

Jorge é ex-vendedor, mas não tem saudade da antiga profissão. Agora é pilôto comercial. Não está ainda no jato, mas tem esperanças. Só não está satisfeito com o salário: ganha menos de 800 mil cruzeiros. Acha que é injusto, pois qualquer comandante de avião da Europa ou Estados Unidos ganha mais de três milhões.

O caminho para ser comandante de um Boeing é longo, difícil. Mais fácil é chegar a pilôto de DC-3. Basta fazer o curso no Aero-Clube, tirar **brevê** (40 horas de vôo), depois voar 160 horas para receber carteira de pilôto comercial e esperar convocação das companhias aéreas. Se tiver muito conhecimento teórico, saúde ótima e um pouco de sorte, será contratado, ganhando 400 cruzeiros novos e uma vaga de co-pilôto.

SEGUE

A matemática trabalha a seu favor...

...quando você adquire as Novas Obrigações Reajustáveis

Veja a evolução e o valor nominal dos Títulos:

1966 -	Dezembro	NCr$ 22,69
1967 -	Janeiro	NCr$ 23,23 + NCr$ 0,30 = NCr$ 23,53
	Fevereiro	NCr$ 23,78 + NCr$ 0,46 = NCr$ 24,24
	Março	NCr$ 24,28 + NCr$ 0,62 = NCr$ 24,90
	Abril	NCr$ 24,64 + NCr$ 0,79 = NCr$ 25,43
	Maio	NCr$ 25,01 + NCr$ 0,95 = NCr$ 25,96

De acôrdo com os cálculos acima, um Título das Novas Obrigações Reajustáveis adquirido em dezembro de 1966, cujo valor era de NCr$ 22,69, deu de rendimento, na forma de correção monetária e juros (até maio próximo passado), nada menos de 14,4%, passando a valer NCr$ 25,96 em apenas 6 meses! Já pensou no fim de um ano?

E tem mais:
- Os juros são pagos semestralmente
- Você tem a garantia do Tesouro Nacional

Você pode, ainda, deduzir da sua renda bruta, na declaração do impôsto de renda, 30% do valor total dos títulos adquiridos.

Qualquer financista lhe dirá que não há melhor negócio!

Adquira logo as Novas Obrigações Reajustáveis

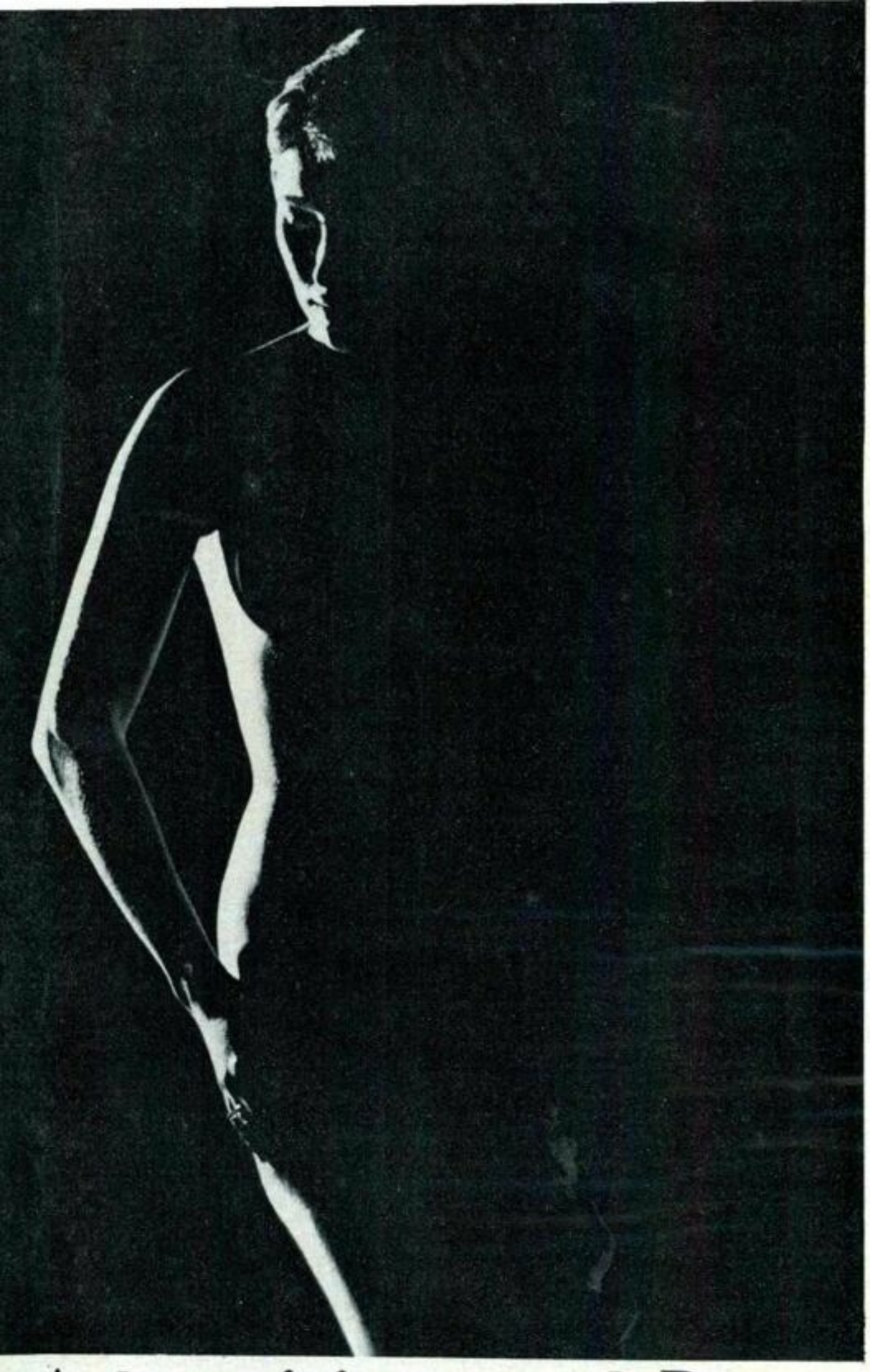
À venda na

Bôlsa de Valôres, na Copeg e nas Agências do BEG

BANCO DO ESTADO DA GUANABARA

ALFÂNDEGA • B. RIBEIRO • BONSUCESSO • BOTAFOGO • BUENOS AIRES • C. GRANDE • CARIOCA • CASCADURA • CASTELO • CATETE • CATUMBI • CENTRAL • C. NETO • COPACABANA • DIAS DA CRUZ • GOVERNADOR • IPANEMA • IRAJÁ • JACARÉ • JACARÈPAGUÁ • MADUREIRA • MARQUÊS DE HERVAL • MAUÁ • MÉIER • OUVIDOR • PAQUETÁ • PENHA • PÔSTO 4 • SANTA CRUZ • S. CRISTO • SÃO CRISTÓVÃO • TIJUCA • VILA ISABEL • E, AINDA, EM SÃO PAULO • BELO HORIZONTE E NITERÓI

BA-36.015



A obra mais importante de Deus é o corpo humano. Que sabe você sôbre seu próprio corpo?

Não responda ainda.

Espere até comprar o primeiro fascículo de Medicina e Saúde, a Enciclopédia Semanal da Família, que a Abril Cultural lançará no dia 10 de outubro.

"MEDICINA E SAÚDE" foi feita para que você conheça todos os segredos do funcionamento do corpo humano, quais os bons hábitos de higiene e saúde, como as doenças atacam o organismo e como se pode prevenir, enfrentar e vencer êstes males.

Por apenas 85 centavos por semana, você formará ràpidamente uma Coleção completa de 12 volumes, que será uma fonte permanente de consulta e orientação para você e sua família.

Aguarde "MEDICINA E SAÚDE", a nova e indispensável Coleção de Fascículos da Abril Cultural.

E na próxima vez que alguém lhe perguntar o que sabe você sôbre o seu próprio corpo, sorria... confiante!

"MEDICINA E SAÚDE – Enciclopédia Semanal da Família" Dia 10 de outubro, têrça-feira, em tôdas as bancas.

Medicina e Saúde

Abril Cultural

"Jeito" não adianta, o importante mesmo é estudar

CARREIRAS CONTINUAÇÃO

Com dois anos de prática — e pelo menos 1.200 horas de vôo — está pronto para fazer teste para comandante. Exames de saúde rigorosíssimos na Aeronáutica, testes na DAC e um curso de aperfeiçoamento na própria companhia. Se tudo sair bem, ganha-se um velho DC-3 e uma linha desprezada — Alto Araguaia, por exemplo. Estudando sempre e se esforçando muito, pode descer em Paris com um jato do último tipo. Sonho de qualquer pilôto.

Precisa-se de secretária

Luís Romão da Costa, antigo camponês do município de Jardim, no Ceará, está vibrando com sua nova profissão: é técnico de rádio e TV, ganhando cêrca de 20 mil cruzeiros por dia. Estudou no Instituto Universal Brasileiro — cursos por correspondência — aproveitando as horas de folga na lavoura. Hoje tem a oficina mais famosa de sua região.

O Instituto Universal Brasileiro tem atualmente 65 mil alunos em vários cursos. E outras escolas dêsse tipo ensinam profissões a outras dezenas de milhares de pessoas. Há cursos de técnicos em eletrônica, contabilidade prática, rádio e TV, desenhista arquitetônico, publicitário ou mecânico, corte, tricô, secretariado. Os cursos por correspondência — se apoiados por programas de rádio ou TV — poderiam elevar a curto prazo o nível técnico de milhares de trabalhadores brasileiros.

— A falta de qualificação profissional é tão grande, que a coisa mais difícil é encontrar uma secretária eficiente, que saiba falar ao menos inglês e conheça taquigrafia — lamenta-se Luís Gonzaga, chefe de pessoal da Volkswagen.

Maísa é secretária de um banqueiro no Rio. Começou como auxiliar de escritório, numa loja de roupas para homens, ganhando salário mínimo. Um dia, resolveu estudar inglês, mais tarde aprendeu francês, depois taquigrafia. Foi subindo, e agora tem uma sala maior que a do gerente, ganha quase mil cruzeiros novos por mês e tem automóvel.

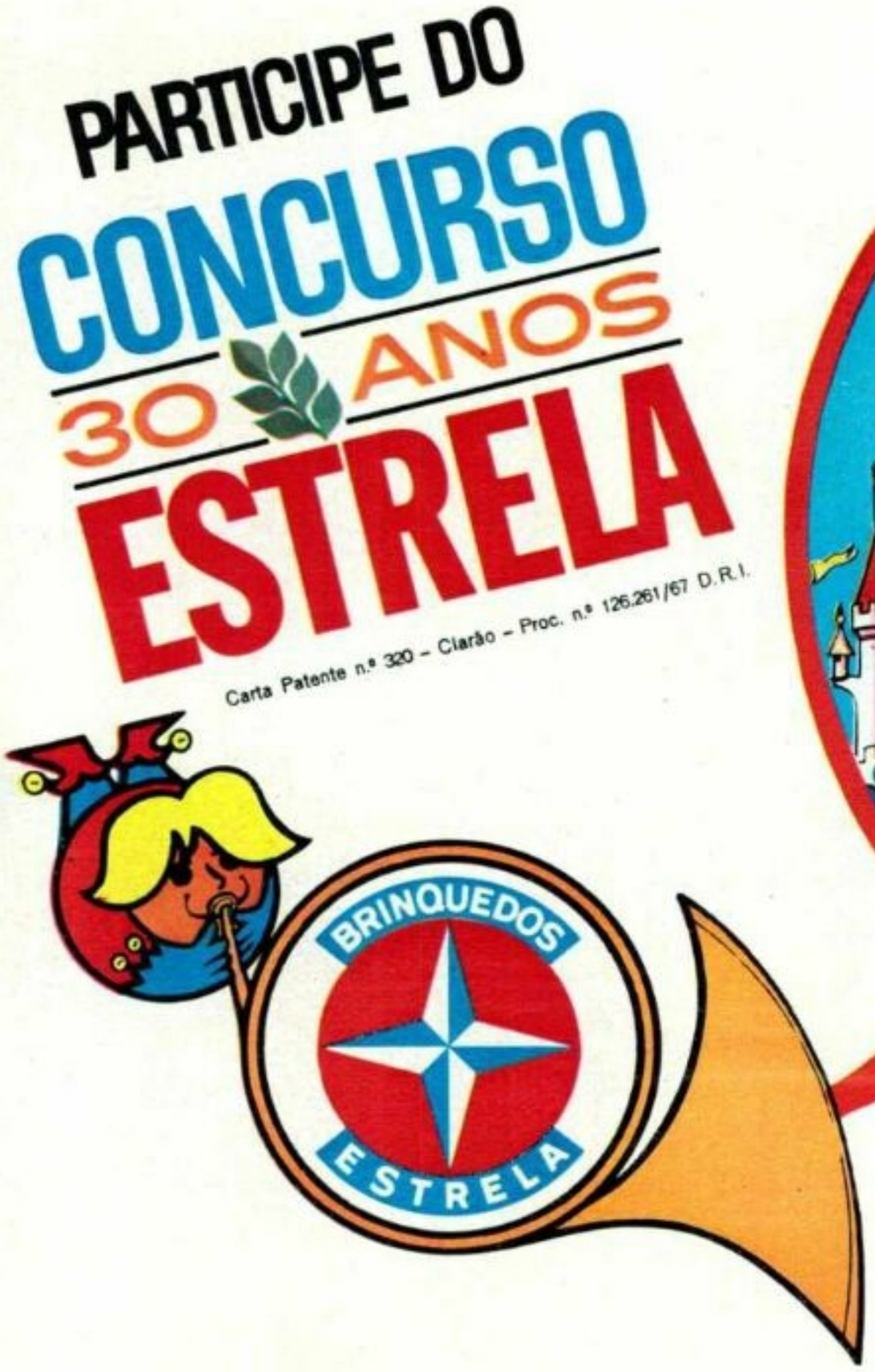
Mas para chegar a tudo isso, levou anos e anos de "experiência"; quando poderia ter resolvido logo sua carreira com um curso de secretariado. O exemplo de Maísa é como tantos outros, e sôbre isto opina o professor Joaquim Faria Góis, especialista em ensino profissional:

— Uma das características do subdesenvolvimento é essa mania de dizer que o brasileiro tem "jeito" para tudo. Todo povo é inteligente. Mas sem estudar, sem se preparar tècnicamente, o "jeito" não adianta nada. O importante é conhecer e dominar a técnica de sua profissão. FIM

PARTICIPE DO

CONCURSO 30 ANOS ESTRELA

Carta Patente n.º 320 – Clarão – Proc. n.º 126.261/67 D.R.I.



©Walt Disney Productions

DE 30 DE AGÔSTO À 30 DE OUTUBRO

14 DIAS DE DIVERTIMENTO E EMOÇÃO

percorrendo Los Angeles, Hollywood, Disneylandia, San Diego, Grand Canyon, San Francisco e Yosemite National Park pela **"ROTA 101 — DISNEYLANDIA"** em jato da Varig, hotéis, passeios, guias, alegria.

E centenas de prêmios valiosos!!!

PARA GANHAR ➤ BASTA COMPRAR O SEU BRINQUEDO ESTRELA

Daqui a alguns anos, você estará disputando um emprêgo com milhares de jovens de sua idade. Já pensou nisso?

Hoje, Você está adquirindo conhecimentos que espera aplicar assim que terminar o curso. Milhares de moços de sua idade estão fazendo o mesmo, e todos têm o direito de esperar, como Você, melhores oportunidades quando houver chegado o seu tempo de produzir e de assumir novas responsabilidades, no comando do pais, na liderança da comunidade, na orientação da família.

Todos os anos, um número cada vez maior de jovens se incorpora ao mercado de trabalho, disputando os emprêgos existentes. Para que cada um conquiste o seu lugar, é preciso que novos empreendimentos surjam ou se ampliem, desde já, cada manhã se possível.

Sòmente onde há energia elétrica há segurança e continuidade de desenvolvimento.

Com o seu plano de expansão, que duplicará até 1970 a capacidade de distribuição de energia elétrica na Região Rio-São Paulo, a Light está contribuindo para que, quando Você tiver de disputar o seu lugar, haja um número ainda maior de oportunidades à sua espera.

LIGHT

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

DENISON

Para pessoas dinâmicas criamos a poltrona certa...

...pois cada pessoa tem uma concepção diferente de confôrto em matéria de poltronas, devido a anatomias diversas. E foi exatamente êste fato que nos levou a criar a poltrona *Giroflex*, anatômicamente certa.

Cada detalhe foi cuidadosamente estudado: o apoio para os braços, o encôsto moldado, os rodízios... e utilizamos madeira, pois nenhum outro material enquadra-se tão bem nos ambientes modernos.

Assim são os modêlos da Linha Rema, da *Giroflex*: simples, funcionais, harmoniosos. Criados por nosso "designer", o Prof. Catedrático Arno Votteler, correspondem às exigências atuais. E o padrão é a qualidade *Giroflex*.

O correto assento anatômico...

giroflex

Sòmente nas boas lojas de equipamentos de escritórios

Giroflex s. a. - c. postal 449 - s. paulo

VOCÊ GOSTARIA DE VOLTAR A TER VINTE ANOS?

SIM Gostaria de voltar aos meus 20 anos. Pouco importa que, naquele tempo, eu não soubesse de nada ainda. O fato é que "vivia", queimava-me intensamente — sem me "assistir viver". O terrível da madurez é o aparecimento do "outro" — o chato que fica contando os minutos, soprando no ouvido da gente tôdas as nossas frustrações, tudo o que "poderia ter sido e que não foi". O tempo da mocidade é lindo. Sofre-se muito porque todos os sentimentos buscam o infinito, e tôdas as idéias o absoluto. Mas é lindo. E vive-se! A molecagem de Deus — ou lá quem seja responsável por tudo isto — foi tão bem feita que quando se vive não se sabe, e quando se sabe não se pode. Eu não creio um pingo nos homens maduros que encontram satisfação espiritual na chamada idade provecta, porque a partir dos 40 anos a morte começa a rondar e o espírito tende à meia-luz. Deixa-se de acreditar no valor das palavras e começa-se a filtrar os sentimentos. E temos sempre "o outro" ao nosso lado, a nos observar e — se damos algum vexame — a caçoar de nós. Eu procuro conservar-me jovem na medida do possível, criando e amando, e procurando cada vez menos correr adiante de minhas pernas. Mas não adianta. As pessoas mais queridas começam a morrer ou apagar-se à nossa volta. A vida segue inflexível, substituindo as flôres murchas pelas que têm viço; trocando as canções decadentes pelas que exprimem os novos tempos; apurando cada vez mais a beleza das mulheres que, aí de nós, já não podem ser nossas; violentando as nossas artérias e empastelando o nosso fígado. Os brotos começam a nos chamar de "senhor" e os filhos dos nossos amigos de "tio" — e a vida jovem prossegue no Zum-Zum, no New Girau, nos colégios, nas gafieiras, no carnaval — os corpos que se buscam para o amor, enquanto o amor finge fraternidade; e nada é eterno. Só o tempo que passa, o amor que esfria ou se transforma em ternura e hábito, a vida que morre. Que fazer? Refugiar-se no álcool, nos psicotrópicos, na política, no ioga, na leitura, na televisão, na paz do lar, no jôgo, no futebol, nas boates, no "huis clos" dos grupos fechados, no granfinismo, nas igrejas, na cerâmica, no trabalho cego e obstinado, no lucro, no ressentimento? Não adianta. A única coisa que adianta um pouco é amar, e criar a beleza, que nos mata.

Vinícius de Moraes
Poeta

NÃO É de meu dever aceitar, sem melancolia, saudade ou revolta, a idade que tenho. Esta é uma fase da vida que Deus me deu, para utilizá-la na glorificação d'Êle e no esfôrço de conquistar a vida eterna na plenitude da visão da Santíssima Trindade. Os meus 20 anos foram felizes, apesar dos tropeços que a vida de então me trazia; das incertezas do futuro, próprias dessa idade de estudo e formação; das inquietações que a paz armada das nações gerava em todos os espíritos; e das tropelias tumultuosas da política brasileira, então sob a direção despótica do general Pinheiro Machado. O caminho que percorri até agora foi, às vêzes, áspero e doloroso; às vêzes alegre e fecundo; e às vêzes tranqüilo. Em tôdas estas fases, não perdi jamais a Fé, que recebi de meus pais e que os sábios jesuítas fortaleceram. É evidente que neste longo percurso de 73 anos cometi muitos pecados graves, pratiquei muitos erros, provoquei muitas lágrimas amargas, umas inevitáveis e outras indiscutìvelmente criminosas. Daquelas não tenho remorso, porque decorreram de atos que pratiquei no cumprimento do dever. Destas me penitencio todos os dias. Estou satisfeito com a idade que tenho, porque ela me trouxe um conhecimento da natureza, uma compreensão do coração humano e uma experiência da vida social e individual que de modo algum eu poderia adquirir e conquistar se tivesse agora 20 anos. Graças a esta idade pude conhecer um mundo admiràvelmente organizado sob a égide do Direito, do império da Lei e dos anseios da Justiça. Sòmente as pessoas que tinham, até 1914, a idade de 20 anos, é que estão em condições de ensinar às gerações que vieram depois o valor e a grandeza de um mundo estruturado sôbre a base desta tríplice fôrça moral, porque daí por diante entraram no mundo a violência, o ódio e a vingança como instrumentos de reivindicações políticas e de organização governamental. Conseguirão os jovens que têm hoje 20 anos conhecer êste mundo estável no dinamismo e no progresso que eu conheci? Ser-lhes-á possível superar, com a graça de Deus, que nunca falta, os sofrimentos? A resposta só a Providência Divina dará. Em obediência aos imperativos da minha consciência, eu procurei viver, entre falhas pessoais que me entristecem e humilham, o destino que me foi determinado por Deus Onipotente, Senhor do Céu e da Terra. A idade que tenho foi Êle quem ma deu; aceito-a, assim, humilde e jubilosamente. Por nada, neste mundo, devo trocá-la.

Sobral Pinto
Advogado

Resposta à pergunta da leitora Zulmira Castro — Rio de Janeiro — Guanabara

Air France oferece a melhor viagem a

PARIS e a EUROPA

com grande redução de tarifas

25%

a menos pelo sistema de "tarifa excursão " * de 28 a 60 dias, aplicável a partir de 15 de setembro e sujeito à condições especiais que poderão ser explicadas pelo seu Agente de Viagens IATA ou por AIR FRANCE.

* classe econômica

Entre o Brasil e Paris AIR FRANCE oferece-lhe mais:
FESTIVAL NAS NUVENS com cinema em côres e música estereofônica ◘

◘ mediante pequeno pagamento

à votre service

AIR FRANCE

A MAIOR RÊDE AÉREA DO MUNDO

JOVEM SUPER VAI DE SHELL

QUADRADO NÃO TEM VEZ, TURMA! JOVEM SUPER NA DIREÇÃO. UM LUGAR TRANQUILO, LONGE DE TUDO. KART É BÁRBARO. O SINAL ABRIU. AMANHÃ ÀS SETE HORAS NA FACULDADE. ME DÁ ÊSSE ELEFANTINHO? É MEU AMIGO. NO PÔSTO SHELL. AS COISAS COMEÇAM A ACONTECER. I.C.A. NA GASOLINA PÕE JUVENTUDE SUPER NO CARRO! O MOTOR VAI DE SHELL SUPER: BARRA LIMPA. ALGO MAIS.

ovem Super vê
uper Heróis Shell!
ma brasa sôlta, de 2.ª à 6.ª feira
a TV Bandeirantes (SP), TV Rio (GB),
V Belo Horizonte e TV Alvorada (Brasília).